MOONSHADOW™

J.M. DeMatteis | Jon J Muth

PIPOCA & NANQUIM

EDIÇÃO DEFINITIVA

MOONSHADOW™

PIPOCA & NANQUIM

EDIÇÃO DEFINITIVA

MOONSHADOW™

UMA CRIAÇÃO DE

J.M. DeMatteis & Jon J Muth

Roteiro Desenhos

Com a colaboração de

Kent Williams

(livros 6 e 12)

George Pratt

(livros 11 e 12)

e

Sherri Van Valkenburgh

Glenn Pepple

Letreiramento original

Kevin Nowlan

com

Gaspar Saladino

(livro 8)

Tradução

Érico Assis

Publisher original
Mike Richardson

Editor sênior original
Philip Ray Simon

Designer original
Patrick Satterfield

Técnico de arte digital original
Adam Pruett

Editores da série original
Epic Comics, primeira publicação em série – edição de Archie Goodwin, Margaret Clark e Laurie Sutton.
Vertigo Comics, segunda publicação em série, revisada, e *Adeus, Moonshadow* – edição de
Shelly Bond e Karen Berger.

Agradecimentos especiais a Allen Spiegel, da Allen Spiegel Fine Arts, Ann Gray e Megan Walker, da Dark Horse Comics, e ao fotógrafo Robert Hansen-Sturm.

Tradução • ÉRICO ASSIS

Preparação de texto • RODRIGO GUERRINO e ALEXANDRE CALLARI

Letras e diagramação • ARION WU e DIEGO M. RODEGUERO

Revisão • AUDACI JUNIOR e LUCIANE YASAWA

Adaptação da capa • BRUNO ZAGO e GUSTAVO FIGUEIREDO

Edição • RODRIGO GUERRINO

Assistente editorial • GUSTAVO FIGUEIREDO

Direção editorial • ALEXANDRE CALLARI, BRUNO ZAGO e DANIEL LOPES

Text and illustrations of Moonshadow™: The Definitive Collection © 1985 e 2019 J.M. DeMatteis & Jon J Muth. Dark Horse Books® and the Dark Horse logo are trademarks of Dark Horse Comics, LLC, registered in various categories and countries. All rights reserved.
© 2019 Pipoca & Nanquim, para a edição brasileira
Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização prévia dos editores.

Impresso pela Ipsis Gráfica e Editora
Dezembro de 2019

PIPOCA & NANQUIM
pipocaenanquim.com.br
youtube.com/pipocaenanquim
facebook.com/pipocaenanquim
pipocaenanquim@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D372m DeMatteis, J. M.
Moonshadow / J. M. DeMatteis, Jon J Muth ; tradução de Érico Assis. — São Paulo : Pipoca & Nanquim, 2019.
540 p. : il.

ISBN: 978-85-93695-50-6
ISBN: 978-85-93695-52-0 [Edição +]
ISBN: 978-85-93695-51-3 [E-Book]

1. História em quadrinhos I. Muth, Jon J. II. Assis, Érico. III. Título.

CDD: 741.5
CDU: 741.5

André Queiroz – CRB-4/2242

Introdução
por J.M. DeMatteis

Nos meus primeiros anos nos quadrinhos, eu evoluía aos tropeços, nervoso para encontrar minha voz como escritor. O que saía era a voz de um clone defeituoso, misto do DNA de Stan Lee, Steve Gerber, Len Wein, Roy Thomas e de mais uma meia dúzia de escritores que eu admirava. Não que o que eu escrevia fosse ruim – me entregava às histórias de corpo e alma e sou muito agradecido pela consideração que ainda obtenho pelas minhas fases em *Defensores* e *Capitão América*. O caso é que eu ainda não havia encontrado um jeito de me expressar por completo nessa arte. Em retrospecto, acho que fiquei encurralado no gênero do super-herói; inconscientemente – às vezes, conscientemente – papagueando histórias e estilos que absorvi durante toda a vida. *Moonshadow* mudou tudo. E mudou os rumos da minha vida criativa.

Alguém (por mais que eu tente, não consigo lembrar quem!) disse que a história na qual você está trabalhando neste momento devia ser a única que vai escrever na vida: jogue ali tudo que pensa, tudo que sente, suas ideias e seus ideais, suas paixões e suas filosofias, seus sonhos e suas esperanças. Despeje ali cada gotinha da Pessoa Que Você É. Foi o que eu fiz com *Moonshadow*. Foi ali que consegui fugir da mentalidade Marvel/DC e encontrei minha voz. Ao longo daquelas doze edições, eu deixei de ser "escritor de gibi" e virei *escritor*.

Claro que não fez nada mal trabalhar com Jon J Muth, um dos artistas mais brilhantes que essa mídia já viu. A magia da nossa colaboração ficou evidente no nosso primeiro encontro cara a cara. Um amigo em comum havia entregado uma cópia da minha primeira proposta de *Moonshadow* a Jon e nós dois nos encontramos para conversar. Ele chegou à minha casa com esboços baseados no que havia lido e, enquanto eu conferia, impressionadíssimo, fiz essa observação: "Achei muito Dickens". "Bom", Jon respondeu, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, "foi você que escreveu". E é claro que tinha sido eu. Mas a verdade era que, apesar dos vários toques de Dickens naquele argumento, só fui notar a influência quando Jon comentou! (*Moon* evoluiu e virou uma série na qual pude prestar homenagens a todos os meus heróis da literatura: de Dickens a Vonnegut, de J.D. Salinger a William Blake, de Dostoiévski a Bradbury e L. Frank Baum. Todos eles olhavam por cima do meu ombro enquanto eu escrevia, incentivando-me a encontrar meu jeito de contar a história.)

Muth e eu trabalhamos intimamente; tenho memórias queridas de tomar café da manhã na lanchonete perto de casa, de discutir o argumento que tinha acabado de escrever; Jon rabiscando durante a conversa – até nos guardanapos! Tivemos vários estilos de trabalho ao longo dos dois anos seguintes – *Moonshadow* era uma história que fugia do tradicional e pedia uma abordagem que fugisse do tradicional – mas sempre com respeito e entusiasmo mútuos, que eu acredito terem permeado nosso projeto. As pinturas de Jon – que iam do romantismo taciturno à fantasia aprazível e depois davam meia-volta – sempre me incitaram, sempre me desafiaram a fugir da zona de conforto, a ser melhor do que eu era até então. Espero que meus roteiros tenham feito o mesmo por ele.

Agradecimentos indispensáveis: Jon e eu tivemos três editores maravilhosos que protegeram nossa retaguarda durante a publicação original pela Epic Comics: Laurie Sutton, Margaret Clark e o finado e excelente Archie Goodwin. Os três nos deram liberdade para contar a história exatamente como queríamos, com apoio e incentivo excepcionais ao longo de todo o processo. (E não vamos nos esquecer do então editor-chefe da Marvel, Jim Shooter, que aprovou minha proposta bisonha e me passou para o Archie G.) Também temos que tirar o chapéu para nosso extraordinário letrista, Kevin Nowlan, e dois artistas igualmente extraordinários, Kent Williams e George Pratt, que deram uma mão ao Jon no original quando os prazos apertaram. Uma década depois, quando desertamos para a Vertigo, a linha da DC comandada pela minha amiga de longa data Karen Berger, trabalhamos com a incomparável editora Shelly Bond na continuação, *Adeus, Moonshadow*: uma mescla ousada de quadrinho e prosa – porque não queríamos voltar à mesma fonte e contar a história do mesmo jeito – que apresentou as artes mais deslumbrantes da carreira de Jon.

A primeira edição de *Moonshadow* saiu em janeiro de 1985. Ou seja, Moon, "Sunflower", Ira, Frodo, os Des-Mesu, a família Untuosso e todos os outros estão fazendo trinta e cinco anos. Agradeço a eles, ao fantástico Sr. Muth e a todos os leitores que embarcaram conosco nessa jornada mágica. *Moonshadow* me transformou em escritor, mudou o rumo da minha carreira, criou novas oportunidades e, por tudo isso, sou eternamente grato.

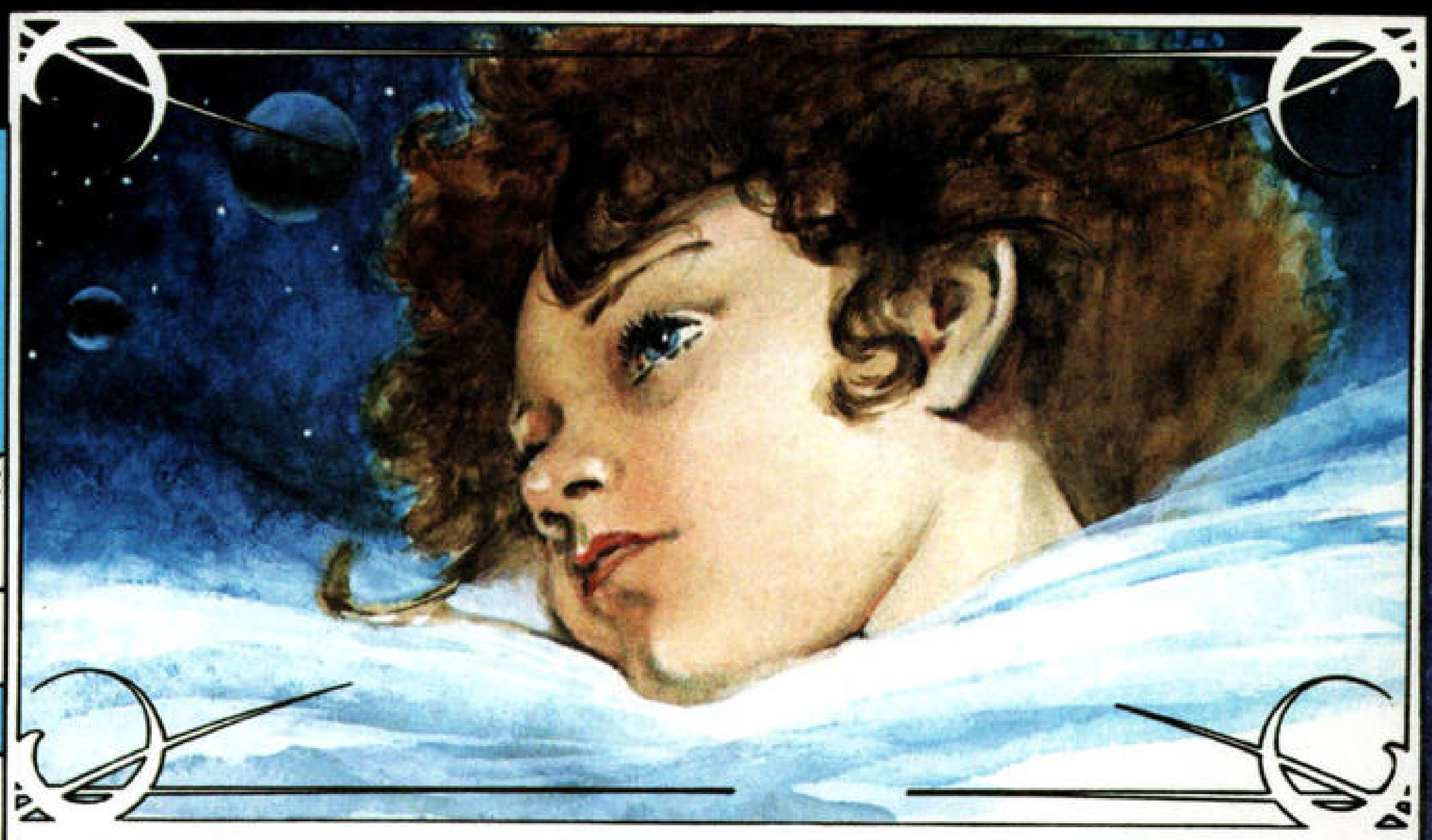
Pop! Poof! Ping!

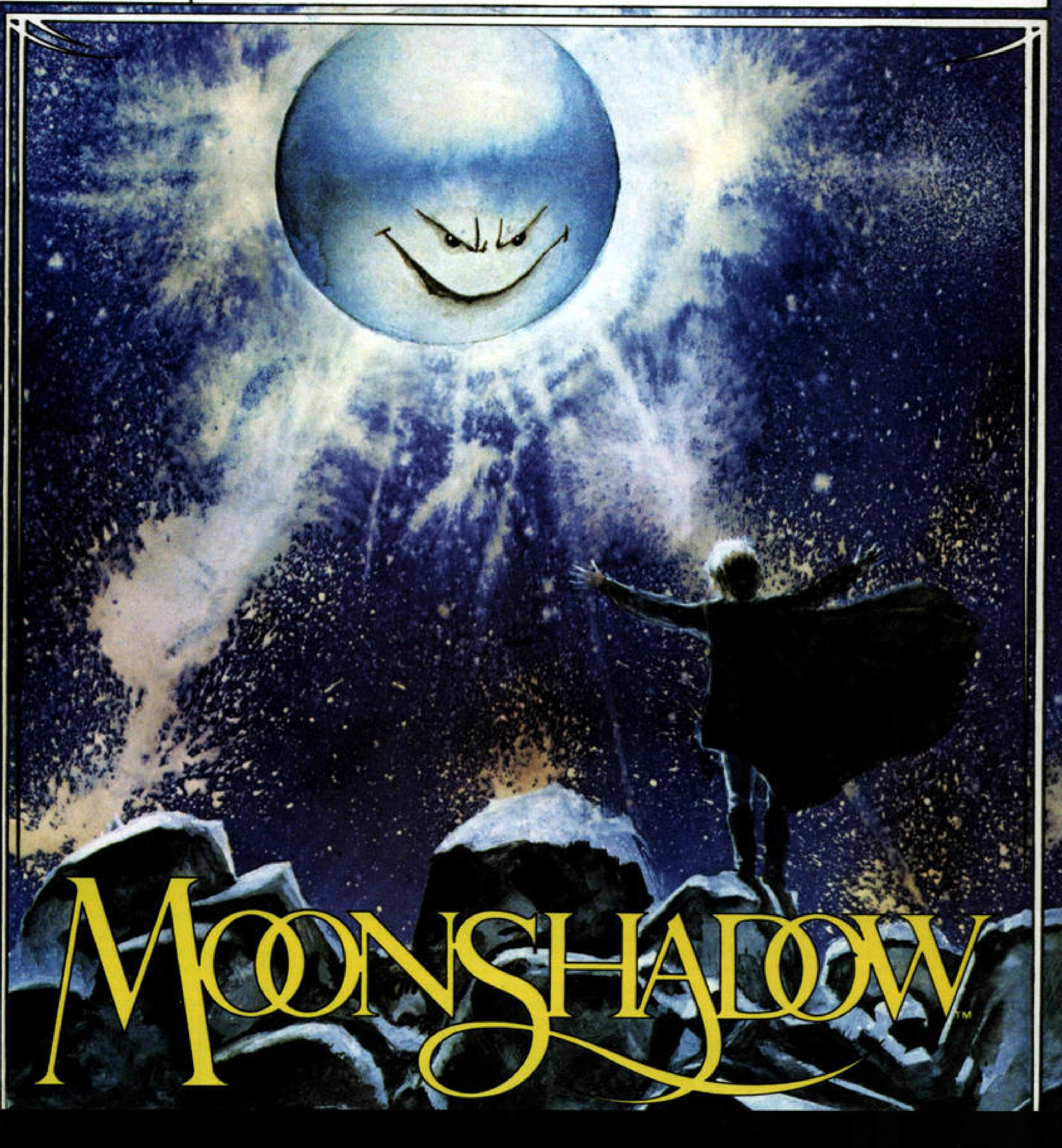
—J.M. DeMatteis
Janeiro de 2019

Livro um

MOONSHADOW 1
MARCH 1985

$1.50 | **$1.75 CANADA**





MOONSHADOW™

"Flauteando por vales ferinos,
Canções de alegria eu tocava,
Quando numa nuvem vi um menino,
Que me disse com uma risada,"

"'Toque uma música sobre uma ovelha!'
A qual toquei com enorme gosto.
'Flautista, repita-a perto da minha orelha',
Eu toquei e lágrimas cobriram seu rosto."

"'Deixa essa flauta, que toca de coração,
E cante hinos de pura alegria.'
Então, tornei à mesma canção,
E ele chorava, enquanto me ouvia."

"'Sente-se e a escreva, flautista,
Num livro que todos possam ler.'
Então, ele desapareceu da minha vista,
E um bambu oco fui colher."

"E criei uma pena rústica,
E manchei com tinta a água,
E registrei minha alegre
música para o rejubilo
de toda a criançada."

Estas palavras, cunhadas em 1789, são de **William Blake**, *que as usou na introdução de suas* **Canções da Inocência**. *Servirão do mesmo modo para introduzir* **minha** *Canção da Inocência: uma narrativa não da minha vida, mas do meu Despertar. Caros leitores, eu lhes apresento...*

Moonshadow

Livro Um: Canções de Alegria

Capítulo Um: Alguns Antecedentes Familiares

Era uma vez...

...uma raça chamada **Des-Mesu**: raramente vistos, mas muito discutidos, lendas universo afora. Chamar as esferas risonhas de enigmas luminosos seria eufemismo. A palavra imperscrutável ainda é pequena para dar conta de seu mistério.

Pergunta: como rotular seres dos quais não se sabe a origem, cujas manifestações a pleno acaso não são nem previsíveis nem explicáveis...

...e cujos atos não aparentam motivação...

...nem o mínimo indício de propósito ou sentido?

Resposta: não rotule.

Apenas observe, analise, codifique e, por fim...

...desista.

Não que filósofos e sacerdotes não se atropelassem para achar sentido em algo que claramente não o tinha. Alguns chegaram ao ponto de chamar os Des-Mesu de instrumentos do divino, aqueles que vinham anunciar o Milênio.

Era frequente entre esses sábios que citassem o caso do planeta **Bazum**.

Um mundo que não vira nada além de guerra incessante ao longo de duzentas gerações. Bilhões e bilhões de massacrados, e ninguém nem sequer lembrava o **porquê** de o conflito ter começado.

E mais: ninguém estava nem aí.

Um dia, os Des-Mesu se manifestaram...

...e a paz instalou-se em Bazum.

Os crédulos cantaram hosanas e aleluias: "A vida é boa", proclamaram. "O Deus que zela por nós é bondoso".

Outros pânditas, evidentemente, disseram o oposto: que os Des-Mesu eram o mal encarnado; criaturas diabólicas que saíam a plantar as últimas sementes da corrupção em um universo condenado.

Estes citavam o caso do planeta **Gozijo.**

Um planeta de gente inteligente, sensível e bondosa; exemplos do que há de nobre na Alma Eterna.

Qual foi a recompensa pela hospitalidade?

Quando as esferas luzentes começaram a surgir em seu mundo, os gozijanos corresponderam com festejos que duraram semanas.

A peste.

Os gozijanos que sobraram preferiam ter morrido.

Os incrédulos soaram os tambores da perdição: "A vida é desgraça", proclamaram. "O Deus que nos atormenta é furioso".

Os Des-Mesu seguiram seu rumo, alheios ao rebuliço.

O mais desconcertante nas peripécias das "esferas" eram os sequestros. Era sempre a mesma coisa, no mundo que fosse: um bando deles se manifestava em torno de um indivíduo que, apavorado, era erguido ao céu, serafínico, ao som de **risadinhas**. E, de repente...

POP!

PING!

...sumia.

Não se via padrão na seleção das vítimas: levavam tanto o monge quanto o homicida, gostosas e caducos, transmucosos shacturnianos e melamorcegos granguianos. Ninguém estava a salvo.

Os pânditas ficavam confusos.

"Se Deus é bom," matutavam alguns, "por que escolher o santo e o pecador?" "Se Deus é furioso", perguntavam-se outros, "por que os condenados riem quando levados à Danação?"

Ragstone Phillit tinha uma resposta.

No livro "Somos Todos Formigas em um Cosmo Sem Sentido", Phillit afirmou o que era óbvio a todos, menos aos sábios:

"Os Des-Mesu", escreveu ele, "são criaturas cuja única motivação – e chamar de motivação é forçar a credulidade – é a veneta..."

"...uma impulsividade tão profunda e tão complexa que transcende nossa limitadíssima concepção do termo".

"Assim, rotular tais seres e buscar provas de inteligência divina ou raciocínio filosófico em seus atos é um absurdo".

Infelizmente, Phillit não resistiu a usar os atos dos Des-Mesu como "prova" do sistema filosófico postulado no título do livro.

"Somos Todos Formigas em um Cosmo Sem Sentido" foi campeão de vendas em catorze sistemas solares. O séquito de Phillit chegou aos trilhões.

Phillit foi sequestrado.

PING!

E lá se foi a fama.

Ainda assim, apesar de toda pretensão, Ragstone Phillit estava correto em um aspecto: considerando as limitações de nosso pensamento e nossa linguagem, a "veneta" era o mais próximo que chegaríamos de entender os Des-Mesu.

PING!

POP!

POOF!

Foi desta veneta que surgiu **O Zoológico**: destino de todas as vítimas desafortunadas do pop-poof-ping no palco celestial.

ATÉ QUE ERA AGRADÁVEL...

TODOS OS ESPÉCIMES ERAM BEM ABRIGADOS E ALIMENTADOS...

A EXPECTATIVA DE VIDA DELES AUMENTAVA ATÉ PERTO DO INFINITO.

Mas, caracteristicamente...

...não havia **sentido algum** na existência do Zoológico.

Os apreensores davam pouca, se é que alguma, atenção aos cativos, o que dava aos recém-chegados nada mais que tempo para refletir sobre sua condição.

Inevitavelmente, após dias a ruminar e razoar, de histrionice e histeria, eles chegavam à única conclusão possível:

Não havia conclusão possível.

E a vida seguia.

Capítulo Dois:
Mais Antecedentes Familiares

A vida também seguia entre os habitantes de um obscuro planetinha chamado Terra.

O ano, de acordo com a medida que certos terráqueos usavam para computar anos, era 1946. O local era o Hospital Beth-El, na terra mágica do **Brooklyn**.

Foi àquele centro de curas que o agente sanitário **Martin Bernbaum** levou a estridente esposa **Esther**...

...e foi lá que Esther – dopada, anestesiada, onírica – deu à luz uma garotinha chorona:

Sheila Fay Bernbaum.

Martin Bernbaum percebeu um problema no reflexo dos olhos azul-cerúleos e curiosos da filha: eram olhos que ele já **conhecia**: eles vinham do rosto da irmã mais velha de Martin, **Ettie**. Dois anos depois de abandonar marido e três filhos em busca de uma vida "liberta" com uma trupe de teatro judaico itinerante, Ettie fora encontrada — abandonada e insana — em um apartamento cheio de lixo, em Paris. Morreu em um manicômio, pouco depois.

MATERNIDADE

"É a Ettie", lamentou-se Martin, analisando aqueles olhos preocupantes. "Ela voltou para me atormentar!"

Nove anos depois, Martin amaldiçoou seu dom profético.

Sheila tornara-se uma garota impetuosa e temperamental, que rejeitava as outras crianças, que preferia **Dostoiévski** a **Nancy Drew**, que pintava dezenas de telas que ninguém entendia, que passava horas chorando... **por que**, os Bernbaum nunca souberam.

Suplicou-se a rabinos; implorou-se a parentes; consultou-se, discretamente, a psiquiatras. Mas, em 1964, o ano em que Sheila foi eletrificada pelos Beatles e amplificada pela maconha...

...todas as esperanças que os Bernbaum tinham quanto à redenção da filha foram por água abaixo.

Por fim, no outono de 1966, Sheila, cuja beleza de porcelana era delicado eco da finada Tia, de rosto pintado, com flores no cabelo e tocando alegre uma flauta de prata...

...saiu dançando pela porta do apartamento dos pais, em Ocean Parkway, para nunca mais voltar.

Apesar de sua grande inteligência, Sheila era um poço de ingenuidade.

Adotando a pitoresca alcunha "**Sunflower**", ela flauteou pela América, sua inocência aderindo a todas as filosofias e todos os "ismos" que surgiam pela frente: numa semana era budista; na outra, marxista. Na terça-feira, marchava pela paz; na quinta, incitava a revolução.

FAÇA AMOR NÃO FAÇA GUERRA

QUER PAZ

Não foi à toa que, em dezembro de 1968, quando chegou à **Comuna Pax**, no interior de Nova York...

...**"Sunflower"** estava a um passo do abismo.

COMUNIDADE PAX

Numa fria noite de inverno, enquanto embalava **Frodo**, o gato asqueroso da comuna, ela voltou seus olhos de Tia Ettie para o céu e conversou com uma estrela cadente.

"A vida tem que ser mais que ácido, Nixon e clamídia", ela disse. "Então, me responda: qual é o sentido, **diabos?**"

Para surpresa de "Sunflower", a estrela deu meia-volta e acelerou na sua direção.

Encoberta pela incandescência, ela foi erguida ao céu (tal como muitos antes: serafínica, ao som de risadinhas) e catapultada com um suave...

PING!

Crendo-se em estado de exaltação divina, "Sunflower" aguardou com paciência a luz mitigar e Deus em si surgir.

Porém, em vez de um Criador barbudo e benevolente, o que surgiu e a recebeu foi um mar de sorrisos dentuços. Pois não estava no paraíso nem no Nirvana (nem na Terra Média): èra o Zoológico dos Des-Mesu.

Então, ela se sentou no chão, ao lado de Frodo (que fora transportado junto, ileso), arregalou seus olhos de Tia Ettie e começou a chorar: 22 anos de tristeza saíram em enchente.

"Sunflower" conjecturou que não estava a um **passo** do abismo... mas, sim, no **fundo** dele.

Levou quase uma semana para ela encontrar forças para investigar os arredores. Seu novo lar era um domo espaçoso e bem mobiliado que se conectava, por uma série de túneis complexos, a milhares de estruturas parecidas.

De início, "Sunflower" ficou assustada com os vizinhos bizarros e pouco comunicativos, mas o medo passou. Afinal, ali ela não se sentia mais desamparada e sem amigos do que na Terra.

Ela logo se acomodou ao abismo.

O sono a acometia em períodos de quinze horas, sem sonhos. Os dias eram de análise perpétua da estática na sua Philco de doze polegadas.

A vida não era nem boa nem ruim, apenas era, e "Sunflower" não era de **viver** a vida, mas de **passear** por ela.

Um dia, ela passeou pelo próprio casamento.

Talvez tenha sido o capricho mais esquisito na história dos Des-Mesu: o primeiro, e único, acasalamento de um D.M. com uma representante de outra espécie.

A cerimônia era a realização dos sonhos que Esther Bernbaum tinha para a filha: a noiva de branco, o noivo de sorriso beato, o jantar requintado e abundante conforme a tradição judaica. E a banda tocou "Sunrise, Sunset" sem errar uma nota.

"Sunflower" aceitou tudo com naturalidade. Provou o champanhe, dançou contente, jogou o buquê com modéstia virginal e acenou com um sorriso para os bem-querentes enquanto ela e o novo marido partiam para a lua de mel...

RECÉM-CASADOS

...que aconteceria no próprio domo de "Sunflower", decorado com renda e cetim.

Foi lá que o casamento foi consumado, com uma rajada ofuscante e um grito de júbilo. (O grito dado por "Sunflower", ao atingir seu primeiro, e mais memorável, orgasmo.)

Quando "Sunflower" acordou na manhã seguinte, seu domo estava tal como sempre, seu esposo havia sumido e os eventos da noite anterior eram pouco mais que um baile de palhaços onírico e distante... afora o fato da sua certeza de que estava grávida.

Por nove meses, ela suportou o escárnio de seus colegas de Zoológico, a tensão de suas faculdades mentais deterioradas, a traição do próprio corpo intumescido, e o desprezo de Frodo, que ficou extremamente desconfiado da criatura secretada ao ventre de "Sunflower".

Mas, quando o dia da gênese chegou, Sheila Fay Bernbaum foi heroica; foi majestosa! Sem o auxílio de hospital, médico, parteira ou parceiro, ela deu à luz um garotinho com cara de ameixa seca e cabeça pontuda:

EU.

Capítulo Três:
Nasci e Sou Criado

Em meus olhos curiosos e azul-cerúleos (mais uma duplicação dos orbes lunáticos de Tia Ettie), "Sunflower" encontrou toda magia e mistério que procurava desde a fuga do Brooklyn. "Você não era uma criança", ela me disse uma vez, "você era um milagre. Você era a resposta pela qual eu rezava na noite em que os Des-Mesu me sequestraram".

O "milagre" foi batizado **Moonshadow** (homenagem a um poeta de São Francisco que ela conheceu e nunca esqueceu), e me tornei a amarra que conectava minha mãe à realidade; era a primeira vez que ela tinha motivo para **não** sair a vagar pelos céus do surreal. Ao olhar no seu coração, ela descobriu reservas de amor até então inexploradas: bebi de todas.

Naqueles primeiros anos, o que havia além do nosso domo não me interessava. Meu universo era uma canção de flauta, uma dancinha boba, o carinho de uma mãe e a língua áspera de um gato. (Frodo trocou desconfiança por adoração depois que fiz o traslado barriga-quarto.)

Eu era contente.

Porém, conforme o ensimesmamento infantil dava lugar à curiosidade da juventude, descobri que o contentamento é algo passageiro, logo massacrado pelos anseios.

O objeto da minha recém-paixão era O Mundo Lá Fora: eu ansiava pela diversidade; pelo contraste; pela experiência!

"Sunflower" (cuja mente voltara a se fragmentar; milagres, assim como o contentamento, são notoriamente transitórios) tentou, em vão, me dissuadir de um rumo que ela achava desastroso. "Eles vão te magoar, Moon", ela alertou. "Vão partir seu coração".

Entre outros dons, minha mãe era profeta.

Os habitantes do Zoológico viam criaturas da Terra como tipos vis e ridículos: o grau mais ínfimo da vida no universo.

Sendo prole de uma terráquea e de um Des-Mesu (os trapaceiros, os carcereiros, os manipuladores sorridentes), eu era um alvo óbvio. Dado meu otimismo juvenil, aguentei zombarias, ultrajes, humilhações, perseguições e brutalidades. Quando se entediou desse esporte, a turba me consignou ao reino dos fantasmas e sombras.

No que dizia respeito a meus colegas espécimes, eu não existia.

Ainda assim, mesmo com o trauma causado por esse tratamento, apesar de todas as minhas convulsões de melancolia byronesca, meu otimismo persistiu. **Por quê?** Porque:

Eu tinha amor.
Eu tinha sonhos.
Eu tinha música.
E, afinal...

...eu tinha Ira.

PEFT!

Ira não era seu nome, mas era o mais **próximo** a que uma língua humana chegava do seu nome.

Ele era ranzinza, carrancudo, cínico e aproveitador; um sibarita hirsuto que só queria saber de encher a pança e brincar com a genitália. Peidava com malícia, arrotava sem pudor, cagava onde bem entendesse e xingava quem visse pela frente.

É óbvio que roubou meu coração!

Tenha em mente que, para todos os efeitos, eu não tinha pai. Por mais carinho e apoio que tivesse de "Sunflower", a ausência de um pai deixou uma fenda considerável na minha existência. Meninos, assim acreditava, precisam de pais...

...pais **de verdade**, não esferas de luz que nunca dão as caras!

Talvez fosse o fato de nossos zoocamaradas também marcarem Ira como pária. Talvez ele tipificasse o eu oculto e incorrigível que ansiava avançar contra a turba que me magoava.

Ou talvez eu tivesse dado férias à minha noção, igual a todos que o fazem aos doze anos.

Seja qual for o caso, imediatamente passei a **idolatrar** Ira. "Preciso de um pai", decidi, "e é ele quem vai ser!"

Resoluto, eu me esforcei.

Horrorizado, ele me repeliu.

Esforcei-me com mais vigor.

Ele ficou mais torpe.

Eu fiquei mais... ...inspirado!

"Você está lidando com um **sátiro**", concluí. "Se quer vencê-lo, tem que mirar **abaixo da cintura**".

E assim, com três semanas de cortejo unilateral, cheguei ao domo de Ira com presentes; vulgaridades, na verdade: pornografia pesada do planeta nativo de minha mãe.

Ira era entendido do metiê do erotismo intergaláctico. Ao longo de cem anos, ele reunira dados explícitos e chocantes sobre os hábitos sexuais de mil mundos, mas sua obsessão libidinosa tivera um efeito colateral inesperado:

tédio crescente.

As contorções miraculosas dos macacoguentos mrac'noneanos não mais o intimidavam. Os acasalamentos mais rápidos que a luz dos alaguires alados, de Dezúmia Dezesseis, provocavam-lhe bocejos.

Mas, em três páginas de "**Rumo à Estação Luxúria**", ao perscrutar humanos carnudos e frenéticos com seios pêndulos e pênis pulsantes, ficou evidente que Ira encontrara novo estímulo para seu apetite saturado.

Nem as acrobacias masturbatórias das doze mãos do junlacalaco jacuviano despertavam seu interesse.

Enquanto durasse o estoque de obscenidade, **eu** teria... um **pai**!

Sim, mas vem a pergunta: qual a origem deste rio infindo de licenciosidade com encadernação de couro?

Devo confessar, caros leitores, que escondi uma coisa de vocês...

...a **chave** para a sobrevivência da minha mente e para a liberdade de meu espírito...

CLICK

...o dom precioso que transcendeu o companheirismo relutante de Ira, a lealdade teimosa de Frodo e talvez até o amor delicado de "Sunflower"...

E POP! Foi atendida.

...minha **biblioteca.**

*Familiarizados como já estamos com a conduta enigmática dos Des-Mesu (sua indiferença cósmica, seus caprichos imperscrutáveis), não há de surpreender que, toda vez que minha mãe pleiteava um favor aos apreensores — discos de Richie Havens, uma trouxinha de haxixe, um kasha knish da **"Sra. Stahl"** direto de Brighton Beach — ela era sumariamente ignorada.*

*Mas chegou o fortuito dia em que a **veneta** dos Des-Mesu cruzou com a **vontade** de "Sunflower". Ela solicitou uma biblioteca, que fosse idêntica à melhor da Terra, para o filho recém-nascido.*

POOF! Aprendi a escalar nas prateleiras antes de caminhar.

PING! Fui salvo!

Haveria como palavras frágeis e inábeis dizerem o que esta biblioteca **significava** para mim? Ela era ao mesmo tempo palácio de 1001 noites, foguete, máquina do tempo... uma **janela** para a **Criação**!

O que eu sabia da vida na Terra, de toda a vida fora dos confins de nosso Zoológico, aprendi em duas fontes: nas sagas piradonas de minha mãe sobre paz, amor e Ocean Parkway; e nestas benditas coisinhas chamadas **livros**.

Eu passava semanas como um feto no ventre poeirento da biblioteca, vagando pelas ilhas, pesando as opções, lendo, **lendo**, **LENDO** até meus olhos ardidos gritarem: "Chega!" Mas **como** eu ia parar? Ainda havia tanto a vivenciar!

Grandes aventuras! Trágicas paixões! Ideais imaculados! Eu estava tonto com o prazer da descoberta: página e palavra, criador e criação, todos dançando juntos na mente. E, oh...! Que grandes dançarinos:

Homero, Cervantes, Bradbury e Baum; Shelley, Keats, Byron e Blake; as Brontës, os Brownings, os Três Mosqueteiros; Peter Pan e Wendy; Sidarta e Govinda; Príncipe Michkin, Rei Ricardo e Capitão Blood!

Considerando as influências, é surpresa que minha visão de mundo seja a do Romantismo com lentes cor-de-rosa? Eu via Homens de todos os planetas como seres excelsos, divinos por natureza, mas corrompidos pela sociedade.

As emoções eram a porta da salvação; o intelecto, o portal para o Inferno; o sofrimento, aquilo que purifica o espírito. (Virei um sofredor **estiloso**: quanto maior a depressão, mais eu me pavoneava, melodramático, pelo Zoológico, com a mão na testa, suspirando e desfalecendo como um canastrão do século XIX.)

Acima de tudo, eu era um Sonhador de Primeira Ordem — e meu sonho mais estimado era **fugir**: como ansiava saltar das paredes da minha prisão e navegar pelo cosmo a bordo de uma nave robusta! Perigos a encarar, heroísmo a almejar, donzelas a resgatar. Por mais que as beldades que habitavam minhas fantasias viessem implorar que eu as deflorasse, a nobreza proibia meu aceite. "Estou esperando por... **Ela**", sussurrava eu, em minha modéstia. "A alma gêmea que um dia surgirá e redimirá minha vida inútil com um amor do espírito, muito além dos prazeres carnais que vocês oferecem!"

(Esta crença à la Dante na Beatrice pura e perfeita não me impediu, quando a puberdade bateu à porta, de disparar sêmen para todos os lados. À noite me encontrava em um canto bolorento da biblioteca, uma mão agarrada à edição surrada de **"Peleja Lasciva"**, e outra a puxar meu pênis inchado. À alvorada vinham a vergonha, o arrependimento e um voto de castidade tão sincero quanto efêmero.)

Capítulo Quatro: Levo Um Pé na Bunda

A todos nós chega o momento em que a vida, tal como cavalo xucro, de repente ergue as patas e sai a galopar em outra direção. Só nos resta nos agarrarmos à montaria.

O **meu** cavalo começou a dar pinotes três semanas antes de eu completar quinze anos. Estava na biblioteca com um exemplar de "**Os Vagabundos Iluminados**", de Jack Kerouac (livro que "Sunflower" leu pra mim quando eu ainda usava fraldas), aberto à minha frente.

Mas estava com dificuldade para me concentrar: garganta seca, mãos úmidas, o coração pulsando de pavor. "Alguma coisa vai acontecer", pensei. "Uma coisa estranha. Uma coisa terrível".

Eu tinha razão!

PING!

WOOOOOOOOOSHADOW

O Des-Mesu que se manifestou sobre mim era extraordinário por dois motivos:
1. Foi o primeiro na história do Zoológico a comunicar-se efetivamente com um espécime (e **agradeça** por nunca ter ouvido aquela voz apavorante!);
2. Eu sabia, com certeza absoluta, que aquela aparição afetada era...

...meu pai.

É CHEGADA A HORA

(disse meu pai)

DE UM ADEUS ANTOLÓGICO

DE UM BOTA-FORA, SEM DEMORA

HOJE

VOCÊ DEIXA O ZOOLÓGICO

O QUÊ?!!!

N-NÃO PODE SER! **NUNCA** ACONTECEU DE ALGUÉM DEIXAR O ZOOLÓGICO!

VOCÊ VAI. HOJE.

MAS... POR QUÊ?!

PORQUE

POR QUE...?

PORQUE

POR QUE...

BOM, TENHO QUE IR
MAS LEMBRE-SE, FILHO
AONDE QUER QUE VÁ
O QUE QUER QUE FAÇA
PAPAI
ESTARÁ
DE OLHO
TEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE HEE
Eu devia ter me regozijado: ali, enfim, a resposta às minhas preces. Minha liberdade! Mas, de repente, parecia haver pouquíssima diferença entre ser livre... e ser expulso.
PSSSST!
Ô, GURI!
ELE JÁ FOI?
EU TAVA ALI NO FUNDO CARCANDO A PAREDE E ACABEI OUVINDO.
IRA... O QUE EU FAÇO?
AS MALAS?
BOM... QUERIA FICAR PRA BATER UM PAPO, MAS TÔ ATRASADO PRA UM ESTUPRO GRUPAL, ENTÃO... SE CUIDA, BOA VIDA PRA VOCÊ...
...E, QUANDO TIVER POR AÍ, NÃO PRECISA BATER NA MINHA...
CLICK
FWAMP!
...PORTA.
MAIS UMA COISA

VOCÊ NÃO VAI SOZINHO

IRA VAI ACOMPANHÁ-LO

O QUÊ?!?!!

CÊS NÃO **PODEM** FAZER ISSO COMIGO! EU ODEIO ESTE GURI! EU NÃO SUPORTO A CARA DELE... A VOZ DELE... O **CHEIRO** DELE! EU--

CALE-SE, IRA

O SENHOR É QUEM MANDA!

HÃ... O FRODO PODE IR JUNTO?

FRODO TAMBÉM

E A--

POP!

PLING!

POOF!

FLOWER

"SUNFLOWER"?

ONDE A GENTE TÁ, CACETE?!

UMA NAVE! ELES NOS DERAM UMA NAVE!

AGORA SÓ FALTA UMA COISA--

MÃE!!

Aquela palavra nunca me foi mais importante do que naquela noite.

Só de olhar nas íris vítreas e apaixonadas de "Sunflower", todo o medo se esvaiu de mim. Um toque daquelas mãos de marfim e voltei a ser um bebê, ignorante e seguro.

O que quer que nos aguardasse... eu estava pronto.

Ira não estava.

DEIXA EU SAIR DAQUI! EU QUERO VOLTAR PRO MEU DOMO, PRA MINHA BREJA, MEUS PORNÔS, PRA MINHA EXISTÊNCIA INGRATA E SEM SENTIDO!

EU QUERO IR PRA CASA!!

Casa? Minha ideia de casa acabara de se despedaçar em um milhão de caquinhos! Agora o **universo inteiro** era minha casa! Olhei para as estrelas e vi potencial ilimitado, opções infinitas, uma cornucópia de sonhos refletida em cada espiral dourada.

Tudo que restava era traçar a rota, e fui pela que me era mais conhecida.

"SEGUNDA ESTRELA À DIREITA..."

"...E DIRETO ATÉ O AMANHECER."

Com uma arrancada desairosa e um chocalhar flatulento, nossa nave partiu delicadamente ao espaço, e percebi que não estava em uma aventura livresca que acabaria ao virar de uma página: **era tudo real!**

Então, fiz o que qualquer garoto sensato deste lado da Terra do Nunca faria em tal condição: vomitei as tripas e desmaiei como se tivesse morrido.

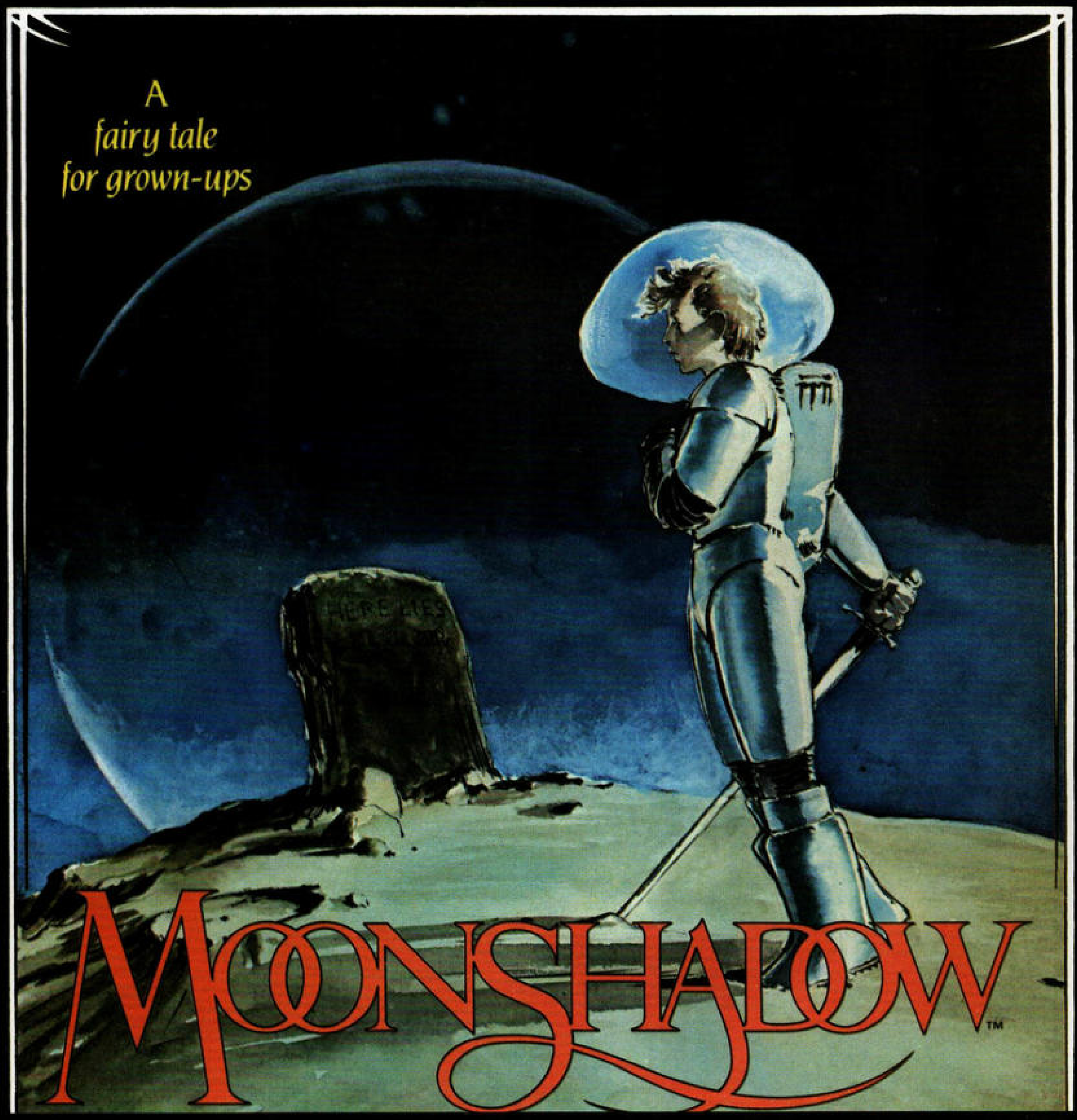
Minha jornada do despertar havia começado.

Livro Dois

MOONSHADOW 2
MAY 1985

$1.50 | $1.75 CANADA

A
fairy tale
for grown-ups



MOONSHADOW™

"O Lenhador de Lata começou a dar machadadas na mesma hora e, quando os Kalidahs já estavam bem próximos, a árvore caiu com um estrondo no fundo do abismo, levando consigo os dois monstros horríveis..."

"...que se despedaçaram grunhindo nas pedras cortantes lá embaixo."

"'Ufa!', disse o Leão Covarde, suspirando de alívio. 'Estou vendo que vamos viver mais um pouco, e ainda bem, porque não estar vivo deve ser muito incômodo.'"

Um esbarrão na Desdita, com as graças de L. FRANK BAUM. Sinto dizer que as coisas não mudaram muito desde 1900, quando O MÁGICO DE OZ foi publicado pela primeira vez: o universo ainda é habitado por "monstros horríveis", Lenhadores de Lata ainda levam a vida a machadadas e o Leão Covarde dentro de nós ainda treme só de pensar na mortalidade.

Mas a promessa de Oz persiste, caros leitores: para todos vocês e, é claro, para...

MOONSHADOW

LIVRO DOIS:

UM ACONTECIMENTO DESAGRADÁVEL

CAPÍTULO UM: ENCONTRO A MORTE

ERA UMA VEZ...

...no longínquo planeta TERRA, na terra mágica do Brooklyn, um agente sanitário e sua filha.

Toda noite de sábado, MARTIN BERNBAUM pegava a diminuta mão de Sheila e os dois singravam o Brooklyn em busca dos admiráveis pãezinhos chamados BIALY, do lendário peixe chamado LOX e da vetusta iguaria hebraica chamada CREAM CHEESE PHILADELPHIA.

Na volta para casa, ainda com milkshake nos lábios, Martin, comumente taciturno, tornava-se um impudente contador de histórias e filósofo.

Embora seu pai não fosse um Sócrates, nem sequer um Ragstone Phillit, Sheila absorvia cada palavra.

Mas a palavra que abalou o íntimo da menina de nove anos foi: "MORTE".

"Você nasce, você vive, você morre", pronunciara-se o Sábio de Ocean Parkway, "e é isso. Não existe Céu nem Inferno. Só uma lápide que leva seu nome. Você vai pra baixo da terra e vira NADA".

Apesar do pendor pela melancolia e pelo melodrama, Sheila era uma otimista de carteirinha, e essa perspectiva desoladora arrasou sua visão de mundo.

Ela procurou respostas na mãe, mas "Meninas da sua idade não têm que pensar nessas coisas" passou longe da revelação que demandava.

Assim, ela começou a passar metade das madrugadas desperta, ponderando a Nulidade e como evitá-la.

Quando o sono enfim chegava, era acompanhado pelo pesadelo na forma da finada TIA ETTIE.

Desde o seu nascimento, diziam a Sheila que ela e a Doida Ettie haviam saído do mesmo molde torto; seus olhos (azul-cerúleos, idênticos) eram a prova conclusiva.

Não era por acaso que a Ettie Sonho exigia os olhos DE VOLTA. "Não consigo enxergaaar!", uivava o cadáver bolorento. "A culpa é SUUUA!"

Assim, a morte perseguiu minha mãe ao longo da vida...

...e minha mãe perseguiu seus sonhos...

...e seus sonhos a levaram ao ZOOLÓGICO DOS DES-MESU...

...e o Zoológico levou a...

...mim.

Meu primeiro encontro com a Rainha dos Terrores se deu com menos idade que o de minha mãe. Eu tinha quatro anos e era uma foca feliz debatendo-se na banheira: em um instante, o universo era luz, amor e inocência; e no seguinte...

...A MORTE EM SI sobreveio.

Uma visão, uma fantasia, uma alucinação: chame do que quiser. Mas, em um lampejo, vi que havia nascido para morrer e que todos que eu estimava estavam condenados à mesma sina.

"Mamãe", chorei, "eu não QUERO morrer!", mas a resposta de "Sunflower" ("Garotinhos não têm que pensar nessas coisas!") não me tranquilizou... sobretudo enquanto a própria Morte pairava no recinto.

Nunca vi o rosto com clareza, mas vi os olhos e o sorriso odioso, ODIOSO.

Um sorriso asqueroso... mente familiar, mas que só anos depois fui perceber o QUÃO familiar...

CAPÍTULO DOIS:

SURPRESA DE ANIVERSÁRIO

Três semanas haviam-se passado desde que nossa trupe fora expulsa do Zoológico. As grandiosas aventuras pelas quais eu ansiava ainda não tinham se materializado.

Eu tinha o medo à minha esquerda, a expectativa à direita...

...enquanto o tédio pesava sobre meus ombros.

Ira, alma solidária que era, fazia de tudo para levantar meu ânimo.

PATETA! PALERMA! ESTRUME! CRETINO! *VOCÊ* QUE METEU A GENTE NESSA MERDA!

Fiquei tão tocado pela preocupação que não encontrei palavras para agradecer:

HÃ... DIGO O *MESMO?*

Estas réplicas e tréplicas podiam ter continuado por semanas...

...se a grandiosa aventura não houvesse FINALMENTE surgido...

IRA... *VEJA!*

NAVES! *CENTENAS DELAS!*

MAS... DE ONDE *VIERAM?* E AONDE *VÃO* COM TANTA PRESSA?

Perguntas muito sensatas.

As respostas não tardaram.

ATENÇÃO, NAU NÃO IDENTIFICADA: O AGLOMERADO CHUTACACA ESTÁ EM QUARENTENA DEVIDO AO SURTO DA PESTE PICATITICA.

SEJAM QUEM FOREM... AONDE QUER QUE ESTEJAM INDO... VOLTEM!!

ESTA É UMA GRAVAÇÃO. VOCÊ PODE DEIXAR UMA MENSAGEM DE ATÉ TRINTA SEGUNDOS APÓS O BIP.

TESTANDO... UM-DOIS...

ALÔ?

TEM VAGA PRA MAIS UM AÍ?

EU SOU NANICO. NÃO COMO QUASE NADA.

SEI UM **MONTE** DE PIADA SUJA.

Ô... AMIZADE!

AMIZADE?

AH... **MERDA!**

Os refugiados partiram; Ira fumegou; preparei a inversão da rota.

Então, captamos o pedido de socorro.

BIPIIIPIIIPIIIP

Ira me deteve.

Alguém corria perigo no CENTRO do Aglomerado Chutacaca. Aprendiz de Lancelot, imagens de donzelas em perigo a inundar minha mente, fui direto aos controles.

CÊ É MAIS BURRO DO QUE PARECE? ESSE SETOR TÁ TODO CONTAMINADO! A GENTE NÃO PODE IR PRA LÁ!

"Sunflower", levantando-se de lânguido repouso sob o convês, discordou:

SE ALGUÉM QUER QUE AJUDEMOS, MOON, AJUDAREMOS. "SÊ GENEROSO COM TEUS IRMÃOS E LIVRA-OS DO SOFRIMENTO", LEMBRA?

Eu estava confuso: dar as costas a um ser que passava necessidade ia contra tudo em que acreditava. Mas adentrar o aglomerado era flertar com o SUICÍDIO e eu não tinha vontade alguma de cortar cosmicamente os pulsos.

Penei; teorizei; esmiucei a consciência.

Decidi...

VAMOS LÁ!

...e molhei as calças.

BIIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIP

Conforme navegávamos, eu me senti zonzo; tonto de medo e espanto. O espaço, o vasto oceano, me chamava, e eu só podia acenar de volta.

"Olá, Marlow!", falei baixinho, "É você aí, procurando Kurtz? E você, Ahab, encontrou a temida baleia branca?"

PIIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIP

Mas Marlow e Ahab eram figuras da imaginação; seus inventores morreram há muito tempo. "Talvez", pensei, "eu logo SIGA seus PASSOS... mais cedo do que gostaria".

PIIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIP

Passamos horas navegando por destroços e ruínas, por mundos que eram e nunca mais seriam. A própria Morte estivera lá, sorrindo seu sorriso, e seguira adiante.

IIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIPIIIP

Então, chegamos à fonte do sinal:

corcunda e carcomida, a MOBY DICK de todas as naves que singram o espaço!

Para um menino que sempre sonhara em enfrentar dragões e desafiar moinhos...

...morrer da Peste Picaritica era uma perspectiva NADA romântica.

Ainda assim, consegui compor um arremedo de sorriso e minha mãe me conduziu à câmara de ar comprimido.

ENFIM, SÓ!

Assim que saímos da ponte, Ira tomou uma atitude...

...atacando nosso Computador Central, CORNÉLIA-17: uma mixórdia de tubos, botões, fios e refugo.

O amotinado hirsuto queria arrebatar o controle da nave; queria uma fuga, e rápido.

Mas Cornélia (querida e leal que era!) não quis saber! "Se tocar nos meus botões", ela ladrou...

...."eu te frito com todos os meus VOLTS!"

Ira, sábio que era, não se atreveu.

Enquanto isso: dois floquinhos de caspa cruzavam o couro cabeludo do espaço, desembarcando num RASGO na proa da nave perturbada.

Hesitei na entrada, mas "Sunflower", entoando "Om Mani Padme Hum", pulou direto para dentro.

O que fazer, senão SEGUIR minha bodisatva brooklyniana e descer, descer, descer...

...até o ventre da baleia?

MOON...?

S-SÓ UM POUQUINHO, MÃE... DEIXE QUE EU ACENDO...

...AQUI.

UAU.

ASSUSTADO, MOON?

NADA. PETRIFICADO, QUEM SABE... ASSUSTADO, NÃO.

PODEMOS VOLTAR...

NÃO. VIEMOS ATÉ AQUI, ENTÃO É MELHOR--

KREEEEEK

OUVIU?

O QUÊ?

KREEEEEK

ISSO.

NÃO.

EU ACHO... ACHO QUE ESTÃO NOS SEG--

AAAAAHH!

NÃO PRECISA PERDER OS BAGOS, GAROTO. SOU EU.

TAVA FICANDO NERVOSO LÁ NA NAVE. AÍ PENSEI: QUEM SABE EU VOU ALI E ASSISTO AOS DOIS BURRÕES FAZEREM BURRICE?

Você é o burro...
WHUPF!
???!!!
...intruso cabeça-de-bolha!
Você, que acompanhou seus irmãos à nave condenada! Trezentas almas já trilharam estes corredores! Resta apenas eu para contar a tenebrosa história!
Ouve as palavras do Profeta, o que disse: "Os deuses vão nos castigar com a peste! Nossas transgressões hão de ferver em nosso íntimo... devorar nossas entranhas, engolir nossos espíritos!"
CAI FORA!
SSSSSSSS
Au!
Uch!
Ich!
Iauch!
Iuch!
MANDOU MUITO BEM... CAPITÃO MOONSHADOW! ARRISCOU A VIDA DE TODO MUNDO... PRA ISSO!
Eu estava horrorizado; estava chocado.
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAACCCCCCCCCCCCCCCCCCCCC
Mas não por muito tempo.
A voz que repentinamente ecoou à nossa volta, o uivo plangente que calou nossas almas, continha mágoa, melancolia e remorso. Acima de tudo, CARÊNCIA.

Acotovelados contra o escuro, ACOMPANHAMOS o lamento trovejante pelas entranhas da fera.

"Sunflower" tomou a dianteira: foi a primeira vez em meses (quem sabe anos!) que parecia alerta, quase vibrante! Seu intelecto, há muito cremado por LSD, mescalina e granola, de algum modo viu-se agitado pelo grito que nos guiava.

Caminhamos e caminhamos durante horas: Ira aos peidos; Frodo aos miados; minha mãe muda como um monge. Eu me perdi em fantasias de Pinóquio, vagando pelas ilhas âmbar-gris de Monstro. Mas meu conto de fadas foi interrompido de maneira bruta...

...por uma paisagem sinistra e revoltante: uma mulher (por assim dizer); a pele pipocada de pústulas, bolhas, crostas e chagas; o corpo intumescido em proporções ridículas. (Quase pensei que ela sairia flutuando até o teto: um balão inflado pela peste.)

Seu grito lastimoso era ensurdecedor de familiar: havíamos encontrado a fonte da carência. Também encontramos a FILHA da carência: uma coisinha frágil, fina e doentia; os olhos acesos de esperança.

Os lábios da criança alienígena não se mexiam, mas seus PENSAMENTOS nos atacavam, frenéticos e distorcidos.

Sua mãe, ela "disse", estava em trabalho de parto. E se encontrava assim há dias. A doença que lentamente as assassinava atrasou o processo: o bebê não saía de jeito nenhum. ("E quem", opinou Ira, "vai CULPAR esse bichinho?")

A menina queria nossa ajuda; IMPLOROU pela nossa ajuda; fez nossas psiques arderem de desespero.

Ira deu meia-volta. Eu estava congelado, com medo e com nojo.

"Sunflower" destravou seu traje.

Nervoso, objetei.

Ela levou um dedo aos lábios com uma decisão tão serena que foi difícil proferir outra palavra.

"Não posso ficar parada em um momento como este", explicou minha mãe ao tomar a mão da mulher sofrida. "Preciso tocá-la... para ajudar..."

"...para curar".

"Para MORRER?", pensei, sem ousar dizer.

"É só AR", sussurrou Enfermeira "Sunflower", massageando carinhosamente o ventre pulsante da paciente. "Você não precisa ter medo do ar".

Mas não era o ar o que eu temia (os sistemas de apoio daquela seção da nave ainda funcionavam; seguiam fortes). Era a peste que era LEVADA pelo ar.

Sheila Fay Bernbaum recusou-se a me ouvir: ela foi transformada, renascida, tal como lhe acontecera quinze anos antes, quando deu à luz o próprio filho sozinha; seu único MILAGRE.

"Quinze anos!", gani. Minha mãe viu a constatação explodir nos meus olhos e riu. "PERCEBE agora, Moon? Entendeu? Hoje não é um dia QUALQUER. É o seu ANIVERSÁRIO!"

Entendi muito bem. No **trompe l'oeil** que era a vida dela, foram poucas as ocasiões em que minha mãe encontrara alegria; só tivera a glória em uma: meu nascimento.

Enquanto empenhava-se, com delicadeza e compaixão, em ajudar a moribunda a realizar seu milagre, "Sunflower" estava à procura do paraíso. Da FONTE dos milagres.

Ela procurava não apenas por si, mas pelo filho e pelos corações vorazes de toda Criação.

Ela lutou e se encantou, suspirou e grasnou ao longo da noite sem fim.

Perdeu-se a paciente, mas o bebê resistiu.

Ele esticou os braços (primeiro tímido, depois ávido, curioso)...

...à vida, à luz, à liberdade, à...

COMIDA!

CAPÍTULO TRÊS:

Reencontro a Morte

Mesmo hoje, TANTOS anos depois, o horror ainda é FRESCO; o luto renasce.

Oh, "Sunflower"!

O sangue jorrou como cachoeira quando a puxei para meu peito. Ela gemeu mais como um bicho do que mulher, e eu gemi em harmonia.

Mas a... a coisa que havia feito aquilo se aproximava — e, se tínhamos alguma ESPERANÇA de salvar a vida de minha mãe, precisávamos voltar à nossa nave.

Minhas pernas cederam, mas eu continuei firme e segui em frente. Os olhos de "Sunflower" estavam vítreos, cegos, voltados para a dor dentro de si.

Enquanto fugíamos, lembrei-me de Ira e o pânico irrompeu nas minhas entranhas.

Não precisava ter me preocupado.

Ele estava bem seguro à nossa FRENTE, tendo corrido para a saída mais próxima ao primeiro sinal de perigo.

"O destino", Ragstone Phillit escreveu uma vez, "é uma mentira; os olhos vigilantes de Deus são cegos. A sobrevivência baseia-se no EGOÍSMO ESCLARECIDO".

Era a única crença que Ira seguia de modo inabalável e, ao menos NAQUELE dia...

Voltem, réprobos ímpios! Voltem, pecadores e filisteus!

EU JÁ FALEI E VOU FALAR DE NOVO:

CAI FO-RA!

Yaaaaaaaaaaaaaaa

...muito o ajudou.

Com um naco de alimento para ocupá-lo, o infante em fúria desistiu da perseguição por um instante...

...e nós vencemos a corrida para a liberdade.

Mas PERDEMOS muito, muito mais.

"Moon", minha mãe sussurrou, a voz rouca, enquanto girávamos rumo ao lar. "A menininha. A menininha! Temos que VOLTAR! Não podemos deixá-la sozinha com aquele..." Ela tossiu e o sangue manchou seu visor. "Com aquele...", ela repetiu.

Então, para meu alívio, ela desmaiou.

Se eu pudesse, faria o mesmo.

Mas, não. A imagem repetitiva daquela inocente, a sós com o grotesco irmão, reproduziu-se infinitamente na minha cabeça...

...mesmo enquanto nossa nave lançava-se negligentemente no espaço, pondo distâncias imensuráveis (e culpa imensurável) entre nós.

Mas toda a consideração à criança foi enterrada (não tão fundo, porém!) pelo peso de preocupações mais imediatas: "Sunflower" havia perdido muito sangue. Minha mãe... minha bodisatva... meu UNIVERSO!...

...ia morrer.

MOON... ESTOU COM MEDO...

NÃO HÁ DO QUE TER MEDO, MÃE. VOCÊ VAI FICAR BEM.

SEM MENTIRAS, MEU MILAGRINHO. É HORA DE DIZER ADEUS...

NÃO! ADEUS NÃO! VOCÊ NÃO VAI--

TEM UMA COISA QUE QUERO... QUE SEJA SUA... ANTES DE EU PARTIR...

MÃE, POR FAVOR, *PARE* DE FALAR ASSIM! EU--

SHHH. **ACEITE.** ELA JÁ ERA SUA... EM ESPÍRITO... HÁ MUITO TEMPO...

A flauta.

A FLAUTA!

Que fora de Tia Ettie, adquirida de segunda mão em um penhor do Lower East Side. Com a flauta, ela flauteou-se de um casamento e de uma família, e embarcou na insanidade que outros viam como lastimável; que ELA via como divina.

Quando encontraram Ettie morta em um manicômio parisiense, a flauta estava presa a seus lábios rachados e azuis. (Qual melodia, muito me perguntei, ela teria invocado na hora final?)

Depois, a flauta foi de "Sunflower", descoberta em uma caixa dos pertences da Tia: com a flauta, ela flauteou-se do mundano, flauteou-se dos pais, rumo ao mistério, ao desnorteamento e a sonhos celestes.

Quando eu era criança, imaginava que a flauta era uma relíquia mágica; que o Mago Merlin a havia deixado naquele penhor, pois precisara de alguns trocados na jornada de Camelot ao Infinito.

Sua música era a música das minhas aspirações, meus anseios, meu desabrochar. O único objeto material que já cobicei.

Mas, ajoelhado ao lado do leito de morte de minha mãe, não havia mais nada no universo...

...que eu quisesse menos.

"Não!", retorqui. "Você TEM que ficar com ela! Você vai se recuperar! A flauta vai mantê-la viva!"

Ela sorriu em meio à agonia e ao medo, meneou um não...

...e pôs a flauta em minhas mãos trêmulas.

Então, Sheila Fay Bernbaum fez um apelo ao pai, cujas sinistras afirmações ainda a apavoravam; à mãe, cujas negativas nervosas agora eram mais inúteis do que nunca.

Fixando os olhos no Céu inatingível, numa Verdade incognoscível, num Significado Cósmico que sempre lhe escapara...

...ela esticou os braços, agarrou o nada...

...E DEU O ÚLTIMO SUSPIRO.

Terá sido a MORTE EM SI quem me visitou? O sorriso com certeza era da Morte: aquela jaula de dentes, zombeteira, enlouquecedora! Mas eu sabia, sem dúvida alguma, que era meu PAI que estava ali, flutuando, dissipando-se, sumindo da vista.

CAPÍTULO QUATRO:

Rogo por um Milagre

Ele teria vindo prestar condolências a "Sunflower"? (O que um DES-MESU entende de condolências?) Teria vindo porque me viu carente? (Para a raça DELE, carência e apoio eram fraude!) Não, ele viera só para pairar, dissipar e sumir. Ele viera para confundir.

E conseguiu.

O menino órfão parou para avaliar o cadáver da mãe. A palidez já se assentara na pele. Sua boca estava curvada para trás, o rictus perplexo, pústulas de saliva seca acumulando-se nos cantos.

"Isto é minha mãe?", eu me perguntava — e concluí que não podia ser. Era uma casa, antes habitada, agora vazia. Um casaco abandonado. A essência de Sheila Fay Bernbaum havia partido.

"Porém", surgiu a pergunta (como LUTEI para detê-la!) "Partido... para onde?" Para o Céu angelical? Para o Inferno dos demônios? Ao oblívio meticulosamente detalhado pelo Sábio de Ocean Parkway há tantos e brooklynescos anos?

Minha mente girava; meu coração se rompia; gritei, gritei, gritei e gritei.

Corri do leito de "Sunflower", buscando consolação peluda de cartola. "Ira!", uivei. "Ela morreu! Minha mãe morreu!"

"TODO MUNDO morre, garoto", foi a resposta da consolação. Então, a consolação me deu um chute no traseiro, palitou os dentes e me deu as costas.

Um emaranhado de desespero e terror, eu me encurvei ao lado de minha mãe, minha alma purificando-se com uma tempestade de lágrimas.

"Caro Deus, se você existe, e eu sei que sim, por favor, me prove! NOS prove!"

Evitei o sono, a comida e a razão durante dias, orando continuamente pela ressurreição de "Sunflower". Sabia que Deus ouviria minha súplica. Sabia que seria recompensado pela minha fé.

Então, a chuva cessou, o medo mitigou, o desespero partiu e a esperança, "aquilo que tem plumas", agitou-se no meu cenho.

"Traga-a de volta, caro Deus! Faça-a levantar-se como fez com LÁZARO! Um milagre, bom Deus! QUEREMOS UM MILAGRE!"

E FUI!

Minha recompensa foi carne pútrida, olhos ocos e um fedor pungente que, enfim, me levou a deixar o quarto (o vômito a borrifar como uma garrafa de água com gás depois de agitada).

Em reação à esperança, meus dedos entrelaçaram-se. Minhas pálpebras fecharam.

E ROGUEI:

A sinfonia da vida de minha mãe estava plenamente decomposta...

...mas a sinfonia de sua MORTE ainda tinha um último acorde. Podiam ter me negado um milagre, mas eu não negaria a minha mãe o respeito.

"Ela vai ter um funeral digno", decidi, a tempo de ver Ira arrastando o corpo de "Sunflower" até a câmara de vácuo mais próxima.

"Você tá DOIDO!", ele bramiu ao saber do meu plano. "A gente tem que botar esta podreira pra fora! Tá fedendo mais que eu!"

Incólume, não arredei o pé. Apático, ele assentiu. "Faz o que cê quiser", ele grunhiu, erguendo-me o dedo médio. "O funeral vai ser teu".

Ao consultar as Páginas Amarelas Celestes nos bancos de referência de Cornélia-I7, descobri que estávamos a um dia de viagem do planeta MIMDAMIMDÁ: um mundo pequeno, um mundo SHOPPING CENTER, que abastecia o consumidor cósmico com uma cornucópia de lojas e serviços, incluindo uma casa funerária/crematório chamada "Palácio do Funeral" ("Garantimos:", dizia o anúncio, "a melhor morte da sua vida ou seu dinheiro de volta!")

Uma mudança de rota e dezenove horas depois, estávamos em órbita de Mimdamimdá; e presos num engarrafamento galáctico. ("Fim de semana da porra", reclamou o atendente do estacionamento. "Todo imbecil deste QUADRANTE faz as compras no fim de semana!")

Peguei o ticket, deixei a nave aos cuidados do atendente e tomei a barca até a superfície do planeta, com um Ira embriagado (duas cervejas na mão, três no bucho) cambaleando logo atrás.

CAPÍTULO CINCO:

Fazem-se os preparativos

GUERRA

GUERRA É LEGAL

Costurando pelas multidões (multidões, multidões, multidões! E eu que achava o Zoológico lotado!)...

...consegui encontrar o "Palácio do Funeral" (e admito que não deixaria de encontrar)...

PALÁCIO DO FUNERAL

...e estabeleci relações com o Agente Funerário...

...SR. JOBEDIAS UNTUOSSO.

OOH, POBRE COISINHA LACRIMOSA! A MARCA DO INFORTÚNIO SE MOSTRA EM SUA TESTA!

POR FAVOR... POR FAVOR...

...PERMITA QUE O SR. UNTUOSSO O AJUDE!

Era um falsário escorregadio, um parasita vulturino, mas meu luto havia me privado tanto do raciocínio quanto do ânimo de contestar.

Untuosso falava; eu ouvia.

Ele propunha; eu aceitava.

Ele cobrou; eu PAGUEI.

As montanhas de dinheiro que depositei naquelas patas oleosas não me significavam nada. Eu queria que o falecimento de minha mãe fosse IMPORTANTE; que fosse PERCEBIDO no universo, não algo a se esquecer com um bocejo.

VENDA

Ao fim, eu já havia contratado CARPIDEIRAS PROFISSIONAIS: "as mais pranteosas, berrantes, suspirantes, gritantes, soluçantes e range-denteantes que o dinheiro pode comprar", segundo Untuosso.

Mas eu não sabia do SEGUINTE:

O Sindicato das Carpideiras entrou em GREVE (exigiam menos horas, mais salário e necrofilia ilimitada) e o Sr. Untuosso, astuto, chamou FURA-GREVES para carpir pela pobre "Sunflower"!

POR AQUI, DAMAS E DELINQUENTES! COMES E BEBES À VONTADE, LOGO APÓS A APRESENTAÇÃO!

BASTIDORES

Depois de recusar-se a pagar a conta, de ser espancado e levar um chute na bunda peluda, ele não estava nem aí: pela primeira vez em 47 anos, Ira tinha uma IDEIA.

Ira, ciente das maquinações de Untuosso (não havia choro que turvasse sua visão da realidade!), abrigou-se em uma taverna a várias quadras dali para beber, empanturrar-se, peidar, beliscar tetas, morder traseiros e conspirar.

Enquanto a inspiração fermentava sob a cartola de meu camarada, o velório teve início.

CAPÍTULO SEIS:

Rabinos e Revoltas

Sheila (empalhada, escorada, posada: com membros motorizados; pele com talco e inchada) estava em um trono diante da sala: um manequim sorridente.

A seus pés, flauteei a dor de um filho enquanto Frodo miauzava uma endecha felina. (Eu estava mais calmo que o cadáver, graças aos sedativos que o Farmacêutico de Plantão do Sr. Untuosso administrara em mim. "Velório é MUUUUUITO deprê", disse o Farmacêutico, ao agulhar meu traseiro. "Não sei por que tem gente que ainda vem!")

Ao nosso redor, as Carpideiras cumpriam seu papel com um choro tão voluminoso que Deus ouviria mesmo se fosse surdo como uma porta.

Podem ter sido as drogas, o luto ou o sobrenatural, nunca saberei dizer, mas, de repente, o ESPÍRITO de "Sunflower" surgiu diante de mim, fazendo piruetas no ar!

"Estou bem, Moon", disse o fantasma de minha mãe. "Não havia o que temer! A alma perdura, Moon! Para sempre e eterna!"

Estiquei o braço para pegar sua mão, mas só consegui tocar fumaça. Assim como meu pai, minha mãe flutuou, dissipou e sumiu. Mas, em vez de desnorteamento, deixou uma melancolia rósea ao passar.

Vi Ira à minha esquerda, arrastando-se porta adentro...

...e à minha direita, o Sr. Untuosso, uma meretriz de sorriso adulador.

Os gritos das Carpideiras cresceram, encresparam-se, depois baixaram.

O Rabino chegou; ele falou bem e com sapiência.

(Talvez a participação de um Rabino a anos-luz da fábrica de SOLIDÉUS mais próxima mereça explicação: querendo que as exéquias de minha mãe ecoassem a fé de sua família...

...usei meu parco conhecimento do judaísmo para alimentar uma máquina que Untuosso chamou de TRANSCEREBROTINENTILADOR TELEPÁTICO.

O aparato foi atado ao perorador-mor do "Palácio do Funeral", puxou-se um botão e... pop! poof! ping! TÍNHAMOS UM RABINO!)

Sua oratória era coalhada de clichês proferidos com toda pompa. Mas precisava-se de clichês, pois a pompa EXIGIA!

Era assim que (conforme minha mãe me levara a crer) se lidava com a perda; que se agarrava à fé!

Então, lidando e agarrando, chorei: por minha mãe, por sua vida, por MIM.

BASTIDORES

PORTEIRO

PORTEIRO

Mas, enquanto minhas lágrimas desciam a rampa suicida até o chão...

SINDICATO DAS CARPIDEIRAS

SEÇÃO 296

?

...o velório de Sheila Fay Bernbaum...

SAIDA

...tomou um rumo deveras peculiar!

O Sindicato das Carpideiras, ao ficar sabendo das fura-greves, invadiu o "Palácio do Funeral" para expressar seu...

...descontentamento.

Eu me escondi em um canto (quanto que um garoto há de suportar?), tremendo e gaguejando, chamando o nome de "Sunflower".

Queria que seu espírito me elevasse aos céus; à paz, à sanidade!

Mas o único espírito que encontrei foi o fantasma grotesco de TIA ETTIE. "Não consigo enxergar!", berrava Ettie, em busca de meus olhos (idênticos aos da minha mãe, idênticos aos DELA!). "A culpa é SUA!"

Fechei bem os olhos, tapei as orelhas e assim continuei até o medo e a curiosidade me obrigarem a espiar: o que vi foi carnificina.

A polícia (logo descobri) estivera lá e levara todos no camburão.

Pondo-me de pé, corri ao trono de "Sunflower", mas a Rainha da Morte havia...

...DESAPARECIDO!

Então, percebi que demônios a haviam roubado!

Enquanto a equipe de cremação se livrava de "Sunflower"...

MÃE!!

...eu me livrava do juízo.

KONK!

...meu juízo se livrou de MIM!

E pouco depois...

Minha mãe foi ensacada e incinerada.

ACME INCINERAÇÃO

OH, GAROTINHOZINHO!

ESTES HOMENS MUITO GENTIS VIERAM POR VOCÊ!

TIREM O PALERMINHA DAQUI!

Eu fui enredado e capturado.

Trancafiaram-me e jogaram a chave fora.

OLHA, NÃO IA SER TÃO BOM NEM SE **EU** TIVESSE PLANEJADO!

Descobri, meses depois, que ele TINHA. Foi ele quem avisou o Sindicato e instigou a rebelião.

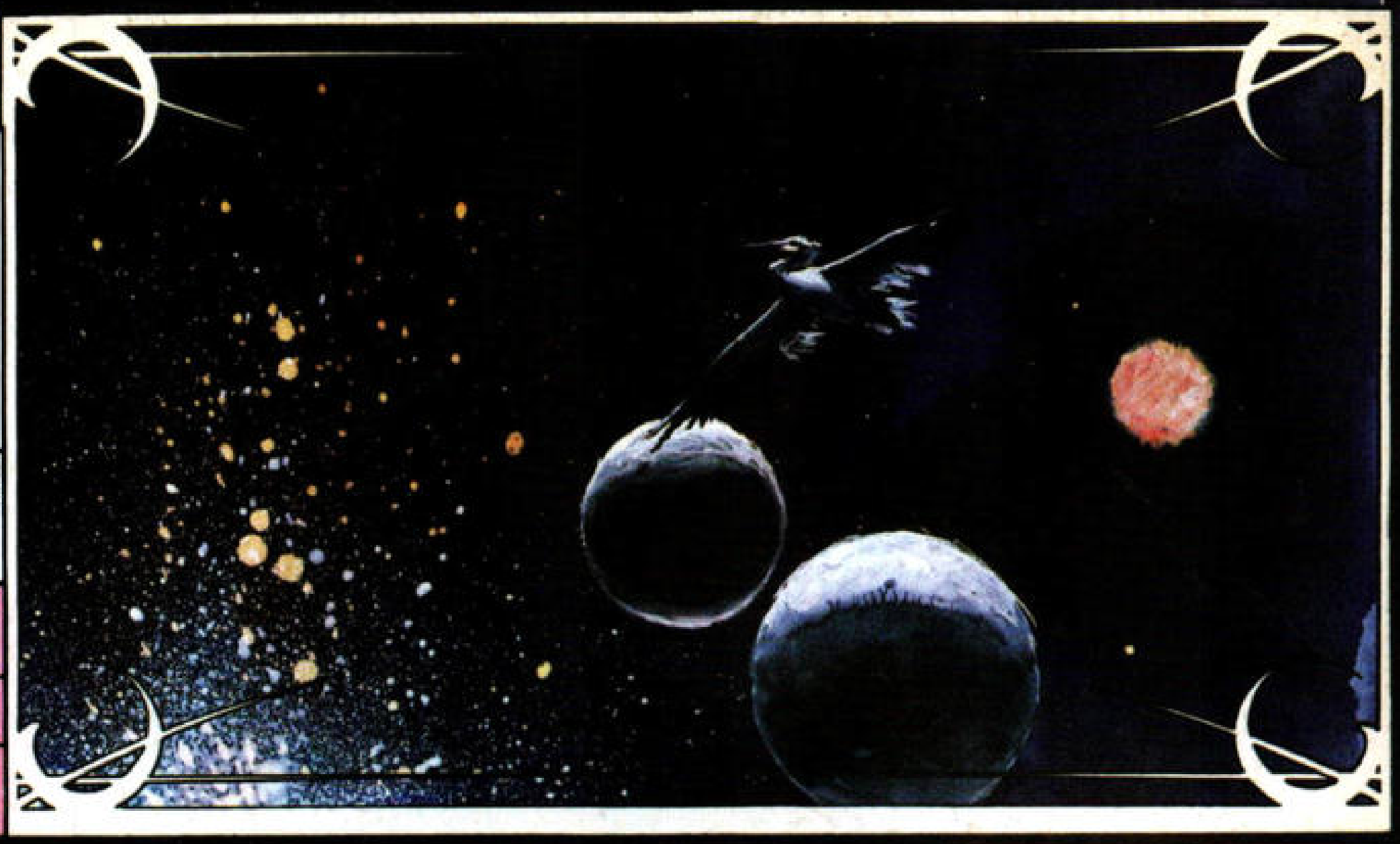
Ah, Ira! Daquele momento em diante, foi como se minha vida se tornasse uma rebelião CONTÍNUA: a dança com o Caos, coreografada por um Des-Mesu com problemas mentais.

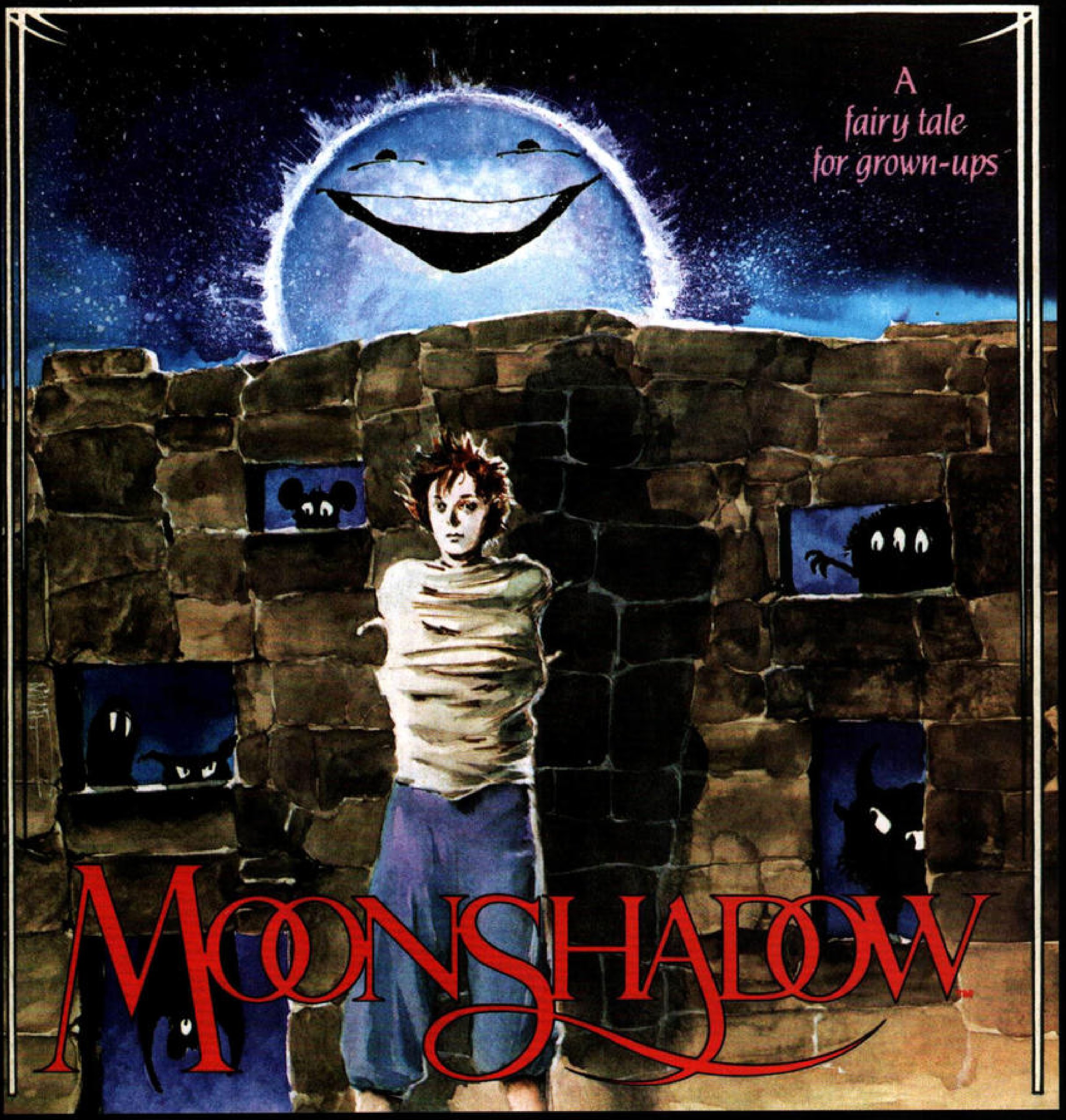
Eu estava cansado; estava ferido; queria um ventre quente e escuro. Mas não havia ventre por vir: ainda havia quilômetros pela frente na minha jornada do despertar.

Livro Três

MOONSHADOW 3
JULY 1985

$1.50 | $1.75 CANADA

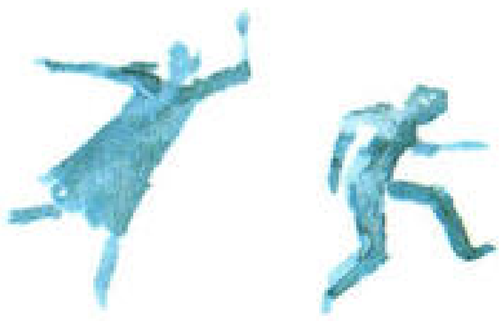




"Vá à praia, vá dançar!
Ah, por que se preocupar
Com o rugir de vento e mar?"

"Desate seus cabelos
Estes molhados pelo sal;
Quem é jovem não conhece
O triunfo do boçal."

"O amor que morre ao vir.
O bom obreiro que falece
Com a colheita a apanhar.
Que criança estremece..."



"...ao gritar do vendaval?"

William Butler Yeats, que endereçou seu poema "À Criança que Dança ao Vento", burilou estas frases memoráveis mais de SESSENTA ANOS antes de eu nascer! Como é estranho que registre as mesmas sensações HOJE; uma ode – um alerta! – do Eu antigo ao moço. Do sol poente ao ascendente...

...no estranho recôndito de um estranho planeta, uma estranhíssima mulher chamada HENRIETTA BERNBAUM KIMMELMAN: tia de minha mãe, irmã de meu avô; menina dos olhos da Insanidade.

Dada a acessos de melancolia e folia, de medo e furor, Tia Ettie assustou o marido (que logo se divorciou), traumatizou os filhos (que depois a rejeitaram) e atormentou os pais (que sempre a adoraram).

Seu irmão mais novo, MARTIN (o que, por fim, a sepultou), cresceu um homem taciturno, tão lúcido quanto Ettie era louca.

Porém, uma vez por ano, como um cuco a irromper do relógio, Martin Bernbaum perdia as estribeiras, revirava os olhos e fazia escândalo; Ocean Parkway tremia; a família se escondia; a Insanidade aplaudia.

Com uma louca de carteirinha na família e um exemplar discutível na sala de estar, não era à toa que a filha de Martin, SHEILA, fosse preocupada com a PRÓPRIA sanidade.

Também não era à toa que (tal como sua tia) um dia ela tenha largado a família, abdicado das responsabilidades e partido em busca de sonhos vagos.

Mesmo em uma geração festejada pelo desvario, "Sunflower" era um destaque. "Mas", ela escreveu no diário, no verão de 1967, "quem diz que ser louco é ruim? Quem diz que a loucura não nos deixa mais próximos de Deus?"

Pois é, mãe. Quem?

Quem?

Lembrei das palavras de "Sunflower" sentado em um canto do "Lar Jobedias Untuosso para Meliantes e Malucos": de camisa de força, salivante, apático.

Ao meu redor: os outros detentos a cabriolar. Aos meus pés: Frodo a miar. Dentro de mim: a culpa a borbulhar.

Eu me culpava pela morte de minha mãe, pela infelicidade de Ira, pelo infortúnio de meu gato. Eu me culpava pela guerra, pela fome, pela pestilência e pela moléstia. Eu me culpava por me CULPAR... E aí, sentia mais culpa!

Essa culpa borbulhante gritava por um escape; eu TINHA que fazer com que ela saísse. Mas, como? Gritar só ia sentenciar-me mais aos olhos dos médicos já certos da minha mania. Vomitar, embora gratificante e perverso, irritaria os auxiliares que se deleitavam em mutilar os pacientes. CHORAR seria a melhor opção, mas as lágrimas que eu derramara no funeral de "Sunflower" haviam esvaziado minhas glândulas!

Então, enxerguei a resposta: eu CANALIZARIA minha culpa, transmutaria em amor e ela banharia meus camaradoidos.

"Oh, camaradoidos", cantei, compaixão e camaradagem a inflar meu peito. "Camara-DOI-dos!"

De início, ninguém respondeu.

...então, um camarada ACAMARADOU-SE!

OLÁ.

ACHEI QUE *EU* HAVIA DITO OLÁ.

OLÁ.

DITO O QUÊ?

OLÁ.

OLÁ!

ACHEI QUE *EU* HAVIA DITO OLÁ.

ACHO QUE SIM. EU SOU O MOON. E VOCÊ?

SOU O *REI MACHA*, SENHOR E REGENTE DA *MACHÓVIA!*

MACHÓVIA? ONDE FICA?

ORA, CRIANÇA! NÓS *ESTAMOS* NA MACHÓVIA! ESTÁ CEGO? SURDO? MUDO? TODAS AS ANTERIORES?

EU... hã... NÃO SABIA. ACABEI DE *CHEGAR.*

VOCÊ PRECISA DE *INSTRUÇÃO*, CRIANÇA! VOU DESPACHÁ-LO EM MISSÃO DIPLOMÁTICA PARA ENCONTRAR... A *VERDADE!*

É BEM DIFÍCIL ACHAR A VERDADE, REI MACHA. HÁ QUEM PASSE A *VIDA* PROCURANDO!

AH, MAS *EU* SEI ONDE ELA ESTÁ!

SABE? *ONDE?*

DESCE PELO NARIZ... SOBE PELO BUMBUM... LÁ PELOS CAMINHOS ONDE FICA O FUTUM!

NÃO DEIXE DE PROCURAR!... NÃO PENSE QUE É BUGIGANGA! POIS VAI CHEGAR O DIA DO...

??

QUE ALOPRADO!

COWABUNGA!

QUEM... O REI MACHA?

REI *O CARAMBA!* É UMA ROLHA DE POÇO COM DELÍRIO DE GRANDEZA!

ELE É MEIO... *LOUCO*, SABE?

EU TAMBÉM. EU ACHO.

BOM, EU NÃO SOU LOUCO! SOU SÃO COMO... SÃO COMO... COMO ERA MESMO A METÁFORA?

AH, ENFIM... NÃO INTERESSA!

O QUE INTERESSA É O SEGUINTE: SE VOCÊ QUER DESCOBRIR A VERDADE, TEM QUE DESCOBRIR ALGUÉM QUE SAIBA O QUE É A VERDADE!

E, POR ACASO, *EU* SOU ESSA PESSOA...

...E DIVIDIREI DE BOM GRADO OS SEGREDOS DO UNIVERSO...

...SE VOCÊ FOR... *GENTIL* COMIGO!

O-O QUE ESTÁ FAZENDO? SOLTE O MEU--

Shhh! NÃO GRITE! EU *PROMETO* QUE NÃO VOU MACHUCÁ-LO! EU--

SOCOOORRO!!

AH, DROGA.

VOCÊ GRITOU.

Sim, gritei.

E enquanto os auxiliares soltavam a mangueira e meu admirador berrava...

...eu me libertei; corri de volta ao meu canto, onde toda e qualquer ideia de me unir aos camaradoidos desapareceu.

Atordoado e aborrecido, fechei os olhos e caí em sono leve...

...e sonhos pesados.

Sonhei com "Sunflower". Sonhei com Ira. Sonhei com o Brooklyn e com o Zoológico.

Sonhei com meu PAI...

...e percebi (tarde demais!)...

ZZZZ

POOF!

...que não era um sonho.

Enquanto eu me retraía da manifestação brusca de meu pai, meu amado companheiro IRA...

...recuperava-se de um brusco CHOQUE!

Imediatamente após o velório de "Sunflower", Ira, enlevado (e livre de mim, ele pensou) pulou no primeiro transporte galáctico para tirar nossa nau da espaçodoca e içar velas a margens distantes.

Um plano muito sensato. Mas, como Minnie Bernbaum dizia à sua neta, Sheila: "O homem PLANEJA enquanto Deus RI!"

Capítulo Dois: Sou Resgatado

Mas IRA não ria quando pegou o transporte de volta a MIMDAMIMDA. Não. Ele matutava e resmungava...

...e maldizia meu nome.

"Preciso de grana", ele pensou, voltando a bater perna pelas ruas. "Eu não TENHO grana. Pra TER grana, você tem que trabalhar. Problema: eu ODEIO trabalhar".

"Solução: arranca o guri da casa de doidos, bota ELE pra trabalhar e dá um PÉ NA BUNDA quando tiver a grana!"

Encantado com a própria criatividade, Ira correu como um rato (com rabinho de pompom) para o "Lar Jobedias Untuosso".

Apesar da urgência de sua missão, o rato se distraiu com o cheiro de um queijo apetitoso.

De início, o rato alegou indigência: "Não tenho GRANA pros produtos", disse ele, debulhando-se, patético.

Mas quando a vendedora de queijo deixou claro que não havia DEGUSTAÇÃO...

...o rato achou um bolso, localizou as devidas moedas, AGARROU o queijo...

...e depois seguiu seu rumo.

O tempo passou. Eu dormi... Depois acordei, lúcido e liberto.

As drogas haviam dado um jeito em mim e alguém (um auxiliar? Um detento? Meu pai das venetas?) me soltara da camisa de força.

De mãos livres, procurei no bolso a única posse que os apreensores não haviam conseguido arrancar de mim: MINHA FLAUTA.

Então, com lábios úmidos e um salto garboso, irrompi em música.

O PORQUÊ daquilo, não sei dizer. Talvez fosse a libertação que eu tanto aguardava. Talvez eu buscasse o aconchego das alegrias da infância.

SNAP

Ou talvez fosse apenas a LOUCURA...

...na sua forma mais doce.

Dançamos, de rostinho colado, doido com doido.

Dançamos e dançamos até a alegria suplantar a tristeza; até a demência e a divindade mesclarem-se; até IRA (e pobre da enfermeira, de cujo uniforme ele se apossou!)...

...entrar pela porta.

Uma rápida olhada e a Esperança deu pulinhos.

Um rápido PRONUNCIAMENTO...

Ô! VOCÊ AÍ DO GATO! NÃO FALEI PRA NÃO SE METER COM OS PACIENTES?

PELAMOR... QUER CONTAMINAR TODA ESTA ENFERMARIA COM A PESTE...

...PICATITICA?

VUUUUS!!

FUI!

...e a Liberdade nos acenou.

Os detentos correram para se proteger.

NÓS corremos para a saída.

Os AUXILIARES correram atrás de nós.

IRA...?

TÁ TRAVADA!

E aí, NÃO corremos mais.

PÔ, NÃO FICA AÍ PARADO, GURI! FAZ ALGUMA COISA!

O que eu podia fazer para deter os infames brutos?

Minha única arma era minha flauta (e alguns apitos).

Então, tocar minha flauta foi o que fiz, e toquei e toquei mais.

Os guardas foram para trás, curvaram-se e sorriram...

...depois deslizaram pelo piso!

Enquanto eles pavoneavam, nós forçávamos a porta, até que ela abriu e descemos a escada na ponta dos pés.

Aos poucos, a canção da minha flauta se perdeu. Aos poucos, os olhos turvos se deram conta.

Mas, quando os alarmes repicaram e as sirenes guincharam...

...estávamos longe.

Passamos horas fintando e abaixando, acocorados e escondidos, e, ao longo disto, a Culpa (criatura desavergonhada!) ressurgiu na minha mente.

"Você os deixou lá", cochichava a Culpa. "Você abandonou seus camaradoidos! Você não tem coração? Não tem alma? Não tem CONSCIÊNCIA?"

Pensei no rosto de minha mãe, empalidecido pela morte; na garota inocente que abandonáramos à peste e aos monstros, no Aglomerado Chutacaca. Pensei no Rei Macha e seus súditos no Reino da Loucura...

...então, eu me levantei, peguei a Culpa pela mão e dei meia-volta para o "Lar Jobedias Untuosso".

Mas um puxão no meu cabelo e um chute no traseiro me convenceram de que tal atitude era insensata. "Arrisquei meu couro por você, guri", ralhou Ira, arrastando-me a um esconderijo, "e eu NUNCA mais vou fazer uma coisa dessas!"

"Oh, Ira", solucei, sufocando-o de beijos, "você se arriscou MESMO por mim! Você me ama tanto quanto eu amo você!"

O amor por si só já era um conceito vil, mas o amor de um garoto e seu gato era demais para meu salvador hirsuto.

Ele cogitou recorrer à violência...

...mas percebeu que seu futuro financeiro dependia do meu afeto.

Assim, abraçamo-nos; assim, chorei; assim, ele planejou...

...e armou a arapuca: "Tenho uma coisa pra falar contigo... meu filho", ele disse. "O que quiser, Ira! O que você QUISER!" "Acho que tá na hora de você começar a..."

Capítulo Três:

Shimmy, Shimmy, Ko-Ko Bop

"...TRABALHAR."

E trabalhar foi o que fiz, semanas a fio, no emprego que houvesse: de bufão a babá; de gari nas ruas a faxineiro nas latrinas. Os empregos iam e vinham; as moedas enchiam nosso cofre. "Mais!", Ira exigiu (depois de beber e putear nossa fortuna)... E eu voltava ao batente.

Trabalhar. Trabalhar! TRABALHAR! **TRABALHAR!** O dinheiro entrava e Ira saía, voltando sempre numa nuvem de birita e sexo. "A nave!", eu lembrava a ele. "Temos que tirá-la do prego!" "Eu sei o que eu tô fazendo, guri", ele dizia, a caminho de mais uma farra. "Não faz eu me arrepender de tudo de bom que fiz pra ti!"

Com o tempo, a exaustão me sobrepujou. "Eu não consigo MAIS", berrava, envergonhado com meu fracasso. Para meu espanto, Ira CONCORDOU. "Esses servicinhos de meia-pataca vão dar em nada. A gente tinha é que mirar na Grana Preta, e tem que ser depressa".

O que, para Ira, significava UMA ÚNICA COISA:

FURTOS.

Uma palavra que, em mim, suscitava terror; uma palavra asquerosa que eu mal podia PRONUNCIAR!

Uma palavra vinculada a imagens do passado: não do meu...

...mas de MINHA MÃE.

O ano era 1960: Sheila (que ainda não era "Sunflower"; que ainda não era minha mãe; que ainda não era pó!), catorze anos, a proscrita ansiosa por ENTURMAR-SE (na idade em que ter sua turma era o mais importante), dispensara seu verdadeiro EU e adotara um NOVO: o que trajava couro preto e calças justas; com várias camadas de maquiagem e cabelos alisados; oculta atrás de um muro de sorrisos falsos e sarcasmo.

Ela vivia uma mentira e contentava-se em MENTIR, pois, em troca, teria AMIZADE (por mais que tênue).

Enquanto Martin Bernbaum fumegava em silêncio e Esther coçava uma brotoeja que não parava de crescer, a filha vagava pelas ruas do Brooklyn com as amigas: estalando chicletes, retumbando rádios portáteis, zombando dos caretas e sonhando com FABIAN.

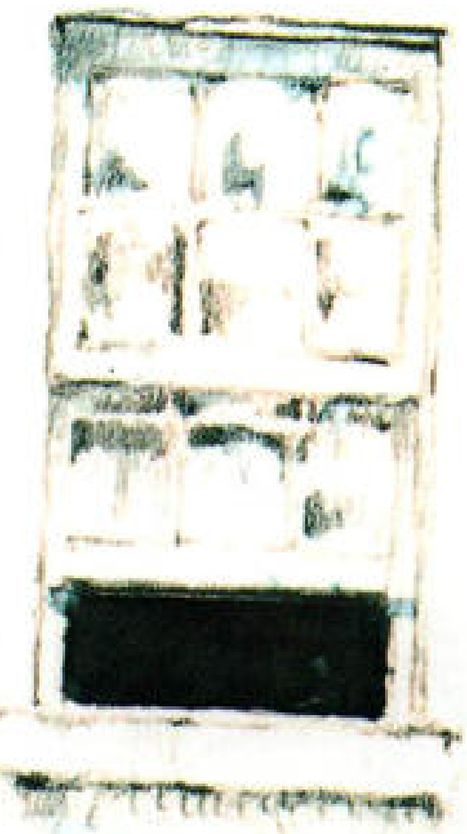
Havia regras naquele jogo, assim como papéis a cumprir: líder, seguidora, bode expiatório. A última função recaiu à míope vítima da acne chamada Terry Izzo ("A Terry PANACA", como diziam pelas costas).

Terry era a piada de todas as oportunidades; a desculpa para pegadinhas doentias; a serviçal disposta que punha a aceitação do grupo acima do amor-próprio. Sheila, que sabia o que era ser pária, sentia ÓDIO DE SI por participar da malhação comunal.

ATÉ o dia do Grande Roubo de Discos: matando aula, as meninas invadiram o apartamento de Terry para uma rodada de fofocas, fumos e furtos. Enquanto a Panaca esforçava-se para ser a anfitriã perfeita (servindo comes, bebes e os inibidores de apetite da mãe), suas "amigas" pilhavam sua coleção de discos, surrupiando os prediletos.

Com "Big Hunk o' Love", "Tell Laura I Love Her", "Venus" e "Shimmy, Shimmy, Ko-Ko Bop" por baixo da blusa, Sheila correu para casa, ATORMENTADA pelo que havia acabado de fazer.

Com as mãos trêmulas, ela deixou os 45 rotações furtados sobre a boca do fogão (assistindo-os se deformarem e reformatarem com júbilo perverso)...



...e depois LANÇOU-OS pela janela do apartamento: "Big Hunk o' Love" estatelou-se nos arbustos; "Tell Laura I Love Her" atingiu um poste e rachou; "Venus" subiu ao céu e sumiu de vista...

...enquanto "Shimmy, Shimmy, Ko-Ko Bop" singrou a Webster Avenue e pousou, incólume, no pátio da IGREJA do outro lado da rua.

"Naquela noite", minha mãe me disse, vinte anos depois, "eu tirei minha maquiagem, penteei meu cabelo para trás, joguei minha calça jeans e minha jaqueta de couro no armário..."

"...e rezei pedindo perdão".

Mais que isso, mãe: você rezou para que ALGUM Deus ouvisse sua oração.

Você nunca DEIXOU de rezar, não é? Sua vida INTEIRA foi uma longa e insistente oração!

Às vezes, acho que posso dizer o mesmo da MINHA.

Em Mimdamimdâ, eu rezei como um SANTO ARREBATADO: sabia da vergonha que você tivera da breve carreira de ladra; agora Ira pedia que eu fizesse pior.

Então, caí de joelhos, curvei a cabeça e requisitei orientação. Mas não pedi a DEUS; supliquei a VOCÊ: "Ajude-me a resolver isto, mãe! Diga-me o que fazer!"

Não ouvi trombetas: nenhuma voz veio do alto. Mas, de algum modo, eu ENTENDI.

Na manhã seguinte, anunciei: "Não tenho como ajudá-lo, Ira. Roubar é ERRADO. Pelo menos... EU considero errado".

"Espero que possa me perdoar. E espero que ENTENDA."

Ele não teve nenhuma destas reações.

"Cê acha que eu PEDI pra estar nesta sinuca?", ele berrou. "Eu tava contente lá no meu domo, só na birita e na bronha! Mas você... você, seu imbecil... VOCÊ ESTRAGOU TUDO!"

"D-desculpe", gani dos meus lábios ensanguentados e inchados. "Sinto muito... pelo que lhe fiz".

"Eu te amo, Ira. Você é meu amigo... você é como um PAI para mim... VOCÊ É TUDO QUE ME RESTOU!! Por favor... não me odeie. Eu vou me comportar. Prometo! Eu faço o que você quiser! O QUE VOCÊ QUISER!"

MAS NÃO ME ABANDONE.

Por que eu continuei com ele? Por que suportei os maus-tratos? Eu era tão ingênuo a ponto de não enxergar o que ele me FAZIA? Como ele me USAVA?

Talvez.

Mas, mais do que isso, acho que eu estava absolutamente só; absolutamente assustado; transbordando de mágoa! (E, de um modo imperscrutável, eu AMAVA Ira de todo coração.)

Então, deixei a moral de lado. Então, ignorei minha mãe.

Então, iniciei minha carreira...

...de criminoso.

Capítulo Quatro: Crime e Castigo

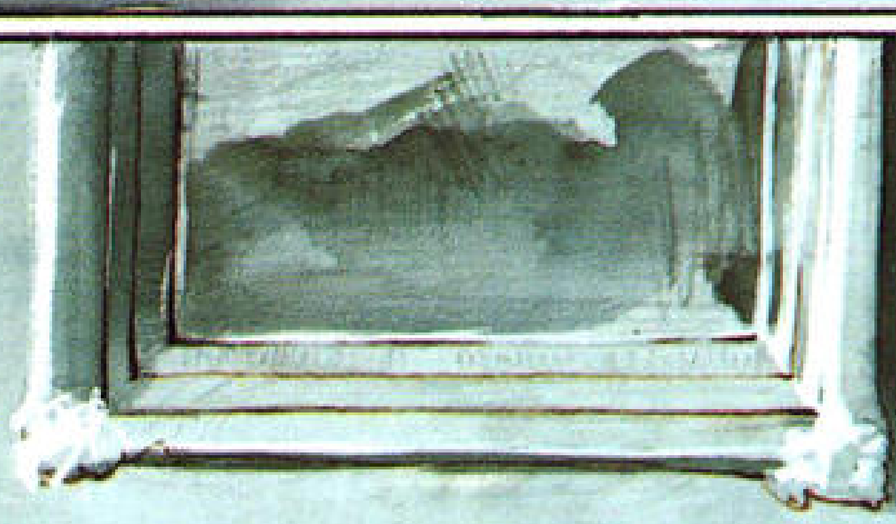
Como o vento UIVOU quando eu fiquei diante do "Lar Jobedias Untuosso para Esquisitices e Antiguidades"! Meu corpo estremeceu; minhas roupas esvoaçavam; parte de mim murchou e morreu.

Atrás daqueles portões dourados estava o objeto da nossa caçada: um OVO, veja só. Não QUALQUER ovo, é claro, mas o lendário "DIVINOVO".

Segundo a mitologia, foi exatamente sobre esse ovo (creditado ao extinto Putz-Putz Pismaquiano) que SHRIQUÁ-QUÁ-QUÉÉÉ, fundador do QUAQUAQUEÍSMO, ficou sentado durante cinco anos, ponderando (e RESOLVENDO, dizem!) o Mistério da Criação.

Ragstone Phillit (sábio e cínico) tratava esta história como mentira maligna criada por homens malignos para perpetuar uma religião maligna. "O ovo em si", escreveu Phillit, "é uma fraude: resultado de cola, pintura e padres, e não de um pobre passarinho que já está extinto".

Seja como for, o "Divinovo" era um bem cobiçado: se pudéssemos surrupiá-lo (Oh, mãe!) e vendê-lo (Perdoe-me, mãe!), ficaríamos mais ricos do que a imaginação alcança!



Arrombamos cadeados; meu traseiro foi chutado; entrei com as pernas bambas.

Olhei para a esquerda; olhei para a direita; fixei-me na minha frente.

Lá estava o ovo, grande e gordo; colorido e risonho.

Não pareceu que ele havia me notado (ou que se importou com meu pecado).

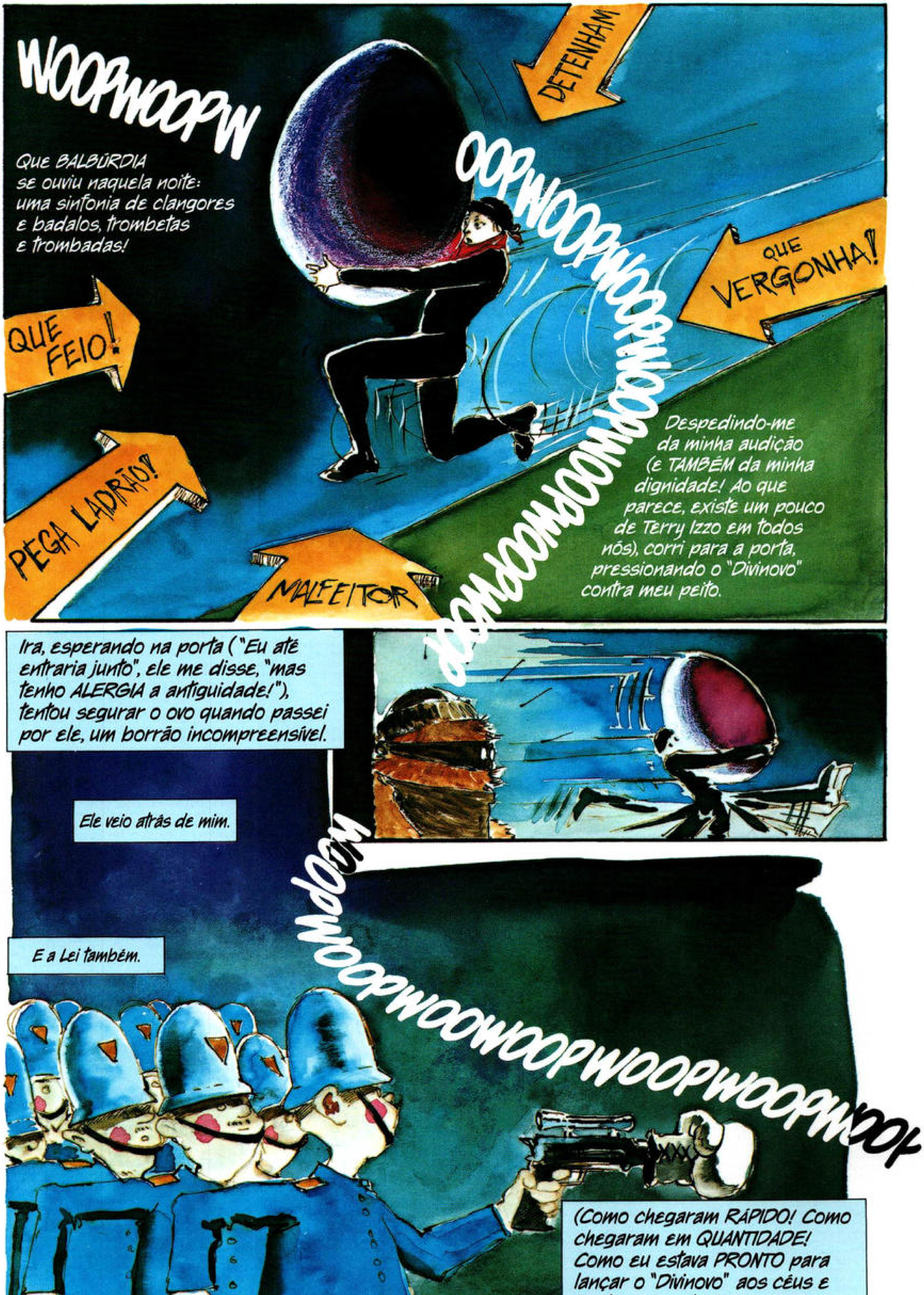
Fiquei fitando; cheguei perto; e então, eu me dei conta:

Este ovo podia ser...

...MEU PAI disfarçado!

Coloquei a mão na minha sacola de ladrão; puxei minha fiel marreta.

Envergonhado, mirei. Bati! Gritei! Soltei-a com toda VIOLÊNCIA!


WOOPWOOPW
Que BALBÚRDIA se ouviu naquela noite: uma sinfonia de clangores e badalos, trombetas e trombadas!
DETENHAM
QUE VERGONHA!
QUE FEIO!
PEGA LADRÃO!
MALFEITOR
Despedindo-me da minha audição (E TAMBÉM da minha dignidade! Ao que parece, existe um pouco de Terry Izzo em todos nós), corri para a porta, pressionando o "Divinovo" contra meu peito.
Ira, esperando na porta ("Eu até entraria junto", ele me disse, "mas tenho ALERGIA a antiguidade!"), tentou segurar o ovo quando passei por ele, um borrão incompreensível.
Ele veio atrás de mim.
E a Lei também.
(Como chegaram RÁPIDO! Como chegaram em QUANTIDADE! Como eu estava PRONTO para lançar o "Divinovo" aos céus e implorar por leniência!)

Mas eu o segurei firme e continuei correndo, decidido a não decepcionar Ira mais uma vez.

Razão pela qual me surpreendi ainda mais...

BONK

...quando ele ME decepcionou!

Enquanto Ira corria aos risinhos abafados (com a Lei em seu encalço), eu, voltando a ser um bebê babão, me arrastei até um beco.

Ali, ocultado por uma pilha de lixo, eu chorei. E chorei. E chorei.

Não foi o latejar dolorido na minha CABEÇA que extraiu as lágrimas agudas. Não...

...foi o latejar dentro do meu CORAÇÃO.

O fato de eu AINDA ter coração era uma novidade, pois minha certeza era a de que o golpe de Ira o havia partido em mil pedaços.

TREME

TREME

Pobre criança: não conseguia DECIFRAR por que meu caro amigo havia me traído. Perguntei-me se eu era uma companhia tão temível; um menino tão vil.

Ou era castigo pelos meus pecados? Afinal, eu HAVIA roubado, e algo muito mais valioso do que "Shimmy, Shimmy, Ko-Ko Bop"!

"O 'Divinovo!'", pensei. "Se pudesse ME SENTAR em cima dele! Quem sabe eu resolveria o mistério! Quem sabe eu encontraria a resposta!"

-?

"NÃO HÁ respostas", disse uma voz das trevas (absolutamente familiar, mas absolutamente estranha). "E os mistérios prosseguem até seu último suspiro!"

Capítulo Cinco:

Recebo Conselho de Procedência Imprevista

QUEM É?

Estava ali uma visão de beleza lunática; a própria deusa do Pinel:

TIA ETTIE.

"Olá, querido sobrinho-neto", ela ronronou, com uma mesura desajeitada. "Olá, meu doidinho!"

COMO É QUE VOCÊ VEIO PARAR AQUI?

ENTÃO... VOCÊ É UMA ALUCINAÇÃO!

VOCÊ LEVOU UM BAQUE NA CUCA, MEU DOIDINHO! SEUS MIOLOS ESTÃO TODOS REVIRADOS! TUDO É POSSÍVEL QUANDO SE REVIRA OS MIOLOS!

ORA, SIM! MAS, POR OUTRO LADO, QUEM SABE VOCÊ SEJA A ALUCINAÇÃO... E EU, REAL!

Dito isso, ela pegou minha mão e, como o Fantasma do Brooklyn Passado, me ergueu aos céus! Sobrevoando a cidade!

"Por que você veio a mim?", perguntei à minha tia-avó enquanto voávamos (como parecia NATURAL ser um pássaro sem asas!).

"Vim ajudá-lo a encontrar seu caminho", disse ela.

"E qual é?", perguntei.
"Ora, o caminho do louco!", ela respondeu, mergulhando para desviar de nuvens.

"Mas, tia-avó", disse eu, "você não pode estar falando sério!"
"É CLARO que estou! Melhor ser louco do que sair ao mundo revolto da morte, da culpa e das almas famintas... não acha?"

"Não sei O QUE eu devia pensar", falei, enquanto navegávamos pelas ruas enevoadas. "Minha cabeça DÓI demais para pensar!"

"AGORA você entendeu!", disse Ettie, sorrindo e batendo palmas. "Não pense! Não busque! Acima de tudo: NÃO SONHE!"

"Seja LOUCO, meu doidinho!", ela disse às risadinhas, enfiando um dedo no nariz e debandando dali. "Louco como um chapeleiro!"

Então, ela sumiu: de névoa virou névoa.

Cocei os olhos e olhei ao redor: estava de volta ao "Lar Jobedias Untuosso para Meliantes e Malucos". Era óbvio que eu não chegara ali VOANDO; era óbvio que Tia Ettie era apenas criação da minha cabecinha inchada.

JOBEDIAS UNTUOSSO

Ainda assim, naquele instante, eu não queria nada além dos conselhos dela; voltar lá para dentro e ficar a salvo, com Rei Macha e meus camaradoidos.

O Zoológico estava perdido, minha mãe estava morta, Ira estava longe...

...e a Insanidade me chamava.

Escalei o muro ("Não pense!", ecoava a voz de Ettie), avistei a detenção ("Não busque!"), preparei-me para pular ("Acima de tudo: NÃO SONHE!").

NÃO SONHE?

Hesitei.

Tarde demais!

PARADO!

Os holofotes me cegaram; mãos me seguraram; fui arrastado, puxado, rodopiado!

Lá estava Ira, algemado e zangado.

Lá estava a polícia, orgulhosa e soberbosa. E lá estava eu: confuso, tremendo...

...e PRESO.

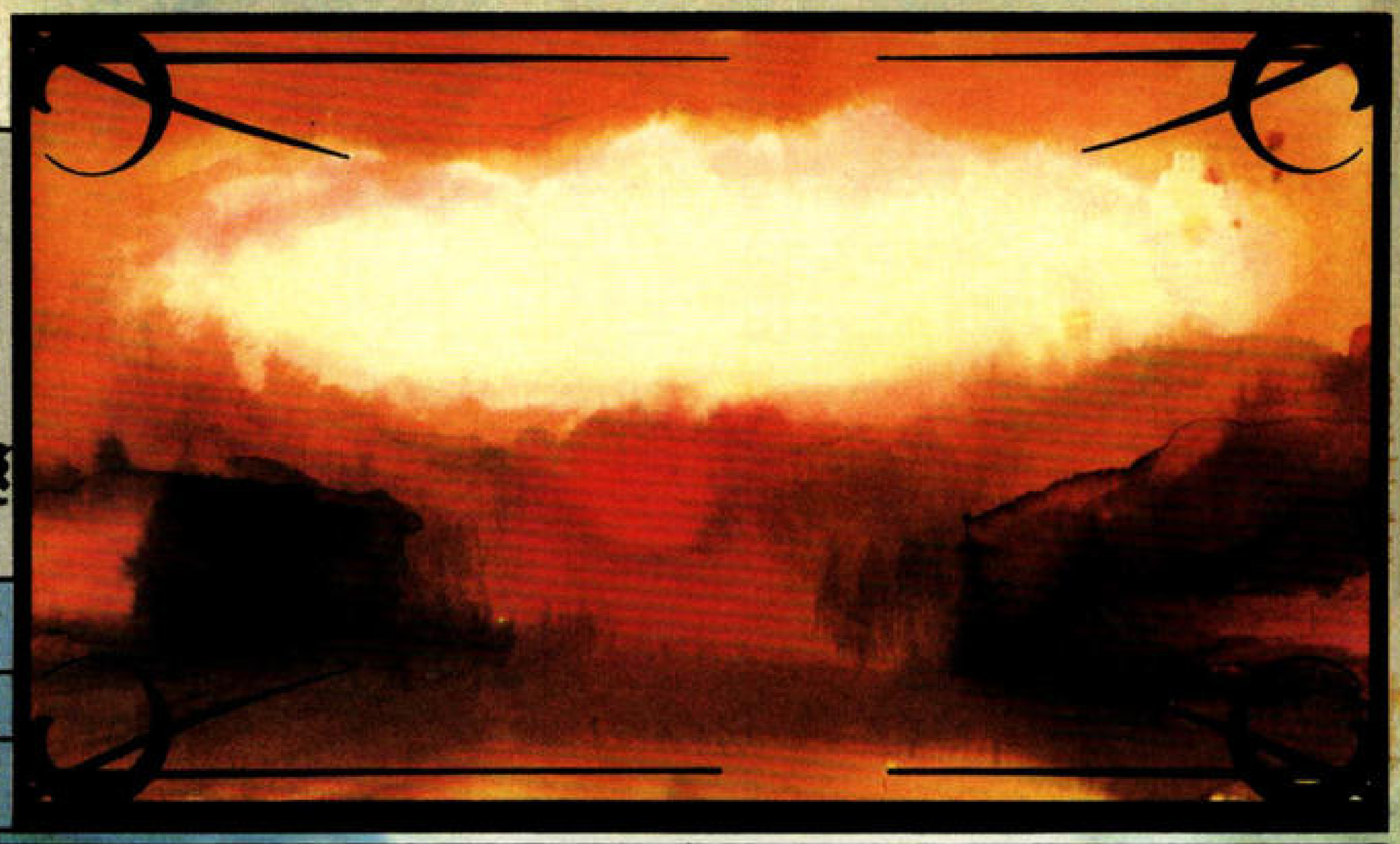
Enquanto o camburão partia (Ira e eu nos fundos, trocando olhares hostis), fiquei ponderando sobre a vida no cárcere que me aguardava, sem saber que havia algo mais BRUTAL no meu futuro.

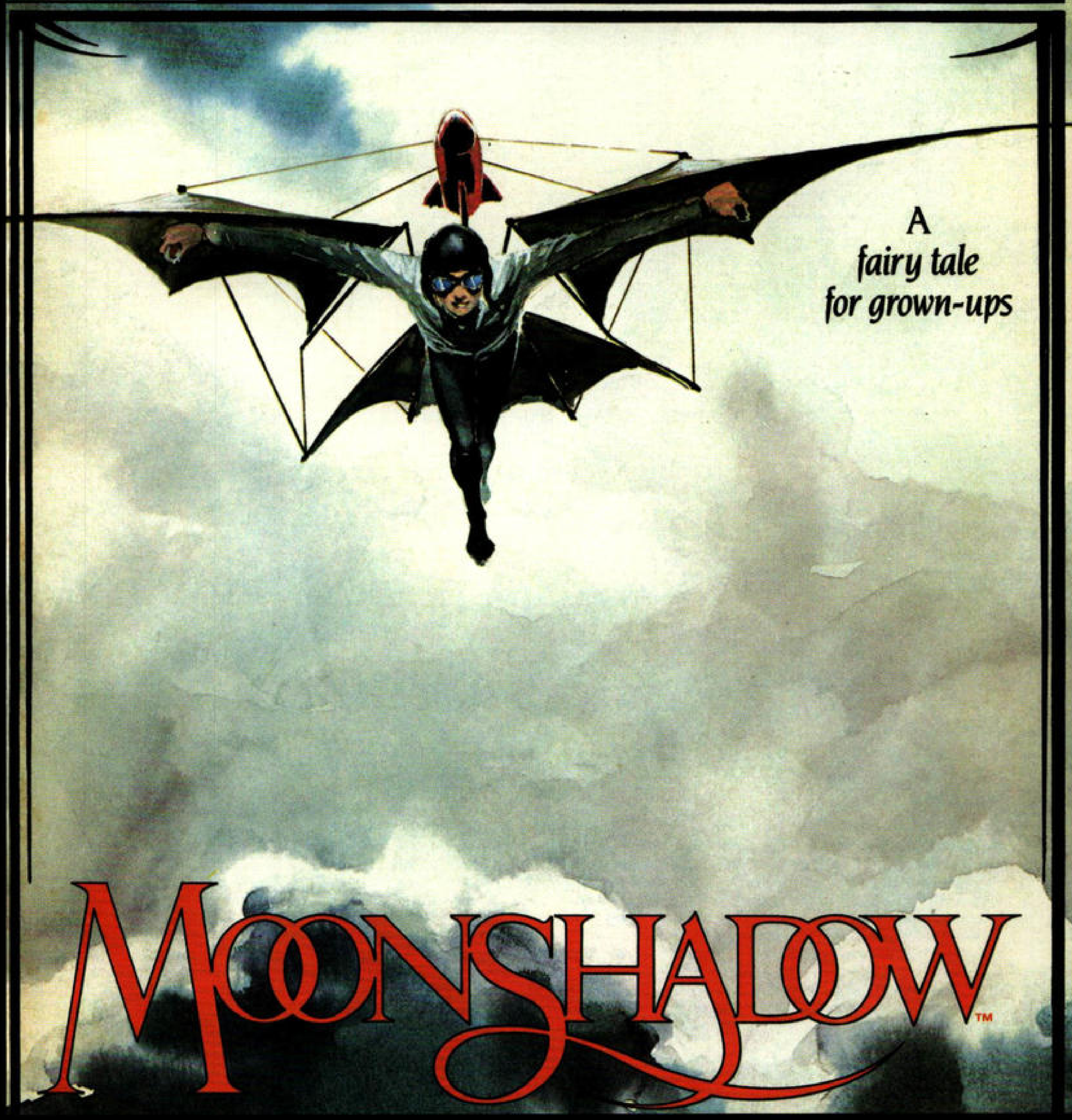
Minha jornada do despertar estava prestes a dar uma temível guinada.

Livro Quatro

MOONSHADOW 4
SEPTEMBER 1985

$1.50 | $1.75 CANADA





A
fairy tale
for grown-ups

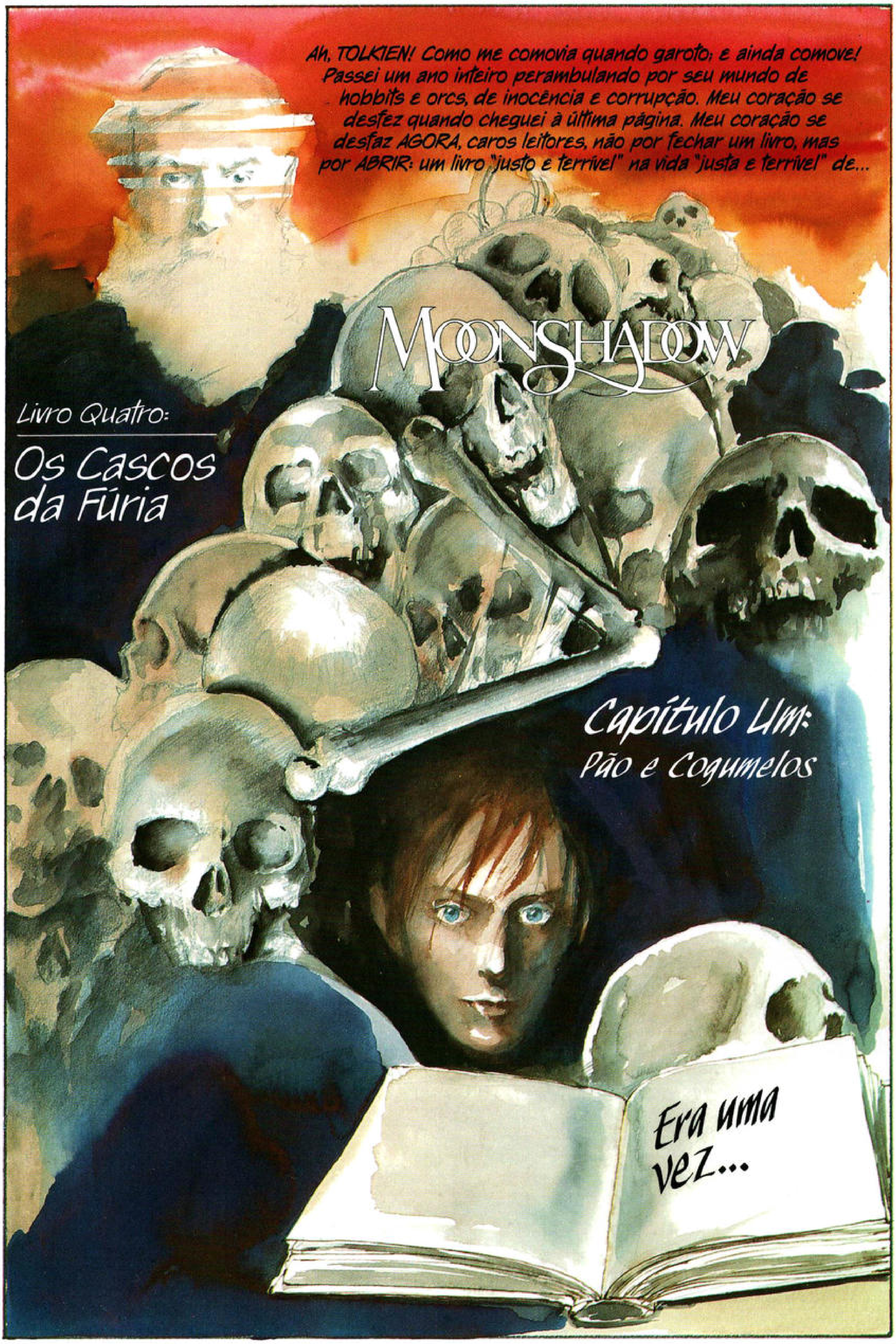
MOONSHADOW™

"Seu escudo dourado estava descoberto e, oh, veja só como era seu brilho, tal qual uma imagem do Sol, e a relva que se incendiava verde aos pés de seu corcel."

"Pois a manhã chegara, a manhã e um vento do mar; a escuridão fora rechaçada e os exércitos de Mordor gemeram, assaltados de terror, fugiram e morreram..."

"...pisoteados pelos cascos da fúria."

"E então, o exército de Rohan precipitou-se em canção, cantando enquanto matavam, pois estavam embalados pelo júbilo da batalha, e o som de sua música, que era belo e aterrador, alcançava a Cidade."


Ah, TOLKIEN! Como me comovia quando garoto; e ainda comove! Passei um ano inteiro perambulando por seu mundo de hobbits e orcs, de inocência e corrupção. Meu coração se desfez quando cheguei à última página. Meu coração se desfaz AGORA, caros leitores, não por fechar um livro, mas por ABRIR: um livro "justo e terrível" na vida "justa e terrível" de...
MOONSHADOW
Livro Quatro:
Os Cascos da Fúria
Capítulo Um:
Pão e Cogumelos
Era uma vez...

...meu avô, MARTIN BERNBAUM, na fila, um ruminante entre outros, esperando a inspeção dos açougueiros chamados FORÇAS ARMADAS.

Uma guerra varria a Terra, uma guerra MUNDIAL (a segunda destas guerras, acredite se quiser) durante a qual pessoas foram cozinhadas em fornos como se fossem pão, e quando inventou-se uma bomba que, uma vez plantada no chão...

...tornava-se um cogumelo.

Ao ser declarado FISICAMENTE INAPTO para unir-se aos demais ruminantes, meu avô (pelo que me disseram) ficou louco e indignado. "Roubaram minha virilidade!", ele rugiu naquele momento e por anos a fio.

Uma geração depois, os gritos de indignação vinham não dos rejeitados, mas dos ACEITOS – quando a América se viu em um enorme atoleiro por conta de uma guerra menor em uma terra insignificante chamada VIETNÃ.

Como "Sunflower" explicou, jovens e velhos (divergentes quanto aos méritos morais do conflito) jogaram pedras, giraram cassetetes e brandiram injúrias na busca de uma solução.

PAZ JÁ

Na minha mente juvenil, as histórias sobre ambivalência nacional que minha mãe contava eram incompreensíveis.

Eu ANSIAVA por um rei a proteger; por uma nação a defender; pelo rugir do canhão; pela convocação do clarim!

"Quando eu for mais velho", disse um dia a "Sunflower", inflando meu peito de nove anos, "serei um SOLDADO PROFISSIONAL e vou--"

Um tapa me sacudiu no meio da frase e me lançou contra a parede.

"Você me BATEU!", choraminguei várias vezes, como se a repetição esclarecesse o comportamento inexplicável.

Foi a única vez, em todos os anos que passamos juntos, que "Sunflower" me bateu; que olhei nos olhos de minha mãe e vi uma mágoa tão profunda que estava muito além do meu alcance.

"A guerra", ela me contou depois (em meio a lágrimas de vergonha e penitência), "é feia. Não romanceie a guerra, Moon. Não faça da guerra o que ela não é".

Assenti com a cabeça sem nem concordar nem entender, mas amando-a ainda mais por seu coração meigo.

Capítulo Dois:
Um Sonho Se Realiza

UM CORAÇÃO MEIGO! Se havia algo que me provocava mais saudades no rastro do falecimento de "Sunflower", era aquele coração!

Em Mimdamimdá, estávamos (Ira e eu) cercados por corações de PEDRA. As autoridades (que, descobrimos horrorizados, vinham nos vigiando atentamente desde a rebelião no velório de minha mãe)...

...passaram dias nos INTIMIDANDO, torcendo para que nos revelássemos criminosos, terroristas, espiões intergalácticos ou coisa pior.

Quando ficou evidente que não éramos nada daquilo, fomos arrastados ao tribunal e sentenciados a DUZENTOS ANOS de prisão!

"Porém", disse o juiz, "vocês têm UMA alternativa!"

SE ASSIM DESEJAREM, PODEM VOLUNTARIAR-SE A SERVIR O REI!

ESTAMOS EM GUERRA, RAPAZES. SUA MAJESTADE PRECISA DE TODOS OS CORPOS APTOS QUE HOUVER À DISPOSIÇÃO!

JÚR

"Embora pareçam LONGE de aptos, ambos POSSUEM corpos, e isto terá que bastar!"

Aceitamos a proposta prontamente (embora muitas vezes eu tenha me questionado se a prisão não seria preferível ao que se seguiu) e fomos entregues a um jovem e sorridente soldado (na verdade, um GAROTO, não muito mais velho que eu), que apertou nossas mãos com vigor e garantiu com toda sinceridade que havíamos tomado a decisão certa.

Ira respondeu resmungando obscenidades, mas eu sorri (hoje tremo com minha ingenuidade!) e comecei a marchar no ritmo do guia que nos levava do tribunal.

"Trá-lá-lá-lá-lá", cantei (parafraseando uma das canções de que mais gostava na infância), "grande SOLDADO serei!"

Logo estávamos no CENTRO DE RECRUTAMENTO mais próximo, onde perdemos nosso guia, mas encontramos centenas de recrutas, alguns dos quais brandiam meu sorriso; a MAIORIA, porém, estava tão contente quanto Ira.

(Naquele momento, eu estava até ENCANTADO com o azedume do meu companheiro; compensação mínima, pensei, pela mesquinha traição!)

Em velocidade alarmante, fomos examinados, perscrutados, inoculados, sermonizados, mensurados, processados e certificados (como meu avô ficaria CONTENTE!), aptos a lutar pela honra da MACHÔVIA (sendo este o nome, e que nome grandiloquente, do Império ao qual passamos a servir).

TERMO DE RESPONSABILIDADE

X

Depois, fomos transportados a uma estação espacial vizinha onde, nas semanas que se seguiram (período em que Ira e eu trocamos não mais que um resmungo ou careta)...

...fomos treinados na vetusta arte da guerra.

A cada novo dia, o humor de Ira ficava pior e o meu espírito ficava mais leve: embora órfão e traído, eu havia (finalmente!) realizado um sonho de vida:

Tornara-me soldado. Tinha um Rei, um país e uma causa! (Sim, eu não tinha ideia de QUAL era a causa, mas nos repetiram várias vezes que era justa.)

Nosso guia neste labirinto era o SARGENTO PEITOPARRUDO: berrante, irascível e implacavelmente EXIGENTE. "Com o Sargento Peitoparrudo, ninguém ganha tratamento especial", ele disse aos novos recrutas. "Abomino todos na mesma medida!"

Capítulo Três:

As Atitudes Curiosas de Ira

Numa bela manhã, ninguém menos que o lendário General LUNÁTIO CARROLLÍNEO reforçou esta crença entre todos nós, com UMA exceção...

O General, recém-chegado do front...

...cativou a base com beatices vagas e eloquentes contra nossos opositores, OS GOYIMIANOS. "Esta guerra é nossa salvação!", trovejava Lunátio. "Temos que pegar em armas contra os inimigos! E, sempre que possível, APONTAR as armas!"

"CALA A BOCA", veio um grito repentino e selvagem, "mentiroso filho da puta!"

Para minha surpresa total, vi que o grito saíra de IRA, que correu na direção do pódio e derrubou Lunátio no chão!

Ele estava prestes a enfiar os dentes nas PARTES do General, quando um bando de guardas o emboscou. Lunátio, compreensivelmente incomodado, ordenou a execução imediata de Ira!

Em pânico demente, corri ao General e caí de joelhos, simultaneamente perdoando Ira e alegando inocência. "Piedade, senhor!", eu uivei. "Piedade para meu amigo!"

Para meu espanto, o Supremo Comandante sorriu, me deu tapinhas na cabeça (um tanto FORTES, achei)...

...e mandou soltarem Ira.

Algum tempo depois, descobrimos que o General nos havia selecionado (junto ao Sargento Peitoparrudo e muitos de nossa companhia) para uma missão muito importante e muito secreta, na qual partiríamos no dia seguinte.

Tão Quixote cego eu era que achei que fosse uma BOA NOTÍCIA: mais uma prova da magnanimidade do General Lunático! Tendo atiçado minhas grandiosas esperanças de aventura, meu sono foi esquivo.

Ira também passou uma noite insone, mas creio que por OUTROS motivos: ele se remexia; se revirava; soltava gemidos dos mais espectrais. Ficava andando de um lado para o outro, agarrado às genitais encolhidas de medo e ganindo como um cão castrado.

Profundamente entristecido pela visão que tive dele, misteriosamente atormentado, reuni toda coragem e falei:

IRA?

SE MANDA.

IRA, O QUE HOUVE?

CAI FORA.

MAS, IRA...

Então ele virou-se, sem erguer mão ou voz, e me disse mais uma vez para partir. Insisti, tão ferido quanto me sentira com o tapa de minha mãe, sete anos antes.

Havia algo ESPREITANDO os olhos de Ira, tal como fora nos de "Sunflower": uma mágoa muito além do meu alcance!

Ver algo assim em minha mãe já fora perturbador. Ver em Ira, naquele bicho áspero, sardônico, de coração de pedra, era mais do que eu conseguia aguentar.

Retirei-me ao meu quarto, puxei Frodo para perto e fiquei deitado, silencioso, quieto...

...enquanto Ira se agachava num canto.

Uma raiz retorcida.

Um feto.

Um...?

O que ele pensava era só dele, e, mesmo hoje, MUITOS anos depois, eu não teria a presunção de interpretar ou de me intrometer.

A noite partiu, levando com ela os gemidos e ganidos de Ira. O dia chegou, trazendo a incerteza e o General Lunático.

Ele entregou um calhamaço de ordens ao Sargento Peitoparrudo, devolveu nossos trajes civis ("Tudo conforme o plano", sussurrou, conspiratório) e, às gargalhadas, batendo nas nossas costas, nos empurrou da porta do quartel.

E assim embarcamos, eu, Ira, o Sargento e três outros desafortunados, à nossa missão secreta.

Fiquei contente em descobrir que uma PARTE integral da missão era a exata nave que eu pendurara para pagar o velório de minha mãe! "A DECRÉPITA" (como Ira a havia batizado, cinicamente) fora custodiada pelos militares e imediatamente entrou em uso. Depois do breve, mas jubiloso, reencontro com CORNÉLIA-17 (logo você saberá mais, prometo) e um rápido ajuste (para convencer olhos inimigos de que estávamos em uma nau comercial inofensiva), desatracamos.

Uma vez no vácuo, os detalhes de nossa nobre jornada, ou do que eu assim imaginava ser ("Somos a Sociedade", pensei, "em busca do Anel do Poder!"), foram revelados: havia, ao que parece, um planeta (de nome BINGBANGBUUM) onde os goyimianos (os monstros nojentos que devoravam a liberdade!) desenvolveram uma arma de poder INCOMPREENSÍVEL.

Nossa função era CAPTURAR essa Arma Suprema ou, caso não fosse possível, DESTRUÍ-LA. Deixando "A Decrépita" a uma distância segura, sorrateiramente descemos em Bingbangbuum.

Protegidos em nossas bolhas individuais, perdidos em meditação individual.

Capítulo Quatro: Por que Minha Mãe Odiava os Militares

Enquanto eu descia, o rosto de "Sunflower" surgiu diante de mim, cheio de acusação. "Por quê, mãe?", perguntei. "O que estou fazendo que tanto a AFLIGE?"

Ela sacudiu a cabeça, pesarosa, sumindo da vista, e então, em um lampejo, lembrei-me do Brooklyn. Lembrei-me de BARRY.

Seu nome era Barry TESTA: filho da amiga mais querida (e única!) de Esther Bernbaum; um garoto acanhado, de temperamento doce, que assistira, pasmo, Sheila brotar e vicejar no ventre da minha avó.

Barry recebeu a recém-nascida com sorrisos e beijos no dia em que ela chegou do hospital.

Minha mãe (como os caros leitores já bem sabem) era uma menina ESTRANHA, difícil de entender e de se amigar; mas Barry a venerara desde o princípio. O encontro dos dois, acreditava "Sunflower", havia sido decretado pelo carma. "Nós nos apegamos como gêmeos siameses", ela me disse, "unidos pela alma".

E eram.

E CRESCERAM.

Os anos passaram; o amor cresceu.
Não o amor ROMÂNTICO (Barry teve namoradas de sobra, enquanto Sheila considerava os Romeus de esquina, aliás, a maior parte de Flatbush, aquém do seu gosto), mas do tipo que é carregado com uma devoção inocente e assexual, que geralmente fica na infância, e o qual, por algum milagre, eles mantiveram.

No inverno de 1961, quando o patriótico Barry se alistou no Exército, ele já era a TÁBUA DE SALVAÇÃO de Sheila: o arremedo de prova de que ela não era nem louca nem aberrante.

Tão pasma por ele de FARDA quanto ele por ela no VENTRE, Sheila deu um beijo de despedida em Barry, prometeu corresponder-se todos os dias e começou a contar as horas até que ele voltasse.

E ENTÃO, ELE MORREU.

Não de forma dramática, em campo de batalha estrangeiro, mas de forma horripilantemente mundana, em solo americano e seguro.

O jipe que Barry dirigia fez uma curva repentina e ele caiu num barranco. Seu pescoço quebrou e sua vida se encerrou: um acidente.

DE VENETA?

Sheila recusou-se a ir ao enterro. Enquanto a fulminada Anne Testa assistia ao filho descer às trevas, minha mãe estava sobre um telhado: berrando, chorando, maldizendo o ser divino.

Eu era muito novo, tinha quatro ou cinco anos, quando "Sunflower" me contou de Barry pela primeira vez, e foi só ao chegar a Bingbangbuum que fiz a ligação entre sua MORTE e as OPINIÕES antimilitaristas de minha mãe.

Ela podia ralhar com DEUS, mas conjecturei (sentindo-me sagaz e psicanalítico) que era o EXÉRCITO, TODOS os exércitos, que ela culpava de VERDADE.

Muitos dias depois, sob circunstâncias altamente incomuns, eu viria a descobrir que minha hipótese estava QUASE correta (perdoe-me, Carl Jung!)...

...mas, enquanto nosso pequeno e robusto pelotão marchava florestas adentro, vales abaixo e rios através, a CRENÇA de que eu resolvera o quebra-cabeça não me consolou quando consolo estava em falta.

Capítulo Cinco:
Uma Granada

As placas no caminho não eram auspiciosas, mas nosso caro Peitoparrudo fez o possível para manter-nos incentivados.

"Não se preocupem, homens", ele sussurrava, os olhos alertas a qualquer armadilha. "Provavelmente nos matarão antes de chegarmos ao castelo".

O CASTELO! Que não tinha outro nome, pois não precisava, e ao qual chegamos sem incidentes. Olhei aqueles muros proibitivos, as janelas iluminadas como olhos de um homicida, e, de repente, me senti assustado e apequenado.

"Está lá em cima", disse Peitoparrudo, intrépido. "Vamos lá".

O que estava lá, evidentemente, era a enigmática arma que viéramos encontrar. Segundo RIGAROLLO (o bisbilhoteiro e tagarela da nossa companhia), estávamos pisando onde DÚZIAS de machovianos já haviam pisado: nenhum deles tivera sucesso na missão. Nem um sequer retornara.

Eram os pensamentos que tomavam minha mente ao escalar uma montanha em busca de uma posição vantajosa para me infiltrar na fortaleza inimiga; com a cabeça naquilo, escorreguei e quase caí para a morte.
Peitoparrudo me salvou (para decepção evidente de Ira), agarrando minha perna e puxando-me até ficar seguro.
Naturalmente, quando o Sargento pediu dois voluntários (para a parte ARRISCADA da missão, ele nos disse), eu estava tão agradecido que minha mão saltou ao ar e, no meu entusiasmo, também voluntariei IRA!
Meu amigo desmazelado grunhiu, mas aquiesceu sem relutar. (Ele ainda não estava em si, e eu seguia aturdido quanto ao PORQUÊ.)
Imediatamente fomos amarrados (Peitoparrudo também) às engenhocas aladas mais PECULIARES e miramos, bicos à frente, para o castelo.
POP: acenderam-nos.
SSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSS
POOF: nossos camaradas correram para se proteger.
PING!

E...

...VOAMOS!

Ó Ícaro: finalmente o entendi!
Que grande a tentação de pairar
mais alto! De lançar-me, pássaro eufórico,
aos braços do Céu!

(Ira não achou a experiência tão mítica. De olhos revirados, ele vomitou sobre si, sobre a paisagem e sobre o pobre Sargento Peitoparrudo!)

Das alturas, descemos; nosso plano
era voar baixo e pousar, sob o manto
da escuridão, no quintal do castelo.

E conseguimos!

Para nossa surpresa, o quintal estava vazio: nem um VIGIA à vista!

Escondemos nossas asas, puxamos os fuzis e fomos na ponta dos pés, sem fôlego, em direção à entrada dos fundos, onde se lia: ENTREGAS.

A porta rangeu (muito alto!) quando abrimos, e meu coração quase parou.

Mas, mais uma vez, nenhum guarda correu para nos receber, atirar ou desmembrar; então, pé ante pé, seguimos adiante.

Ao nosso redor, tudo era silêncio e sombra: pó, mofo e ruína.

Então, de DENTRO das sombras, viu-se MOVIMENTO: repentino e ameaçador!

Ira e eu jogamos nossas armas no chão (chamem-nos de prudentes, de covardes, das duas coisas), mas Peitoparrudo abriu fogo...

...sem efeito aparente.
Então, o inimigo veio arrastando-se...

...E REVELOU-SE!

"Olá, meus amigos", ele nos disse. "Eu lhes desejo paz e alegria!" Sua cabeça se sacudiu, solta sobre uma mola. Nosso apreensor era... um BRINQUEDO!

Um brinquedo de corda! E gigante! Um ser sorridente e rechonchudo! Ele piscou um olho e disse: "Venham por aqui!" E começou a cantar:

"Bimbom-bombom-bombom", ele gorjeou. "Bimbim-bidi-bidiba! Por que essa farda? Folia os aguarda..."

"...LORDE GAYLORD é quem convida!"

Estávamos diante de um salão tão grandioso no tamanho quanto no estilo: lotado de moças com pó de arroz e cavalheiros que nos sorriam com simpatia; pode-se dizer até que... com ternura!

Nosso anfitrião, tão volumoso quanto era jovial, ergueu-se do trono dourado e, mais uma vez, rogou: "Entrem! Entrem!"

Dadas as circunstâncias...

VÃO FICAR AÍ, DE QUEIXO CAÍDO...

...OU VÃO ENTRAR?

TA

QUE

PA

RIU!

...o que MAIS fariamos?

NÃO FIQUEM CHOCADOS, MEUS AMADOS! NÃO FIQUEM DESCONFIADOS! TUDO É EXATAMENTE O QUE PARECE!

VOCÊS ESTÃO EM CASA! ESTÃO A SALVO! ONDE SÃO PROTEGIDOS E ESTIMADOS!

C-COM LICENÇA, SENHOR, MAS--

LORDE GAYLORD É MEU NOME... MAS MEU TÍTULO AQUI NÃO DIZ NADA! PODEM ME CHAMAR DE GAYLORD... PODEM ME CHAMAR DE BOBO... ME CHAMEM DO QUE QUISEREM!

SIM, SENHOR, MAS NÃO ENTENDO BEM O QUE--

PERGUNTAS, PERGUNTAS! SEMPRE TANTAS PERGUNTAS! POUPE-AS, MEU CAMARADA... TODAS SERÃO RESPONDIDAS NO DEVIDO TEMPO!

ATÉ LÁ... COMAM! BEBAM! JOGUEM ESSES COTURNOS PARA CÁ E DEIXEM O PASSADO PARA LÁ!

A GUERRA JÁ ACABOU...

...E TUDO NO MUNDO VAI BEM!

HO-HO-HO-HO-HO

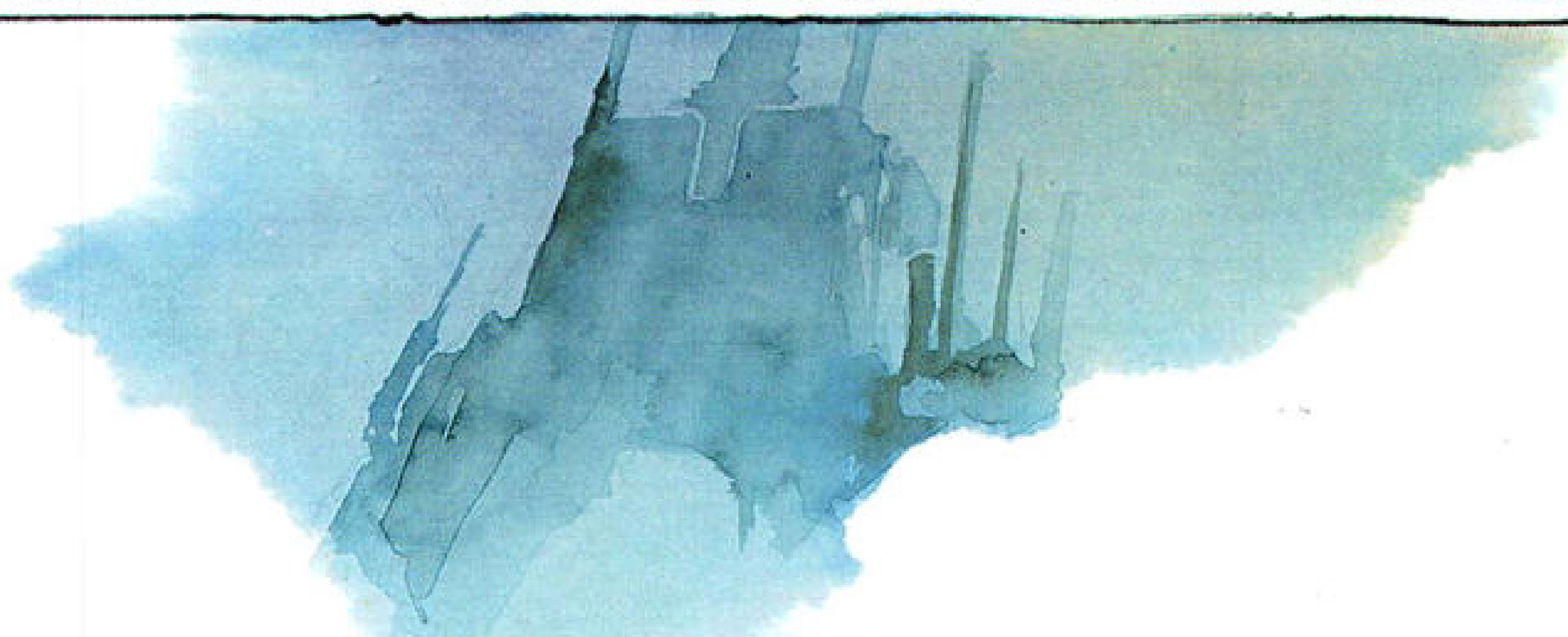
Parecia louco como um chapeleiro — e imediatamente gostei dele.

Peitoparrudo suspeitou que a comida que ofereciam estava envenenada – mas, quando Ira começou a engolir tudo que via pela frente sem efeitos adversos, eu e o Sargento o acompanhamos com avidez!

Então, com o MESMO apetite, Lorde Gaylord nos contou esta história incrível:

Um cientista, filósofo e inventor goyimiano de reputação intergaláctica fora convocado a Bingbangbuum para criar uma arma capaz de ANIQUILAR os machovianos.

Mas Gaylord (que ODIAVA a guerra desde o começo) tinha OUTROS planos: em vez de uma arma, ele construiu um BOATO – e meticulosamente disparou-o ao espaço.



"Lorde Gaylord", sussurrava o rumor, "criou uma bomba tão poderosa que pode destruir Machóvia e Goyimia AO MESMO TEMPO!"

Como esperado, chegaram comunicados de emergência do governante de Goyimia, o BARÃO VULF VON GOYIM, exigindo que Gaylord lhe apresentasse a nova arma. Mas nosso anfitrião ignorou as missivas... e aguardou.

"Eu sabia que eles viriam", disse Gaylord. "Os bravos, os burros, os infelizes e os ridículos: qualquer peão que o Barão Von Goyim e sua contraparte machoviana tivessem a dispensar!"

Eles chegaram como NÓS: em segredo, na ponta dos dedos, procurando respostas a perguntas que ninguém sabia!

"Esperando a morte", Lorde Gaylord cantou, "encontraram a vida! A esperança! Um santuário! Um FIM à insanidade chamada guerra!"

E cada um deles (e delas, mulheres e crianças. "Esses açougueiros da nobreza", sibilou Gaylord, com aspereza incomum, "não dão bola para QUEM enviam à morte!") ficou ali de livre e espontânea vontade.

Gaylord lhes deu bola e também lhes deu abrigo.

E, JUNTOS, NÓS CRIAMOS UM UNIVERSO DENTRO DO UNIVERSO, ONDE NINGUÉM PRECISA SOFRER! ONDE TODAS AS CRIATURAS DE DEUS...

...PODEM SER FELIZES.

DESEJAM NOS ACOMPANHAR, QUERIDAS CRIANÇAS?

(Ele perguntou com a voz pausada.)

QUEREM FICAR?

SIM!

EU CANSEI DAS ARMAS!
CANSEI DE LUTAR!
CANSEI DESSE EXÉRCITO FEDIDO!

SARGENTO PEITOPARRUDO...?

EU QUERO CANTAR!
EU QUERO DANÇAR!

MAS, SARGENTO,
EU--

EU QUERO SER FELIZ.

NÃO ENTENDI.

AH, MAS EU ENTENDI.

TEU SARJA PARÇA AÍ QUER SE ESCONDER NA ABA DA SAIA DO VIADÃO E FINGIR QUE NÃO TEM *GUERRA* ROLANDO LÁ FORA!

BOM, PODE CURTIR ISSO AÍ À VONTADE, Ô PEITOPARRUDO. VOCÊ TAMBÉM, GURI!

EU JÁ PASSEI UM *PUTA* TEMPO NA PORRA DUM ZOOLÓGICO E PREFIRO UMA BAZUCA NO CU A FICAR EM OUTRO!

NÃO SE ENGANA, MOON-XONGA... É ISSO QUE É ISTO AQUI:

SAÍDA

OUTRA PORRA DE ZOOLÓGICO!

E-EU *TENHO* QUE IR COM ELE. ELE É MEU AMIGO.

ENTÃO... ESPERO QUE ELE SAIBA DA BÊNÇÃO QUE É TÊ-LO.

BOA VIAGEM! BOA SORTE! CREIO QUE VÁ PRECISAR AO SAIR DESTES MUROS... NAS TERRAS DO SANGUE E DA MÁGOA, ONDE **NÃO HÁ** BARRAS DE SAIA...

...PARA SE ESCONDER.

Capítulo Seis: Sangue e Mágoa

Em soturno silêncio, Ira e eu descemos a montanha, onde reencontramos Rigarollo e os demais.

Decididos a manter o segredo de Lorde Gaylord, inventei uma história sanguinolenta sobre um monstro chamado Grendel, que protegia o castelo.

"Ele engoliu o Sargento de uma vez só!", falei, esbaforido (torcendo para que Beowulf me perdoasse). "Só o que pudemos fazer para sobreviver foi fugir!"

Fiquei esperando Ira me contradizer, mas não houve contradição.

Então, enquanto nossos companheiros olhavam por cima do ombro (com medo das presas de Grendel), entramos em nossas bolhas e partimos rumo à "Decrépita", para uma jornada segura de volta para casa.

Imagine nossa decepção, imagine nosso CHOQUE, quando descobrimos que a nave havia... sumido! ("Sumido onde? Sumido como?" Paciência, caros leitores. Todas as respostas virão no devido tempo.)

Nossas bolhas não eram feitas para viagens espaciais de longa duração, então, miramos o planeta mais próximo — Tsuris, arrasado pelo conflito — e para lá nos dirigimos.

Escassos de combustível, tivemos uma aterrissagem difícil: TÃO difícil, aliás, que as bolhas se partiram; nosso frágil navegador, SAPOLHO, estatelou-se JUNTO.

Deixamo-lo, inexplicavelmente contente com duas pernas quebradas, e fomos buscar ajuda.

Logo se ouviu um troar distante; um rugido estranho e gélido. "Vamos voltar!", disse NECAS, o mais manso da tropa — e é óbvio que o ignoramos.

Seguimos adiante. Escalamos um morro. O troar e o rugido cresciam.

E então (tenho que prosseguir?)! Oh, então (TENHO que prosseguir!):

Ficamos cara a cara...

...COM a GUERRA.

Ah, o romantismo!

Ah, a realidade!

Ah... minha MÃE!

"Por que seu tapa não foi mais FORTE?", gritei quando dei meia-volta, de rosto lívido, e corri.

Os outros estavam à minha frente, tendo tido o bom senso de escapulir segundos ANTES.

Na pressa do pavor, não prestamos atenção ao SENTIDO da nossa fuga, então, nos vimos encarando uma tropa que avançava (se goyimiana ou machoviana, não havia como saber. Um lado vale tanto quanto o outro quando se está prestes a ser TRESPASSADO!).

Teríamos morrido bem ali...

...não houvesse a sina interferido: não com pops, poofs, nem pings, mas com um ensurdecedor...

KRA-KA-DOOOOM!!!

"Ira!", berrei, cambaleando, meus ouvidos tinindo a ponto de eu não ouvir a minha própria voz. "Rigarollo! Necas!"

Mas eles haviam se perdido no caos.

Assim como eu.

Como me DÓI recordar aqueles momentos... se é que FORAM momentos! Eu posso ter ficado horas correndo para lá e para cá naqueles campos de batalha... quem sabe DIAS! O tempo havia parado! Tudo virou sonho!

Mas a realidade VOLTOU com a réplica afiada de um fuzil...

...uma dor estranhamente distante...

...e um gêiser de sangue quente. (O MEU, percebi, tomado de terror: "Fui atingido! FUI ATINGIDO!")

"Kra-ka-doom!", seguiram os estouros.

"Kra-ka-doom!", seguiu o mundo.

"Kra-ka-doom!", cada vez mais perto.

"Kra-ka-doom!", fui arremessado...

...para o ALTO!

Mais uma vez voei, mas não como Ícaro; como BARRY: lançado pelo vácuo rumo às trevas e ao lodo.

"KRA-KA-DOOM!"

"KRA-KA-DOOOOOM!"

"KRA-KA-DOOOOOOOOOM!"

"Você... tinha... razão, mãe", sussurrei, dez mil anos depois, quando a consciência voltou.

Mas, quando abri os olhos (Oh, que esforço hercúleo!), não foi o rosto de minha mãe que vi...

...mas o de meu PAI: balançando e sorrindo como um balão contente.

Olhei para cima, para aquela bola brilhante de incompreensibilidade ("Um zoológico", vibrei. "Uma aba de saia para me esconder..."), então, fiz a única coisa sã:

Abracei as trevas, chamei o nome de "Sunflower" e pedi ao Céu que me levasse a ela.

Minha jornada do despertar teve uma pausa.

Lembranças de Moonshadow

edição de Liam O'Filligreen

Compilação Condensada Intergaláctica

"Bom, na verdade, eu não o conheci – mas conheci uma pessoa que conheceu... um cara que cresceu no mesmo zoológico intergaláctico que o Moonshadow. Sabe aquele em que aqueles alienígenas, os esquisitões, os Des-Mesu, faziam pop, poof, ping e traziam gente? Enfim, esse cara... ele e o Moonshadow andavam pela biblioteca lá, discutindo William Blake. Tipo, eu não *conheci* o cara... mas conheci um cara que conhecia o primo dele... ou era o alfaiate dele?"

—Herbert Honolunnious, filósofo/açougueiro kosher

"Servi com Moonshadow durante a guerra Machóvia-Goyimia. Foi quando ele e o colega, Ira, viraram heróis. Eles tinham sido expulsos do Zoológico dos Des-Mesu, a mãe do Moonshadow, a 'Sunflower', tinha morrido... e eles foram convocados. Era um garoto muito peculiar. Dois metros de altura. Uma cabeleira loira. Musculoso. Uma tatuagem na-- Hã? Ah. Pode ser *outro* Moonshadow."

—Louise Paraphenalia III, assassina profissional

"Eu era *hostess* na Fundação Internacional da Libido Épica quando Ira e Moonshadow vieram para aquela famosa visitinha. Se fui eu que levei o Moonshadow pra cama? Não. Quem me dera. Imagine ser a primeira mulher que dormiu com ele! Infelizmente, *eu* fui uma das que atenderam o *Ira*... e é só pela graça de Deus que *alguma* de nós ainda está viva para contar a história. Mas é claro que, assim que acabou com a gente, o *Ira* também estava quase morto..."

—Fifi Schwartzenheimer, cartunista política

"Moonshadow? Nunca ouvi falar."

—Anônimo

Livro Cinco

MOONSHADOW 5
NOVEMBER 1985
$1.50 | $1.75 CANADA

A
fairy tale
for grown-ups

MOONSHADOW™

"Aquela época está para sempre morta, criança!
Afogada, congelada, morta, para sempre!
Olhamos para o passado
Com olhos horrorizados
Para os espectros pranteando, pálidos e terríveis,
de esperanças fugazes que tu e eu nutrimos
no rio sombrio da vida."

"O rio para o qual olhamos flui;
Suas marolas não hão de voltar;
Todavia nos encontramos
numa terra solitária
Como lápides para marcar a memória
de esperanças e medos, que minguam
e nos escapam."

"À luz da ofuscante alvorada da vida."

Shelley, o rebelde! Shelley, o sonhador! Shelley, mais sábio dos tolos! Nem trinta anos quando faleceu; pensar nisto ainda me espanta! Vivi QUATRO VEZES trinta anos, e ainda sou seu pasmo discípulo!

Sento aqui, Frodo (gato velho e miraculoso) em meus braços, lembrando as frases de Shelley; lembrando, também, dos espectros que gemem e dos rios que desaguaram na MINHA vida. Lembrando, acima de tudo, das viagens por "terra solitária" na juventude e do estimado amigo COM QUEM viajei.

Ah, o tempo! AH, IRA! Ah...

MOONSHADOW

LIVRO CINCO:

Em Uma Terra Solitária

Capítulo Um: Uma Visão Memorável

Era uma vez...

...ergui-me do Inferno,
sondei o mundo...

...e chorei.

O tempo passou.

Ouvi passos.

O pânico sussurrou no meu ouvido.

NÃO ME MATE, POR FAVOR!

(Eu brami, incitado pelo Pânico.)

EU IMPLORO! NÃO ME MATE!

"Matar?", disse uma voz bondosa e sincera. "Eu não, irmão. Eu não".

Chorei de novo.

Fiquei reconfortado.

NÃO SE PREOCUPE, PEQUENO MOON. VOU CUIDAR DE VOCÊ. VAI FICAR TUDO BEM.

Não questionei como ele sabia meu nome nem por que usava um uniforme que eu só vira em livros, ou como ele conseguia ser tão tranquilo, tão confiante, com um buraco de bala entre os olhos. Só deixei que me conduzisse (mais um títere do que um garoto!)...

...pela terra desolada.

"Aonde vamos?"
"Por ali."
"Por quê?"
"Para buscar."
"O quê?"

Meu guia não disse mais nada; só apontou para a elevação: ficou claro que eu devia ir só.

Só: escalei a montanha de cadáveres.
Só: vasculhei os rostos inertes.
Só:

EU O VI.

IRA!

Queimado e ensanguentado; de olhos mortos e queixo frouxo.

Mas VIVO.

Eu o icei às minhas costas; desci aquela pilha de carne aos tropeços: escorreguei, caí, me ergui, segui a tropeçar.

"Por aqui", disse meu guia, seu Terceiro Olho abrindo-se de repente. "Por aqui", ele repetiu, o sangue escorrendo pela face.

"Quem é você?"
"A seu tempo."
"QUEM É VOCÊ?"
"Tudo a seu tempo."
"Ele é tão pesado. Pode me ajudar?"
"Não posso. Sinto muito."

Então segui em frente, sobrecarregado.
Então caminhamos, não sei aonde.
Então a vimos, na estrada, à espera.

Minha MÃE nunca esteve mais radiante do que naquele instante atemporal. "Depressa! Depressa!", ela chamou, fazendo sinal para irmos; rodopiava de animação, a versão feminina e judia de um dervixe.

Ela me deu um beijo (como estavam FRIOS os seus lábios!), depois estendeu os braços, tomando as mãos de meu guia. Carinhosamente, ela limpou o sangue de seu rosto. Carinhosamente, ela sussurrou o nome dele:

"'Moonshadow'".

"Esse é o MEU nome, Mãe... não o dele!"
"É o dele também, meu milagrinho."
"Mas como é possível?"
"Ah, faz tanto tempo..."
"Me conte."
"É difícil lembrar."
"POR FAVOR, me conte!"

E ela contou:

Capítulo Dois: O Verdadeiro Motivo para Minha Mãe Odiar os Militares

"Foi em 1968", disse "Sunflower". "Ou foi em 1967? Sei que foi na primavera... que eu havia chegado a São Francisco... com flores no cabelo, como dizia a música. Tinha cruzado o país inteiro... o Brooklyn ficou tão longe! Amor livre. Drogas livres. Loucura livre: eu tinha tudo. Mas nada me TOCAVA, Moon. Só PASSAVA por mim... era como um sonho. Conheci tanta gente... e tantas coisas (não me pergunte o que... Não posso contar!)... mas nunca fiz um amigo. Éramos todos 'irmãos' e 'irmãs'... éramos os Filhos do Ácido e de Aquário! Mas, mesmo entre os fora da lei e os hippies e os santos tolos... eu estava SOZINHA."

"Até conhecer 'Moonshadow'".

"No início, achei que fosse BARRY, de volta dos mortos! Ele tinha os olhos de Barry, o coração de Barry, a alma doce, tão doce de Barry. Ah, mas Barry sabia ouvir... Ninguém ouvia melhor!... e 'Moonshadow'... ele era da imaginação! Da poesia! Da magia!"

"Seu primeiro passe de mágica foi sumir com minha solidão. Seu segundo passe foi fazer o Amor surgir do ar!"

"Oh, Moon! Ele descascou minha cabeça e a recheou com ideias e nuvens que puxou do céu!"

"Esta era a diferença entre nós: EU saía FLUTUANDO até as nuvens... mas meu 'Moonshadow' esticava os braços e as trazia ao chão!"

"Batizaram aquela estação de 'Verão do Amor'. Para nós, foi isso mesmo. O tempo parou... se alargou... nos envolveu: cada dia parecia mil anos! Mas o verão acabou morrendo... o outono chegou..."

"...e, COM ELE, o TELEGRAMA. 'Seu Tio Sam', dizia a mensagem, 'vai lhe dar férias: no Vietnã, onde meninos viram homens e homens viram mortos'."

"Implorei que ele queimasse a carta! Implorei que ele não fosse."

"Ele achava que podia puxar as nuvens da ÁSIA e usar de armadura! Ele achou que faria mais diferença com a mão na massa do que fugindo."

"'Eu vou ser a semente que age por dentro', ele me disse. 'Eu vou crescer, crescer e vou espalhar MAIS sementes. Um coração muda o mundo, 'Sunflower'! UM CORAÇÃO MUDA O MUNDO!'"

"Ele me deixou, assim como Barry me deixou. Ele MORREU... mas não como Barry morreu. Desta vez não foi um jipe... foi uma bala: apenas uma... que atravessou seu cérebro."

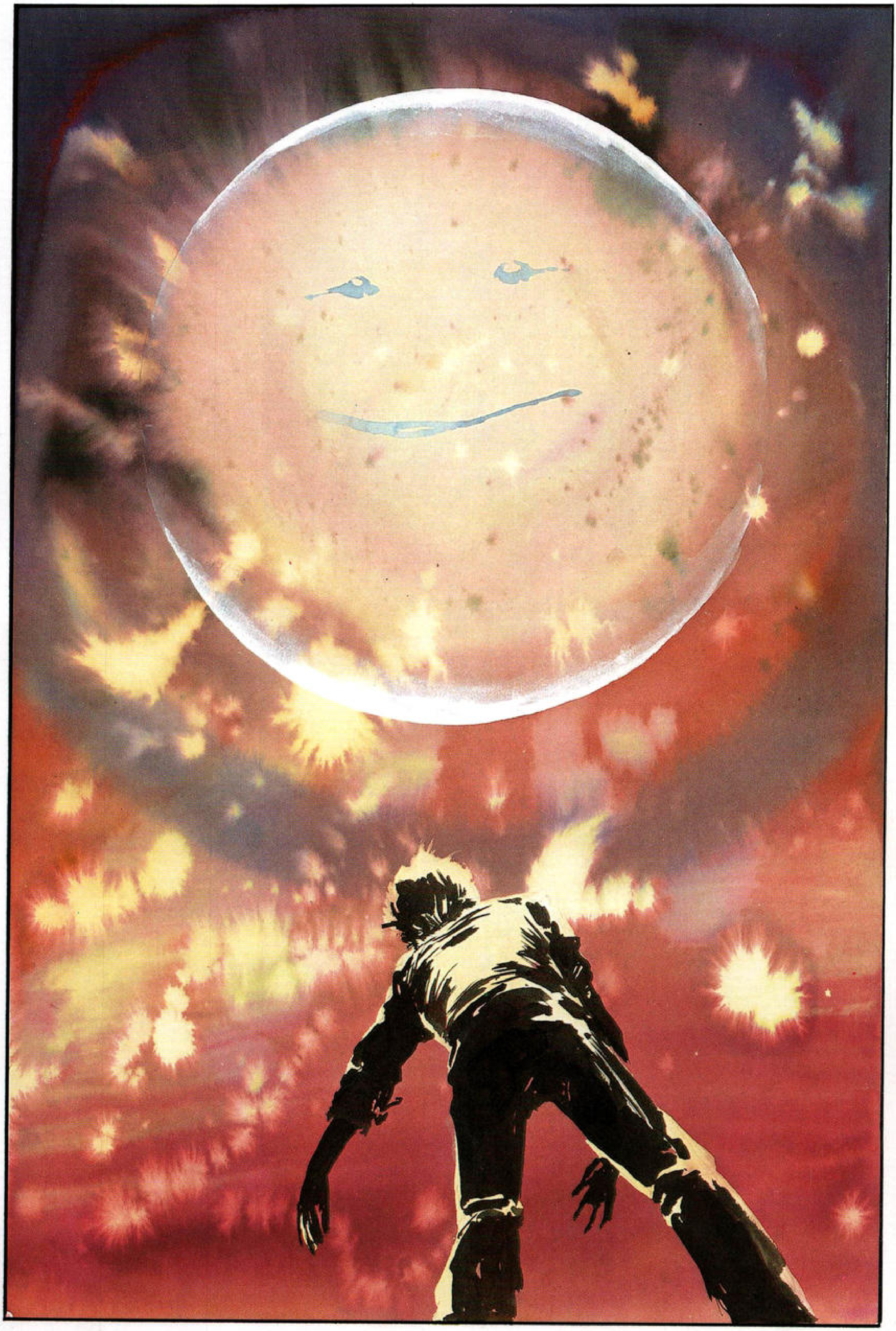
"Os senhores da guerra me aniquilaram, meu nenêm. Destruíram meu ímpeto, meu espírito e minha esperança. Deixei de acreditar em milagres quando eles assassinaram 'Moonshadow'..."
(A voz dela, um sussurro.)
"...mas você me ensinou a acreditar de novo. Por isso que eu lhe dei o nome dele. É por isso..."
(A voz dela, uma sombra.)
"...Eu..."
(A voz dela.)

MÃE?

AGORA EU ENTENDI! EU *ENTENDI*!! MAS NÃO VÁ EMBORA, MÃE. NÃO VÁ--

MÃE!

MÃE.



Fiquei sozinho. Ao meu redor, a névoa se abriu, e vi que estava em uma floresta conhecida. "Como foi que eu CHEGUEI aqui", me perguntei, "tão longe do campo de batalha?"

Nos meus braços, Ira: nem um fiato escapou daquele corpo, mas eu sabia que ele estava vivo (ou assim repeti para mim mesmo várias vezes). De repente, Frodo apareceu ao meu lado ("Onde ele tinha ido parar?", me questionei) e meu coração pulou de alegria ao revê-lo. "Oh, Frodo", falei, "tive um sonho tão curioso!" Em compaixão, ele miou e lambeu minhas botas.

Seguimos em marcha.

Aonde eu ia? De volta às nossas bolhas, pensei. De volta ao alegre e aleijado Sapolho, e à ESPERANÇA.

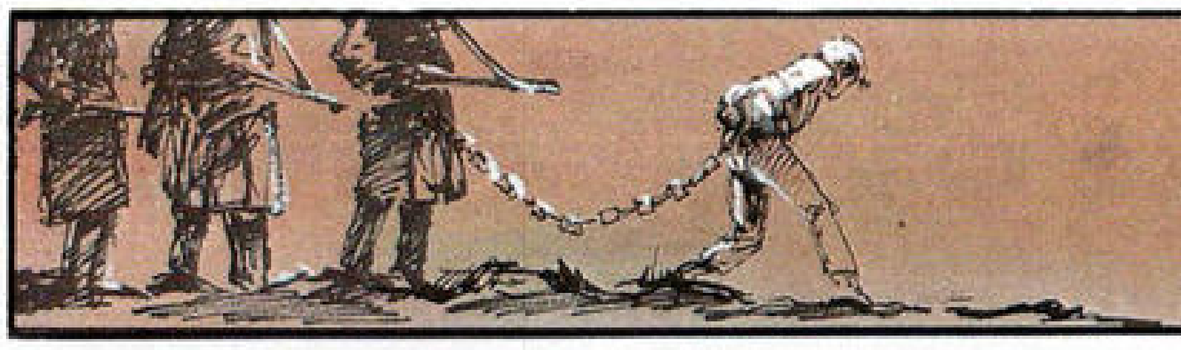
Mas a Esperança, logo descobri, havia ido embora e levado Sapolho consigo! Ainda assim, segui arrastando-me em busca deles, fazendo o possível para tratar os ferimentos de Ira e descobrindo (para minha grande surpresa) que EU também estava ferido! Meu braço estava em carne viva, infecto; alternando entre a dor e a dormência.

E eu caminhei. (Eternamente!)

E eu caí. (Eternidade afora!)

E olhei para cima...

...e vi o rosto do INIMIGO.



Capítulo Três: Estranho Reencontro

Minhas lembranças dos dias que se seguiram (dias de febre alta e golpes baixos) parecem mercúrio: toda vez que tento agarrar, elas me escapam pelos dedos. Mas posso dizer o SEGUINTE: fomos levados como prisioneiros pelos goyimianos, trajando grilhões e transportados até nosso novo lar:

uma base de PRISIONEIROS DE GUERRA nos recônditos setentrionais do AGLOMERADO CHUTACACA.

O tempo que levou para chegarmos lá (e os abusos que sofremos no caminho) não posso dizer, mas foi o bastante para Ira se RECUPERAR e para eu PIORAR.

O que consigo lembrar com clareza é de Frodo nos meus ombros e Ira do meu lado quando fomos depositados em frente a nosso alojamento; os murmúrios sombrios que vinham de lá quando fomos chutados porta adentro; e os dois vivas calorosos e surpresos que nos receberam conforme mancamos pelas trevas.

"Viva!", festejou RIGAROLLO: doente, abatido, magro. "Viva!", festejou SAPOLHO, equilibrando-se sobre membros quebrados.

Mesmo no meu torpor febril, fiquei contente em ver que eles também haviam sobrevivido ao sangue e à tristeza em Tsuris. Fraco demais para um "viva", sorri de volta; Ira cuspiu e grunhiu, analisando os murmurantes.

Eles, por sua vez, também nos analisaram, e os murmúrios cresceram:

"Mais dois!"
"Aqui não!"
"Um gato! Vamos COMER!"
"Isso! Antes que ELES comam a NOSSA parte!"
"Tirem eles daqui!"
"Párias danados!"
"TIREM ELES DAQUI!"
"Sanguessugas!"

O desprezo deles foi como um soco que acertou meu peito. "Por favor", implorei. "Oh, por favor, não nos odeiem: estamos perdidos iguais a vocês! Estamos com fome! Estamos feridos!"

"Oh... por favor", repeti, despencando ao chão, meu crânio colidindo com as tábuas do assoalho.

Fiquei ali deitado, tentando desesperadamente erguer a cabeça. Mas ela pesava pelo menos mil quilos! Minhas pernas eram troncos de carvalho enraizados no chão; minha barriga estava forrada de tijolos!

E me senti dissolvendo; ouvi minha alma sussurrar, depois gritar, ouvi o grito virar MÚSICA:

"...A VIDA É UM SONHO, SIM...!"

"Eu conheço essa música!"
"Claro que conhece, Moon!"
"Mãe?"
"Sim!"
"Mas achei que você havia ido embora!"
"Eu nunca estou longe, meu nenêm!"
"Oh... Mãe!"
"Shhh. Não chore: cante!"
"Mas eu..."
"Você lembra, não lembra? Eu lhe ensinei há anos."

"VOU, VOU, VOU QUE VOU... REMANDO POR AÍ..."
(Todos cantaram junto!)
"...LEVE-ME, LEVE-ME, LEVE-ME, LEVE-ME..." ("Moonshadow", Martin e Esther, Tia Ettie, Rei Macha e meus amigos do "Lar Jobedias Untuosso": eram tantos!)
"...A VIDA É UM SONHO, SIM...!"

Como eu me senti aconchegado na minha boa e velha cama: a cabeça escorada em três travesseiros fofos; cobertores grossos e peludos me aquecendo. "A vida é um sonho, sim", cantarolei, agora mais certo do que nunca.

Quem, afinal de contas, saberia dizer onde fica a fronteira entre sono e sonho, entre sonhar e acordar, entre vida e...

Enquanto eu gorjeava por dentro, me debatia por fora: minha temperatura subia; estava embebido em suor. Rigarollo e Sapolho (mais leais que a lógica!) fizeram vigília ao lado do meu leito, fazendo de tudo para me reconfortar...

...e não deixar que a turba se aproximasse.

Capítulo Quatro:
Mais Atitudes Curiosas

Meus colegas de prisão QUERIAM que eu morresse. E, aliás, não posso culpá-los. Cada boca a mais tirava comida das deles! Quem saberia dizer há quanto tempo estavam sepultos, que horrores já haviam suportado? Sei apenas que ansiavam por um BODE EXPIATÓRIO...

...que fui EU!

"Saiam da frente, vocês dois!"
"Nunca!"
"Saiam da frente, ou vão morrer que nem ELE!"
"Tentem!"
"É, tentem! Vamos lutar até o fim!"
"Então, o fim está PRÓXIMO!"

A turba veio.

Então, TARZAN desceu das árvores! ARAGORN chegou em seu corcel branco!

D'ARTAGNAN! ROBIN HOOD! CAPITÃO BLOOD! Ele era todos em um só!

OH, IRA: sua transformação (por mais que breve) ainda me surpreende!

O PRIMEIRO CUZÃO QUE DER UM PASSO PRA CHEGAR NO GURI PERDE O BRAÇO.

Um "cuzão" deu um passo.

POBRE TOLO!

Admito que os métodos de Ira foram um tanto EXTREMADOS. Mas ele se fez entender (de modo convincente!)...

...e ainda salvou minha vida.

"Salvou sua vida?", vocês hão de perguntar (conheço vocês, leitores: gente arguta e de raciocínio veloz!). "Mas... por quê? Você nos contou tantas vezes que Ira o DETESTAVA! Que tudo que ele queria era se LIVRAR de você!"

Uma grande verdade.

Mas o coração humano (assim como o inumano e o semi-humano) é uma coisa complexa e imperscrutável: um DES-MESU em miniatura que bate dentro de nós. Bem quando acreditamos que conhecemos alguém, que entendemos suas motivações e os estranhos anseios que o impelem...

...ele faz o inesperado.

E o que seria mais inesperado do que ISTO? Ira ajoelhou-se ao meu leito. Ira segurou minha mão esquelética. Passou dias a fio cuidando de mim; me alimentou; me ARRANCOU das portas da morte!

"Mas... por quê?", vocês perguntam de novo. "Porque VOCÊ havia salvado ELE? Porque alguma coisa há muito enterrada naquela alma devassa foi desenterrada depois do que vocês passaram em Tsuris?"

Acalentem suas teorias tal como Ira ME acalentou, caros leitores. A resposta, tal como MUITAS respostas, continuará um mistério...

...ao menos POR ENQUANTO.

Assim que recobrei minha saúde, Ira recuperou seu lado PERVERSO: voltou a me censurar, me contrariar, me passar para trás, me espancar e me atormentar.

Mas sua regressão tinha algo de oco, dado que vinha logo após um ato de redenção tão MAGNÍFICO. Embora tenha feito o possível para TESTAR minha convicção, embora outros tenham me chamado de ingênuo, de estúpido, de um panaca fácil de tapear, NUNCA MAIS duvidei que, por trás daquele peito peludo, houvesse um coração bom e uma alma nobre.

Aquela fé não foi de grande auxílio nas semanas que se seguiram, quando começamos nossa vida entre os homens-sombra; entre os PRISIONEIROS DE GUERRA...

Capítulo Cinco: Meu Benfeitor

Confiscaram nossas roupas e nos deram trapos; serviam-nos bolor que nem mesmo um rato comeria; éramos forçados a trabalhos dos mais horrendos. (Se evito detalhar nossas humilhações, caros leitores, entendam que busco proteger tanto as MINHAS suscetibilidades de idoso quanto as suas.)

Mas as sombras mais escuras eram as que ainda não havíamos visto.

Havíamos ouvido rumores sobre o PRÉDIO 6... onde presos entravam, mas nunca saíam; onde homens, dizia-se, eram jogados em tinas; COZINHADOS até virar sebo!

Ouvimos boatos sobre o COMANDANTE DA BASE: um verdadeiro tubarão desprovido de alma; um demônio que comia PERNAS DE ALEIJADOS no café da manhã e almoçava BEBÊS PRÉ-COZIDOS!

DARKMEISTER EBANN era seu nome,
e ele mantinha-se oculto de nós; recluso
por trás das paredes proibidas de seu aposento
privativo. Ninguém (fora lacaios preferenciais)
nem sequer havia visto seu rosto.

Mas, numa noite memorável, enquanto o trovão ribombava,
Ira roncava e Frodo caçava comida palatável...

...fui pego!

"Estou condenado!", pensei enquanto ele me carregava. "Mãe, estou indo para VOCÊ!"

Mas o vento da veneta soprava forte naquela noite, então continuei vivo e testemunhei um milagre!

O PRÓPRIO Ebann era o milagre: não o devorador de bebês que eu esperava, mas uma alma melancólica que se lamentava pelos PRÓPRIOS filhos, pela esposa, pela vida que ele tivera antes de ser consumido pela guerra.

"Tem algo nos seus olhos, menino Moon", ele me disse em nosso primeiro encontro. "Algo de que sinto falta. Você é ar fresco neste lugar doente e sufocado."

Então, o Comandante me adotou (junto a Frodo. E fiquei mais contente por ELE do que por mim. Foram várias as vezes em que meu desafortunado gato quase se tornara jantar de detento!); ele me deu santuário; fez guarda entre mim e a terra solitária.
"Toque músicas para mim, menino Moon!", meu benfeitor suplicava (nem UMA vez ordenou!) – e eu tocava. "Conte-me histórias!", ele instigava, e eu contava as mais imaginativas que conhecia. "Faça-me esquecer o desgraçado que sou, e o inferno que habito!"
Isto eu NÃO consegui... mas tentei.

Pensei nele tantas vezes ao longo dos anos: aquele estranho homem que habitava as trevas, mas que me mostrou tanta luz!

Ao contrário da opinião popular, eu não era tolo: via a devastação, a desumanidade ao meu redor. Eu SABIA que ELE era o responsável...

...mas, ainda assim, me agarrei, tenaz, à crença de que a bondade que ele derramava sobre mim podia derramar-se sobre OUTROS! "Serei a semente", pensei, lembrando da minha visão no campo de batalha. "Quem sabe um coração POSSA mudar o mundo!"

MEU mundo, é claro, começava com Ira... depois se espalhava a Rigarollo e Sapolho.

"Comandante", eu arrulhei numa manhã no inferno, quando seu astral parecia bom. "Tenho três amigos aqui... Todos grandes atores! E, com a ajuda deles, posso preparar o espetáculo mais grandioso que já se viu!"

Meu benfeitor me analisou, ponderou minhas palavras, depois assentiu com a cabeça e sorriu. "Conte-me os nomes deles", ele disse, "e verei o que posso fazer".

Num instante, meus companheiros estavam livres e nasceu a "Companhia de Teatro Moonshadow"!

Adaptei os roteiros de meus livros prediletos; dirigi as peças; fui protagonista de todas as produções!

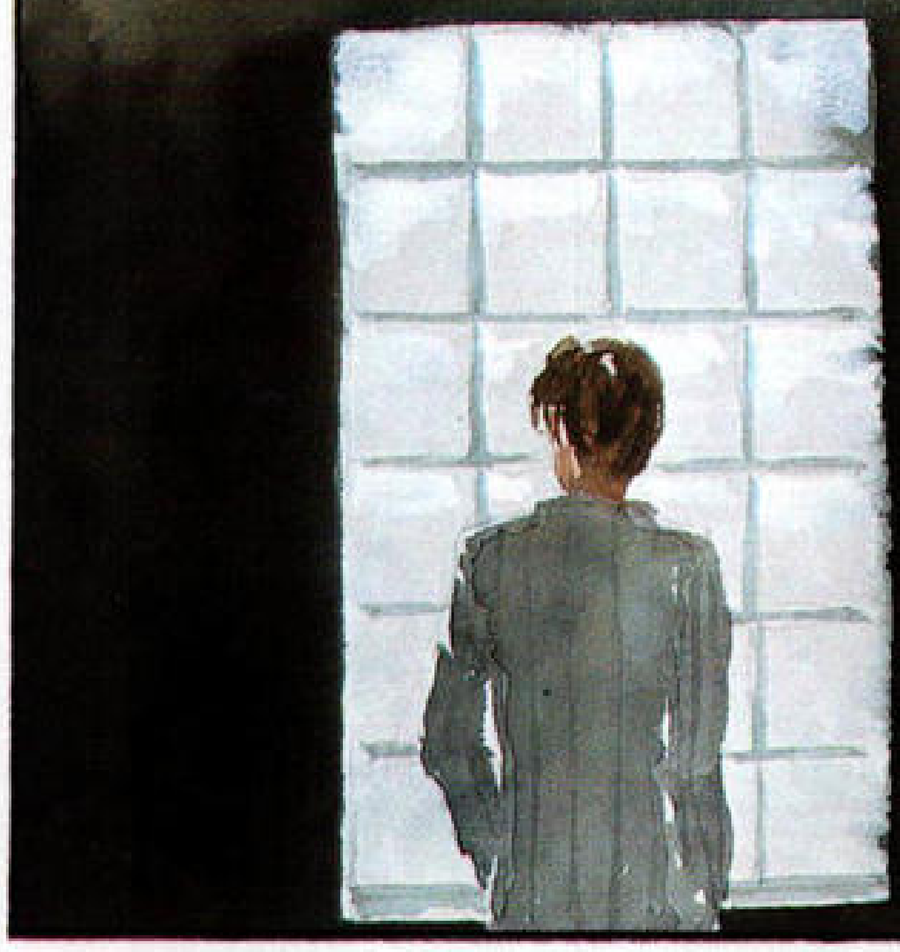
"Alice no País das Maravilhas" foi nosso primeiro sucesso (como encantou nossa plateia de uma pessoa só!), seguida logo depois, em ordem, por "A Odisseia", "Frankenstein", "A Tempestade" e "Peter Pan"! (Ira, sempre o vilão, interpretou um Capitão Gancho memorável!)

E ainda assim eu não podia olhar para a base (nas ocasiões em que tinha coragem) sem sentir pontadas de consciência... e CULPA exorbitante.

Capítulo Seis:
Corto Minha Garganta (e a de Vários Outros)

"De que vale minha liberdade", eu ponderava, "quando outros estão presos? Se ELES não podem compartilhar da minha felicidade, EU não posso ser feliz". (Na verdade, eu estava longe de ser livre. Aquele lugar era, como Ira gostava de ressaltar, "só mais um zoológico pelo caminho". Eu estava preparado para ser feliz enquanto outros sofriam, e ESTA noção, mais do que qualquer outra, me levou a me pronunciar.)

E me pronunciei:



O coração (como percebi mais tarde) é tão complexo, tão imperscrutável e tão imprevisível quanto os Des-Mesu. Agora eu sei: foi ALI que eu aprendi.

Então, por que me SURPREENDI quando Darkmeister Ebann convocou seus guardas e mandou desmanchar nossos cenários; queimar nossos roteiros; retalhar nossos figurinos? Por que me CHOQUEI ao descobrir nosso grupelho sumariamente despachado para o temível PRÉDIO 6?

E por que eu senti mais tristeza pelo Comandante do que pela companhia teatral?

Ira, é claro, resmungou, sacudiu as correntes e me vilipendiou. Mas seus olhos tinham outra mensagem. "Cê fez o que tinha que fazer", eles diziam (ou ao menos eu IMAGINAVA que diziam).

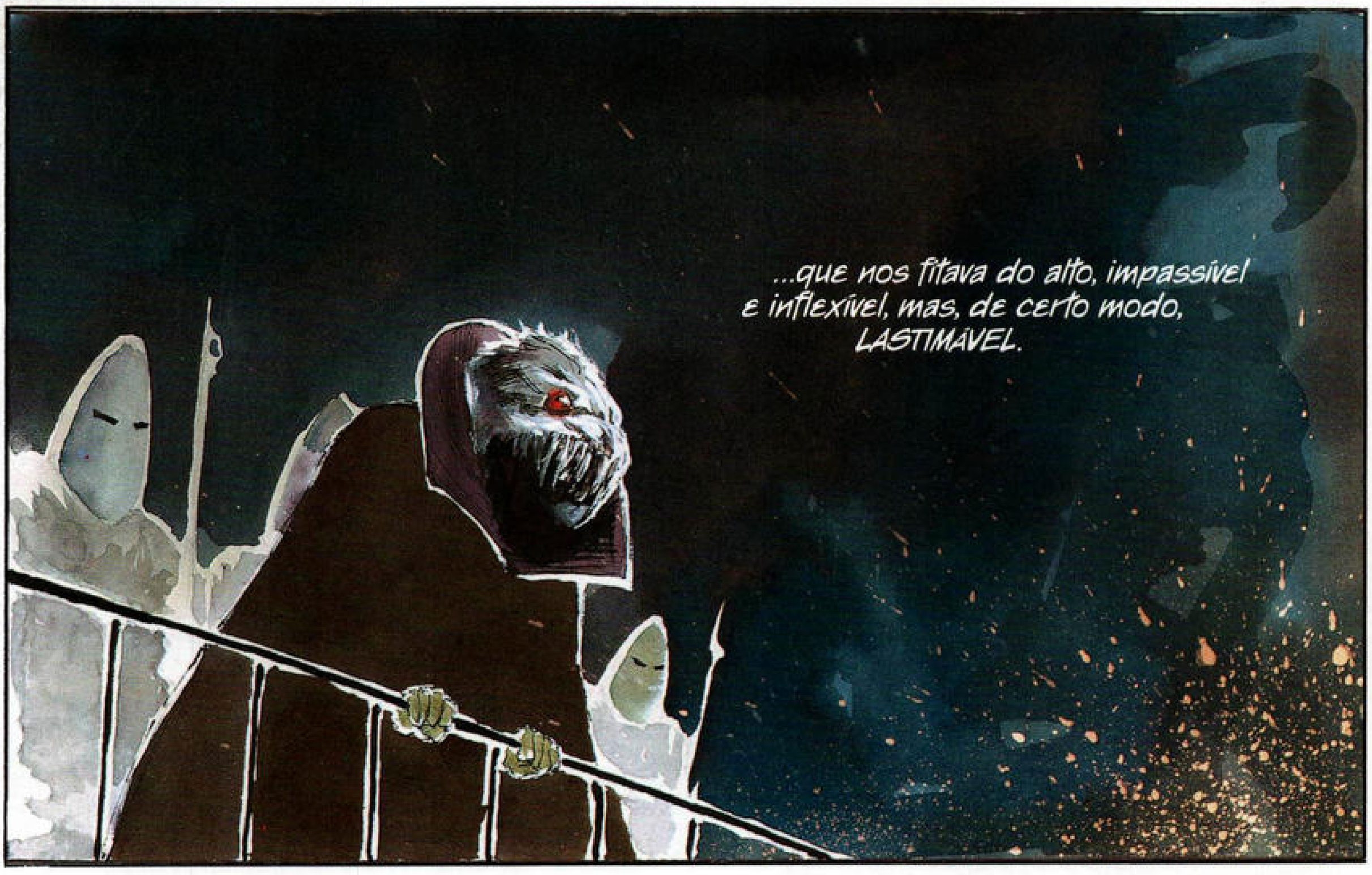
Realidade ou projeção, aqueles olhos me consolaram...

...enquanto aguardávamos nossa vez nas TINAS.

Cada um de nós, a seu modo, contemplava a SEBOSIDADE.

Cada um de nós, a seu modo, preparava-se para encontrar seu fim.

A hora de nossa execução chegou, assim como o Comandante...



Mas esqueceu-se toda ideia de lástima quando fomos esbordoados, chutados, amarrados, içados...

...e preparados para a fervura.

Enquanto eu estava lá, aguardando o fim, aconteceu algo CURIOSO. Olhei para a esquerda...

...e lá estava meu homônimo: lá estava "Moonshadow", sentado, como um Buda baleado, sobre uma nuvem.

"Olá, Moon."
"O que VOCÊ está fazendo aqui?"
"Queria trocar uma ideia."
"Eu não tenho TEMPO para alucinações... vou MORRER!"
"E você ME culpa?"

"Já que você tocou no assunto: SIM!"
"Por quê?"
"'Um coração muda o mundo'? Lembra alguma coisa?"
"Ā-hā."
"Pois olha onde eu vim PARAR com essa! Pensando bem..."

...OLHA ONDE *VOCÊ* FOI PARAR!

NA *MORTE*, VOCÊ DIZ?

PODE-SE DIZER.

EU AINDA *ACREDITO* NO QUE DISSE, SABIA?

MAS COMO? AINDA MAIS COM ESSE *BURACO* NA TESTA!

"Morrer não é grande coisa, Moon.
O que conta é a vida que você deixa para TRÁS."
"Ah, é? E o que VOCÊ deixou para trás?"
"De certo modo..."

"...VOCÊ", ele disse, antes de sumir...

POOF!

...e virar nada.

Acredite se quiser, ali eu SORRI: meu espírito ficou leve; meu coração dilatou-se; meus olhos encheram-se de lágrimas.

Eu olhei (em meio às lágrimas) para Ira: arriado lentamente, rumo à extinção.

Eu olhei (em meio às lágrimas) para Darkmeister Ebann: preso entre luz e sombra.

E, tomado de melancolia, medo, espanto e da mais ilógica e inefável PAZ...

...aguardei pacientemente ser queimado e fervido; o fim seboso...

...da minha jornada do despertar.

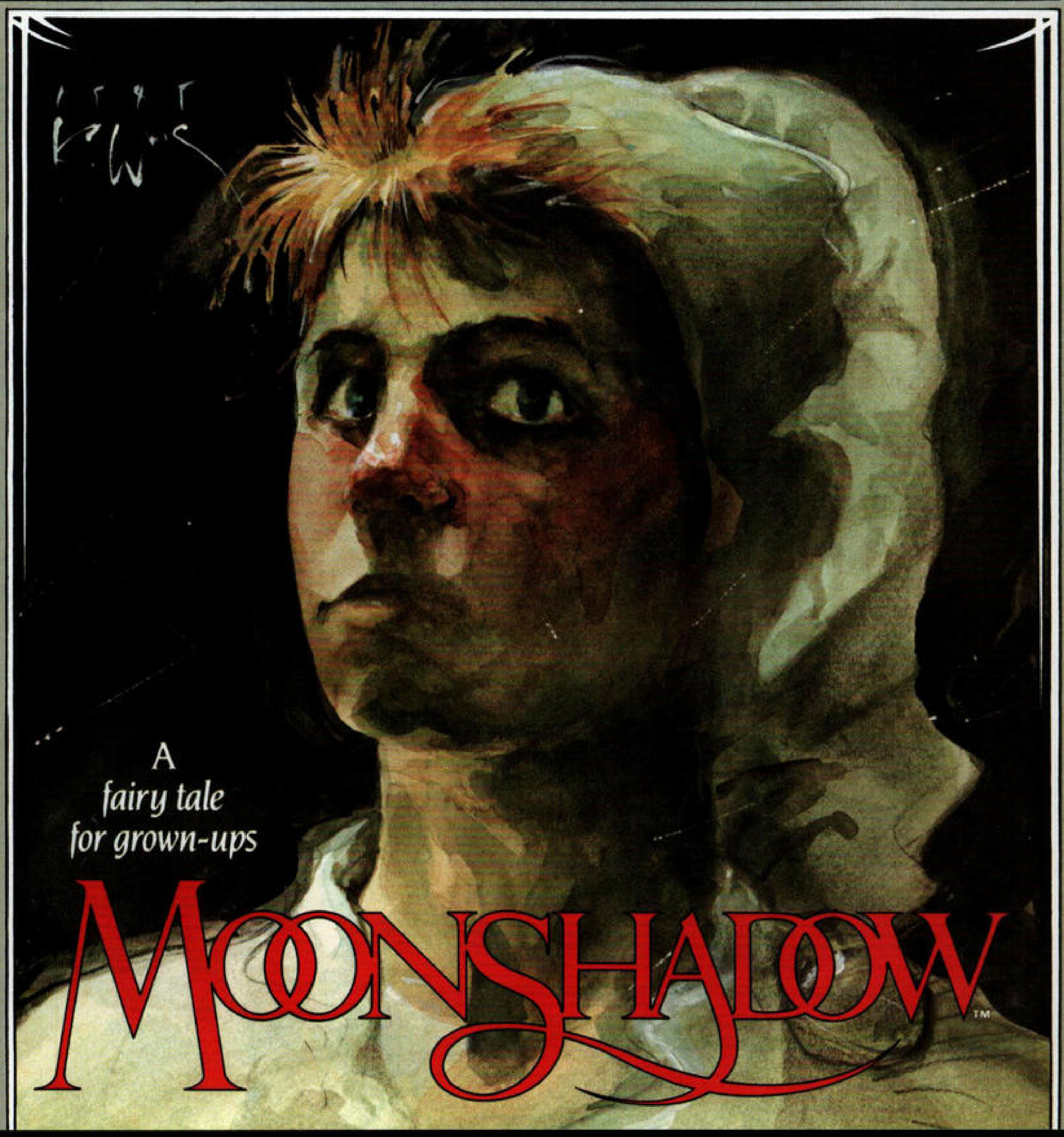
Esperando Moonshadow: Um Drama

Bistro P. Blackhole

Argo: Sua mãe foi uma *flower child*, raptada por *aliens*.
Flem: Ah, sim; os *Des-Mesu*.
Argo: As bolas de luz venetísticas, imperscrutáveis!
Flem: Uma das quais engravidou a pobre "Sunflower".
Argo: Minha nossa.
Flem: O garoto foi criado em um zoológico intergaláctico...
Argo: ...à base de histórias ripongas e sonhos de poetas românticos.
Flem: Ah, mas logo levou um pé na bunda por parte do apatetado e sorridente *pai*...
Argo: ...junto à mãe (que em seguida pereceu), seu gato e o imundo e flatulento *Ira* junto a si.
Flem: As aventuras que ele teve!
Argo: *Des*venturas, no caso.
Flem: E acabou enviado à guerra, se não me engano.
Argo: Foi mesmo. Capturado e condenado a uma base de prisioneiros de guerra.
Flem: Não me diga! Ele morreu lá?
Argo: Ora... não tenho certeza.
Flem: Creio que o tempo dirá.
Argo: Dirá?
Flem: Ah, bem...
Argo: Nada há que se fazer.

Livro Seis

MOONSHADOW 6
JANUARY 1986
$1.50 | $1.75 CANADA



A
fairy tale
for grown-ups

MOONSHADOW™

"'Jorge, Jorge', exclamou ela assim que conseguiu falar; o sr. Darling acordou para compartilhar daquela felicidade e Naná entrou correndo no quarto."

"Não pode ter havido visão mais bela; mas não havia ninguém para vê-la, exceto um menino estranho que espiava pela janela."

"Ele já tivera êxtases inumeráveis que outras crianças nunca conhecerão; mas, pela janela, via a única alegria..."

"...da qual sempre seria excluído."

Oh, PETER PAN! Quanto já o invejei por fazer aquilo que eu só SONHAVA: pular os muros deste Zoológico que chamamos de vida e velejar, livre entre as estrelas!

Contudo, conforme ganho idade e experiência (observem, por favor, que não falei "sapiência"), minha inveja DIMINUIU; o pó de pirlimpimpim não BASTA para libertar um homem!

Apesar dos "êxtases inumeráveis" que a Terra do Nunca oferecia, nem VOCÊ, Peter, teve que sofrer a mesma melancolia que OUTRO garoto perdido...

MOONSHADOW

LIVRO SEIS:

Pela Janela

Capítulo Um:
Digressão Introdutória

Autorizam-me a escrever (serei breve!) sobre os primeiros e inocentes dias de vida — quando aprendemos a nos arrastar e balbuciar e tatear o mundo?

Autorizam-me a escrever (serei breve!) sobre os deuses gêmeos que MANDAM neste mundo: as assombrosas divindades chamadas PAI e MÃE?

Penso em um momento reluzente específico (de "Sunflower", não meu) em um sofá do Brooklyn: Sheila aninhada entre Martin Bernbaum e Esther: os três banhados pelo brilho da televisão.

"Paz", minha mãe me disse uma vez, "era AQUILO: nada de perguntas, nada de carência, só carinho e afeto".

Como aquele momento lhe pareceu ETERNO! Com que VELOCIDADE se perdeu!

Os anos voaram; os deuses envelheceram. Perguntas surgiram; os deuses não tinham respostas. Brotaram as carências que os deuses não tinham como suprir.

Então, "Sunflower" fez o que os fiéis fazem desde a aurora dos tempos: dispensou aqueles deuses e partiu em busca de NOVOS deuses.

NIRVANA

Muitos ela encontrou e adotou, fervorosa...

...e acabou julgando-os INSUFICIENTES.

Deve ser por isso que, naquela noite desesperançada de 1968 (HORAS antes de os Des-Mesu a raptarem)...

...Sheila Fay Bernbaum ligou para casa pela primeira vez depois de ABANDONÁ-LA: uma menina PERDIDA buscando o conforto de Mamãe, Papai e uma TV de doze polegadas.

NINGUÉM ATENDEU no apartamento dos Bernbaum (será que meus avós haviam saído para dançar num casamento, enquanto a filha, em desespero, aguardou na linha? Estariam mofando nos próprios túmulos, sem lamentações?)...

...e, conforme o tempo passou, "Sunflower" convenceu-se de que, fora inevitáveis lágrimas e trocas de acusações, NADA teria acontecido se houvessem atendido.

Cada vez mais minha mãe teve certeza de que o Satori* no sofá que ela vivenciara quando criança fora produto não de seus PAIS...

...mas de sua INOCÊNCIA.

(*) Termo budista que se refere a despertar/iluminação. A palavra em si quer dizer "compreensão".

Ela tentou, mesmo durante a desintegração da consciência em seus últimos anos, LEMBRAR-SE da inocência; agarrar-se a ela, e passá-la adiante, a mim.

E ela esperou, em vão, que a paz viesse; que ganhasse um assento no sofá do CÉU; que fizesse cavalinho no joelho do Criador.

Capítulo Dois: Flatulência

Pensei na minha mãe enquanto pairava sobre as tinas. Ali, diante da perdição certa, de algum modo eu ENCONTRARA a paz esquiva que ela procurava.

Teria a proximidade da Morte me levado a um estado mais elevado do Ser, restaurado minha inocência de recém-nascido, despido-me de perguntas e carências? Não por completo. Por trás da calma, eu ainda ouvia o falatório incessante do Medo, do Espanto, do Ego e do Desejo.

Mas eram como mosquitos zumbindo atrás de uma janela fechada: insignificantes...

...e impotentes.

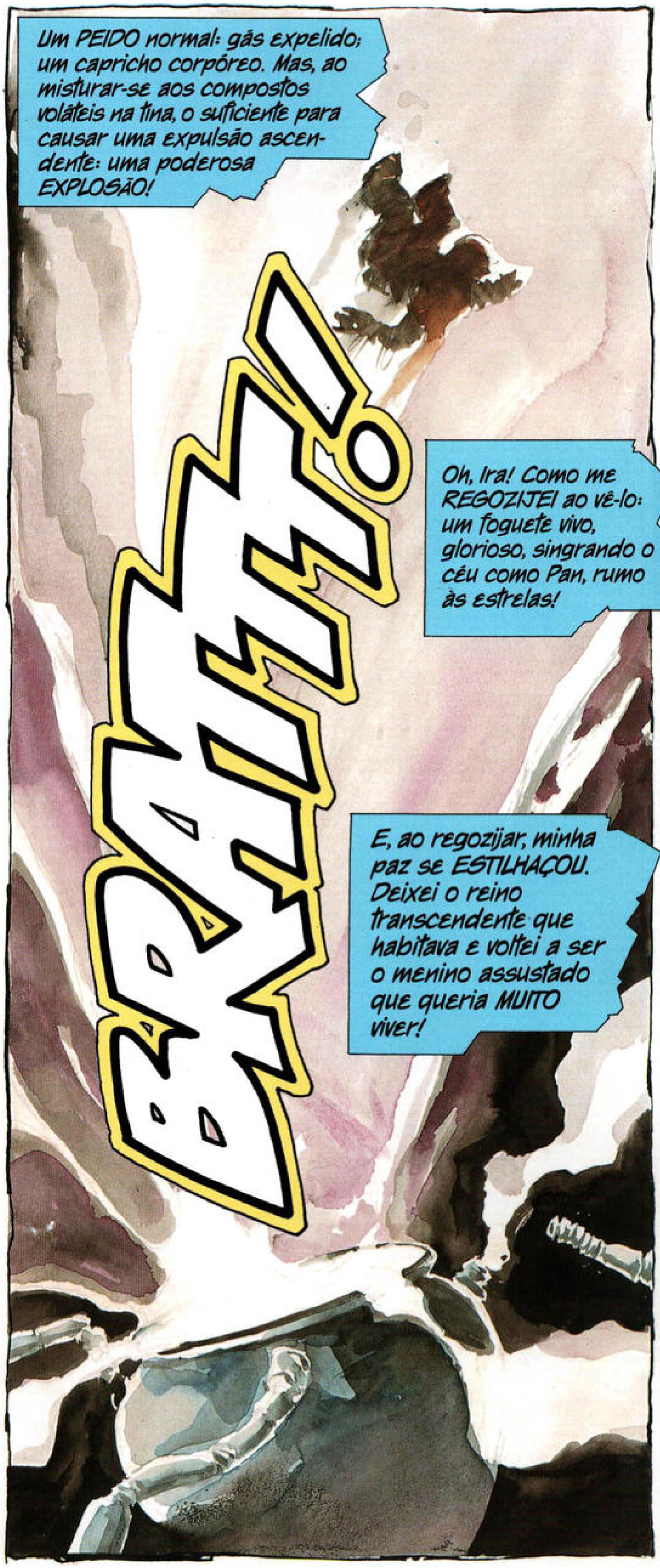
Então, sereno como um lago congelado, abençoado como um Buda, assisti a meu querido Ira cair na tina...

...e desaparecer.

POP!

POOF!

PING!


Um PEIDO normal: gás expelido; um capricho corpóreo. Mas, ao misturar-se aos compostos voláteis na tina, o suficiente para causar uma expulsão ascendente: uma poderosa EXPLOSÃO!
Oh, Ira! Como me REGOZIJEI ao vê-lo: um foguete vivo, glorioso, singrando o céu como Pan, rumo às estrelas!
E, ao regozijar, minha paz se ESTILHAÇOU. Deixei o reino transcendente que habitava e voltei a ser o menino assustado que queria MUITO viver!

Enquanto Ira singrava os céus além do arco-íris, ALGUÉM (no tumulto que se seguiu à explosão, só pude distinguir uma mão esquelética saindo da fumaça) girou uma alavanca: as tinas sob nós se fecharam; nossos arreios se soltaram.

BEM NA HORA!

O Prédio 6 tornou-se chama e sebo gotejante! Em questão de minutos, isto aconteceu com TODA A BASE!

Nossos apreensores goyimianos entraram em pânico e fugiram: em direção aos foguetes!

Nossos colegas de detenção gritaram e assaram, trancados nos alojamentos em chamas!

TEMOS QUE TIRAR ELES DE LÁ!

MAS E IRA?

SABE-SE LÁ *ONDE* FOI PARAR!

VAMOS AJUDAR QUEM PODEMOS!

ESPEREM! *OLHEM!*

O QUÊ?

AQUILO!

Capítulo Três:
Veneta, de Novo

Como rotular seres dos quais não se sabe a origem, cujas manifestações a pleno acaso não são nem previsíveis nem explicáveis...

...e cujos atos não aparentam motivação, nem o mínimo indício de propósito ou sentido?

Vocês JÁ ouviram essa pergunta, caros leitores, então lembrem-se da resposta:

NÃO ROTULE.

Você só mantém distância, absolutamente confuso, e pondera os imponderáveis DES-MESU.

Pois ponderem o SEGUINTE: a turbulenta turba (se meu PAI estava entre eles, não sei dizer. Quando agrupados, um balão que brilha parece igual a qualquer outro) não só apagou todos os incêndios, libertou todos os cativos e agrilhoou todos os carcereiros; TAMBÉM curou os doentes e feridos dos DOIS LADOS...

...com uma exceção DIGNA DE NOTA.

Encontrei DARKMEISTER EBANN, a pele torrada, os olhos cegos arregalados, encurvado entre os corpos (será que a ressurreição estava além das capacidades dos Des-Mesu, ou os mortos ficavam simplesmente aquém da percepção deles?)...

...suas mãos esqueléticas (de repente, tão familiares!) agarrando o ar, em vã tentativa de defender-se da Desdita.

"Foi VOCÊ!", gritei, ajoelhando-me ao lado dele, gentilmente tomando aquelas mãos na minha. "VOCÊ nos soltou! VOCÊ fechou as tinas!"

NÃO ENTENDI.

HÃ? O QUÊ? NÃO CONSIGO OUVI-LO!

EU... NÃO... ENTENDI!

Aquelas palavras teriam sido para mim? Para as esferas que se sacudiam no ar? Para a PRÓPRIA CRIAÇÃO?

Posso apenas conjecturar...

...pois, após proferi-las, Comandante Ebann, o carniceiro, Comandante Ebann, o salvador...

...emitiu um estrépito temível e sombrio, cuspiu um fluido negro e horrendo...

...e FOI DESTA PARA A MELHOR.

PUF!

PUF!

PING!

O ar explodiu de VIVAS: vivas RETUMBANTES que, apesar de não serem lógicos, tocaram meu coração enlutado. (Sim, eu me CONDOÍ por Darkmeister Ebann e por isto não peço desculpas.)

Para nossos colegas detentos, o desespero, de repente, transformou-se em esperança, e ira, o que majestosamente peidou pela própria liberdade; o que ficou, literalmente, à FRENTE dos "libertadores" Des-Mesu, viu-se como FOCO deste eflúvio emocional; festejado como HERÓI...

("Só sei, guri", sussurrou o suposto herói, puxando-me de lado, "que num segundo eu sou cuspido daquela tina que nem EJACULAÇÃO PRECOCE, e no outro eu aterrisso numa dessas bolas risonhas do cacete!")

...enquanto nós... eu, Rigarollo, Sapolho, até mesmo FRODO, fomos ovacionados JUNTOS: aplausos por tabela.

A comemoração prosseguiu enquanto éramos conduzidos aos lança-foguetes; quando fomos disparados para nossa casa; quando fomos RECEBIDOS em solo machoviano por aquele tempestuoso e vetusto soldado:

GENERAL LUNATIO CARROLLÍNEO.

"Meus belos, belos homens", disse Lunátio, com tapas nas nossas costas e apertos em nossas mãos ao bom-tom generalesco, "vocês trazem orgulho à pátria!"

EU LHE CONFIRO A COBIÇADA "MEDALHA DA MALÍCIA"...

TÁ DE BRINCADEIRA!

...QUE DESEJA UM JANTAR COM ELE AINDA ESTA NOITE! NO PALÁCIO DA CORTE DE MIMDAMIMDÁ!

QUE LEGAL.

...ASSIM COMO UM CONVITE PESSOAL DE SUA MAJESTADE, REI MACHA...

Para nosso terror, Lunático beijou nossas bochechas, depois nos enfiou em um transporte direto ao Mundo Shopping Center onde minha Mãe fora cozinhada às cinzas! (Por que, questionei-me, o Rei decidira MORAR ali?)

Ao chegar, fomos recebidos com mais vivas (como a adulação cansa rápido!) e jogados no coche que aguardava para nos levar, a ritmo suave, até Sua Majestade.

Resguardada e segura, nossa companhia pôde, enfim, respirar fundo, e ponderar os fatos que haviam nos levado até ali.

Capítulo Quatro: Reflexões

Ira, para começar, parecia abaladissimo: nossas experiências de guerra o haviam TRANSFORMADO (ou desvelado um "ele" há muito oculto), e nem ele sabia ao certo COMO.

Então, remoendo e coçando a genitália, ele ficou em silêncio, inacessível.

Rigarollo e Sapolho, por outro lado, estavam FACEIROS! Eram homens cujas vidas antes da guerra haviam sido (e aqui uso as palavras do próprio Sapolho) "no máximo, uma desgraça".

Rigarollo, um trombadinha e trambiqueiro (péssimo nas duas funções), passara mais tempo atrás das grades do que com a esposa e os treze filhos, que o veneravam ainda mais pelos infortúnios. "São uns santos, TODOS eles", ele lamentava quando bêbado, "por aguentar um pecador que nem eu!"

Sapolho, que era leiteiro, mal ganhava o necessário para prover a esposa perpetuamente acometida, ELSIE. ("Coisinha frágil, depende de mim para tudo", era seu pranto constante. "Oh, não sei COMO ela sobreviveu nos meses que passamos distantes!")

Agora, estas duas caras almas (que eu amo até hoje) viam-se enaltecidas e louvadas espaço afora: o PRÓPRIO Macha IV solicitava audiência com elas: não era à toa que seu entusiasmo não minguava.

Já quanto a seu humilde NARRADOR:

Eu estava tão confuso quanto Ira estava abalado; tão soturno quanto os outros estavam faceiros. Tendo partido a Bingbangbuum saboreando um SONHO, voltara com a boca cheia do gosto emético da REALIDADE.

Na época, é claro, meu raciocínio não era eloquente nem claro: eu só sabia que a guerra havia me deixado doente, que o espectro de Darkmeister Ebann estava do meu lado, trazendo mil charadas que eu mal podia entender, quanto mais resolver.

Então, afastei aquele fantasma desconcertante e abracei o único pensamento que me dava conforto.

Apesar de todo "sangue e mágoa" (como Lorde Gaylord havia dito tão bem) que vivemos, havia MOTIVO: sim, a guerra foi trágica; patética; obscena... mas estávamos lutando pela LIBERDADE, e contra a tirania mais PERNICIOSA que há.

Ainda assim devo admitir que eu acalentava dúvidas (minúsculas, insistentes e que, por fim, se provaram certas) até sobre ESTA nobre ideia. Embora as sementes do cinismo ainda tivessem que ser semeadas na alma teimosamente romântica, os primeiros brotos do CETICISMO já se abriam...

...e eu dei meu máximo para ignorá-los conforme nos aproximávamos...

Capítulo Cinco: Um Reencontro

PALÁCIO DA CORTE

BEM-VINDO

AH, MEU SANTO!

...do PALÁCIO DA CORTE.

Em retrospecto, me pergunto por que o que vi naquele dia me surpreendeu. Afinal, estávamos em Mimdamimdá, não em NÁRNIA. Eu esperava mesmo uma coisa elegante, saída de um conto de fadas? Um castelo encantado, digno da Bela Adormecida, Cinderela ou Branca de Neve?

SUVENIRES DO PALÁCIO REAL

PALÁCIO DA CORTE

Suponho que SIM (o ceticismo brotava, mas o romance AINDA reinava). Pois a monstruosidade espalhafatosa, arrogante e BREGA que nos recebeu, reduziu-me primeiro a risinhos nervosos, depois ao mutismo do estupor.

Nos portões, os guardas nos deram camisetas, bonés, distintivos e programas...

...depois nos levaram para dentro, onde nos serviram bebidas, frios, sanduíches e minissalsichinhas ("Com os cumprimentos de REI MACHA e RAINHA DIBBICH", diziam os cartões que vinham junto)...

...e enfim fomos escoltados... por seis imagens do Desejo com rabinho de coelho... a nossos QUARTOS.

E lá fomos espanejados, ensaboados, afagados, aromatizados, penteados e enroupados...

...e preparados para nossa audiência com a família real.

(Por um instante, Ira ENRIJECEU, pronto para atacar nossas avantajadas servas, mas a luz da licenciosidade apagou-se em seus olhos, sua haste peluda desinflou-se e ele voltou a afundar no torpor.)

Apesar de meu receio quanto à situação de Ira (seria ele ainda o mesmo devasso consumidor de cerveja, cujo domo no Zoológico costumava ter sêmen até os JOELHOS?), de repente, eu me senti anuviado enquanto nos dirigíamos à sala do trono...

A ideia de CONHECER UM REI finalmente transpassou meu desnorteamento (afinal, eu fora nutrido à base de Malory e Dumas).

Tonto de ansiedade, segui os outros à sala, esperando deparar-me com o equivalente machoviano do nobre ARTUR ou do leonino RICARDO, mas o que encontrei foi...

SAUDAÇÕES A VÓS, Ó HERÓIS DO REINO SAGRADO!

Ai, que puxa... ESPERO QUE TENHA SIDO UMA SAUDAÇÃO BEM POMPOSA.

FOI APROPRIADA, QUERIDO.

NÃO... PODE... SER!

...REI MACHA: não um nobre monarca, mas um doido de pedra! O mesmo doido iludido que dividira o quarto comigo no "Lar Jobedias Untuosso para Meliantes e Malucos". (Nunca cogitei que seus delírios fossem REAIS, que ele era exatamente aquilo, o REI, que afirmava ser!)

COM LICENÇA, CRIANÇA... NOS CONHECEMOS?

(Perguntou o Rei, ao se aproximar.)

O S-SENHOR SABE QUEM EU SOU?

SE SEI? COMO VOU SABER SE SEI? POR ISSO QUE PERGUNTEI SE SABE SE EU SEI!!

TÁ ENTENDENDO ALGUMA COISA?

Ã-hã.

"Estou certo de que já nos conhecemos", rulhou o Rei. "Mas de ONDE?"

DA CAÇADA ANUAL AO *ESTÚGUEL*?

NÃO, MAJESTADE.

DO CONCURSO DE ARQUEIROS DA MANSÃO *GATOLA*?

NÃO, MAJESTADE.

AH, JÁ SEI: VOCÊ É O PEDINTE CUJO PAI FOI PRESO POR VENDER FOTOS AUTOGRAFADAS DE *DEUS* NOS PORTÕES DO PALÁCIO!

"Não, milorde", respondi, sem querer envergonhar nenhum de nós com a verdade e a camisa de força que usava, "mas, se milorde não lembra, talvez seja melhor DEIXAR ASSIM..."

NÃO! EU EXIJO SABER!

DIGA-LHE, AMADA!

ELE EXIGE SABER!

DIGAM-LHE, GUARDAS!

ELE EXIGE SABER!

ACHO BOM VOCÊ ABRIR O BICO!

NA VERDADE, VOSSA ALTEZA, NOS CONHECEMOS NO...

ONDE? ONDE?

..."LAR JOBEDIAS UNTUOSSO..."

"O LAR JOBEDIAS UNTUOSSO PARA COLECIONADORES DE LUNFA E TAMPINHAS". ERA EXATAMENTE O QUE EU IA DIZER, MEU GAROTO...

...NÃO É?

C-C-COM CERTEZA, SR. UNTUOSSO!

AGORA, O SENHOR *PODERIA* LARGAR MEU PESCOÇO?

Nossa... que dia para REENCONTROS: primeiro, meu colega de pinel, e depois aquele abutre ganancioso, JOBEDIAS!

"Cada vez mais curioso", pensei... conforme nós, os quatro "heróis", fomos literalmente...

...encarregados de conduzir o divã da Rainha (COM a Rainha, infelizmente) até o salão de jantar...

...onde, aliviados do encargo, fomos recebidos por diversos Lordes e Damas da Corte, assim como por outras TRÊS figuras que desempenhariam parte importante na minha jornada do despertar.

O irmão de Untuosso, MObedias, e sua irmã, FLObedias, e o pai dele, o mais untuoso dos Untuosso (minha pele ainda FORMIGA de pensar nele)...

...Sua Eminência Pia, o Rabino PObedias Untuosso. (Embora fosse chamado de Rabino, ele NÃO era, contento-me em dizer, seguidor da fé de meus avós. Eu descobriria mais tarde QUAL era sua fé... para meu arrependimento perpétuo.)

A julgar pela deferência extrema, pode-se até dizer MEDO, que tanto Rei quanto Rainha demonstravam perante os Untuosso, supus que o quarteto peculiar exercia um poder misterioso sobre o trono.

Minha mente estava ávida por respostas, mas minha BARRIGA estava ávida por COMIDA (o banquete disposto à nossa frente fez meus sucos gástricos acorrerem).

Então, seguindo o exemplo carinhosamente repugnante da Rainha Dibbich...

...eu comi.
E comi.
E comi.

E, enquanto glutonava...

...observei o seguinte:

1) Rainha Dibbich podia estar EXTRAFAMINTA, mas continuava sendo esposa atenciosa e dedicada; desesperadamente, arrebatadamente apaixonada pelo marido miolo mole. (A ponto de eu amá-la por ser tão amorosa!)

2) Embora os Untuosso não demonstrassem interesse por (e, na verdade, tivessem tamanho DESDÉM por) Rigarollo, Sapolho, Frodo e por mim, tinham um interesse DESMEDIDO por IRA.

3) O interesse (de momento) não era mútuo.

4) Uma mulher de beleza estonteante, DAMA CHAMA, como era designada, parecia DECIDIDA a atrair minha atenção.

5) Entreguei meu coração, não a ELA, mas à PROLE real: sete pequenos elfos, espertos e rechonchudos, que roubaram minha sobremesa, depois minha "Medalha da Malícia" e, por fim, minha AFEIÇÃO.

Capítulo Seis: Perdas e Ganhos

As perdas se deram numa manhã enganosamente ensolarada, quando Rigarollo e Sapolho anunciaram que estavam de partida imediata. Nosso grupo fora dispensado do serviço militar (outro capricho régio: às vezes, parecia haver um Des-Mesu escondido na coroa de Macha), e estávamos livres para fazer o que bem entendêssemos...

...o leiteiro e o trombadinha, no caso, felizes em voltar a seus ENTES QUERIDOS.

Nos dias que se seguiram (Sua Majestade decretou que nossa visita se prolongasse por uma semana; depois duas; depois TRÊS!), essas queridas crianças viraram SOMBRAS constantes, coladas aos meus calcanhares.

Mas OUTROS assuntos, nesse meio-tempo, vinham à baila rapidamente.

Oh, os abraços que trocamos, as lágrimas que derramamos ao nos despedir, jurando NUNCA perder contato (e sabendo perfeitamente que PERDERÍAMOS)!

Ainda assim, quando assisti à partida deles, minha melancolia deu lugar a uma inveja cada vez maior: desejei, DE TODO CORAÇÃO, que fosse eu a partir; a voltar à família e ao aconchego do lar!

As vidas que os aguardavam talvez fossem "no máximo, uma desgraça"...

...mas, de momento, eu estimava mais a desgraça que o fôlego.

Talvez minha dor diminuísse caso IRA estivesse perto para amortecer o golpe (ele estava, assim como meu sempre fiel gato, e isso era o mais próximo de família e aconchego do lar que eu conhecia)...

...mas meu consorte felpudo vinha mantendo distância, ou FOI distanciado, devo dizer...

...pelos UNTUOSSO.

Jobedias e seu oleoso clã nunca ficavam longe de Ira. Manipulavam-no com drogas e bebidas, satisfaziam cada um de seus desejos perversos e davam incentivo aos comportamentos mais aviltantes...

...até que, por fim, ressurgiu o libertino lascivo de antes...

...mais devasso e desregrado que nunca!

Embora eu houvesse rezado repetidamente para que o silêncio taciturno de meu amigo chegasse ao fim, essa inversão alimentada pelos Untuosso me causou... repulsa. E me encheu de temor.

(Eu não tinha PROVAS concretas de maquinações nem de falsidades; apenas meu instinto mirim e os pelos eriçados de Frodo, que subiam sempre que um Untuosso entrava no recinto.)

Uma PALAVRA de Ira poderia ter dissipado este temor (aliás, era o que eu ESPERAVA), mas, por mais que tentasse ALCANÇÁ-LO...

...o caminho estava bloqueado.

Ao decidir que a opção mais sábia seria esperar nossas três semanas de estadia se encerrarem (libertados do castelo, estaríamos libertos dos Untuosso), voltei à companhia segura das minhas pequenas sombras.

Rainha Dibbich APROVOU com toda alegria minha presença no quarto das crianças. "Eu CONFIO em você, Moonshadow", disse ela, "o que é algo RARO nestas redondezas".

Logo fiquei sabendo que Sua Majestade era uma pessoa solitária e pouco à vontade com a coroa, cujo mundo girava em torno do marido, dos filhos e da cozinha. (Não foi a PRIMEIRA a preencher um buraco no coração com chocolate e pudim.)

Tomando-me de confidente, ela contou de sua juventude árdua: da batalha de Macha contra a insanidade: dos Untuosso e da influência adversa que tinham na corte (vocês ainda OUVIRÃO essas histórias, caros leitores, mas mais tarde)...

...e implorou que eu FICASSE na corte como CONTRAPESO a essa influência. "Meus filhos precisam de uma babá bondosa", ela soluçava, "e esta gorda velha e tola precisa de um amigo bondoso".

A oferta era tentadora; as lágrimas, persuasivas, mas precisava pensar em IRA! Se eu ficasse, o que seria dele? Expulso, para onde iria?

"Ele precisa de mim, Rainha, muito mais que Vossa Majestade, e não posso trair esta carência!"

Mas é claro que ELE podia... e ME traiu!

Ele evadiu-se (rato! Ser maligno!) noite afora, Mobedias e Flobedias Untuosso a seu lado!

Caro Moon-chato, Fama e fortuna me chamam! Como você bem sabe, agora sou um pirata herói de guerra, e meu chapa Mobedias disse que se vou ENCHER O RABO de grana se fizer uma turnê!

ENTÃO...

Contrato assinado e pé na estrada! Se vier pelas minhas bandas, não precisa aparecer! Chupa! Atenciosamente, Ira

Ele evadiu-se e, ao partir, deixou um bilhete sujo de merda e no limite da legibilidade.

Quando traído da PRIMEIRA vez (lembram-se do "Divinovo", leitores? Lembram-se da criança pobre e abatida, sozinha no beco?), sentei-me, às lágrimas, lamentando minha sina. Traído pela SEGUNDA vez, eu SEGUREI as lágrimas...

...e corri ao quarto das crianças...

...onde juntei meus afilhados. "Eu SEREI sua babá", falei a eles. "Vou PROTEGÊ-LOS deste mundo revolto!"

EU LHES DAREI OZ!
EU LHES DAREI A TERRA DO NUNCA!
EU LHES DAREI BROOKLYN E SATORI!
AH, EU JURO, PEQUENAS SOMBRAS...

...EU LHES DAREI...

Dito aquilo, eu coloquei cada um na cama; observei cada um ser levado pelo sono.

E então, SÓ então... eu me permiti...

...chorar.

Era uma vez...

Livro Sete

MOONSHADOW 7
APRIL 1986
$1.50 | $1.75 CANADA

"Beautiful, original, haunting"
—Ray Bradbury

A
fairy tale
for grown-ups

MOONSHADOW™

J. M. DeMatteis
& Jon J Muth

"Quando estive de cama e doente,
Sobre dois travesseiros descansava
minha mente,
E havia muitos brinquedos ao meu lado,
Para que não me sentisse frustrado."

"Às vezes, por uma hora ou mais eu assistia
Aos meus soldadinhos de chumbo numa via;
Eles treinavam e trajavam variadas fardas,
E nas colinas de cobertas montavam guarda;"

"Noutras vezes, frotas de navios eu comandava
Para cima e para baixo nos lençóis cada nau oscilava;
Ou então casas e árvores apanhava,
E cidades inteiras eu criava."

"Eu era o gigante calmo e sereno
Que, sentado sobre seu travesseiro,
Daqueles vales e planícies era o gestor,
Na agradável terra do cobertor."

"A Terra do Cobertor", de R.L. STEVENSON, é uma GULOSEIMA tão SABOROSA que eu me sinto OBRIGADO a saborear com uma taça de vinho!

Podem erguer suas taças, caros leitores (é claro que me refiro aos cálices, não aos troféus! A não ser que vocês prefiram beber nos seus troféus!), e me acompanhar no brinde?

Aos berços, às salas de jogos, aos brinquedos e folguedos; aos santuários e aos santinhos, aos meninos e às meninas! Um brinde aos inocentes e àqueles que os protegem!

E, se permite a graça ao homem, ao garoto que era tanto protetor quanto PROTEGIDO...

MOONSHADOW

LIVRO SETE:

Cobertor

Capítulo Um: Vida Palaciana

Era uma vez...

...eu, feliz.

Na companhia de minhas pequenas sombras,
eu podia voltar à paz e aos prazeres dos
primeiros anos no Zoológico: os jogos pueris,
as músicas alegres e os contos admiráveis;
ao mundo seguro que habitava antes da
chegada da Morte, da Guerra e da Perfídia.

Mas aquelas caras crianças (que eu devia NOMEAR aos leitores e poupá-los da indignidade do anonimato! Seus nomes eram ANDY, DANDY, MELODY, POOF, GLOBULOSO, HOBULOSO e DINKY) não eram meu único consolo naqueles tempos: a nobre mãe, RAINHA DIBBICH, passou a ser tão importante na minha vida quanto sua prole.

Nascida na pobreza, Sua Majestade tivera uma vida dura e cruel... Até o dia em que REI MACHA, em excursão pelas províncias, deitou os olhos nela e decretou que "esta fêmea fértil e formosa será minha!"

Palácio da Corte

Embora os conselheiros de Macha tenham protestado contra o capricho régio, Sua Alteza não se dissuadiu, e a tímida camponesa subiu ao trono da Machóvia.

YAHOOO...

Apesar de todos os seus anos de Rainha, Dibbich ainda era uma FORASTEIRA, pouco à vontade com a pompa e o vá-vá-vá da vida fidalga; pouco à vontade também com o ISOLAMENTO das classes abastadas.

("Tem uma GUERRA acontecendo lá fora!", ela observou uma vez. "O Império está à beira da ruína! O povo passa fome... MORRE!... e ficamos aqui, como bobos alegres, tomando CHÁ e fazendo BAILES!")

Solitária e introvertida, de coração tão amplo quanto o abdome, Dibbich precisava muito de um amigo em quem confiar: preenchi esse vácuo com prazer.

Quanto ao PAI da coroa real:

Macha era LOUCO, não havia como evitar a verdade, e sua loucura o tornava IMPREVISIBILÍSSIMO.

Houve muitos dias em que Sua Majestade foi bondosa comigo; gentil e amável; uma criança tão feliz quanto minhas pequenas sombras.

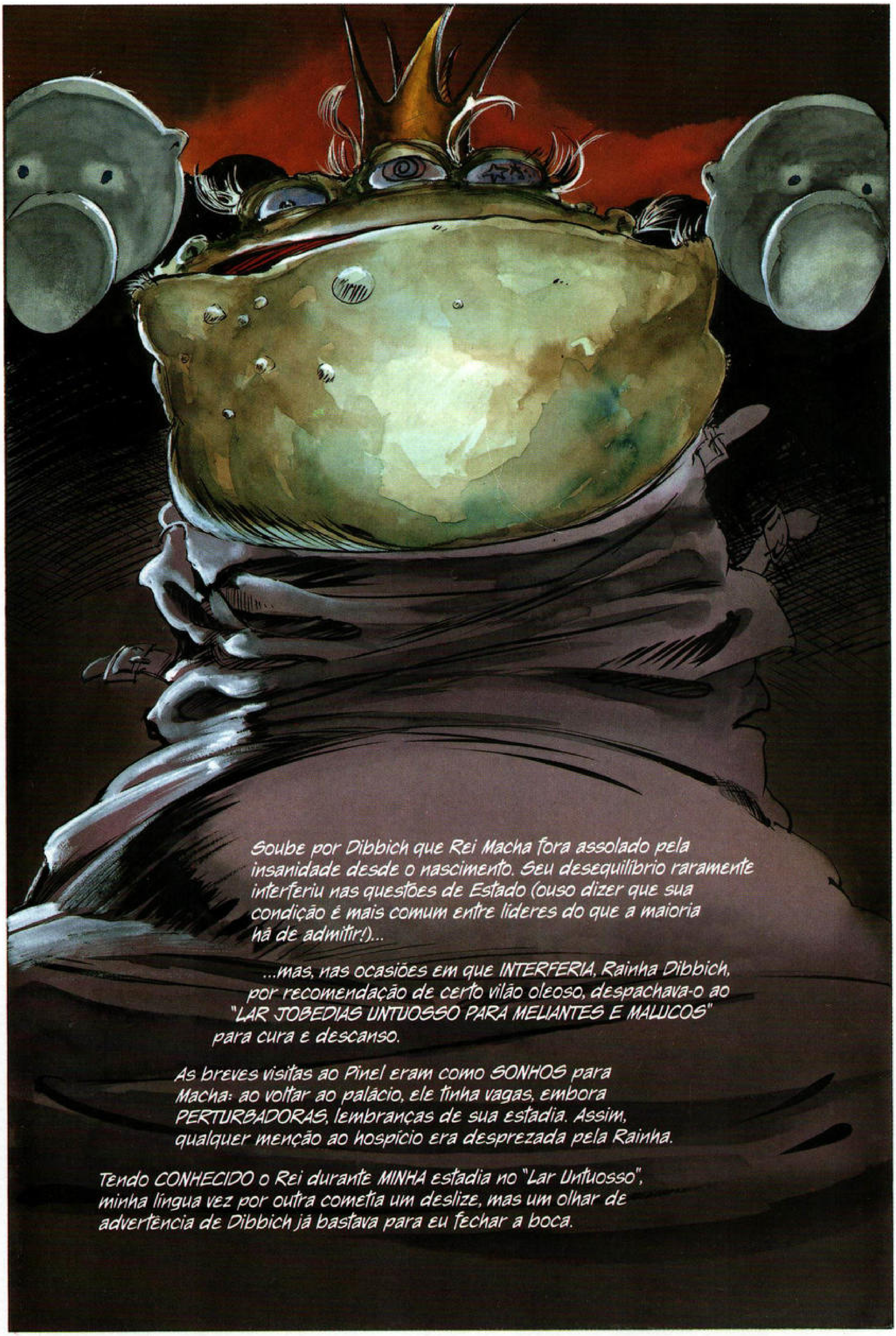
Mas, então, sem aviso, ele embarcava em raiva virulenta, espancando-me a cabeça com uma linguiça vencida (situação mais VERGONHOSA do que dolorosa...

WUMP

...mas por que o Rei ANDAVA com essa carne podre, ninguém sabia... nem ousava perguntar), e me acusava de ser ESPIÃO goyimiano!

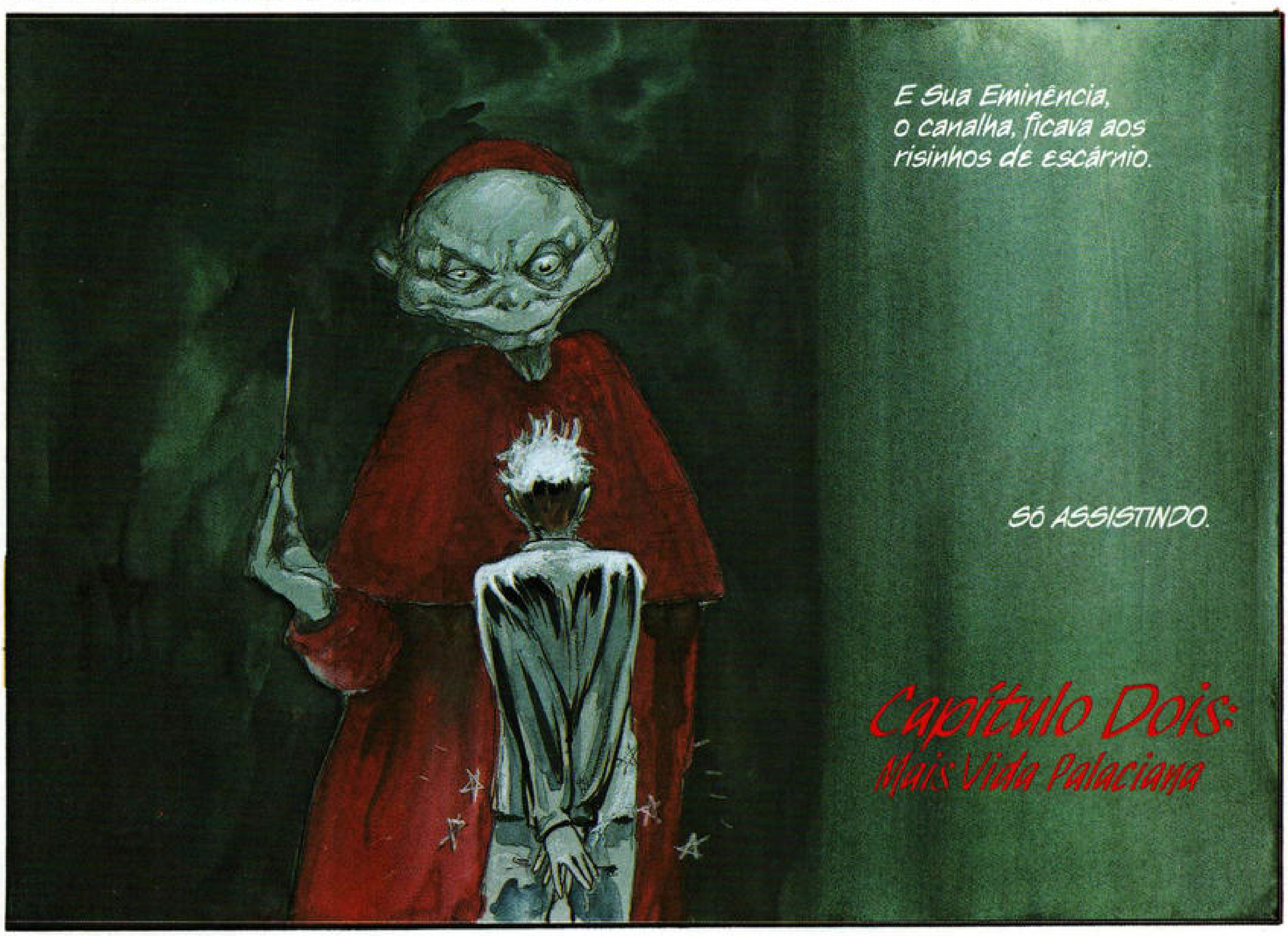
PAT PAT

Depois, ele batia no peito, beijava meus pés e, às lágrimas, implorava meu perdão... que eu concedia de bom grado. Tendo passado a maior parte da minha vida entre os DES-MESU, até achava o comportamento frustrante de Macha carinhoso.


Soube por Dibbich que Rei Macha fora assolado pela insanidade desde o nascimento. Seu desequilíbrio raramente interferiu nas questões de Estado (ouso dizer que sua condição é mais comum entre líderes do que a maioria há de admitir!)...
...mas, nas ocasiões em que INTERFERIA, Rainha Dibbich, por recomendação de certo vilão oleoso, despachava-o ao "LAR JOBEDIAS UNTUOSSO PARA MELIANTES E MALUCOS" para cura e descanso.
As breves visitas ao Pinel eram como SONHOS para Macha: ao voltar ao palácio, ele tinha vagas, embora PERTURBADORAS, lembranças de sua estadia. Assim, qualquer menção ao hospício era desprezada pela Rainha.
Tendo CONHECIDO o Rei durante MINHA estadia no "Lar Untuosso", minha língua vez por outra cometia um deslize, mas um olhar de advertência de Dibbich já bastava para eu fechar a boca.

Os relances majestáticos eram preferíveis às "advertências" que eu recebia quando Sua Eminência Pia, o Rabino POBEDIAS UNTUOSSO, estava por perto! Se Pobedias ao menos suspeitasse de um PENSAMENTO meu a respeito do Assunto Proibido, ele tirava um alfinete do chapéu e enfiava no meu traseiro com gosto!

Meu uivo subsequente (pois meu traseiro era sensível e o alfinete entrava fundo!) fazia o rei disparar de novo, e eu me via aos saltos como uma marionete bêbada: esquivando-me da linguiça real; coçando minha retaguarda ferida!



E Sua Eminência, o canalha, ficava aos risinhos de escárnio.

SÓ ASSISTINDO.

Capítulo Dois: Mais Vida Palaciana

Ah, os olhos de Untuosso sobre mim: brilhantes e desconfiados, invejosos e malignos!

Não bastava que seu primogênito, Jobedias, houvesse causado a balbúrdia no funeral de minha mãe! Não bastava que seu SEGUNDO e insuportável filhote, Mobedias, houvesse tirado Ira de mim! Não, o velho abutre sentia-se IMPELIDO a me rondar...

...monitorando cada um de meus passos, como se minha presença no palácio fosse uma AMEAÇA ao seu poder profano! (Por que o PERTURBAVA tanto, eu me perguntava, e continuaria me perguntando até uma noite tão tenebrosa quanto memorável.)

SEU PODER! Já fiz alusão à estranha influência da família Untuosso na corte, e é hora de elucidar VOCÊS, leitores, tal como a Rainha Dibbich ME elucidou. (Um instante, por favor: necessidade premente de uma taça de vinho. Só de FALAR nos Untuosso, um gosto vil me vem à boca, e preciso eliminá-lo!)

Continuando: como vocês sabem, o CENTRO financeiro do império machoviano era o Mundo Shopping Center que habitávamos. Como vocês NÃO sabem, a voraz MIMDAMIMDÁ fora projetada e construída pela ***Companhia Pobedias Untuosso S.A.,*** *também proprietária e gerente de todas as lojas.*

Em resumo: a economia de Machóvia estava nas mãos suarentas de Untuosso!

Não era à toa que a família real fazia de tudo para AGRADÁ-LO! Não era à toa que suportavam as apreciações insuportáveis de seu clã tenaz e malicioso!

EU PODERIA...

(Pobedias anunciava, quando insatisfeito com um espetáculo noturno ou incomodado com uma refeição insuficiente.)

...LEVAR MEUS NEGÓCIOS PARA OUTRO LUGAR. TENHO CERTEZA DE QUE O BARÃO VON GOYIM DE GOYIMIA ME RECEBERIA DE BRAÇOS ABERTOS.

SSMMAK!

Ao ouvir o baque financeiro de seu reino ecoar naquelas palavras, Macha (que era louco, mas não BURRO) tremia, bajulava e massageava o ego elevado de Untuosso, ao mesmo tempo em que praguejava contra si e o torno que o prensava.

(Em certo momento, o Rei abordou vários de seus conselheiros com um plano secreto de ASSASSINAR toda a família Untuosso: mas, quando se descobriu que a maioria destes conselheiros, assim como METADE DA MACHÔVIA, estava no bolso dos Untuosso, o plano foi abortado rapidamente.)

Uma observação final (uma última taça!) antes de deixar este tópico repulsivo: embora adotasse o título "Pio Rabino" e trajasse os paramentos de um pregador, Pobedias não tinha qualquer inclinação religiosa:

Simplesmente lhe AGRADAVA assumir ares de homem santo e ver outros assim se dirigirem a ele.

E tal era seu mando sobre o povo que ninguém QUESTIONAVA esse conceito absurdo: não, toda e qualquer pessoa curvava-se, prostrava-se, recurvava e pedia "bênçãos"! (Creio veementemente que Sua Eminência teve o anel beijado mais vezes que o Papa terreno!)

Dito isso, e de taça vazia, passo a um assunto mais formoso, mais triste e muito mais TRÁGICO:

DAMA CHAMA.

Ela era uma espécie de lenda palaciana: louvada em público pela enorme beleza, reprovada em PRIVADO por sua enorme LIBIDO (insaciável, com vida própria. O marido da Dama, o debilitado LORDE THEDYO, era um dos poucos da corte que NÃO era convocado para saciar aquele animal voraz).

Estava claro desde o início...

...que, apesar do fato de ela ter idade para ser minha mãe (e ela me LEMBRAVA "Sunflower", de uma maneira estranha e assombrosa), Dama Chama tinha um interesse por mim...

...que estava LONGE de ser maternal.

Embora sua atenção me lisonjeasse e excitasse, fiz o máximo para IGNORÁ-LA. Eu era virgem e, como qualquer garoto da minha idade, ansioso para livrar-me do oneroso estigma; mas a ideia do contato sexual de verdade me APAVORAVA.

O sexo, tal como a morte, era o DESCONHECIDO, e, por mais frequente e ávida que fosse minha prática solitária dele... ela não me preparava para o mergulho efetivo!

Mas logo descobri que havia mais em Dama Chama do que os boatos e blasfêmias:

Certa tarde, quando minhas crianças dormiam, desci da reclusa varanda para MEU cochilo, e a avistei: uma imagem empalidecida caminhando pelos jardins lá de baixo.

Ela dava passos lentos, nervosos, de mãos dadas com uma Tristeza imensa e incognoscível.

Uma vez ou outra, ela parava (como se achasse muito DOLOROSO prosseguir), puxava o próprio cabelo (com tanta força que MAÇOS saíam nas suas mãos!) e gemia, como uma vaca antes do abate.

Então, fixava o olhar nas nuvens do céu e dizia apenas duas palavras...

POR QUÊ?

...para, a seguir, retomar os passos frenéticos.

Dali em diante, comecei a sair à varanda no mesmo horário todos os dias, e assistir ao espetáculo bizarro se repetir, movimento a movimento, "por quê" a "por quê"! "Oras, POR QUÊ?", eu me perguntava, dividido entre o vergonhoso voyeurismo e o desejo de aliviar sua dor.

O QUE havia dentro de Dama Chama (dado que eu me convencera de que sua libido estava a serviço de necessidade maior) que a conduzia, que tanto a ATORMENTAVA, que a obrigava a buscar o consolo constante nos braços da Paixão?

Nunca encontrei a resposta; tampouco creio que ELA tenha encontrado. Se HOUVESSE, teria tido o fim tão HORRÍVEL que teve?

Capítulo Três:
Uma Noite Escura e Memorável

Pode ter sido o vento uivando do lado de fora da janela ou meu pesadelo recorrente com a guerra (meu eu onírico era constantemente perseguido por cadáveres de uniforme: afogado, junto a IRA, em oceanos de sangue!); ou quem sabe fosse a Necessidade maior dentro da MINHA alma, chorando para ser preenchida.

Qualquer que tenha sido a causa, de repente me vi desperto, com uma fome voraz, incapaz de retomar o sono.

Então, depois de conferir minhas pequenas sombras (o trabalho de babá nunca tem fim!), deixei o berçário e parti em busca de um petisco.

Mas, antes que conseguisse localizar comida...

A-HÁ!

...a comida...

PONK!

...ME encontrou!

REI MACHA!

MOONSHADOW! PERDOE MINHA LINGUIÇA, GAROTO... MAS ACHEI QUE FOSSE UM INTRUSO!

HÃ... MACHUQUEI-O?

NÃO DE MODO ABSURDO, SENHOR.

DROGA!

O QUE FAZ ACORDADO A ESTA HORA, MAJESTADE?

É A INSÔNIA, RAPAZ... ALÉM DISSO, NÃO CONSIGO DORMIR! ESTAVA A CAMINHO DO MEU ESCRITÓRIO PARA RUMINAÇÃO E RECREAÇÃO! QUER ME ACOMPANHAR?

BOM, EU--

PONK!

SERIA UMA HONRA, MAJESTADE.

BOM... JÁ QUE INSISTE!

É UM MOLEQUE PERSISTENTE, MAS ACHO QUE É POR ISSO QUE GOSTO DE VOCÊ!

EU GOSTO DE VOCÊ, GAROTO... NÃO GOSTO?

MUITO, SENHOR.

Ah... QUE ALÍVIO!

Seguimos aos pulos, o Rei lunático e a babá adolescente, de mãos dadas: com cautela para não acordar sentinelas adormecidas nem qualquer Untuosso roncante.

O Rei estava de mente animada: ria como um garotinho; incentivado, ri COM ele (embora ficasse o tempo todo de olho no LINGUIÇÃO ofensor!).

Assim, rindo e saltando, chegamos, enfim...

...ao ESCRITÓRIO.

LIVROS!

Oh, MAJESTADE... QUANTOS LIVROS!

É CLARO, GAROTO! ACHOU QUE EU FOSSE *ANALFABETO*? OU QUE EU NÃO SOUBESSE *LER*?

NÃO, SENHOR! É QUE FAZ TANTO TEMPO QUE EU NÃO VIA UMA...

...BIBLIOTECA...

Hã... ALTEZA?

SIM, GAROTO?

NÃO QUERO DESRESPEITÁ-LO... MAS NÃO PUDE DEIXAR DE NOTAR QUE...

SIM, GAROTO?

OS LIVROS... SÃO TODOS IGUAIS!

E, de fato, eram o mesmo: centenas de exemplares de "A SABEDORIA REUNIDA DE POBEDIAS UNTUOSSO"; todos presentes de Sua Eminência; todos com a dedicatória pessoal: "A Vossa Alteza, Rei Macha, a fim de que NUNCA ESQUEÇA".

Folheei um exemplar e descobri, para minha surpresa e desgosto, que era um LIVRO ILUSTRADO: todas as ilustrações eram, é claro, de Sua Eminência; nem uma PALAVRA afora o título!

Embora eu deva admitir que só os olhos de Untuosso já enchiam VOLUMES.

VOCÊ AMA A PALAVRA ESCRITA, NÃO É, GAROTO?

AMO, SIM, SENHOR!

EU VI OS LIVROS DE HISTÓRIAS QUE DEU AOS MEUS PEQUENOTES! QUE ESCREVEU DE PRÓPRIA MÃO, NÃO FOI?

E-ESPERO QUE NÃO SE IMPORTE, SENHOR. AQUELES CONTOS MUITO ME RECONFORTARAM QUANDO EU ERA PEQUENO, PORTANTO--

IMPORTAR? IMPORTAR?! SE PUDESSE, EU JOGAVA NA FOGUEIRA CADA UM DESSES TIJOLOS COM ENCADERNAÇÃO EM COURO E TROCAVA PELAS SUAS OBRAS!

NÃO TEM NADA... PORNOGRÁFICO NAS SUAS HISTÓRIAS, TEM, GAROTO?

NÃO, SENHOR!

DROGA!

AH, MOONSHADOW, JÁ AMEI OS LIVROS TANTO QUANTO VOCÊ... ATÉ A TROPA UNTUOSSO CHEGAR NA CIDADE!

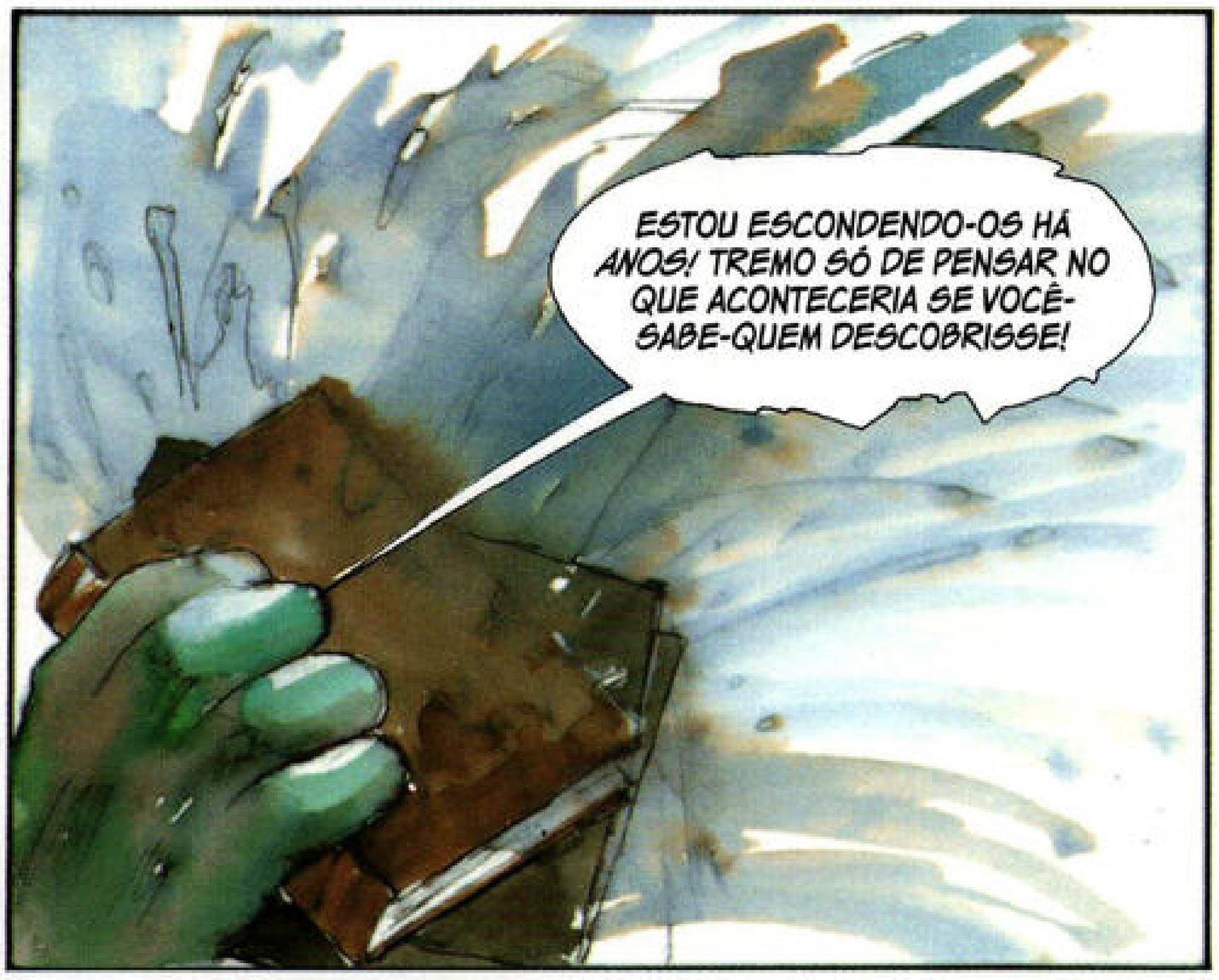
UM DIA, SUA EMINÊNCIA... O PIO PENICO... DECLAROU QUE TODA OBRA LITERÁRIA, AFORA AS BABOSEIRAS DELE, É CLARO... ERA SUBVERSÃO SEDICIOSA PROPENSA AO CULTIVO DE HEMORROIDAS!

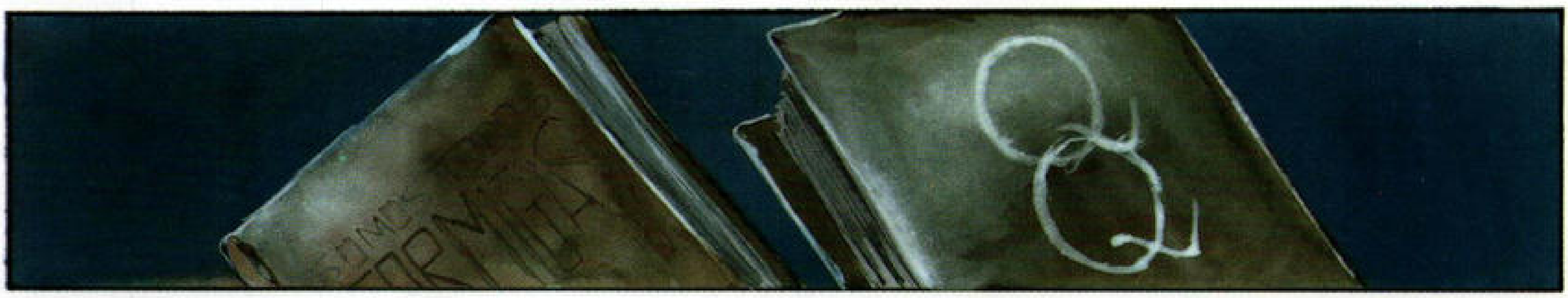
=Hmpf= E ME CHAMAM DE LOUCO!

PODE GUARDAR UM SEGREDO, GAROTO?

SIM, SENHOR!

W.C. REAL





Fui presenteado com duas edições cagadas no sentido figurativo e literal: "O EVANGELHO DE SHRI QUÁ-QUÁ-QUÉÉÉ" (lembram dele, caros leitores? O homem santo responsável pelo DIVINOVO; fundador do QUAQUAQUEÍSMO?) e "SOMOS TODOS FORMIGAS EM UM COSMO SEM SENTIDO", de Ragstone Phillit (este, o campeão de vendas intergaláctico supracitado em nossa narrativa).

Ambos me eram NOVIDADES; ambos eram intrigantes e, de certo modo, assustadores.

Enquanto eu examinava cada livro, Sua Majestade encostou sua portentosa massa no chão, desvelou diversas garrafas de vinho debaixo de sua voluminosa camisola e ficou REGIAMENTE bêbado.

Estava eu tão fascinado pela leitura APRESSADA de Quá-Quá-Quéééé e Phillit que não notei que o mesmo acontecia COMIGO:

Vez por outra, Macha lançava aquele doce néctar entre meus lábios: impensadamente, eu bebia: goles longos e repetidos.

Passaram-se as horas;
Macha, jogado no chão.
Eu, engatinhando para fora
Trocando pés pelas mãos.

A porta (que tristeza)
A mil milhas de distância.
Decidido, persisti;
Cheguei: trancada. Relutância!

O destino interveio,
A porta se abriu.
Pálido espectro veio:
Alegria de mim partiu:

"Ó doce Visão: estou tonto!
Estou bambo! Que palhaço!"
O espectro apenas sorriu.
E tomou minha mão para um abraço.

Saindo ao corredor
(Que parecia invertido)
Ela me deitou em uma cama;
Puxou minha roupa pela cabeça.

Senti uma mão feminina
(Tão suave, úmida, segura!)
Acariciar de mim uma coisa
Que só eu vira dura!

O ímpeto inebriante ajudou-me a ficar SÓBRIO (mas não por muito tempo) e, naquele instante de clareza, vi minha benfeitora celestial revelada... Era DAMA CHAMA!

No meu estupor, ela me conduzira a seus aposentos (sendo que Lorde Thedyo dormia a várias portas dali; só um terremoto ou uma bexiga transbordante acordá-lo-iam) e agora estava nua à minha frente (o luar reluzindo nas memoráveis mamárias!), suplicando que eu lhe desse amor. (Não foram ESTAS suas palavras EXATAS, mas faço obséquio à sensibilidade dos leitores mais polidos.)

Por mais inebriado que estivesse, ainda sabia que era uma mulher perturbadíssima, cuja enfermidade sexual não se devia incitar. Sabia que a única rota que eu tinha era a RECUSA; oferecer amizade em vez de lascívia.

EU SABIA.

Por que, então, não FIZ algo com o que sabia?

Terá sido o VINHO? Desde aquela noite, desenvolvi certo paladar por todas as soluções alcoólicas engarrafadas, apesar de que, muitas e muitas vezes, elas tenham me levado a atitudes pelas quais depois senti VERGONHA.

Mas não é o auge da arrogância (quem sabe o fundo da fraqueza?) culpar uvas fermentadas pela devassidão de um HOMEM fermentado?

Seja o caso qual fosse, seja a CAUSA qual fosse, icei vela como excitado COLOMBO, pelos mares da pele da Dama, em busca do mágico NOVO MUNDO.

Então, quando Chama pôs as mãos novamente sobre mim, guiando minha nau rumo ao tão esperado porto...

M-MÃE?

OH, MOON... QUE DECEPÇÃO!

MAS, MÃE, EU...

DEPOIS DE TUDO O QUE CONVERSAMOS! ACHEI QUE TINHA APRENDIDO COM MEUS ERROS!

MÃE... TEMOS QUE DISCUTIR ISTO AGORA? NÃO PODE ME ASSOMBRAR MAIS TARDE?

"AMOR LIVRE!" MINHA GERAÇÃO GOSTAVA TANTO DO "AMOR LIVRE!", MAS ESTE AMOR NÃO NOS LIBERTOU...

...OH, O QUE ELE NOS DEU FOI MUITA DOENÇA VENÉREA... MAS LIBERDADE? Não, não!

QUER UM PÊNIS INFECTO, MEU MILAGRINHO? É ISSO QUE VOCÊ PROCURA?

AH, MÃE... POR FAVOR!

ALGO ERRADO?

E-EU JÁ VOLTO. NÃO SAIA DAÍ!

ENTÃO, MÃE, EU--

MÃE?

MOONSHADOW... EU PRECISO DE VOCÊ!

NÃO, MADAME. VOCÊ PRECISA DE ALGO...

...MAS TEMO QUE NÃO SEJA EU!

Então, bêbado e envergonhado, de virgindade intacta, disparei da cama de volta à segurança, à SANTIDADE do Berçário!

NENHUMA das quais encontrei por lá.

MEUS LIVROS!

TODAS AS MINHAS HISTÓRIAS!

UM INCÊNDIO, SINTO DIZER.

Capítulo Quatro: Levo Um Pé na Bunda De Novo

UM ACIDENTE, UM HORROR. PEGARAM FOGO...

AS CRIANÇAS!

ONDE ESTÃO, JOBEDIAS?

SÃOS E SALVOS, OS QUERIDINHOS.

ONDE?

Ah, SINTO MUITO, NÃO POSSO DIZER. MAS SAIBA QUE NÃO ESTÃO MAIS A SEU CUIDADO.

O QUÊ? SEGUNDO QUEM?

EU.

ESTE É O SER REPUGNANTE QUE A ESTUPROU, MADAME?

BOM... EU...

É ELE?

SIM.

E-ESTUPRO? MAS... NÃO É VERDADE! MADAME... A SENHORA SABE QUE NÃO É VERDADE!

VOCÊ PODE ESCOLHER, JOVEM DEGENERADO: PODE FICAR E TER O CASTIGO PELO SEU CRIME ABJETO...

QUE É A CASTRAÇÃO, SINTO DIZER.

...OU PODE DEIXAR ESTE CASTELO, ESTE PLANETA, ESTE REINO... E NUNCA MAIS VOLTAR!

MAS O REI...

...TEVE UMA TREMENDA RECAÍDA. O POBRE E LOUCO MACHA TERÁ QUE VOLTAR AO "LAR UNTUOSSO".

ENTÃO, A RAINHA...

ESTÁ RECLUSA. SUA TRAIÇÃO PARTIU AQUELE FRÁGIL CORAÇÃO.

Ah, MAS AS CRIANÇAS!

NUNCA MAIS OUVIRÃO FALAR DE VOCÊ ENQUANTO FOR VIVO. ESTÁ ENTENDIDO?

NÃO!

NESSE CASO, PREFERE A CASTRAÇÃO?

Não.

Olhei nos olhos de Dama Chama e vi minha irrepreensibilidade.

Olhei nos olhos de Jobedias... e vi servilismo.

Olhei nos olhos de SUA EMINÊNCIA... e vi ÓDIO, cego e rancoroso.

Naquele instante, entendi: o culpado neste caso era a Alegria; e a Inocência; e a Leveza de Espírito: três coisas que Pobedias Untuosso nunca conheceu... e que DETESTAVA com todo seu ser.

Ver tais coisas em MIM certamente APAVORARAM-NO; sua única opção era me expulsar.

Eu parti: Alegria, Inocência e Leveza de Espírito caminharam ao meu lado, mudos como a Morte. Eu implorei para falarem comigo: negaram-se.

Com bom motivo.

Olhando para o palácio atrás de mim... "Adeus, Andy", sussurrei; "Adeus, Dandy, Melody, Globuloso e Poof! Oh, ADEUS, pequeno Dinky!"... Achei que NUNCA MAIS eu daria saltos faceiros pela Terra do Cobertor.

E NÃO o FIZ...
até chegar ao fim...

...da minha jornada do despertar.

Mentiras e Esclarecimentos

por Mestre Puckumtuck

(Compilação Intergaláctica Relativamente Condensada)

Lembro-me da noite em que ele me fez sentar e iniciou o relato de sua vida: que havia nascido em um zoológico intergaláctico... criado por uma sonhadora chamada "Sunflower"... apoquentado por um cínico chamado Ira... chutado ao vácuo pelas grandes esferas risonhas chamadas Des-Mesu.

Sendo homem jovem, sendo homem *esperto*, não acreditei em uma palavra sequer.

Ele me contou de suas aventuras na guerra... de sua vida de babá no palácio de um reino chamado Mimdamimdá... de seu inimigo jurado, o diabo manipulador chamado – veja só – Pobedias Untuosso.

Sendo homem jovem, sendo homem *esperto*, eu o chamei de mentiroso.

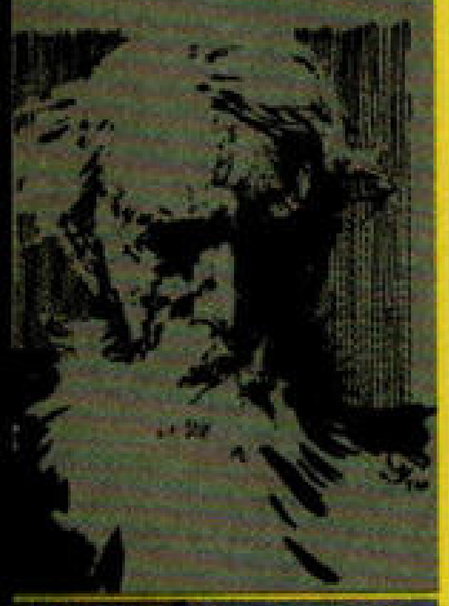
Ainda assim, ri quando ele me contou que foi seduzido por uma desgraça de espírito, por uma ninfomaníaca voraz, chamada Dama Chama. Ele afirmava que, no meio da sedução, o *fantasma* de sua mãe apareceu e o humilhou até que fizesse uma retirada sexual! Então, ao fugir para o berçário real, ele se viu acusado de estupro (por Untuosso, é claro) e levou outro pé na bunda, rumo ao Frio e ao Fracasso.

Ele era, acreditei eu, um tolo velho e gracioso; ainda assim, um tolo.

Mas agora estou velho e ele já se foi; com o passar do tempo, da juventude e – graças aos Céus! – da sabedoria, comecei a *estimar* os tolos e ver, depois de muito tempo...

...quanta *verdade* havia em suas mentiras.

Livro Oito



MOONSHADOW 8
JUNE 1986
$1.50 | $1.75 CANADA

"Full of wisdom, wit,
and reverence for life."
—Denny O'Neil

A
fairy tale
for grown-ups

MOONSHADOW™

J. M. DeMatteis
& Jon J Muth

"'...Eu abriria mão de toda essa vida sideral, de todas as patentes e honrarias, para meramente encarnar como a alma de uma esposa gorda de um comerciante...'"

"'...e acender velas para Deus no altar da igreja.'"

"'Então você também não acredita em Deus?', Ivan disse, com um sorriso odioso. 'O que posso dizer... se você fala sério...'"

"'Deus existe ou não?', Ivan bradou, com a mesma intensidade colérica".

Já houve gênio mais sinistro, um poeta da prosa mais "intensamente colérico" que DOSTOIÉVSKI? Já houve obra de ficção que englobe a altura, a profundidade e a amplitude da alma humana de forma mais plena que "OS IRMÃOS KARAMÁZOV"?

Creio que não; tampouco penso que **HAVERÁ** (**ESTA** obra, evidentemente, não é uma ficção; assim, não se pode comparar): pois aquele epilético fervoroso entregou-se às Grandes Questões que a **MAIORIA** de nós passa vidas a evitar, e **POUCOS** de nós têm a coragem (ou seria a **BURRICE?**) de perguntar.

Incluo minha mãe e minha tia no último grupo; incluo **OUTRO** (a se discutir em breve); caros leitores, incluo um garoto que vocês conhecem bem...

MOONSHADOW

Era uma vez...

LIVRO OITO:
Velas

Capítulo Um:
O Matador de Gigantes

...no distante planeta Terra, **PÍLULAS MÁGICAS** do tamanho das sementinhas que criaram o pé de feijão de João. Assim que engolidas, estas pílulas, de **NOMES** pitoresquíssimos, como Bruma Púrpura, Raio de Sol e Sr. Natural, faziam brotar pés de feijão na **MENTE.**

Sim, ingerir MUITAS destas pílulas podia levar (e **LEVOU**, no caso de "Sunflower") à incineração do intelecto... Mas, durante algum tempo, elas significaram Milagres Imediatos e vislumbres do Paraíso. "Eu me lembro", minha mãe falou, "de quando andei com uma banda chamada **PEPERONI**. Eles ensaiavam num apê do Village... e eu **ADORAVA** assisti-los tocando".

"Enfim... uma noite, depois do ensaio, o baixista e o tecladista, que 'Farfisa' INCRÍVEL que ele tinha, começaram um riff: pra lá e pra cá, tipo um **CÓDIGO MORSE** em forma de música."

"Eu estava doidona depois de dois tabletes de ácido e tive certeza de que aquele riff tinha um **SIGNIFICADO**... que os dois ali **SABIAM** de uma coisa que eu não sabia...

...que, se conseguisse sacar o código que eles transmitiam...

...eu teria a resposta para o Enigma da Criação."

Conforme o pé de feijão da sua mente rumava ao céu, minha mãe, corajosa, o ESCALOU... e se viu acima das nuvens, diante de um reino luminoso. Os dois músicos estavam lá, agora gigantes com halos; sua música era um coral celeste.

Cantava-se verdade em cada nota; o Enigma era um hino; a Resposta veio em coro!!

Infelizmente, o pé de feijão foi partido ao meio (João, o Molecão, mais uma vez!)...

...e "Sunflower" tombou, de pernas para o ar, rumo à Realidade.

A Resposta (sinto dizer), ela imediatamente esqueceu e **NUNCA** mais lembrou.

Mas "Sunflower" agarrou-se, teimosa, desesperada, à crença de que sua revelação fora **GENUÍNA**...

...e sua busca pela Verdade prosseguiu.

Capítulo Dois
Sou Derrotado

EQBIDIDOU PADARIA

"A MINHA busca pela Verdade (que chamo assim em RETROSPECTO; na época, parecia mais um meandro pela Loucura) me levara a encruzilhadas abarrotadas:

IECA

EM PESSOA

IRA

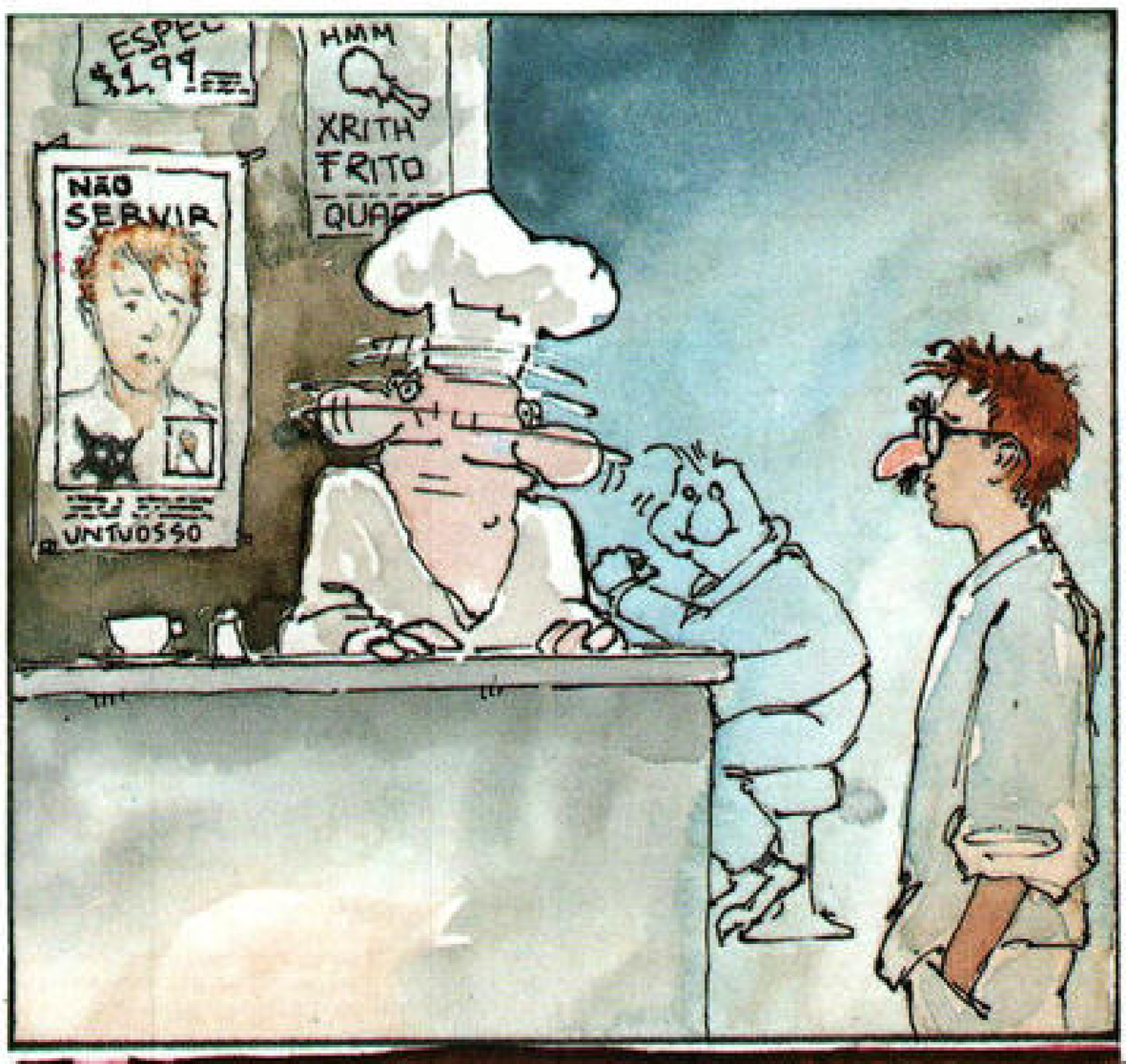
APRESENTAÇÃO TURNÊ PRESENCIAL

PATROCÍNIO: UNTUOSSO S.A.

"Eu estava à distância de uma baforada de torta de uma padaria, de seis estômagos de um restaurante e de um lábio de um bar... **NENHUM** dos quais me aceitaria, por dois motivos:

1) Eu não tinha um tostão para alimentar minha barriga que roncava nem meu gato que miava.

2) Sua Eminência, o Rábido Rabino POBEDIAS UNTUOSSO, havia ativado sua máquina oleosa.



Não havia um lojista (ou atendente... nem mesmo um gari!) em MIMDAMIMDÁ que não tivesse recebido a informação (e minha foto!) do vilão que pagava todos os salários e gerenciava todas as vidas.

Dada a minha situação, dadas as opções (ou FALTA), foi surpresa que eu tenha ficado vagando, de cabeça vazia e alma partida, pela multidão?

Várias vezes pensei ter visto IRA entre eles; a RAINHA DIBEICH; minhas amadas PEQUENAS SOMBRAS... Mas não passavam de projeção: o olho a registrar o que o coração queria.

"Vou para o **ESPAÇOPORTO**", decidi, enfim, com todo entusiasmo de um condenado (fiquei esperando inclusive que DARKMEISTER EBANN surgisse e me botasse em uma tina de cola!).

"Vou ser clandestino num cargueiro... vou viver nas sombras, com os ratos; mas pelo menos vou deixar Mimda-mimdá..."

"...e toda a Machóvia..."

"...para trás."

Capítulo Três
Sou Erguido do Chão

A mão que se entrelaçou com a minha era gorda, firme e quente; os olhos que se fixaram nos meus brilharam de prazer; e a voz (forte como um chocolate, redonda como uma maçã... e mais saborosa que AMBOS) que ribombou meu nome...

MOONSHADOW!

...só podia ser de **UM HOMEM:**

LORDE GAYLORD!

"O que está **FAZENDO** aqui?", perguntei (sem me importar com a resposta. Ele ESTAVA ali... e isto já me bastava).

LONGA HISTÓRIA, GAROTO... UMA *LONGUÍSSIMA* HISTÓRIA. E *VOCÊ?*

MINHA HISTÓRIA *TAMBÉM* É LONGA, MILORDE... E NÃO MUITO--

UM INSTANTE, AMIGUINHO! UM INSTANTE!

ESTÁ NA *HORA.*

NA HORA? DO *QUÊ?*

DAQUILO.

Como se fosse uma deixa, uma corneta retumbou, um mensageiro real chegou e deu-se o Pronunciamento Oficial (em tons devidamente portentosos) de que a guerra Machóvia-Goyimia...

...havia ACABADO.

A GUERRA ACABOU

"Mas COMO, milorde?", exclamei, ansioso para ser ouvido em meio à turba jubilosa. "Como o senhor sabia? Como..."

"Explico depois que encerrarmos uma ou duas refeições bem quentinhas... ou TRÊS!", ele disse, pondo-me sobre seus ombros, afastando a multidão fanfarrona com sua majestosa pança e carregando-me até um hotel próximo (não QUALQUER hotel, perceba, mas o "Untuosso Plaza"... o mais próximo que se tinha da elegância em Mimdamimdã).

"Mas, senhor", acautelei (sentindo-me um saco de brinquedos de Natal; Gaylord, meu Nicolau), "por mais que apreciasse compartilhar da refeição e da sua companhia, temo que não terei PERMISSÃO! Pois veja só, Pobedias Untuosso..."

HOTEL UNTUOSO

"...é um CANALHA!", berrou Gaylord (perdendo a jovialidade, logo recobrada). Então, aos risos e sacolejos, ele me levou ao salão de jantar do hotel, me depositou sobre uma cadeira de couro aveludado, soltou o traseiro gelatinoso ao meu lado... e pediu um banquete!

O garçom, de início, relutou em me servir...

O DEPRAVADO!
O DEPRAVADO!

...mas Gaylord conseguiu acalmar os nervos do cavalheiro...

PARA VOCÊ, MEU BOM HOMEM.

...e logo estávamos empanturrando-nos com uma esplêndida variedade de melões e carnes, saladas e sopas, damascos, drinques e doces.

"Então", disse eu, findado nosso empanzinar. "Então", repeti, tendo interrompido (e envergonhado) a mim mesmo com um estrepitoso flato, "pode me contar como chegou aqui... e como sabia que a guerra ia acabar?"

Gaylord assentiu, ergueu sua taça de vinho, bebericou um breve e delicado beberico, arrotou um breve e delicado arroto, e contou sua história.

Capítulo Quatro:
Enfim, Respostas

Vocês hão de lembrar, caros leitores, que conheci Gaylord no planeta Goyimiano de BINGBANGBUUM, onde Ira (a seu modo irritantemente ofensivo) acusou milorde de esconder-se da realidade da guerra.

AQUELAS PALAVRAS... AQUELAS PALAVRAS TERRÍVEIS... ME DEIXARAM TRÊMULO.

APÓS SUA PARTIDA, EU CONSIDEREI... E CONCLUÍ... PARA MEU HORROR... QUE SEU PARCEIRO PELUDO...

...ESTAVA CERTO.

OH, SIM, MEU SANTUÁRIO SALVARA BOA DOSE DE ALMAS NECESSITADAS; MAS, AO FIM, ESTAS ALMAS ERAM POUCAS... E OS MORTOS...

...OS MORTOS ERAM MUITOS.

Naquela noite, milorde trancou-se em seu dormitório. Escondido pelas cobertas, ele amaldiçoou a si, a seus temores e (como ele disse), suas "inumeráveis insuficiências".

Então, agindo de veneta (coisa perigosa de se fazer!), ele zurrou como um burro, chutou as cobertas, pulou pela janela, correu pelo quintal e (depois de abastecer rapidamente seu foguete particular)...

...deixou Bingbangbuum.

Como você sabe, os machovianos e os goyimianos achavam que Lorde Gaylord estava de posse da Arma Suprema, apta a **ANIQUILAR** os dois impérios.

Esta fraude bastara para manter a guerra a distância segura de Gaylord; mas seria... ele refletiu, navegando rumo às estrelas... suficiente para trazer paz a **TODOS?**

Em busca de uma resposta, Gaylord apressou-se a chegar ao planeta-trono goyimiano e ao castelo do líder de Goyimia, o **BARÃO VULF VON GOYIM.** ("Sou", milorde apressou-se a me informar, "**PRIMO EM QUARTO GRAU** do Barão!")

Lá, Gaylord (tentando abafar o som de seus joelhos batendo) disse ao primo que, a não ser que a trégua fosse assinada imediatamente, a Arma Suprema... seria **DETONADA!**

Para surpresa de Gaylord ("Eu esperava ser decapitado, ou coisa **PIOR**", ele explicou), o Barão **AQUIESCEU**; com o estímulo desse triunfo, milorde seguiu até Machóvia, para dobrar o execrável Untuosso...

"...e voilà", alegrou-se Gaylord, rindo, balançando seu garfo como uma varinha mágica, "a paz... para não dizer a harmonia... reforma a nossos respectivos impérios".

"Mas, milorde", intervi, hesitando em falar.
"Sim?"
"P-paz pode haver, milorde... mas LIBERDADE..."
"SIM?"
"A liberdade foi negada ao povo de Goyimia! Não podemos trocá-la por uma vida de escravidão e sofrimento!"

Foi então que soube da verdade que eu acho que sabia... mas nunca ousei reconhecer... desde sempre:

Os goyimianos não eram menos livres que os machovianos (talvez MAIS... quando se leva em conta que não havia Untuosso rondando o palácio DELES); todas as histórias sobre "a cruel Tirania goyimiana" (uma das expressões prediletas de General Lunático) eram MENTIRAS descaradas, criadas para chicotear a população até deixá-la em estado brutal e sanguinário.

Sim, os goyimianos haviam cometido muitas atrocidades de guerra... minha própria experiência no campo de prisioneiros dava testemunho pleno... mas os exércitos de **MACHA** também: o vapor e fedor da tina de cola não eram exclusividade de um dos lados.

"Então qual", inquiri a Gaylord, arrependendo-me da pergunta já enquanto a formulava, "foi a **VERDADEIRA CAUSA** desta guerra?"

Milorde sacudiu a cabeça pesarosa, tossiu, depois disse: "**COBIÇA**".

Pura **COBIÇA**!

Os goyimianos, soube eu, cobiçavam os lucros que Mimdamimdã gerava... e assim criaram planos para um Mundo Shopping Center todo **SEU**.

Quando essa informação chegou a Pobedias Untuosso, Sua Eminência levou seus lábios ao ouvido do Rei, o Rei levou pena ao pergaminho...

...e começou a carnificina.

Capítulo Cinco: Um Choque

"Tem uma louca na rua!", alguém gritou.
"Ela tem uma arma! Protejam-se!
PROTEJAM-SE!"

Mas ninguém se protegeu: parece que perigos e desastres nos atraem como moscas à teia de aranha (admito que a analogia não tem NADA de original, mas é propícia)... E tal como moscas nos juntamos na frente do hotel, o retorquir da arma cada vez maior; sublinhado por um grito doloroso.

Quando chegamos à rua, o retorquir e o grito haviam sumido e dado lugar...

...à risada de minha velha amiga, a **MORTE**.

O cadáver (vestindo seda negra, como se viesse a seu próprio funeral) que estava caído, de rosto para baixo, na sarjeta, ainda segurando a mão contra a cabeça, me deu um calafrio: não porque estava morto... a Morte, como destaquei, já era velha amiga... mas porque era um pouco... FAMILIAR.

Pelas testemunhas, ficamos sabendo que a mulher havia desembarcado de uma carruagem ("E muito linda, a carruagem!") e atacado... Não os passantes, mas a PLACA DO HOTEL: alvejando a efígie de Pobedias Untuosso até ela virar cacos de vidro.

"CANALHA! CANALHA!", ERA SÓ O QUE ELA GRITAVA!

(DISSE UM OBSERVADOR COM ENTUSIASMO SINISTRO.)

AÍ ELA APONTOU A ARMA PRA SI E BLAM!

SENHOR! NUNCA VI UMA DAMA TÃO ENERVADA...

...NEM TÃO TRISTE.

Ele a chamou de "dama" e eu tremi.

Ele virou o cadáver...

...E EU CHOREI.

"...DAMA CHAMA..."

"PELO BOM DEUS, GAROTO...
VOCÊ CONHECE ESTA MULHER?"

"SIM,
MILORDE."

"E-E TEM IDEIA DE
POR QUE ELA FARIA
UMA COISA DESSAS?"

"TENHO,
MILORDE."

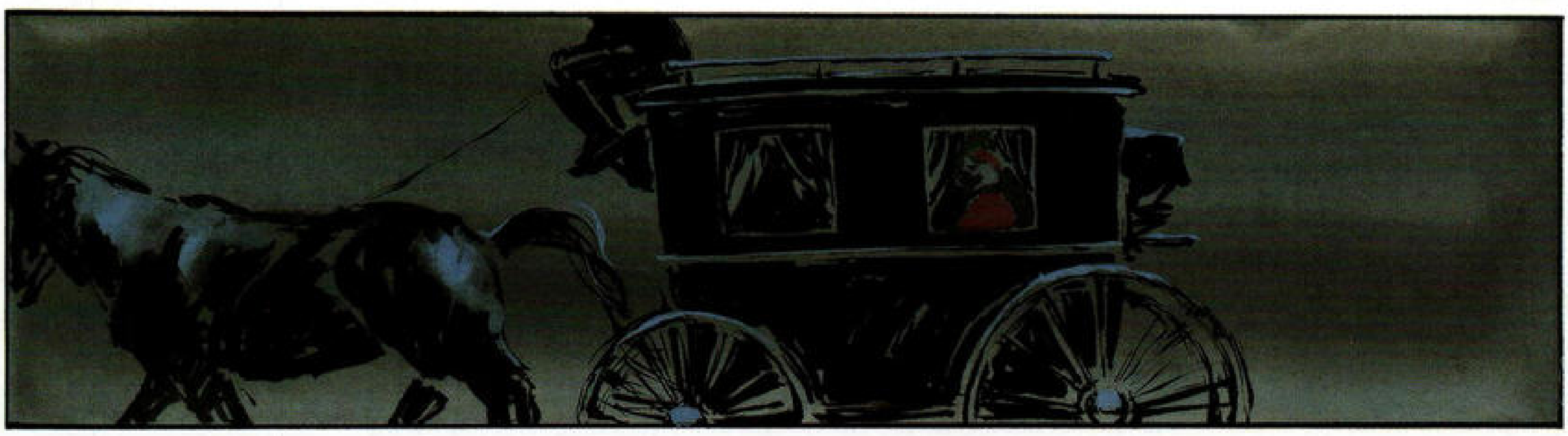
"QUER...
QUER ME CONTAR?"

"NÃO, MILORDE.
POR ENQUANTO, NÃO."

"SÓ QUERO ENCONTRAR
UM LUGAR CALMO
PARA VOMITAR..."

"...E DEPOIS
IR PARA CASA..."

"...COM
O SENHOR."



Capítulo Seis: Lar

Então teve início minha nova vida no charmoso planeta PILLBOX...

...na afável aldeia de POOF.

Se quisesse, Lorde Gaylord PODERIA ter residido em lugar mais glamoroso e nobre... ele tinha posses e um título... mas meu caro Tio (como passei a chamá-lo pouco depois de nossa chegada: ele era muito infantil para ser chamado de pai e muito mentor para ser chamado de amigo)...

...se contentava em habitar aquele planetinha bucólico, distante do centro do Império.

"Bem-vindo ao lar!", exultou milorde ao me conduzir porta adentro: como a casa era **PEQUENA**; como era alegre; como era atravancada!

Gaylord, vocês hão de lembrar, era um **INVENTOR**... e o lugar era uma abundância (abagunçância!) de engrenagens e geringonças: funilarias e ferramentas.

Quem dirigia esse confusódromo era a Rainha do Espanador, a Imperadora do Fogão, a governanta do Lorde, **SRA. FLIMFLAM:**

uma mulher frenética e inquieta que, apesar do corpo atarracado e da cor de saúde, era dada a um desmaio por hora, um ataque cardíaco por dia, a encontros semanais com a Morte.

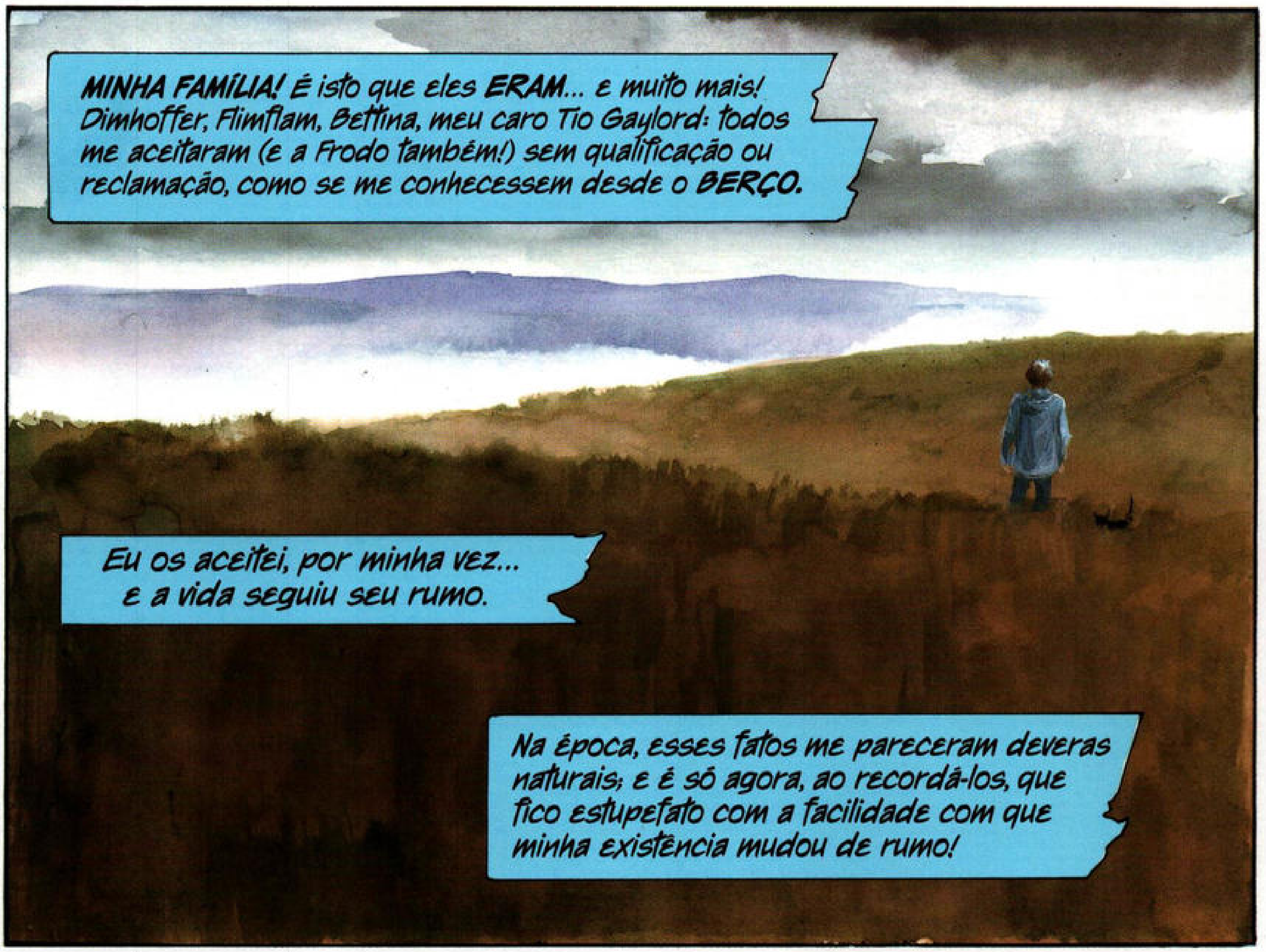
("Estaremos mofando no túmulo", observou **SR. DIMHOFFER**, melhor amigo do Tio, "e aquela senhora continuará nas últimas!")

Quem nunca ficava longe da saia de Flimflam era sua sobrinha e aprendiz, **BETTINA**: um anjo de oito anos cuja mãe morrera no parto e cujo pai morrera na guerra.
("**MAIS UM** na contagem de corpos, Pobedias", pensei... sem cogitar quantos mais viriam.)

Se essas tragédias haviam marcado Bettina, não havia pista em sua conduta: ela era (e assim continuou, enquanto a conheci), a alma mais dócil, inteligente e adorável...

...que já existiu.

Para completar nossa família, o supracitado Sr. Dimhoffer: tão fino quanto Gaylord era rotundo; tão sorumbático quanto o Tio era festivo. Mas os dois eram opostos conectados, partes iguais de um todo maior...



O fato de Gaylord ter aberto sua casa e coração para mim, de aquela gente estranha ter aceitado uma criança estranha como se fosse sua... tudo sem nem sequer pedir um "obrigado" de volta... só pode ser chamado de **MILAGRE**...

...se não de Deus, então do Homem.

E sigo grato até hoje; e lembro-me deles com um amor que não vou depreciar com palavras.

Capítulo Sete: Metafísica e Melancolia

Será que este amor me **CEGA**, caros leitores? Será que eu faço um retrato perfeito demais da minha vida em **PILLBOX?** Não era minha intenção; pois, afinal, **ERA** vida e, por maior que seja, no cerne de toda felicidade jaz uma **MELANCOLIA** de mesma estatura. Eu conhecia bem essa melancolia...

...assim como a conhecia meu **TIO.**

De início, Gaylord (depois de tantos anos em Bingbangbuum) encontrou satisfação em voltar para **CASA**. Ele passava os dias a vagar, vagabundear, vaguejar e vadiar:

renovando antigas amizades, revisitando lugares perdidos, aprendendo tudo que podia sobre o recém-obtido **SOBRINHO**.

Talvez eu tenha mantido o Tio acordado por noites demais com a história de minha vida no Zoológico e as aventuras subsequentes. Gaylord, da sua parte, incentivou-me a **ESCREVER** minha história. "Você precisa **REGISTRAR** esses acontecimentos tão extraordinários!", disse ele, avidamente instruindo-me no ofício da escrita. (Penso que seu estilo inflamado ainda marque minhas palavras!) Foi daqueles princípios toscos que cresceram estas memórias.

Mas, com pouco mais de um mês de vida nova, notei uma **MUDANÇA** no Tio. Ele ainda era o elfo festivo, o educador zeloso, o conselheiro e consolador de todos; mas, em instantes de reflexão silenciosa, o cerne da melancolia **IRRADIAVA** de seu rosto.

Com o tempo, fiquei sabendo o **PORQUÊ**.

Contemple o ventre da melancolia! Contemple a **BIBLIOTECA** do Tio: não do tamanho do meu antigo santuário no Zoológico, mas adequada além da conta a seu modo exagerado...

...rebentando pelas costuras da literatura mística de milhares de mundos!

Fiel Karamázov que era, Lorde Gaylord havia passado **ANOS** trancado ali, forçando a vista e suplicando a Deus; esquadrinhando obesos volumes e tratados subnutridos atrás de **PROVA CONCLUSIVA** da existência Dele.

Mas a Prova, concluiu enfim o Tio, não seria ENCONTRADA nos livros.

MINHA CRIANÇA...

(ELE ME DISSE, EM UMA NOITE DE NEBLINA DE OUTONO.)

...HOUVE HOMENS... TAMBÉM MULHERES!... QUE NÃO SÓ FIZERAM *CONJECTURAS* QUANTO A DEUS, MAS QUE O *ENCONTRARAM!*

DE TODA CULTURA, TODO PLANETA... OCULTOS ENTRE OS DOGMAS DA RELIGIÃO E OS DITAMES DA ÉPOCA... HÁ REGISTROS DE UMA *EXPERIÊNCIA CENTRAL*... QUE FOGE À LÓGICA! QUE FOGE À LINGUAGEM!

UMA REVELAÇÃO! UMA EXALTAÇÃO! UM *CONHECIMENTO*...

...QUE EU VENDERIA A ALMA PARA *POSSUIR.*

Antes da erupção da guerra, ele quase chegou **LÁ**: intimando cada sábio autoproclamado, implorando a cada santo propagandeado; dilapidando fortunas e fortunas em todo **TIPO** de magia, meditação e tolice cósmica.

Em vão: verdade, Deus e glória celestial continuaram esquivos como sempre.

E A MELANCOLIA CRESCEU.

Durante MEU período com ele, Lorde voltou-se à **TECNOLOGIA**, esperando que suas habilidades como inventor rendessem-lhe o que os espiritualistas não conseguiam.

Lembro em particular de sua **BÚSSOLA SUPERNA** (uma criação entre as centenas!), "projetada", explicou ele, "para adivinhar a posição astral de determinadas entidades metafísicas cujas pulsações ectoplásmicas formam um padrão secreto que, assim que decifrado, inelutavelmente levará à apreensão da Verdade Suprema!"

Cada nova invenção era um fracasso mais espetacular que o outro.

E A MELANCOLIA CRESCEU.

Ainda assim, o Tio agarrou-se à crença de que o universo era um lugar perfeito, que funcionava com um plano perfeito... que ficaria perfeitamente **CLARO** se visto pela lente da alma.

Tendo tido minha dose de visitações espectrais, tendo passado por aquele estranho satori sobre as tinas na base de Ebann; acima de tudo, tendo sido criado por uma mulher que **VENERAVA** o insubstancial... naturalmente fiquei atraído por aquela crença.

No cerne da felicidade, por maior que seja, ronda uma melancolia da mesma estatura: vocês viram a do Tio; agora vejam a **MINHA.**

Era meu aniversário de **DEZESSEIS ANOS.**

FELIZ ANIVERS

MOONSHO

Sra. Flimflam assou um bolo maravilhoso; Bettina cantou uma música maravilhosa; Sr. Dimhoffer leu um poema maravilhoso; o Tio fez um brinde maravilhoso; até **FRODO** dançou um gingado de adoração felina!

Mas, quando convidado a somar a esta maravilhosidade tocando minha flauta, vi que meus lábios estavam...

...SECOS.

É SEU PRIMEIRO ANIVERSÁRIO SEM SUA **MÃE,** NÃO É?

Não respondi...

...só corri para dentro da mata.

...onde passei horas ao lado de uma poça cintilante, analisando o reflexo da lua.

Foi como se eu AGUARDASSE algo: uma palavra. Um toque.

Uma visão.

Capítulo Oito
Eu Me Dou Um Pé Na Bunda

Com Frodo a meu lado, rabisquei um bilhete apressado, fiz uma mala apressada, derramei lágrimas apressadas...

...e tomei meu rumo (órfão mais uma vez!) na noite acolhedora.

Assim **FINDOU** minha nova vida no charmoso planeta **PILLBOX**, na afável aldeia de Poof.

Assim iniciou-se o **ÚLTIMO TRECHO** da minha jornada do despertar.

Livro Nove

MOONSHADOW 9
AUGUST 1986
$1.50 | $1.75 CANADA

"A spectral, literate tone-poem."
—N.Y. DAILY NEWS

A
fairy tale
for grown-ups

MOONSHADOW™

J. M. DeMatteis
& Jon J Muth

"Ouço lufadas vacilantes aqui e ali a sussurrar
Em meio a moitas secas e quase desfolhadas;
As estrelas no céu parecem geladas,
E ainda tenho muitas milhas a andar."

"Contudo, quase nada sinto do vento cortante,
Ou das folhas mortas e seu sombrio farfalhar,
Ou daquelas lamparinas prateadas no alto a queimar,
Ou do apelo agradável do lar que jaz distante."

"Pois transbordo com a cordialidade
Que numa pequena cabana meu eu encontrou;
Do louro Milton, com sua eloquente dificuldade,
E seu amor pelo pobre licídeo que se afogou;
De Laura de vestido verde, com toda amabilidade."

"E de devoção que à Petrarca coroou."

"Tenho muitas milhas a andar": sim, eu tinha, tinha mesmo; e as "Lufadas Vacilantes" de JOHN KEATS assolaram minha mente esse tempo todo, agitando ideias do aconchego que havia ficado para trás, da incerteza que havia pela frente... e do amigo que me levou a trocar uma pela outra.

O MEU nome, caros leitores, vocês já sabem... tendo viajado até aqui pelos humores e memórias de...

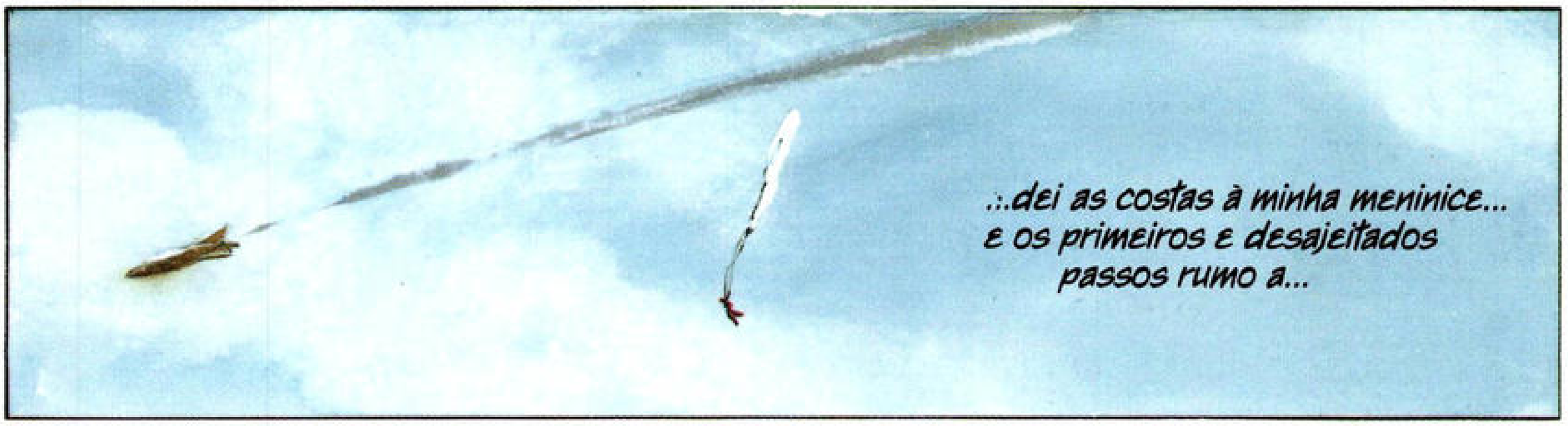
MOONSHADOW

LIVRO NOVE:

Rematado com Louvor

Capítulo Um:
Primeiros Passos

ERA UMA VEZ...



...e dei as costas à minha meninice...
e os primeiros e desajeitados
passos rumo a...

...O QUÊ?

...bastante infantil.

Melhor que
o Inominado
CONTINUE
inominado...
e que minha
HISTÓRIA o
defina.

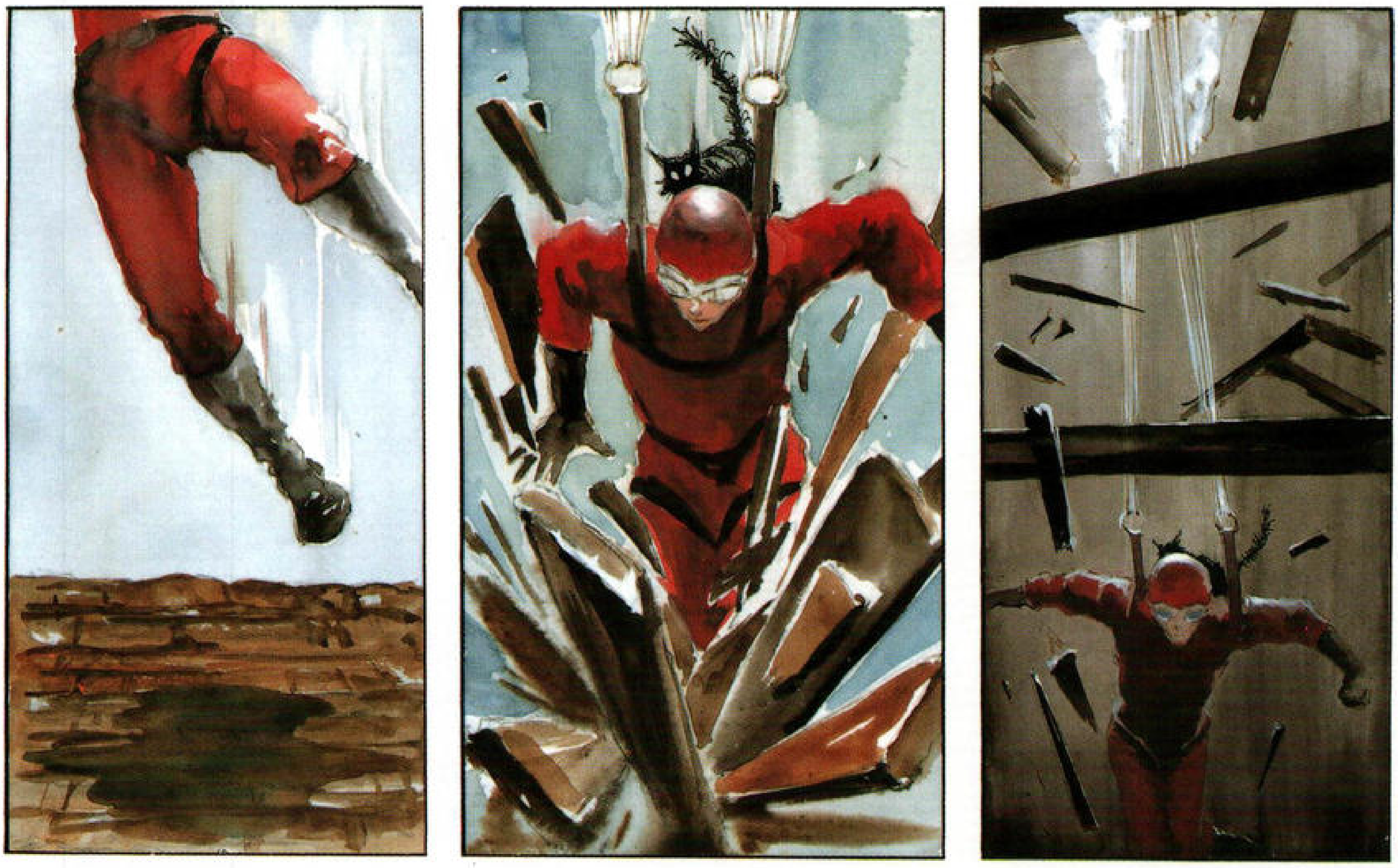
Hesito em
chamar de
maturidade ou
de vida adulta...
pois as duas
expressões têm
o sentido de
desagradável
resignação que
é, a seu modo...

Eu carregava comigo três pedaços de pão, vários nacos de queijo, um sortimento de bolos e biscoitos da SRA. FUMFLAM (pelos quais já estava viciado), uma grande garrafa de vinho (que AINDA não era vício... embora minha afeição por ele crescesse), meu leal gato (é claro! FRODO, jurei eu, ficaria comigo até a Morte chegar! Fico feliz em informar que a Morte ainda não apareceu e Frodo segue aqui), fotos de LORDE GAYLORD, BETTINA, SRA. F. e SR. DIMHOFFER... e dois livros (que merecem, e terão, capítulo próprio).

Eu estava mais só do que já estivera na vida; havia embarcado em uma busca impossível... mas nem a solidão nem a impossibilidade me sobrecarregavam...

...pois eu estava tomado de (e abastecido pela!) força que vem do PROPÓSITO.

Ira PRECISAVA de mim (isto minha visão inspirada pelos DES-MESU deixara claro):

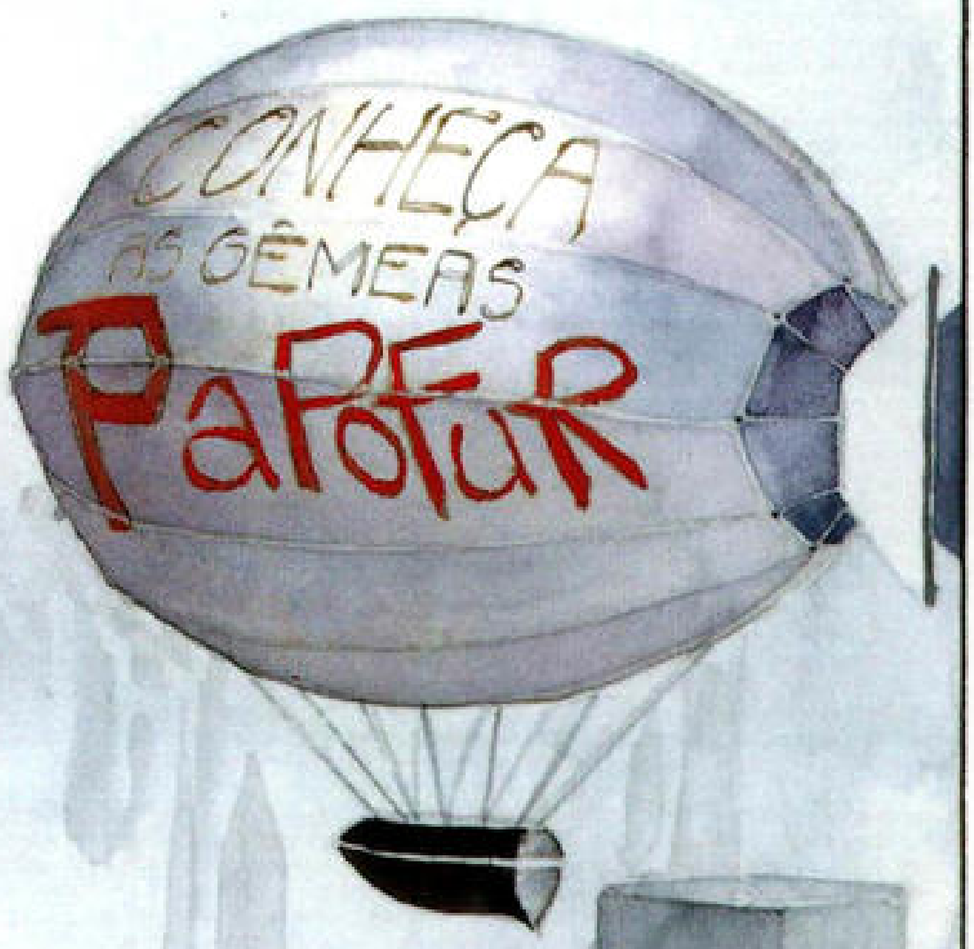


Capítulo Dois: Faço uma Aquisição Inesperada

Passou uma semana: meus bolos ficaram velhos, meus pés dormentes, meus membros doloridos de dormir em celeiros e cavernas; mas a noção de propósito manteve-se intacta.

Eu sabia que seguir o rastro da propaganda (mais óbvia e menos devorável do que uma trilha de migalhas de pão) ajudaria a localizar Ira com facilidade; mas, para TANTO, eu precisava sair de PILLBOX; e, para TANTO... eu precisava de uma nave.

E foi assim que cheguei, numa manhã de inverno, na cidade cinzenta de OIK, na província de Poik.



Ali, fiquei sabendo, moravam as GÊMEAS PAPOFUR: irmãs devotas que cuidavam da maior REVENDA DE FOGUETES do planeta.

Consegui um hotel (não o "Untuosso Plaza", mas um adequado às minhas necessidades), comi com entusiasmo, dormi profundamente, tomei banho e saí...

...à procura das Papofur.

PAPOFUR

GRANA NA MÃO! PAPODOBOM!

TODAS AS MARCAS DISPOSIÇÃO

NAVES USADAS

Hã... COM LICENÇA...

ESCRITÓRIO

SIM?

QUERO FALAR COM AS GÊMEAS PAPOFUR.

VOCÊ JÁ ESTÁ FALANDO COM AS GÊMEAS PAPOFUR.

MAS VOCÊS...?

POR QUE A SURPRESA?

É QUE... BOM, VOCÊS NÃO PARECEM GÊMEAS.

COMO ASSIM, NÃO PARECEMOS GÊMEAS? ORA... NÓS SOMOS **IDÊNTICAS!**

ESTA CRIANÇA ESTÁ PRECISANDO DE ÓCULOS!

IDÊNTICAS?

O MESMO CABELO!

OS MESMOS OLHOS!

O MESMO NARIZ!

A MESMA BOCA!

A MESMA ALTURA!

O MESMO PESO!

IDÊNTICAS!

O MAIS INCRÍVEL É QUE NASCEMOS COM ANOS DE DIFERENÇA... E DE PAIS DIFERENTES...

...MAS ASSIM QUE UMA BOTOU OS OLHOS NA OUTRA, JÁ SABÍAMOS...

...QUE ÉRAMOS GÊMEAS!

EM QUE PODEMOS AJUDAR?

ESTOU PROCURANDO UMA NAVE.

CLARO, MAS...

...QUE TIPO DE NAVE TEM EM MENTE?

CURSO DE CORRESPONDÊNCIA UNTUOSSO

VENDEDOR

CERTIFICAMOS QUE

ELOISE E PODLEIA

PAPOFUR ...

CONCLUÍRAM O CURSO DE VENDEDORAS

BOM... QUE FOSSE PEQUENA... MAS BOA PARA UMA VIAGEM LONGA. NÃO MUITO CARA... MAS BEM CONSTRUÍDA.

Hmmmmm.

TEMOS EXATAMENTE O QUE VOCÊ PRECISA!

O QUE ACHOU?

E-EU CONHEÇO ESSA NAVE!

É A **MINHA** NAVE!

ENTÃO, VAI LEVAR?

NÃO, VOCÊS NÃO ENTENDERAM! É "A DECRÉPITA"! ELA ESTÁ DESAPARECIDA DESDE--

ESTA SEMANA ESTAMOS EM PROMOÇÃO!

TRINTA POR CENTO DE DESCONTO PARA GAROTOS COM MUITA PRESSA!

TRINTA E CINCO POR CENTO SE TIVEREM UM GATO!

MINHA NOSSA... VOCÊ TEM UM GATO!

DEIXEM-ME EXPLICAR! É QUE--

VENDIDO!!

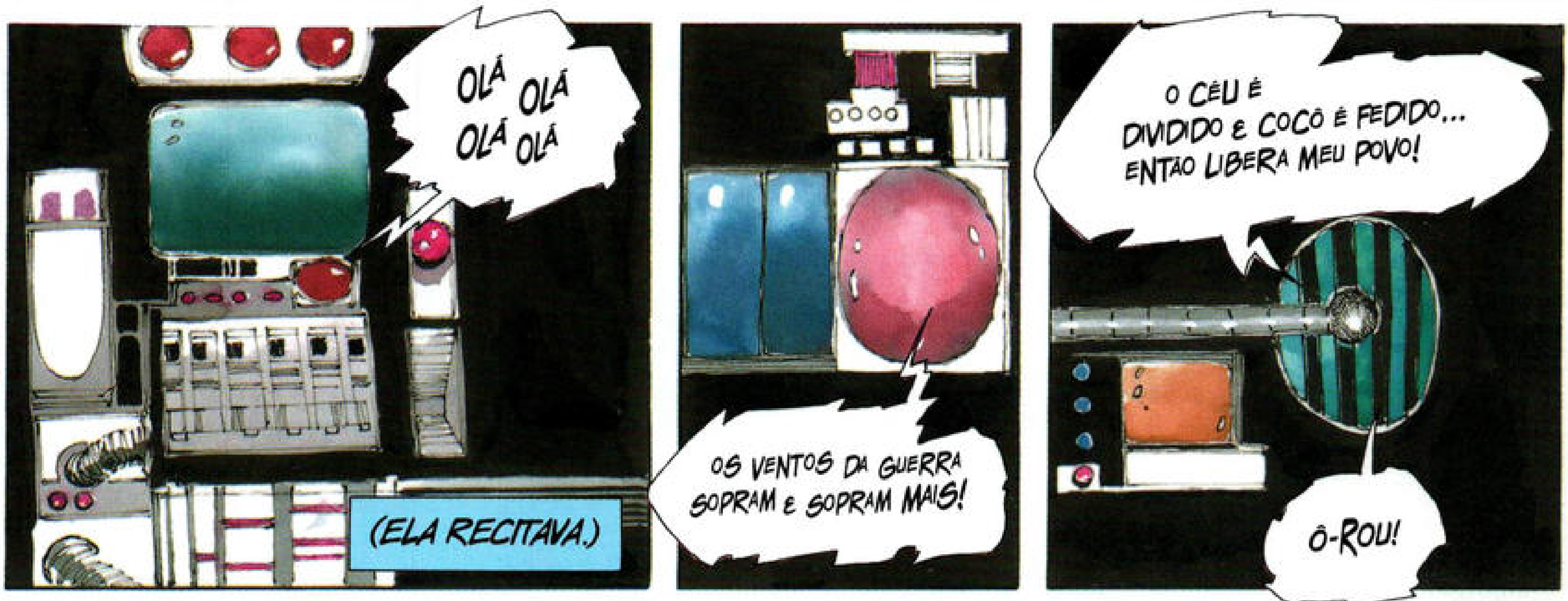
E então, fomos conduzidos, garoto e gato, pelas persuasivas gêmeas Papofur... a cruzar o showroom, a cruzar o cemitério de elefantes cheio de foguetes afogados e espaçonaves esparadrapadas, até chegar ao balcão de atendimento. Ali me vi desapossado da fortuna pessoal (resquícios da minha indenização do Exército), empurrado, abanado e disparado...

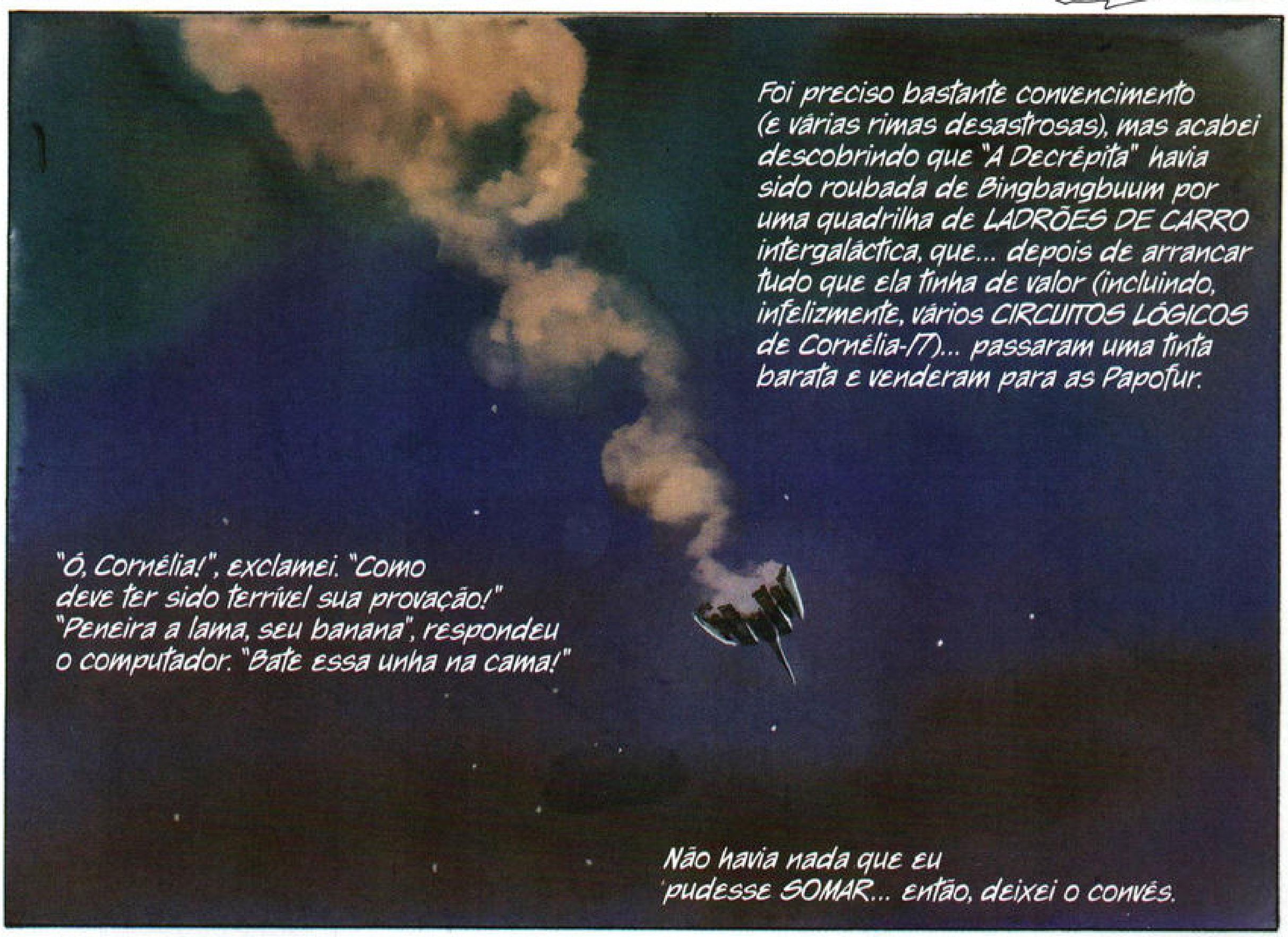
...aos céus!

Capítulo Três: Unhas que Batem e Outras Coisas

"A Decrépita"! Eu havia abandonado todas as esperanças de encontrá-la depois que sumiu de BINGBANGBUUM; mas lá estava eu, a bordo! "Um milagre!", gritei. "No mínimo um golpe de sorte!"

Correndo ao convés, saudei calorosamente nosso Computador Central, CORNÉLIA-17... mas a encontrei em estado confuso (e levemente poético):





Na velocidade máxima, conjecturei (abrigado no meu antigo aposento) que levaria, ao menos, quatro dias para chegar ao planeta APOQUENTOS, onde Ira tinha uma série de apresentações. "A Decrépita", no seu estado incapacitado, chegava no máximo à velocidade MÍNIMA...

...de modo que eu só chegaria a Apoquentos no último dia, talvez nas últimas HORAS, da turnê.

Com o espaço infinito à frente, Cornélia tagarelando acima e Frodo adormecido ao lado (minha noção de propósito também dormia), afundei-me num atoleiro de pensamentos rabugentos, a maioria mal definida, muito obscura e muito turva para se articular em palavras.

"Preciso fazer algo para me ANIMAR!", gritei, enfim (momentaneamente despertando meu gato... mas não minha noção de propósito, que nem se mexeu).

Brinquei com os dedões; brinquei com o pênis; brinquei com a flauta (mas me recusei a tocar). Comi queijo bolorento e vomitei; joguei Frodo para cima até ELE vomitar!

Limpando-me do vômito de gato, considerei voltar a Pillbox e à proteção de Lorde Gaylord. "Melhor ainda", pensei, repentinamente inspirado, "VOU EM BUSCA DO ZOOLÓGICO!" Eu tinha certeza de que minha mãe estaria lá, no nosso velho domo; que, nos braços dela, tudo ficaria como antes.

São fantasias que só se estimula até a Realidade intervir:

COMO ELA FEZ.

Capítulo Cinco: Os Dois Livros

Livros, como já sabem os caros leitores, eram minha salvação e proteção: eu acreditava fielmente (e ainda ACREDITO) que, se bem cuidados, nossos amigos encadernados nunca nos abandonam nem traem... e com CERTEZA nunca morrem.

Tinha em minhas posses DOIS livros (prometi a eles capítulo próprio, e aqui está!)... "SOMOS TODOS FORMIGAS EM UM COSMO SEM SENTIDO", de Ragstone Phillit, e "O EVANGELHO DE SHRI QUÁ-QUÁ-QUÉÉÉ"... ambos recebidos de REI MACHA durante meus tempos de babá da corte.

O PRIMEIRO tomo postulava que a vida era sem sentido (como se um livro com este título pudesse postular outra coisa!); o SEGUNDO, que a vida era PURO sentido. Espremido como eu estava entre o ceticismo e o romantismo, AMBOS os pontos de vista me causavam apelo.

Então, durante sete dias, eu IMERGI: num pingue e pongue entre o Yin de Phillit e o Yang de Quá-Quéééé; alternando entre desespero e glória; amparado, não sei como, em AMBOS!

(Quando acompanhado pelo cheiro estonteante de papel e tinta, TODAS as emoções são igualmente sedutoras.)

Em POOF, Lorde Gaylord e eu passamos várias horas discutindo o "Evangelho" de Quá-Quééé: contrastando os ensinamentos delicados do Mestre com a religião fanática que havia crescido a partir deles; saboreando os rumores de que Quá-Quééé seguia vivo, DOIS SÉCULOS depois da sua dita morte; acima de tudo, sentado com mapas e cartas (e Bússolas Supernas!), tentando averiguar a localização do MUNDO DAS NÉVOAS...

...um planeta mítico onde, segundo Quá-Quééé, podia-se encontrar as Respostas às Grandes Questões da vida. (Eu sustentava que o Mundo das Névoas era simbólico; o Tio dizia que era REAL.)

Ragstone Phillit devorei SOZINHO: eu sabia que Gaylord reprovava o infame filósofo ("Esse ranzinza rançoso!", como o Tio o chamava. "Esse apocalíptico apoplético!") e assim deixei "Somos Todos Formigas..." debaixo do travesseiro, para ler na calada da noite (a hora ideal para se enfiar na suculenta angústia!).

Phillit detestava Quá-Quééé, tanto quanto o Tio detestava Phillit, e passou SEIS CAPÍTULOS demolindo cada princípio do Quaquaqueísmo: enquanto lia, eu acreditava...

...até a alvorada chegar, rubra como um romance, gorda como Gaylord... e cheia de esperança.

A bordo de "A Decrépita", é claro que não havia alvorada nem Gaylord para me influenciar; ainda assim, mesmo SEM eles, não consegui aceitar NEM Phillit NEM Quá-Quééé:

ou quem sabe tenha aceitado AMBOS.

SÉRIE DE PALESTRAS UNTUOS
APRESENTA
IRA
APRESENTAÇÃO
ÚNICA

Capítulo Seis: Trombo com Ira

(e imediatamente me arrependo)

Quando cheguei a meu destino, já havia lido de Yin a Yang e vice-versa meia dúzia de vezes; comido cada migalha de pão, bolo e biscoito (todos divididos com Frodo; eu não sacrificaria a barriga DELE pela minha); bebido até o último gole de vinho (idem)...

...e estava pronto para MORRER de uma overdose de ideias e falta grave de nutrição.

Mas saber que meu consorte felpudo estava em algum ponto do mundo a meus pés me deu força e coragem, e despertou minha dorminhoca noção de propósito.

"Segure aí, Ira!", exclamei enquanto entrava em órbita e chamava o primeiro transporte rumo à superfície. "Fique aí, caro devasso... caro pervertido... caro perdulário babão!"

DEIXA EU CONTAR, PESSOAL... A GUERRA FOI DO CARAMBA!

LEMBRO QUE UMA VEZ EU TAVA COM UM PELOTÃO... UM PESSOAL SUPIMPA!... BEM ALI, NO FRONT.

IKA

EU TAVA AGARRADO NAQUELE FUZIL. JURO PRA VOCÊS: ÀS VEZES, PREFIRO PEGAR NUM FUZIL DO QUE PEGAR MULHER! MAS SÓ ÀS VEZES! (HEHEHE)

ENFIM... A GENTE LÁ, GOYIMIANO VINDO DE TODO LADO! MEUS MANOS COMEÇAM A DESABAR QUE NEM MOSCA! EU OLHO EM VOLTA... E, DE REPENTE, EU SOU O ÚNICO MACHOVIANO DE PÉ!

MEU SÃO CRISPIM!... MAS PODE CRER QUE PENSEI EM DAR MEIA-VOLTA E ME MANDAR DALI... QUEM SABE ATÉ ME RENDER!

MAS AÍ, EU PENSEI NOS PARÇAS FERIDOS... NOS VELHOS, NAS MÃES E FILHOS LÁ EM CASA QUE DEPENDIAM DE MIM PRA PRESERVAR A LIBERDADE, A JUSTIÇA E O MODO DE VIDA MACHOVIANO...

...E PODEM APOSTAR QUE MANDEI AQUELES CÊS-SABEM-O-QUE TOMAR NA CARA! Rá-tá-tá-tá! Rá-tá-tá-tá! RATATATATATATATATATA!!!!

CÊS TINHAM QUE VER OS COVARDES CORRENDO!

Ah, o clamor, o trovão, os vivas de aprovação e adulação!

Ah, o CHOQUE!

Eu viera esperando salvar um desgraçado patético... e encontrei uma torre de saúde e força, que não precisava de resgate nenhum! ("Mais uma PEGADINHA dos Des-Mesu", pensei, lembrando-me da minha Visão; envergonhado por ter sido ingênuo por tanto tempo.)

AQUILO foi um choque, mas, aí, comecei a ouvir Ira deixando fluir mentiras deslavadas! Ouvi ele exaltar uma experiência que DETESTOU!

Sim, eu o amava, mas SABIA o quanto esse homem-esfregão sem princípios conseguia se afundar; sabia que podiam convencê-lo de QUALQUER COISA com um saco de ouro, ou uma assinatura da REVISTA DEPILADINHAS! Mas isto não!

"Como OUSA?", rugi, não mais um perdigueiro, mas um LEÃO: agitando minha juba, a podridão da selva no hálito.

"Como OUSA?", repeti, abrindo caminho pela multidão: as garras estendidas e as presas à mostra, prontas para engolir Ira!

Por um momento esqueci quem eu era; deliciei-me no FEDOR da minha fúria leonina.

Mas quando minha vítima peluda caiu de joelhos, agarrou minhas canelas e berrou como uma virgem de oitenta anos deflorada por um gorila...

...eu ME vi, eu O vi. E, ao ver...

...voltei devagar...

...à multidão perplexa.

Capítulo Oito:

Ainda Assim, Resgato Ira

(Mas Não Sem Auxílio)

O QUE eu contemplei naquele instante de revelação?

Em mim: outra Coisa Sem Nome, feia, rancorosa e ávida por qualquer desculpa para erguer-se do subconsciente que rondava. (Ainda ronda por lá; a idade não abrandou sua ferocidade.)

Nele: um Ira... que NÃO era Ira.

Naquele instante, só consegui esclarecer a sensação até ISTO: "NÃO é ele, Frodo", sussurrei a meu gato, enquanto nos escondíamos em um esgoto perto do acampamento de Untuosso. "NÃO é!"

O QUANTO "não" era ele, só fui saber...

...quando saí do meu fétido útero naquela noite.

TEMOS QUE PARTIR EM MENOS DE UMA HORA, CARA IRMÃ! NÃO CONSEGUE SE ARRUMAR MAIS RÁPIDO?

QUEM SABE SE ME AJUDAR, CARO IRMÃO...?

MINHA FUNÇÃO É PLANEJAR, AMADA FLOBEDIAS... A SUA É SERVIR AOS PLANOS.

QUE INFELICIDADE, AMADO MOBEDIAS, QUE HOJE SEUS PLANOS TENHAM DADO ERRADO.

UM PEQUENO CONTRATEMPO.

CENTENAS DE PESSOAS VIRAM SEU "HERÓI" SE ENCOLHER, CARO IRMÃO! O QUE ISSO FARÁ COM O POTENCIAL DE VENDAS NESTE MERCADO...

...PARA NÃO FALAR DA TENTATIVA DO PAI EM REAVIVAR A GUERRA MACHÓVIA-GOYIMIA?

NÃO DISCUTIREI ESTAS QUESTÕES COM UMA INFERIOR...

...POR MAIS QUERIDA QUE SEJA ESTA INFERIOR... CARA IRMÃ.

AGORA, TERMINE SUAS MALAS E VÁ CUIDAR DE NOSSO BICHINHO.

"Bichinho"! O modo como ele puxou as palavras como um catarro da garganta; o modo como ele a sustentou na língua serpentina, depois as ESCORREGOU pelos lábios GORDUROSOS!

Eu não tinha dúvida quanto ao OBJETO a que Mobedias Untuosso se referia; mas não tinha ideia de que a referência provar-se-ia...

...tão EXATA.

IRA...?

ERA Ira, mas como eu intuíra naquela tarde, NÃO era; pois a criatura diante de mim naquela jaula desgraçada era um reflexo abatido, choroso... NÃO!... uma REDUÇÃO do meu amigo:

um "bichinho" mesmo... e absurdamente destratado pelos donos.

HORA DE IR, IRA. NOSSA GRANDE TURNÊ PROSSEGUE!

CLICK

NÃO TENHA MEDO... VOCÊ SABE QUE *EU* NÃO MACHUCO.

SIM, ISSO MESMO. VOU CUIDAR MUITO BEM--

PARE DE MIMAR ESSE BICHO E PREPARE-O!

NÃO VAI TER VIDA FÁCIL PRA VOCÊ, BICHINHO!

NADA FORA *DOR!*

EU DEI *DURO* PARA MOLDÁ-LO A ESTA *MARIONETE* MEDROSA, CARA IRMÃ... E NÃO VOU DEIXAR QUE O *ARRUÍNE* COM SUA *BONDADE!*

E SE O SEU *AMIGUINHO* APARECER DE NOVO... SERÁ O MESMO COM *ELE!*

AGORA, JUNTE AS ROUPAS... E TODO O EQUIPAMENTO!

É CLARO. ONDE ESTARIA NOSSA ESTRELA SEM AS PALAVRAS GRANDIOSAS QUE VOCÊ PÕE NA BOCA DELE?

HÁ MOMENTOS, FLOBEDIAS, EM QUE ACHO QUE VOCÊ SÓ PODE TER SIDO ADOTADA.

E TRANQUE ESSA JAULA! NÃO QUERO VÊ-LO FUGINDO QUE NEM FEZ EM PISCHER-12!

HÁ MOMENTOS, MOBEDIAS, EM QUE EU QUERIA TER SIDO ABORTADA.

OH, CÉUS... ACHO QUE ME *ESQUECI* DE UMA COISA...

...E VOU LEVAR PELO MENOS CINCO *MINUTOS* PARA ENCONTRAR.

CINCO MINUTOS.

Em um instante, abri a jaula e me preparei para correr; mas Ira... ou o que RESTAVA de Ira... não vinha.

Ele passou meses numa dieta de crueldade e tormento, servidos em pratos quentes, numa travessa de corações duros.

Não tinha como limpar aquele veneno com LÓGICA...

...então, fiz o possível com MÚSICA.

Como foram AZEDAS as primeiras notas: como saíram secas, inanimadas! Como fiquei TENTADO a jogar a flauta longe, colocar o rabo entre as pernas e correr ganindo até a porta!

Mas a vida de repente se AVIVOU... não dentro de mim, mas na PRÓPRIA FLAUTA: um suave sussurro de amor, amizade...

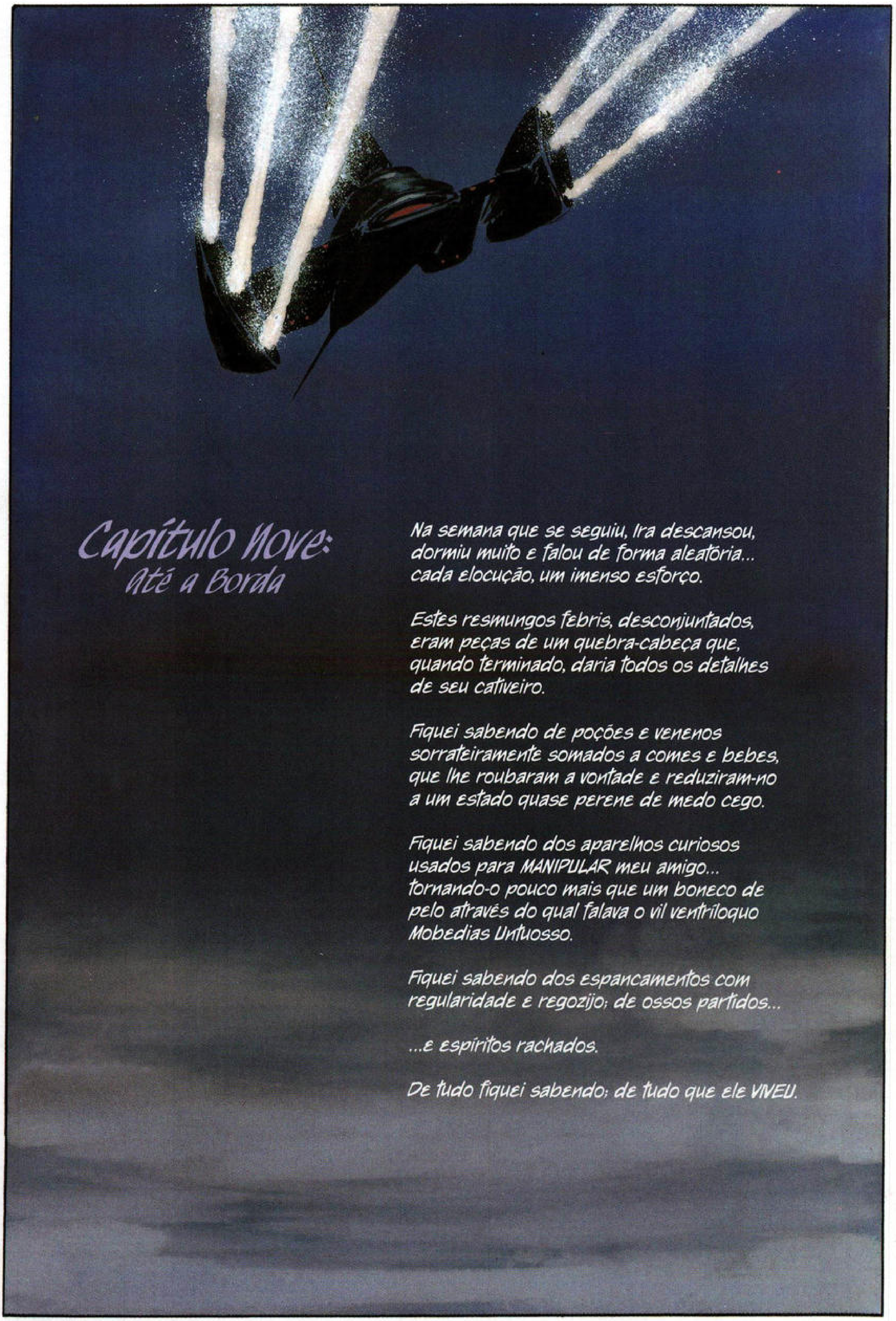
...e laços...

...que crueldade alguma podia partir.

Com os olhos cegados por lágrimas, eu fui à frente. De pernas bambas, ele veio atrás.

Juntos, abraçamos as sombras...

...e a LIBERDADE da noite.



Capítulo Nove:
Até a Borda

Na semana que se seguiu, Ira descansou, dormiu muito e falou de forma aleatória... cada elocução, um imenso esforço.

Estes resmungos febris, desconjuntados, eram peças de um quebra-cabeça que, quando terminado, daria todos os detalhes de seu cativeiro.

Fiquei sabendo de poções e venenos sorrateiramente somados a comes e bebes, que lhe roubaram a vontade e reduziram-no a um estado quase perene de medo cego.

Fiquei sabendo dos aparelhos curiosos usados para MANIPULAR meu amigo... tornando-o pouco mais que um boneco de pelo através do qual falava o vil ventríloquo Mobedias Untuosso.

Fiquei sabendo dos espancamentos com regularidade e regozijo: de ossos partidos...

...e espíritos rachados.

De tudo fiquei sabendo: de tudo que ele VIVEU.

Na esperança de tratar o espírito de Ira, li para ele (não Phillit nem Quá-Quééé, mas de MEMÓRIA: enquanto viajávamos pelo espaço, singramos a Nárnia de Lewis e o palco de Shakespeare; a Londres de Dickens e o deserto letal de Oz)...

...alimentei-o (antes da partida, surrupiei mantimentos de uma pequena mercearia; isso vindo do garoto que travava diante da PALAVRA "roubo"!)...

...segurei a mão dele como ele havia segurado a minha na base de prisioneiros.

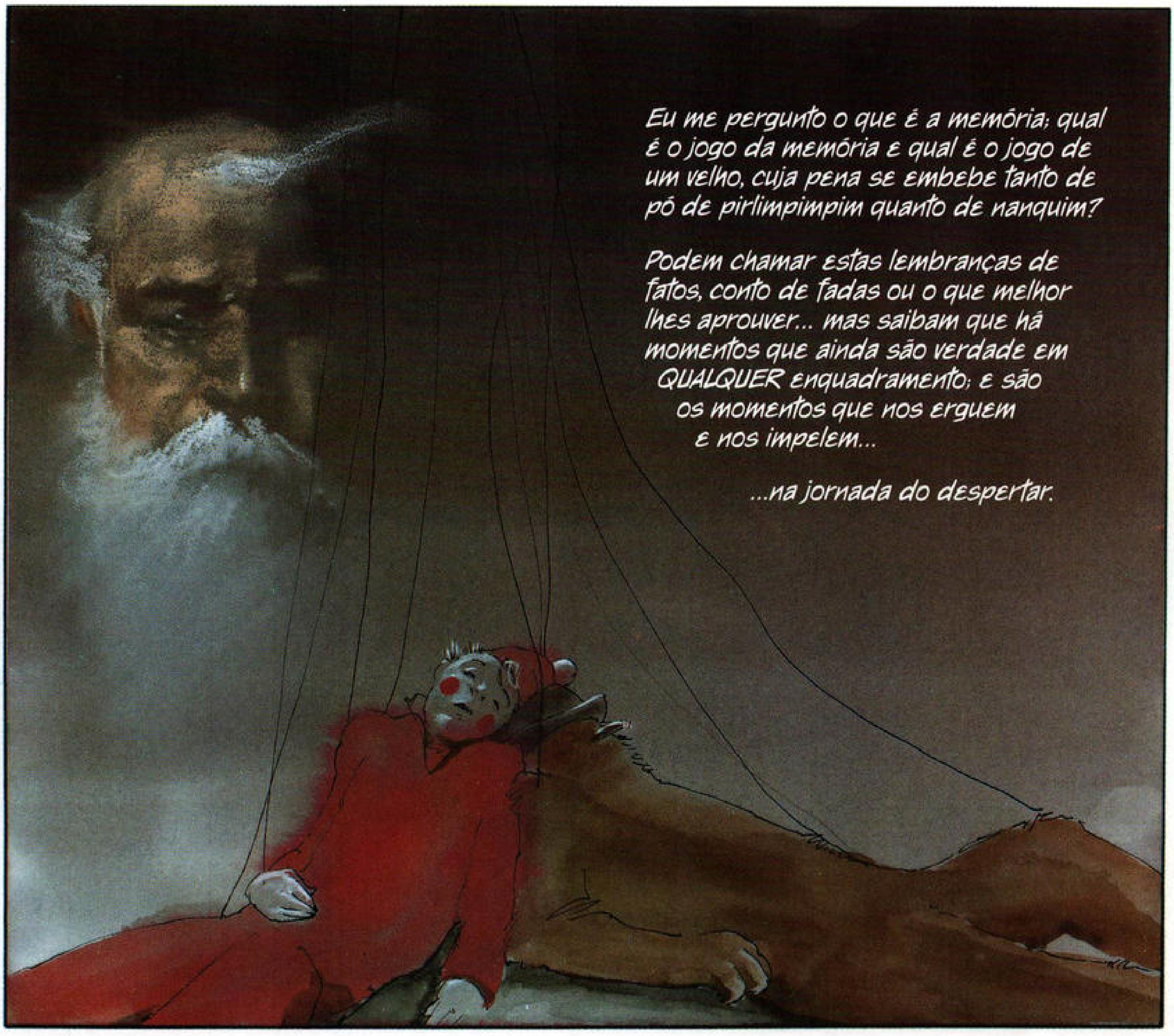
Contei a ele sobre Gaylord, Bettina, Sra. Flimflam e Sr. Dimhoffer; de como eles haviam me feito parte da família; como eles indubitavelmente fariam o mesmo por ELE. "Temos uma vida boa pela frente, Ira", falei...

...mas, na maior parte da viagem, não creio que ele tenha me ouvido; tampouco me RECONHECIDO: a função de sobreviver exigia toda sua atenção.

Mas, um dia, ele me reconheceu.

M-MOON-XONGA...?

PODE VOLTAR A DORMIR, IRA.


Eu me pergunto o que é a memória; qual é o jogo da memória e qual é o jogo de um velho, cuja pena se embebe tanto de pó de pirlimpimpim quanto de nanquim?
Podem chamar estas lembranças de fatos, conto de fadas ou o que melhor lhes aprouver... mas saibam que há momentos que ainda são verdade em QUALQUER enquadramento; e são os momentos que nos erguem e nos impelem...
...na jornada do despertar.

Moonshadow nas Artes

Clive Canniby Satreva

Anos após o falecimento de Moonshadow, dois jovens artistas – Adolf Berrigram e Harrendiss Thwart – montaram uma comédia musical baseada na sua vida. Minhas palavras não farão justiça às quatro horas de falsificação burlesca que estes senhores apresentaram ao público; talvez as palavras deles consigam.
A seguir, um trecho de...

A Balada de Moonshadow
(letra e música de Berrigram e Thwart)

Nasceu em um zoológico
De mãe judia, é lógico
Que chorava: "Ai de mim, como vim parar neste lugar?"

Seu melhor amigo, um malandro
Que não seguia nenhum mando
Só bronha, só peido, fedor por todo o lar.

Foi adotado por um homem
Que tinha largo abdômen
Ganhou casa, comida, um teto para dormir.

Mas ouviu que o velho amigo
Corria grande perigo
E logo a seu resgate não deixou de ir.

Salvou seu pobre colega
Com ajuda de uma brega
E alçaram voo numa grande espaçonave...

Terei a misericórdia de parar por aqui; gostaria que Berrigram e Thwart tivessem tido a mesma misericórdia com as plateias.

Livro Dez

MOONSHADOW 10
OCTOBER 1986
1.50 | $1.75 CANADA

"It's lovely. It makes you feel better about comics."

—Frank Miller

A
fairy tale
for grown-ups

MOONSHADOW™

J. M. DeMatteis
& Jon J Muth

"Com frequência observei que o grosso dos meus leitores encaixa-se em dois grupos distintos: no primeiro, aqueles que se dizem rechaçados ou enojados pela dose abundante de sexo..."

"...e, no outro, aqueles que se deleitam ao perceber que esse elemento constitui um ingrediente tão grande."

"Apenas algumas almas com discernimento parecem capazes de conciliar os aspectos supostamente contraditórios de alguém que luta para não negar nenhuma parte de si..."

"...em tudo aquilo que escreve."

O notável HENRY MILLER: louvado por muitos como gigante literário, condenado por outros como fornecedor de obscenidades! (Admito que até eu fiz cortes no trecho da página anterior... não por questão de decência, mas por questão de ESPAÇO.)

Eu me incluo entre os defensores ardorosos de Miller. Pois penso que sua capacidade de "não negar nenhuma parte de si", e com tamanha eloquência, era exatamente o que o TORNAVA gigante.

O conto que se segue, caros leitores, TAMBÉM omite pouco; e, caso suas bochechas se enrubesçam muito fácil, talvez devam EVITAR este capítulo no deflorar cósmico de...

LIVRO DEZ :
Uma Dose Generosa

MOONSHADOW

Capítulo Um:
O Mundo do Sexo

Era uma vez...

...no distante planeta Terra,
na terra mágica do Brooklyn...

...uma filósofa com cinco anos de idade chamada SHEILA FAY BERNBAUM, de pensamentos e alma tão intensos que, já naquela tenra idade, resolvera um dos grandes mistérios da vida:

após semanas de reflexão e meditação, Sheila chegara à conclusão de que bebês eram feitos... com a força do AMOR.

Um homem e uma mulher (Sheila assim julgou) encontravam-se, eram trespassados pelas flechas do Cupido e casavam-se. O amor, sendo a encarnação da paciência e do decoro, aguardava até APÓS a cerimônia matrimonial, aí adentrava a barriga da mulher e ali formava uma CRIANÇA.

A Pequena Sheila tratou essa hipótese como FATO, e os pais fizeram de tudo para INCENTIVAR sua convicção.

?

Porém, em fevereiro de 1954, na sala de estar de MICHELE TODD... uma gigante de treze anos que vez por outra tolerava a presença de Sheila ("Você é esquisitinha", Michele observou, "mas pode vir aí se não ficar falando demais.")... minha mãe assistiu, estupefata e apavorada, sua teoria da Criação ser deslindada de forma grosseira...

...por um rolo de celuloide chamado FILME PORNÔ.

A massa de peles prateadas e suarentas ondulando-se naquela tela! As torturas indizíveis a que homens e mulheres pelados... PELADOS!...

...se submetiam: gemendo e gritando, como se nos estertores do câncer!

E quando Michele informou a Sheila... com entusiasmo diabólico... que essa dança vil e bizarra era a que TODOS os pais faziam... que TINHA que ser feita, se quisessem conceber uma criança...

...sua mãe quase desmaiou de choque.

Naquela noite, na hora de dormir, Sheila timidamente questionou SUA mãe se era verdade. ESTHER BERNBAUM ficou pálida... e deu a resposta pronta: "Garotinhas não têm que pensar nessas coisas".

A resposta... a mesma que um dia não afastou a Morte... foi IGUALMENTE ineficaz contra o SEXO.

MARTIN BERNBAUM, quando soube da investigação da filha (e do fato que a levara a tanto), imediatamente correu de seu apartamento 3F ao apartamento 4G e disse ao pai de Michele, AUGUST TODD, que ele era:

1) Um pai irresponsável por deixar "imundícies" onde Michele podia encontrar e expor.

2) "Menos que humano", sobretudo, por estar de POSSE dessas "imundícies".

A reação de August Todd foi erguer o dedo médio, depois erguer Martin Bernbaum do chão e, enfim, jogá-lo para fora de seu apartamento.

Apesar do vislumbre precoce das Loucuras da Procriação (ou talvez POR CONTA disso), minha mãe.... ao crescer, abster-se do "Sheila" e adotar "Sunflower"... encontrou pouco fascínio no Sexo.

Nos seus tempos de flower-child, ela dormiu com literalmente MILHARES de homens: gostava do contato físico, do calor dos lábios úmidos, da esgrima entre as línguas;

mas a espada que perfurava seus lábios INFERIORES, estranhamente, não a comovia. (Nem meu homônimo, o lendário "MOONSHADOW PRIMEIRO", teve sorte nesse quesito!)

Foi apenas quando "Sunflower" foi acamada pelo globo risonho que me GERIU ("deitei com a luz", como ela dizia) que ela passou a entender...

...o motivo de tanta gritaria.

Meu pai, é claro, SUMIU pouco depois, deixando a minha Mãe buscar o prazer pelas próprias mãos; deixou-lhe também a semente que se tornaria...

...EU!

Capítulo Dois: Desastre Pressagiado

PENSEI em meu pai quando Ira e eu, o mais seguros possível dentro da "Decrépita", partimos rumo a PILLBOX (serenados durante todo o tempo por CORNÉLIA-17... que cantava árias italianas e limeriques obscenos).

Eu tinha certeza (como só um garoto tem) de que fora meu pai quem aparecera na floresta perto da casa de Gaylord... alertando-me quanto aos apuros de Ira com os Untuosso.

Em OUTRA época, eu teria entendido como sinal de que ele (ou aquilo... ou O QUE FOR!) importava-se comigo... e que os DES-MESU eram algo MAIS do que venetas modeladas:

mas eu não era mais o romântico de antes (não totalmente, ao menos), e um ato ilusório não me converteria (por mais que uma parte de mim ANSIASSE pela conversão!).

"Os Des-Mesu", falei a Ira (que estava dormindo – e assim provou-se uma plateia muito conveniente), "importam-se tanto COMIGO quanto com as criaturas indefesas que eles parecem ajudar e atormentar".

ZZZZZ

"Não, Ira", prossegui (enquanto meu amigo felpudo rolava e peidava), "concordo com RAGGSTONE PHILLIT... ou seria com RUDYARD KIPLING?... que disse: 'Capricho é capricho, sentido é sentido...'"

POR!

"'...E ESTE PAR NUNCA HÁ DE SE...'"

POOF!

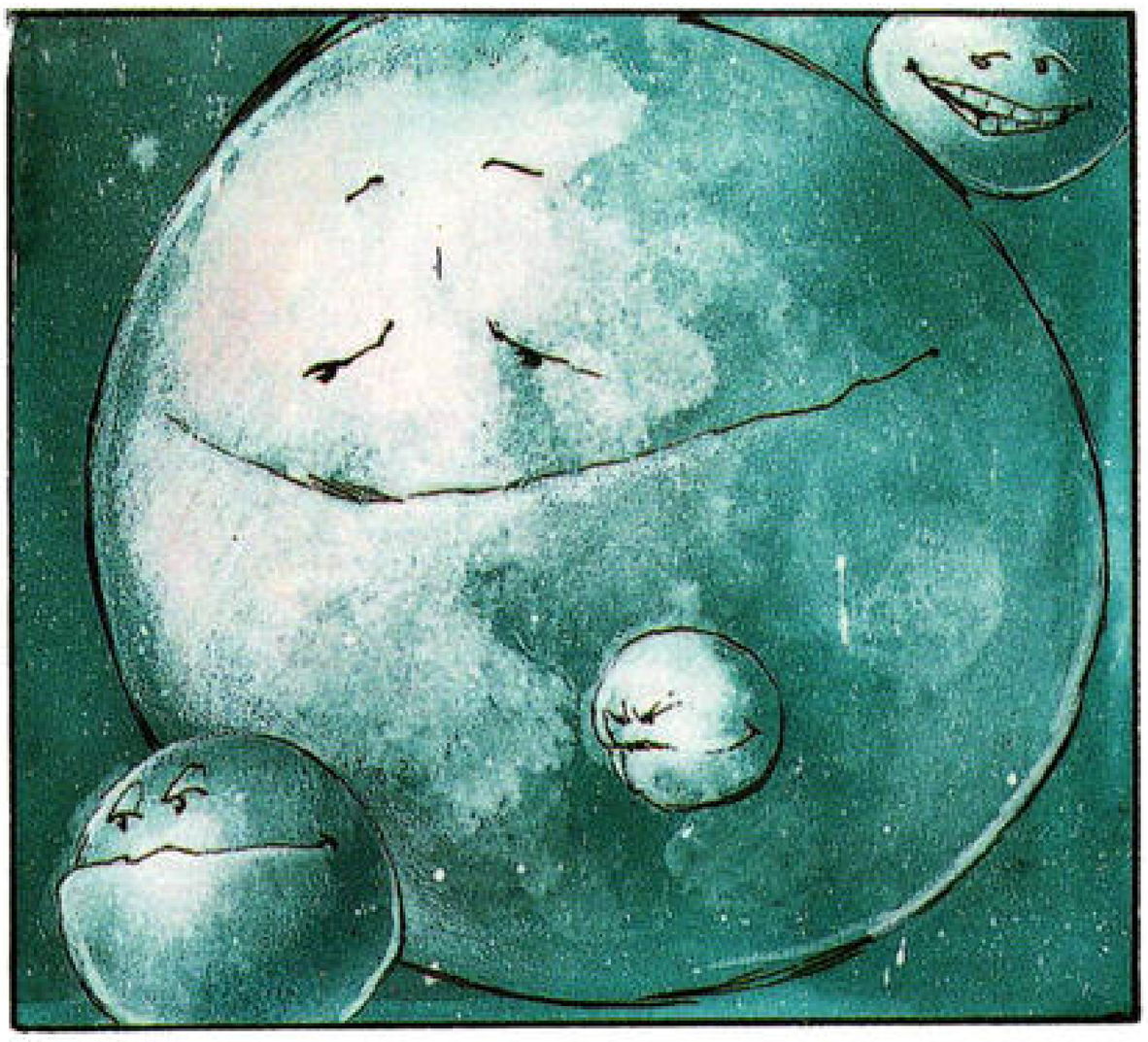
"'...ENCONTRAR...'"

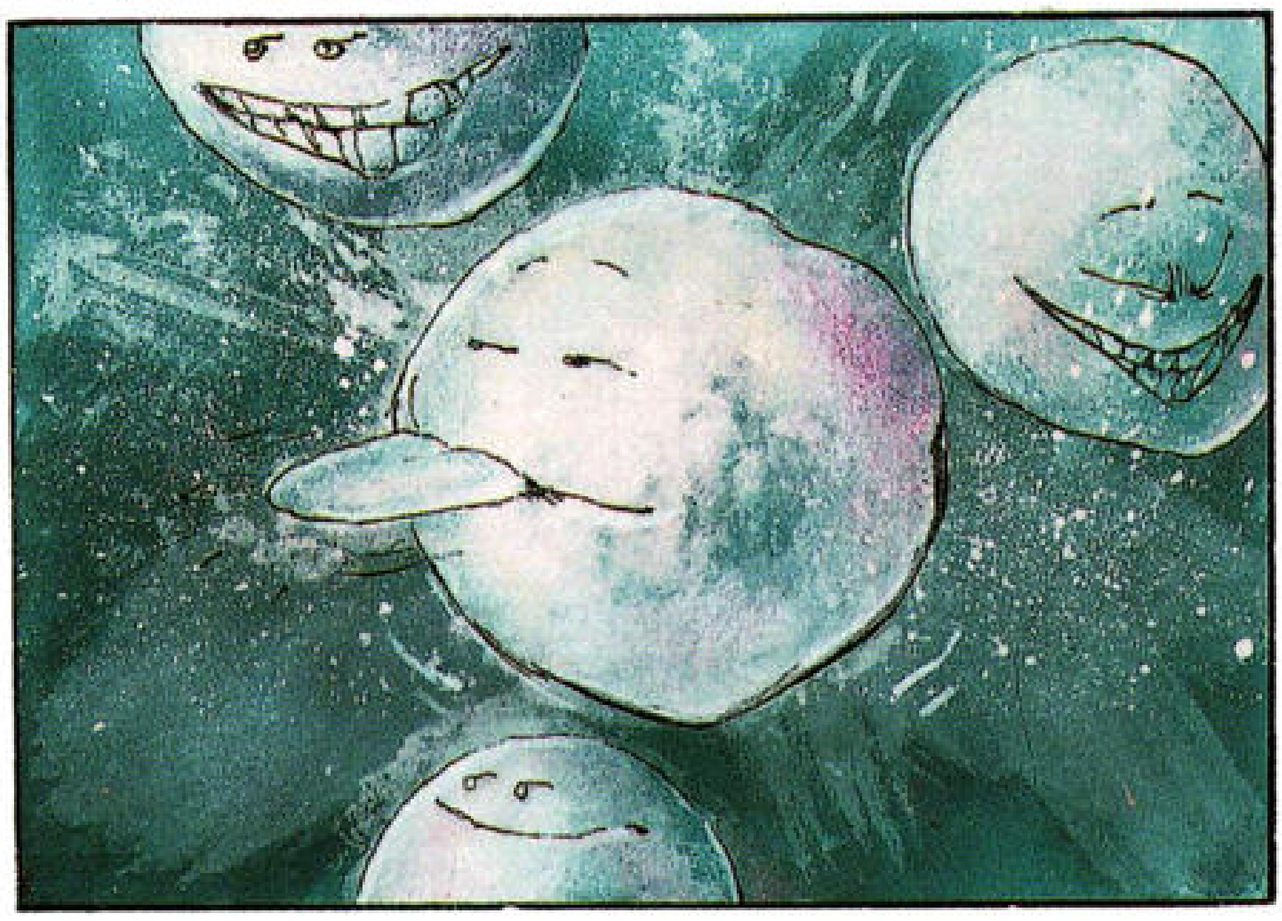
PUF!

POW!

Lá estavam, os risonhos.
Lá estavam, os estúpidos.
Lá estavam... fazendo minha barriga se revirar.

Pois naquele bambolear e girar...
eu vi um DESASTRE claro e evidente.





É óbvio que não houve resposta; eu não esperava nenhuma.

Quando encerraram a visita, nossos excêntricos visitantes retomaram a perambulação espacial (partindo sem nem mesmo um sussurro... quanto mais um pop, poof, ping)...

Capítulo Três:
Desastre Adiado

...lar...

Deixei a palavra rolar na língua; saboreei-a; engoli-a; forcei a voltar e rolar de novo.

Até o instante em que pairamos sobre a cidade de Oik... e sobre o vasto interior verdejante... eu não ousara admitir a mim mesmo que Pillbox ERA meu lar. "Ah, mas É, Ira", eu balbuciei, empolgado, animado com a revelação. "O primeiro lar DE VERDADE que eu já TIVE!"

Ele já estava bem acordado e sentindo-se um bocado mais forte... e assim ouviu, com rara tolerância, minhas histórias com Gaylord, Bettina e os demais (como eu estava impaciente para REVÊ-LOS!)...

...suportou minhas descrições vívidas da nossa casinha e da nossa cidadezinha; tolerou meus longos cânticos à família e à amizade.

Fiquei momentaneamente espantando pela irrupção: afinal, Ira e eu não havíamos, enfim, expressado o afeto que tínhamos um pelo outro? Não havia ele, há poucos dias, me tomado em seus braços e chorado... abertamente, sem afronta ou incômodo?

Quando terminei, Ira sentou-se e não disse nada; então, de repente ele jogou várias melecas de nariz no meu rosto e me socou (repetidamente!) com seu travesseiro... enquanto resmungava uma série de epítetos repugnantes... e altamente ORIGINAIS.

Mas, então, olhei para ele, sério: seus movimentos eram tensos; seus olhos, ocultos; até sua POSTURA irradiava desconfiança. Apesar de toda hostilidade na pose, havia nele algo de sombrio; algo triste.

Eu não conseguia dizer o QUE era (AINDA não consigo), mas ao VER, compreendi que a estrada da Confiança é longa...

...e deve ser trilhada com cautela.

Capítulo Quatro: Desastre, Enfim

Lar: ele estava em ruínas, carbonizado, destruído; fendido, ao que parecia, por um enorme trovão. Por um deus furioso...

...ou um deus VENETOSO.

BETTINA--?

Oh, BETTINA... O QUE ACONTECEU?

"Não sabemos direito", chorava minha cara Bettina enquanto me conduzia à casa do vizinho... onde Sra. Flimflam estava estarrecida, silenciosa, tricotando; onde o odor de medo e desordem era tão denso que me sufocava.

TITIA E EU...

(Bettina prosseguiu.)

...ESTÁVAMOS NA VENDA...

"Quando?", eu a interrompi.

"Faz três dias, eu acho. Ou será quatro? Eu não sei bem, Moon. Eu--"

"Pode continuar."

OUVIMOS UMA EXPLOSÃO... UM BARULHO ALTO! ACHEI QUE MEUS OUVIDOS FOSSEM ESTOURAR!

NATURALMENTE, PENSAMOS QUE FOSSE OUTRA GUERRA... UM ATAQUE MACHOVIANO... ENTÃO, CORREMOS PARA CASA. Ah, MAS, MOON... NOSSA CASA...

...NOSSA CASA SE FOI.

"Sr. Dimhoffer! Bettina... onde estava o Sr. Dimhoffer? E onde estava..."
"Dentro."
"...o Tio?"
"DENTRO."

NÃO.

ACHAMOS QUE ELE ESTAVA TRABALHANDO NUMA DAS INVENÇÕES...

A BÚSSOLA SUPERNA... QUE LEVA À VERDADE SUPREMA... OU AO SEU DINHEIRO DE VOLTA.

E ALGUMA COISA DEVE TER DADO ERRADO.

OS CORPOS...?

HAVIA SÓ... PEDAÇOS DE CORPOS... SÓ...

NÓS FAREMOS UM VELÓRIO... PARA OS DOIS... AMANHÃ DE MANHÃ. QUERÍAMOS ESPERAR VO...

EU NÃO VOU.

...CÊ.

BÚSSOLA SUPERNA PATENTE PENDENTE

EU NÃO VOU.

"Não tem sentido, Bettina", falei, avermelhado e tremendo. "Não tem sentido nenhum!"

"É claro que tem!", ela objetou, agarrando a manga da minha camisa como se tivesse medo que o vento fosse me levar.

"Não tem sentido", repeti, me soltando (Ah, como devo tê-la magoado! Ah, como me amaldiçoo pelo que fiz!) e voltando à casa do nosso vizinho, com Bettina, às lágrimas, atrás de mim.

Encontrei Ira na cozinha, engolindo sofregamente os últimos víveres do nosso anfitrião e belicosamente exigindo mais.

NHAC

NHAM

AMENDO

"Você é muito bem-vindo aqui, Moonshadow", sussurrou SR. RIMPLE... um viúvo tímido e um tanto nervoso... depois de discretamente me puxar de lado, "mas aquele sujeito desagradável e destemperado terá que ir embora".

NHAC

NHAM

EU ENTENDO... E AGRADEÇO A BONDADE. IRA VAI EMBORA PELA MANHÃ...

...E EU TAMBÉM.

E NÃO CHORE, BETTINA. VAMOS NOS VER DE NOVO.

NUNCA!

LOGO.

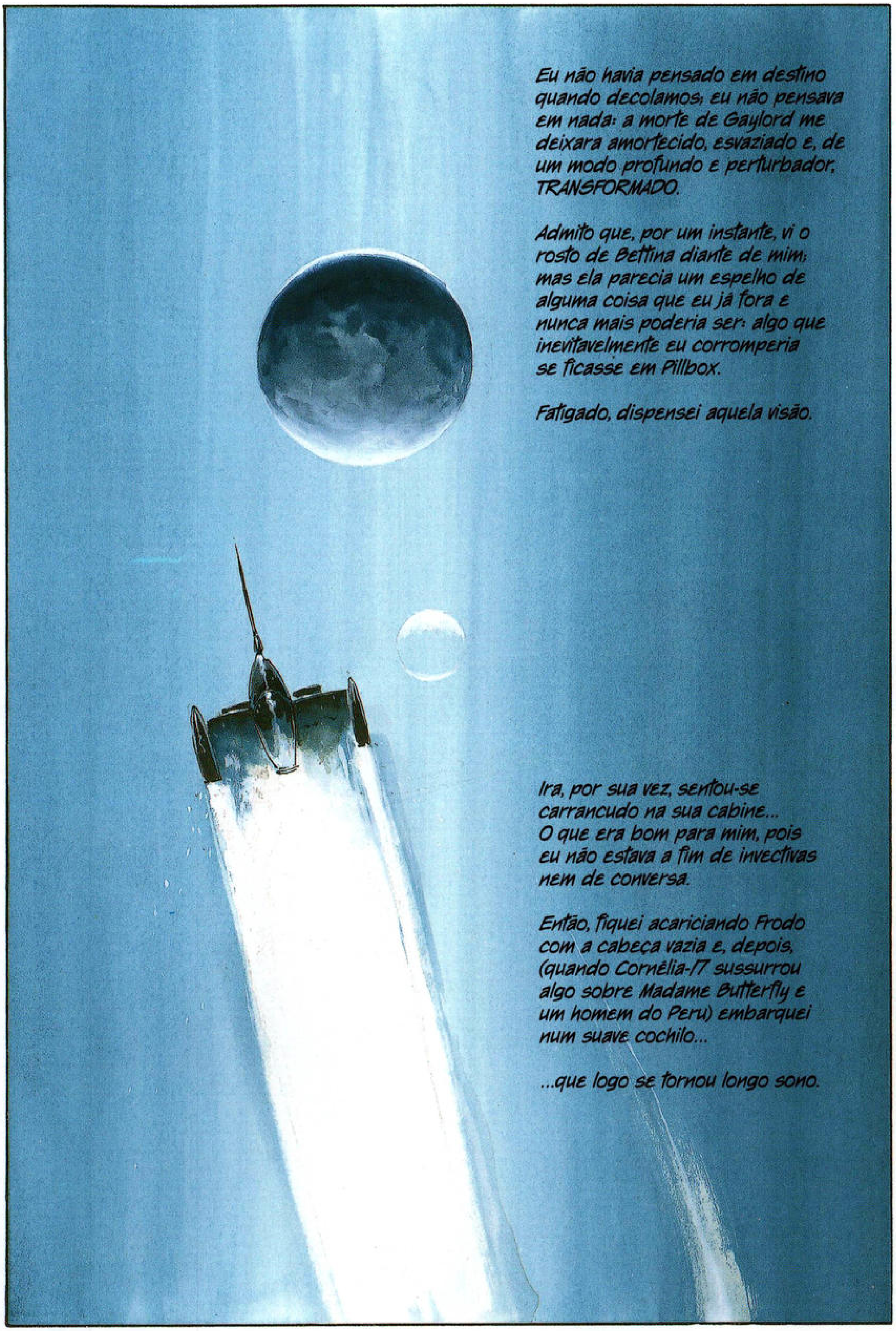
Nós dois estávamos errados: IAMOS nos reencontrar, mas depois de anos; e nosso reencontro, embora relevante para minha vida posterior, não é relevante ao conto atual...

...eu não farei mais menção a ela nesta narrativa.

Capítulo Cinco: "F.I.L.É.s"

Agradeci mais uma vez ao Sr. Rimple, que sorriu e apertou minha mão, sempre de olho... e com terror naqueles olhos... em ira; então, dei um beijo na Sra. Flimflam (que me diluviou com lágrimas), acenei, com falso ânimo para Bettina (se abraçasse aquela doce criança de novo, talvez não CONSEGUISSE partir), subi na "Decrépita"...

...e fui.


Eu não havia pensado em destino quando decolamos; eu não pensava em nada: a morte de Gaylord me deixara amortecido, esvaziado e, de um modo profundo e perturbador, TRANSFORMADO.
Admito que, por um instante, vi o rosto de Bettina diante de mim: mas ela parecia um espelho de alguma coisa que eu já fora e nunca mais poderia ser: algo que inevitavelmente eu corromperia se ficasse em Pillbox.
Fatigado, dispensei aquela visão.
Ira, por sua vez, sentou-se carrancudo na sua cabine... O que era bom para mim, pois eu não estava a fim de invectivas nem de conversa.
Então, fiquei acariciando Frodo com a cabeça vazia e, depois, (quando Cornélia-17 sussurrou algo sobre Madame Butterfly e um homem do Peru) embarquei num suave cochilo...
...que logo se tornou longo sono.

Acordei com uma mão me sacudindo (mas não com urgência): ergui lentamente uma pálpebra áspera, depois a outra; e foquei no rosto de Ira, reto contra o meu.

Mais uma vez vislumbrei a tristeza assombrada; algo com que ele se debatia, em vão, para esconder de mim. (Pelo menos foi a percepção que tive na hora; agora vocês já sabem, caros leitores, se devem ou não confiar nas intuições de seu narrador.)

Relutantemente me livrando do sono, olhei ao redor e percebi que havíamos pousado; Ira recusou-se a me esclarecer quanto a ONDE.

Em vez disso, ele me agarrou (de novo: sem urgência) e me levou pela garagem, subindo um lance de escada em espiral, e por uma porta com cortinas.

Entramos em um longo corredor, tomado de incenso e iluminado por dúzias de velas. Nas paredes, fotos e pinturas eróticas... belas demais para se julgar obscenas, obscenas demais para se julgar belas!

"Ira", sussurrei, repentinamente alarmado, "que lugar é ESTE?"

FILES

Ele me lançou um sorriso de falsidade medonha, depois tacou um catálogo lustroso (antes oculto sob seu chapéu) nas minhas mãos.

"FUNDAÇÃO INTERPLANETÁRIA DA LIBIDO ÉPICA"?

É UM PUTEIRO?

SE INSISTIR EM USAR NOMENCLATURA VULGAR, TERÁ QUE PARTIR.

A "FUNDAÇÃO INTERPLANETÁRIA DA LIBIDO ÉPICA" É UMA FRANQUIA RESPEITADÍSSIMA COM *SETENTA ANOS* DE HISTÓRIA.

NOSSA REPUTAÇÃO É INCONTESTÁVEL... E ESTA UNIDADE *EM ESPECÍFICO* VENCEU O DISPUTADO TROFÉU "*PIPI DE OURO*" POR TRÊS ANOS SEGUIDOS.

Hã... SINTO MUITO PELA GROSSERIA, SENHORITA... Hã...

EU SOU A *BABS*. ESTOU FALANDO COM O SR. IRA, QUE TEM HORÁRIO MARCADO?

SR. IRA...? AH, HÃ... NÃO... *ELE* É O IRA!

SR. IRA?

E AÍ?

COMO FICOU SABENDO DO NOSSO ESTABELECIMENTO, SR. IRA?

ACHEI UM PANFLETO DA "F.I.L.É.s" NO PORTA-LUVAS DA MINHA NAVE.

SUA NAVE?

ISSO AÍ.

V-VOCÊ MARCOU HORA PRA M-M-MIM...? MAS NÃO TEM COMO--

MUITO BEM. ENTÃO, CONFORME NOSSA AGENDA, O SENHOR SOLICITOU DUAS HORAS PARA SEU AMIGO... E NOSSA OPÇÃO "TEMPO ILIMITADO" PARA SI.

EXCELENTE. SERÁ EM DINHEIRO OU CARTÃO?

DINHEIRO.

EI! ONDE VOCÊ PEGOU ISSO?

ROUBEI DO SEU VIZINHO LEGAL LÁ EM PILLBOX. VAI REGISTRAR QUEIXA?

NÃO.

Não foi a INTIMIDAÇÃO que me fez ficar num canto e escorrer de rosto pálido até o chão. Eu tinha vindo longe demais com Ira... e suas ameaças e teatrinhos não me intimidavam mais.

Não, era algo muito mais temível.

PÂNICO SEXUAL.

Capítulo Seis:
O Mundo do Sexo – Parte II

Permitem-me a ousadia de citar a mim mesmo? "Eu era virgem", escrevi (no Livro Sete destas memórias), "e, como qualquer garoto da minha idade, ansioso para livrar-me do oneroso estigma; mas a ideia do contato sexual de verdade me APAVORAVA".

"O sexo, tal como a morte, era o DESCONHECIDO, e, por mais frequente e ávida que fosse minha prática solitária dele... ela não me preparava para o mergulho efetivo!"

Agora, deixe-me ACRESCENTAR àquelas opiniões:

O Sexo não me era o MISTÉRIO que fora para a pequena Sheila Bernbaum. Minha mãe envidou esforços para me explicar os caprichos do amor e da reprodução muito antes de eu começar a PENSAR em perguntas.

A conjunção carnal, a gravidez, o milagre do parto: tudo me foi apresentado como o ato mais natural... e SAGRADO... que há.

Conforme cresci, incorporei esta visão à minha florescente filosofia romântica: sonhava com a Mulher Perfeita que um dia seria minha; com o amor puro e impecável que teríamos entre nós; com o encontro transcendente da carne (imaculada pelas paixões terrenas) que nos levaria a criar filhos!

Então, veio a PUBERDADE.

Muitas vezes eu dedilhara meu pênis como uma lira de pescoço duro, deitado na minha cama; era algo que me reconfortava enquanto eu partia à Terra dos Sonhos.

Mas naquela noite, aos meus treze anos, quando meu pênis entrou em ERUPÇÃO como um Vesúvio arrotando sêmen, fui projetado a um estado de TERROR.

Achei que era SANGUE brotando em muco quente; achei que ia MORRER (e, mesmo ao sair correndo e gritando atrás de minha mãe, eu me perguntava como que morrer provocaria sensação tão BOA)!

Por sorte, minha mãe estava dormindo (ou quem sabe dedilhando a SUA lira?)... e a Razão logo despertou, pacientemente explicando tudo que acontecera.

No devido tempo (não MUITO tempo, eu lhes garanto!), percebi que se podia ter esta experiência magnífica... esta morte de sangue branco!... À VONTADE, e sem MAL NENHUM A SI!

Então, passei a me esfregar até me ESFOLAR... manchando cestos inteiros de lençóis, roupas de baixo, colchas e meias; emplastrando as páginas de qualquer livro na biblioteca que SUGERISSE pele feminina ao vento.

Ah, mas RESTAVA a questiúncula da minha esperada Mulher Perfeita... e nosso amor, "imaculado pelas paixões terrenas".

Como eu estava ATORMENTADO! Como minha culpa PESAVA!

Com que FREQUÊNCIA minhas juras de abstinência se despedaçaram com jorros de esperma!

Compartilho esses detalhes não para chocar ou provocar, mas para dar o devido pano de fundo para o capítulo que se segue.
Mas há um último elemento que deve ser lembrado antes de prosseguir; e esse elemento é a mulher; e essa mulher é (ERA, que Deus a tenha!)...
...DAMA CHAMA.
Deixo a vocês a tarefa de recordar o papel que ela teve na minha história.
Mas estou preparado para seguir adiante.
Capítulo Sete:
Perco Minha Virgindade

Aconteceu muito rápido: em um instante, eu estava agachado no corredor e, no seguinte, sendo levado por Babs...

...que, ao perceber minha insegurança, fez o possível para me tranquilizar.

SCREEEEEEE

Chamei Ira... mas ele já tinha ido, "para o Quarto Sete", me informou Babs; "acho que vocês só vão se rever daqui a uns DIAS".

"Por favor", eu gani, renunciando a pouca dignidade que tinha, "você não tem que fazer isso! Devolva o dinheiro ao Ira!"

BAM

EU NÃO QUERO!

OI.

UUUCK!

O-OI.

COMO SE CHAMA?

MOON.

OI, MOON.

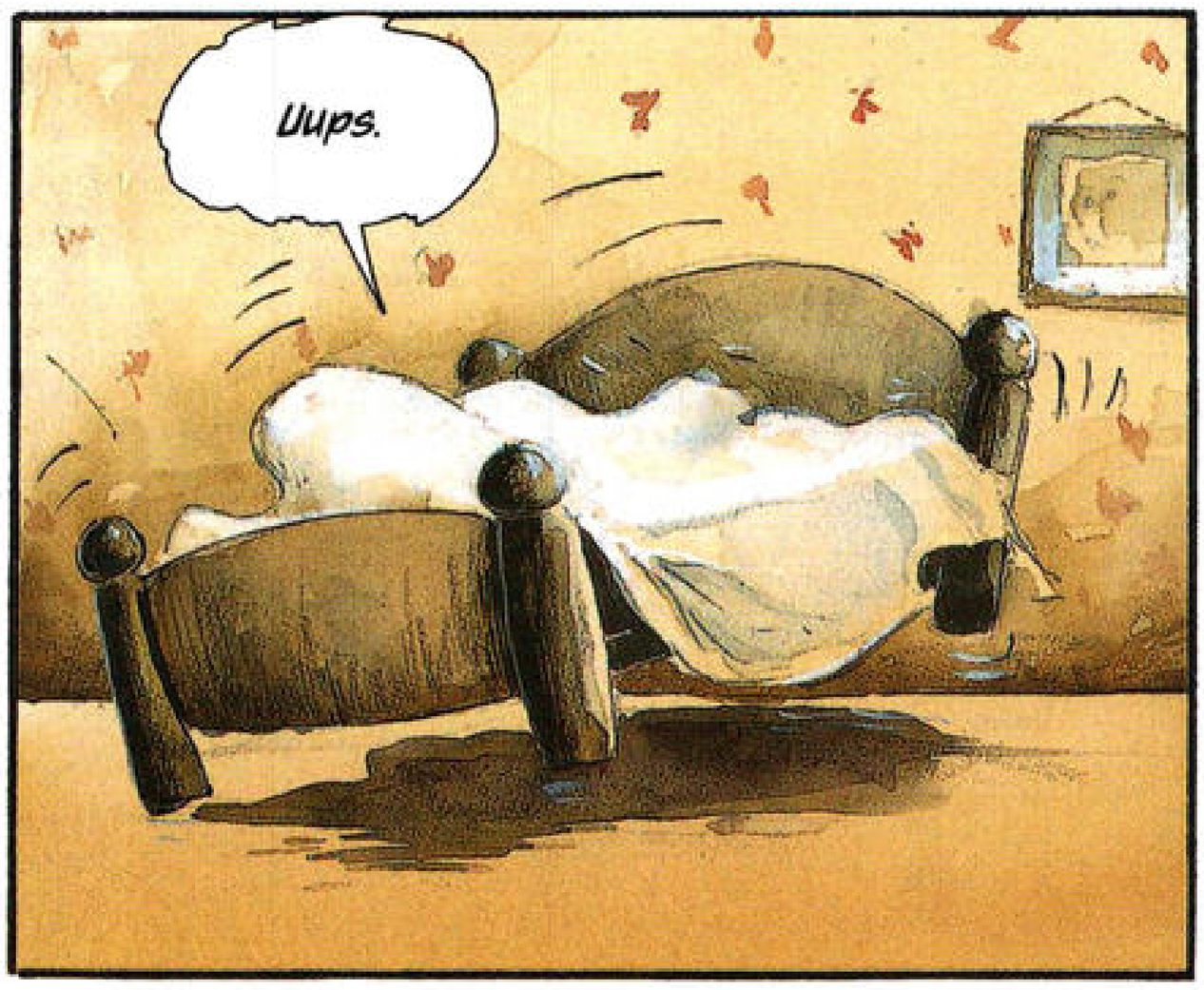
Q-QUAL É O *SEU* NOME?

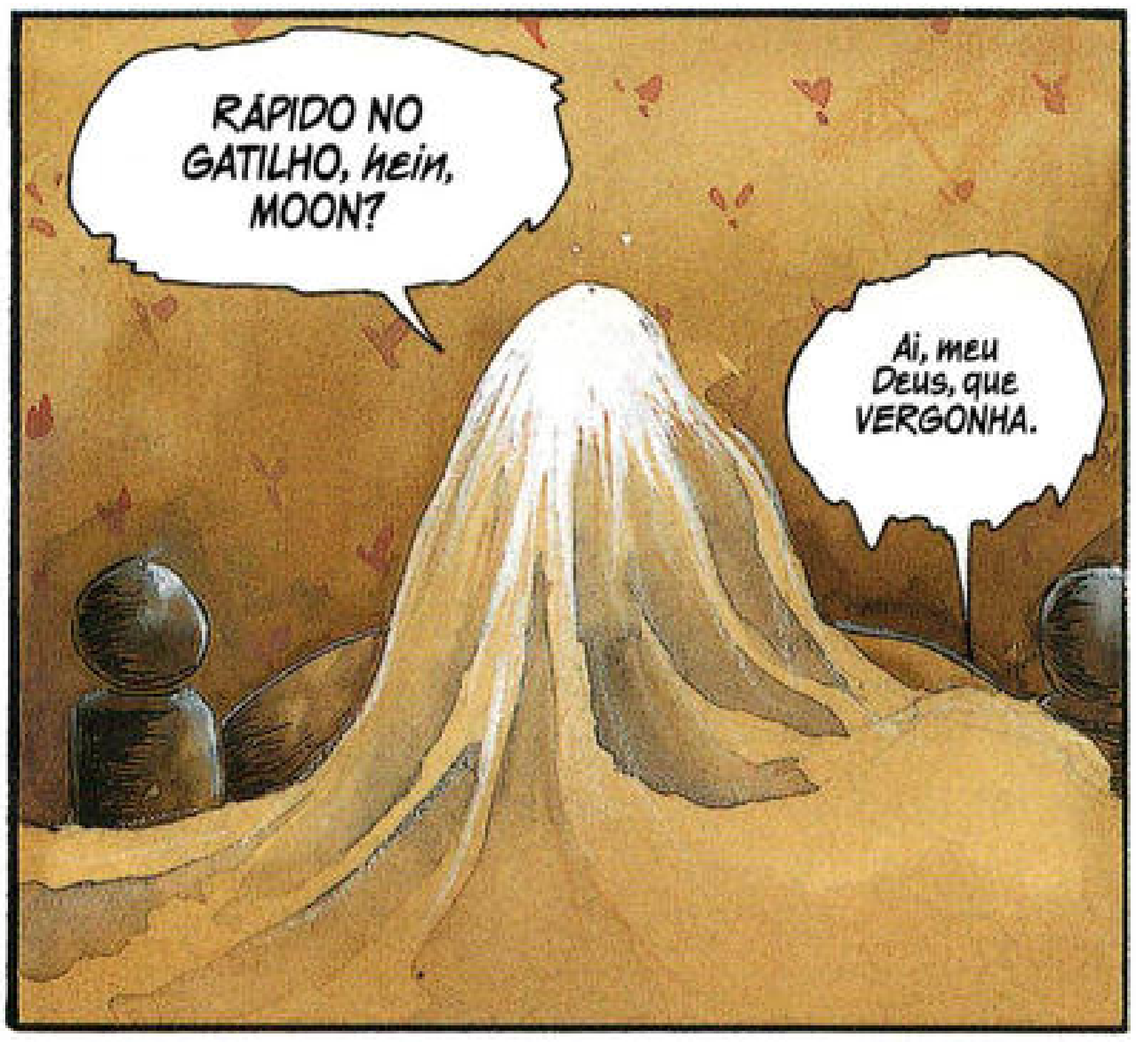
O NOME QUE VOCÊ QUISER. SE VOCÊ NÃO QUISER, EU NEM *TENHO* NOME.

HÃ... POIS ENTÃO... EU TENHO QUE IR.

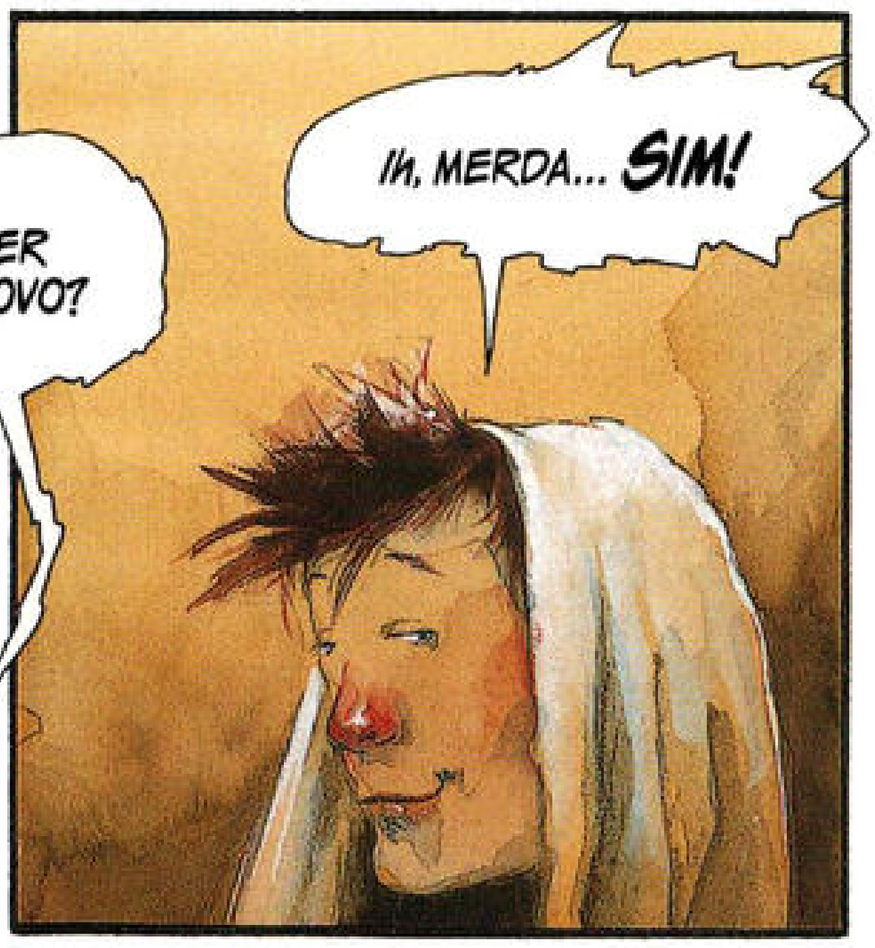
FIQUE.

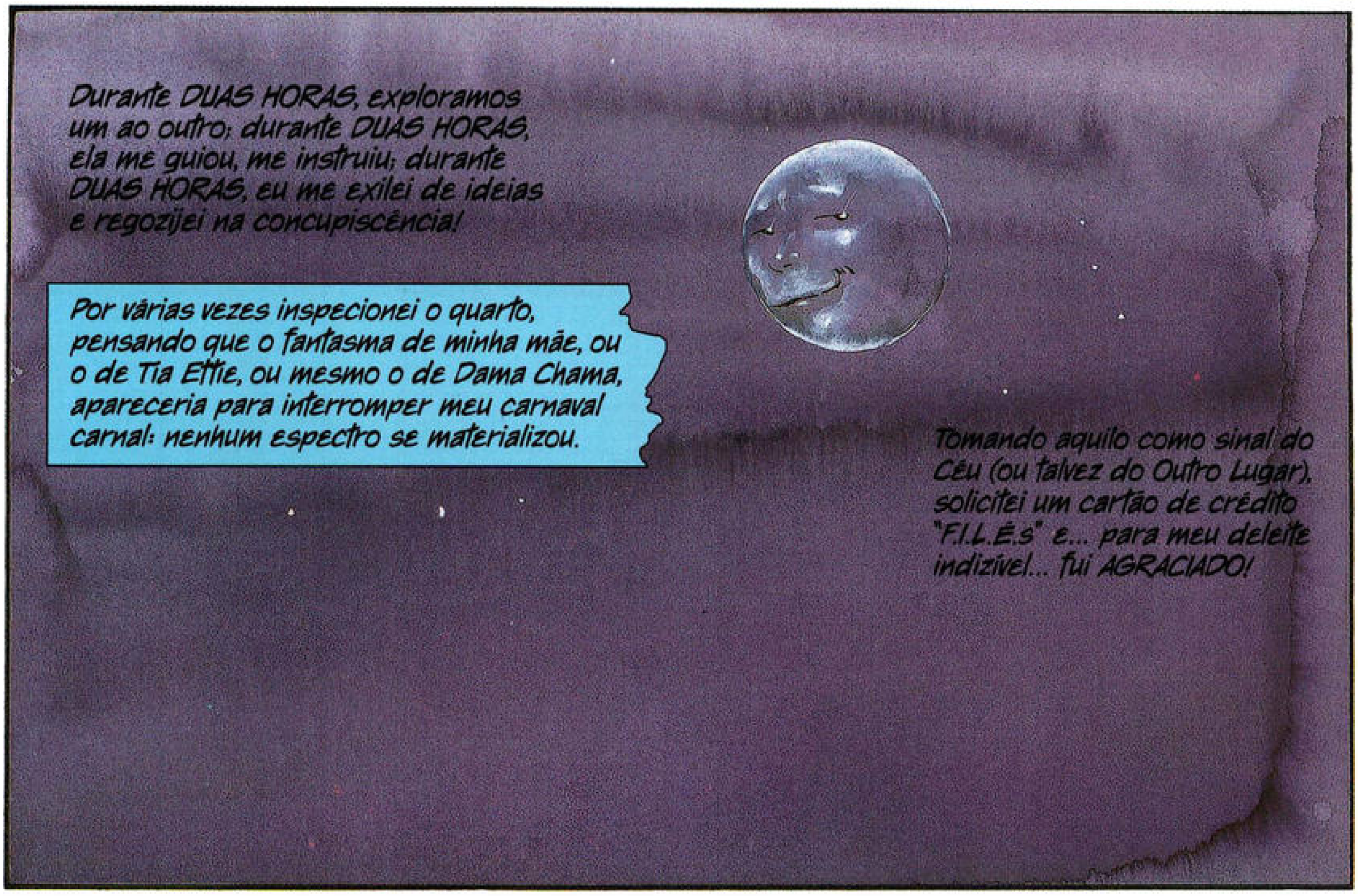
Tá bom.


Uups.


RÁPIDO NO GATILHO, hein, MOON?
Ai, meu Deus, que VERGONHA.

MAS FICO CONTENTE QUE ACONTECEU. É O CASTIGO. EU MEREÇO A PUNIÇÃO POR CEDER À LUXÚRIA! POR ESQUECER A PUREZA E O AMOR E--
QUER DE NOVO?


Ih, MERDA... SIM!


Durante DUAS HORAS, exploramos um ao outro; durante DUAS HORAS, ela me guiou, me instruiu; durante DUAS HORAS, eu me exilei de ideias e regozijei na concupiscência!
Por várias vezes inspecionei o quarto, pensando que o fantasma de minha mãe, ou o de Tia Ettie, ou mesmo o de Dama Chama, apareceria para interromper meu carnaval carnal: nenhum espectro se materializou.
Tomando aquilo como sinal do Céu (ou talvez do Outro Lugar), solicitei um cartão de crédito "F.I.L.Ê.s" e... para meu deleite indizível... fui AGRACIADO!

E botei na fatura...
noite adentro.

Emergi daquele boudoir úmido e fumegante na manhã seguinte: atordoado, doído e dolorosamente CONFUSO.

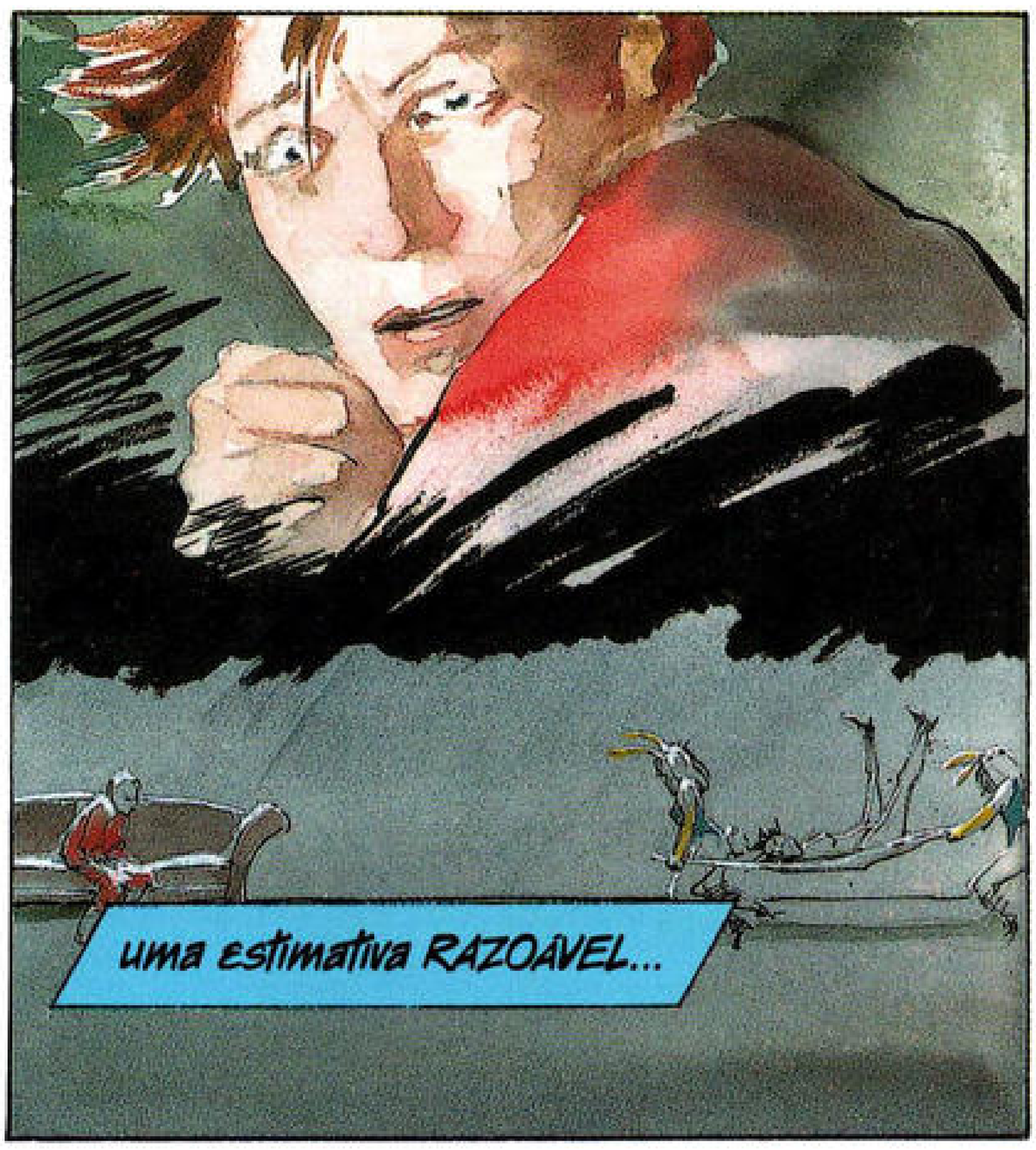
Analisei meu reflexo no espelho do corredor, à procura de um sinal externo do meu novo status não virginal:

Tudo que vi foi a fadiga e o peso (a culpa... querendo me esmagar de novo? Eu estava perplexo demais para saber) que me levaram ao sofá de uma sala de espera, onde, nem dormindo nem desperto, ponderei sobre o Amor e a Luxúria.

Continuei ponderando aquelas ideias gêmeas por muitos ANOS, e ambas me levaram a muitas tolices. Acabei fazendo as pazes com ambas...

...mas, tal como meu reencontro com Bettina, essas pazes não têm lugar no relato presente.

Capítulo Oito:
Ira me Surpreende Mais Uma Vez



...mas apenas se aplicada a um SER razoável.

COM LICENÇA. É QUE MEU AMIGO ESTÁ AÍ FAZ MAIS DE UMA SEMANA E--

SE ELE É SEU AMIGO, GAROTO... VOCÊ NÃO É MEU AMIGO!

7

IRA...?

Não vejo motivo para gerar falso suspense: IRA ESTAVA VIVO; contudo, no sentido íntimo, morreu naquele dia... tal como eu morri na cama daquela prostituta; tal como eu morreria repetidas vezes nos meses por vir.

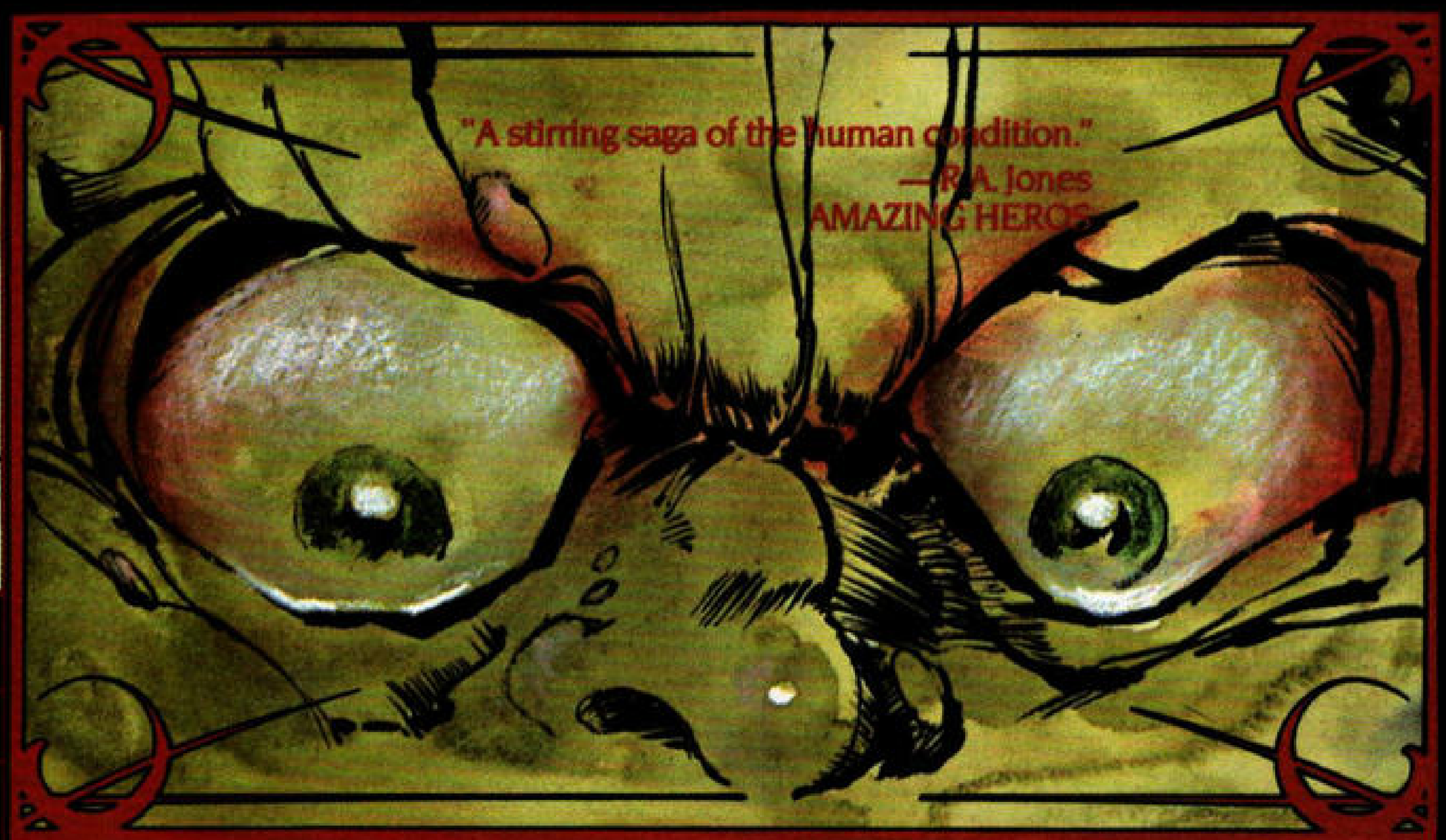
Cometo o penoso pecado de ser enigmático, caros leitores? Pior: estou eu sendo ARCANO? Não é minha intenção.

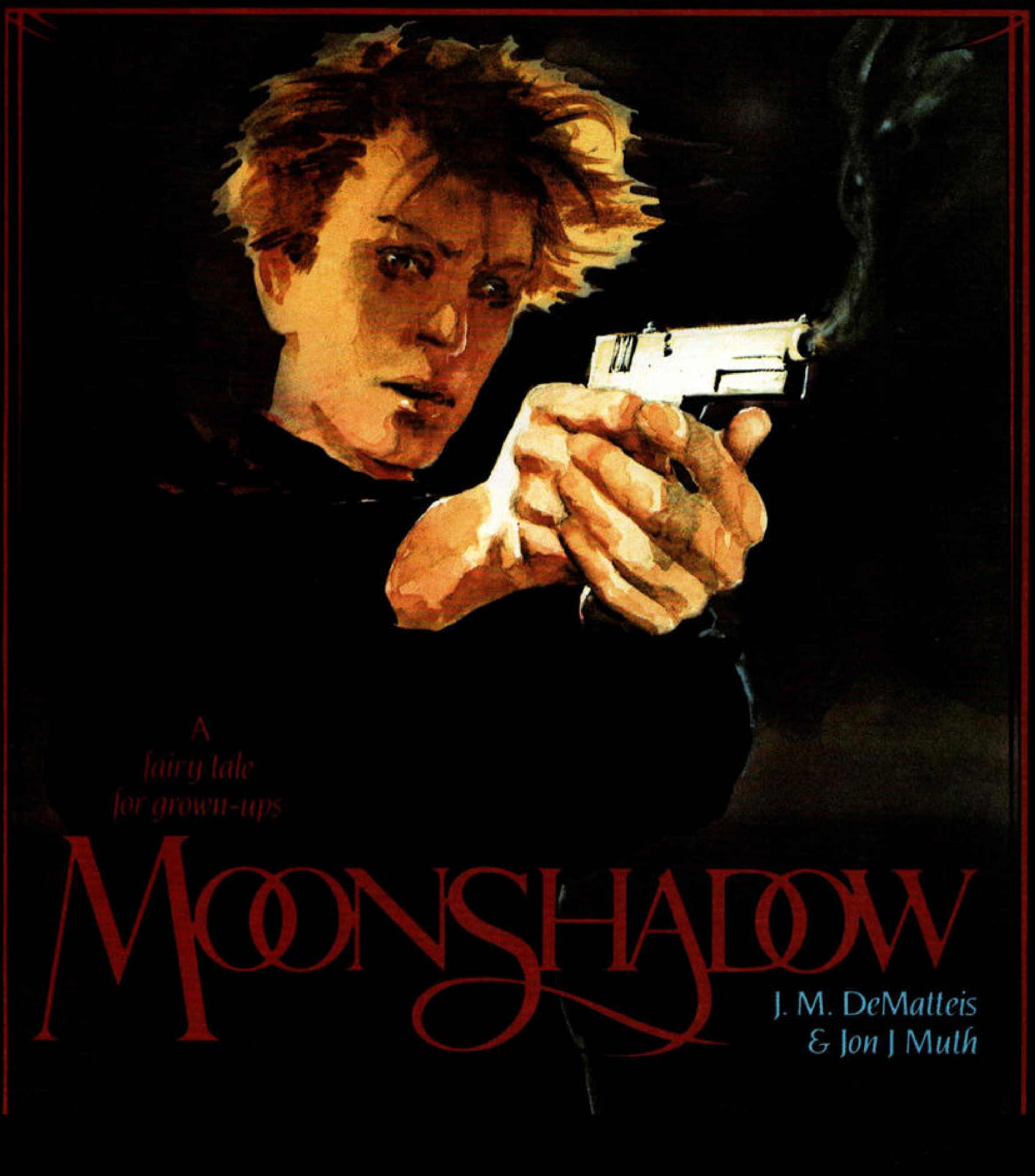
Então, peço LICENÇA. Estou velho e cansado... e preciso de uma boa noite de descanso antes de seguir este registro...

...da minha jornada do despertar.

Livro Onze

MOONSHADOW 11
JANUARY 1987
$1.50 | $1.75 CANADA





fairy tale for grown-ups

MOONSHADOW

J. M. DeMatteis
& Jon J Muth

"Estragon: O que faremos agora?
Vladimir: Vamos esperar Godot.
Estragon: Ah.
Silêncio.
Vladimir: Isso é péssimo!"

"Estragon: E se você cantasse?
Vladimir: Ah, não!
(Ele reflete.)
Poderíamos recomeçar tudo."

"Estragon: É, não parece muito complicado.
Vladimir: O primeiro passo é o mais difícil.
Estragon: Você pode começar de qualquer parte."

"Vladimir: Sim, mas você tem que decidir.
Estragon: É mesmo.
Silêncio.
Vladimir: Me ajude!
Estragon: Estou tentando.
Silêncio.
Vladimir: Quando você busca, você escuta.
Estragon: Com certeza.
Vladimir: E isso o impede de encontrar.
Estragon: Isso!
Vladimir: E isso o impede de pensar.
Estragon: Mas a gente pensa, ainda assim.
Vladimir: Não, não, isso é impossível.
Estragon: A ideia é essa..."

"...vamos nos contradizer."

OH. DESCULPEM. EU ESTAVA...

ESQUEÇAM.

ESTAMOS PRÓXIMOS DA CONCLUSÃO DE MEU CONTO... E MUITOS DOS FATOS QUE VOU RELATAR SÃO... DOLOROSOS.

AINDA ASSIM...

PODEMOS COMEÇAR, NÃO É?

LIVRO ONZE:
Contradições

Capítulo Um:
Segurança

AH, SIM... AOS QUE SE INTERESSAREM... NOSSO TRECHO DE ABERTURA VEM DO BRILHANTE DRAMATURGO IRLANDÊS SAMUEL BECKETT.

DE QUE PEÇA? "ESPERANDO GODOT", É CLARO.

EM FRENTE...

Era uma vez...

FILÉS

...Ira deitado em meus braços: imundo, meditabundo...

...MORIBUNDO?

Não. Como já observado nesta narrativa, ele não morreu... não naquele momento, pelo menos (a Morte chega a todos, caros leitores: ATÉ A VOCÊS), mas sua situação era séria a ponto de merecer preocupação.

IRA...?

Chegachegachegachegachegachegachegachegachegachegachegachegachegachega

Durante oito dias, ele havia afundado (que verbo IMPRÓPRIO!) em todo vil desejo: oito dias sem dormir, sem comer, sem, apostaria eu, um só pensamento substancial.

Oito dias de Luxúria irrestrita, que mandou metade da equipe da "Fundação Interplanetária da Libido Épica" para o hospital... e o próprio Ira àquele estado lamentável.

A devassidão era seu modo de vida; ainda assim, aquele amontoado trêmulo nos meus braços me levou a suspeitar de que esta devassa EM ESPECÍFICO fora diferente de todas as anteriores.

Algumas semanas depois, sob circunstâncias que odeio recordar, mas que posteriormente (não agora, graças aos Céus!) registrarei, Ira revelou a VERDADE:

Seu suplício nas mãos dos Untuosso fora como uma surra... não só física, mas MENTAL. Alguma coisa havia mudado dentro dele (sugeri que ele estava sempre em mutação; Ira sustentou até o fim que a mudança fora repentina e inesperada), mas ele não conseguiu qualificar, muito menos ESTIMAR.

Sabia apenas que estava DIFERENTE... e aquela diferença deixava-o APAVORADO.

SOMOS, NO CERNE, CRIATURAS DO HÁBITO. MESMO QUANDO ESTAMOS MAIS DESGRAÇADOS... *ESPECIALMENTE* QUANDO ESTAMOS MAIS DESGRAÇADOS!... NOS AGARRAMOS AO QUE É FAMILIAR.

NOSSA DOR PODE SER INTOLERÁVEL, MAS PELO MENOS, É NOSSA.

O CASO É QUE A MAIORIA ESTÁ BEM À VONTADE COM O JEITO COMO VÊ AS COISAS, E ALGO DE *DIFERENTE* NESSE SENTIDO, POR PIOR QUE SEJA...

(DADO QUE ATÉ UMA ALEGRIA ESTRANHA PODE PARECER GRANDE AMEAÇA...)

...INTERFERE NO NOSSO *COMODISMO*.

MAIS AINDA: INTERFERE NA NOSSA *SEGURANÇA*.

PARA IRA, O *SEXO* ERA SEGURANÇA; O CARNAL ERA MUITO MELHOR QUE UM COBERTOR.

ENTÃO, AO VER ESSE *DIFERENTE* INQUIETANTE DENTRO DE SI, ELE PENSOU EM *RECONQUISTAR* SUA SEGURANÇA PERDIDA, SEU *EU* PERDIDO, ENTREGANDO-O ÀS VENETAS JÁ CONHECIDAS DE SUAS PARTES PUDENDAS.

O resultado, como se pode ver...

...foi DESASTROSO.

Capítulo Dois: Viramos Cativos

QUEM SÃO VOCÊS?

SOMOS AGENTES DA MORAL.

SOMOS SERVOS DA VONTADE DELE.

SOMOS OS VIRTUOSOS.

Ã-hã.

MAS QUEM SÃO VOCÊS?!

COALIZÃO UNTUOSSO PELA MORAL DA GALÁXIA

ESQUEÇAM QUE PERGUNTEI.

...MAIS PERTO...

ESTOU AQUI.

CHEGA MAIS PERTO.

NÃO SE PREOCUPE. NÃO VOU DEIXÁ-LO.

"Tem uma coisa", disse ele... antes de tossir muco, pelos pubianos e sangue, "que cê precisa saber."

Sua voz se perdeu; eu o sacudi. Ele acordou.

"Ira...?"
"Eu tenho que te contar..."
"O que quiser."
"...sobre..."
"O QUE QUISER!"

"...a minha vida", resmungou Ira, a mão direita passando pela genitália. Ele tocou ali rápido e, com a mesma pressa, tirou a mão... como se o que ele tinha tocado estivesse DOENTE. (Dadas as circunstâncias, talvez ESTIVESSE.) "Minha vida", ele repetiu.

E foi o que ele me contou: A HISTÓRIA DA SUA VIDA.

Capítulo Três:
A Primeira Confissão de Ira

"Eu nasci num mundo", relatou Ira, parando periodicamente para vomitar e se remexer, "que estava em guerra há duzentos anos".

"Em todo lugar... tudo que se via... era só destroços, morte e podridão. Mataram meus pais quando era guri. Eu vivi por conta própria... nas ruas."

"Uma puta velha me adotou... me ensinou uns esquemas."

"Mas aí, ELA morreu num ataque... e eu fiquei sozinho de novo."

"Até que os DES-MESU me pegaram."

Capítulo Quatro:
A Segunda Confissão de Ira

...MAIS PERTO...

MENTIRA.

MINHA VIDA NÃO FOI *NADA* DISSO.

"Eu nasci num mundo", retomou Ira, "onde o sexo era a única coisa que importava. Era a raça com mais tesão da galáxia".

"Meter, meter, meter: era só o que a gente fazia."

"Às vezes, se parava pra comer... fumar... tomar uma."

"Aí a gente metia mais."

"Homem com mulher, mulher com mulher, homem com homem, homem com bicho, MULHER com bicho..."

"Pra resumir: o que se mexia metia em OUTRA COISA que se mexia."

"Era uma vida boa."

"Até que os DES-MESU me pegaram."

...MENTIRA...

MINHA VIDA NÃO FOI *NADA* DISSO.

Capítulo Cinco:
A Terceira Confissão de Ira

"Eu sou um ser humano... que nem você. Morava no Brooklyn."

"Trabalhava num posto de gasolina."

"Eu era casado com uma vaca gorda que só berrava e tinha seis filhos gordos que só berravam."

"Eu era bicha."

"Eu odiava minha vida."

"Em 1949, eu tava indo pra uma festa do Dia das Bruxas no posto, aí..."

...OS DES-MESU PEGARAM VOCÊ?

ISSO AÍ.

ELES... ME PRENDERAM NESTA FANTASIA DO CACETE... FILHOS DA PUTA...

ISSO NÃO FOI LEGAL.

PODE CRER QUE NÃO FOI.

MENTIRA...

ELE ESTÁ ARDENDO DE FEBRE. VOCÊS TÊM QUE AJUDAR!

É CLARO QUE AJUDAREMOS.

Capítulo Seis:
Pobedias Unthosso – de novo

Oh.

SINTO DIZER QUE NÃO.

VOCÊS ESTÃO ESPERANDO EU DIZER QUE, COM O TEMPO, DESCOBRI A *VERDADEIRA* HISTÓRIA DE IRA.

EU PUXAVA O ASSUNTO... MAS, *QUANDO* O FAZIA, IRA APENAS DAVA UM SORRISO. PARECIA GOSTAR DA MINHA CURIOSIDADE.

ALIÁS, PARECIA INCENTIVÁ-LA.

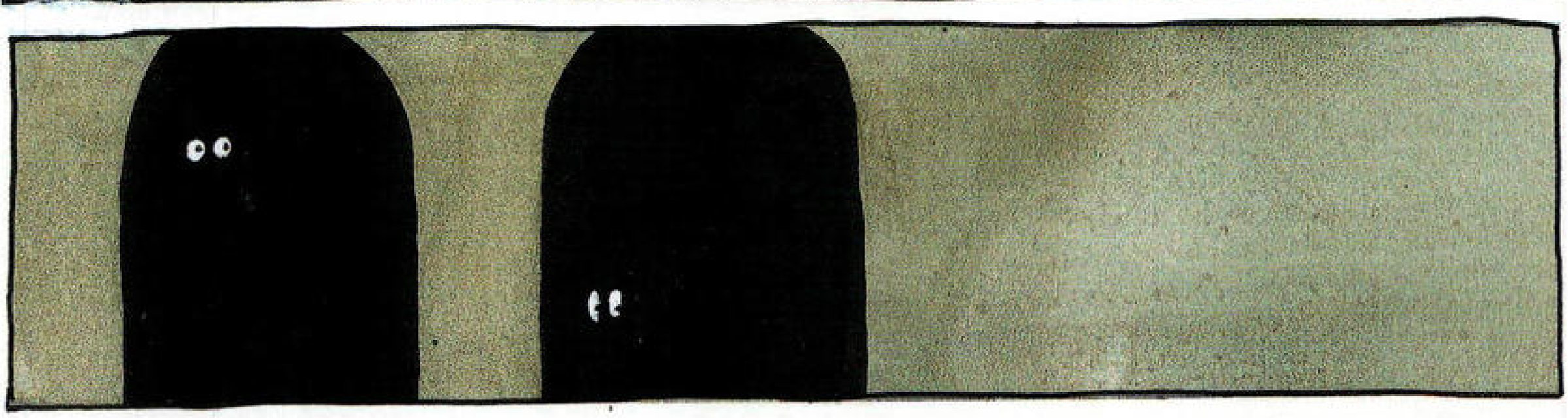
QUE FOI?

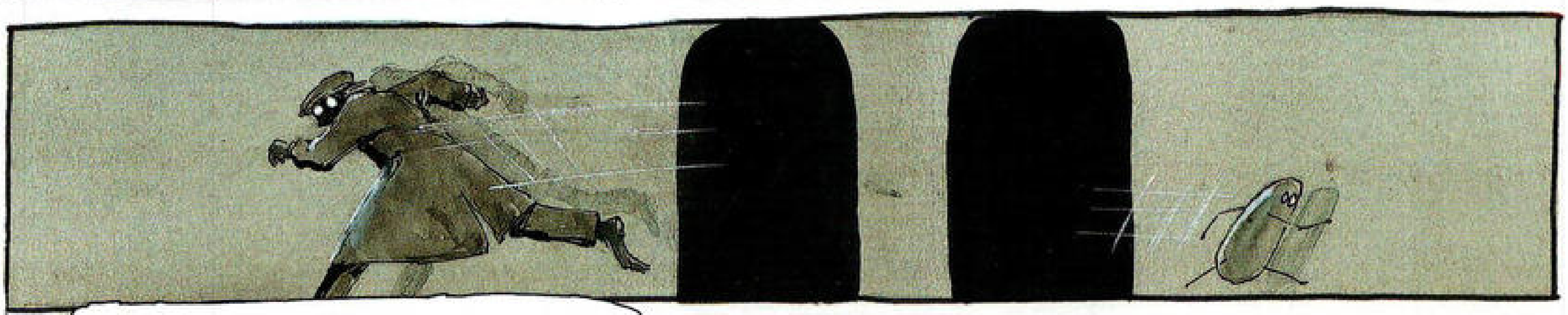
VOCÊS QUEREM UM PALPITE BEM DADO? HAVIA ELEMENTO DE VERDADE NAQUELAS CONFISSÕES FEBRIS? EM *TODAS*?

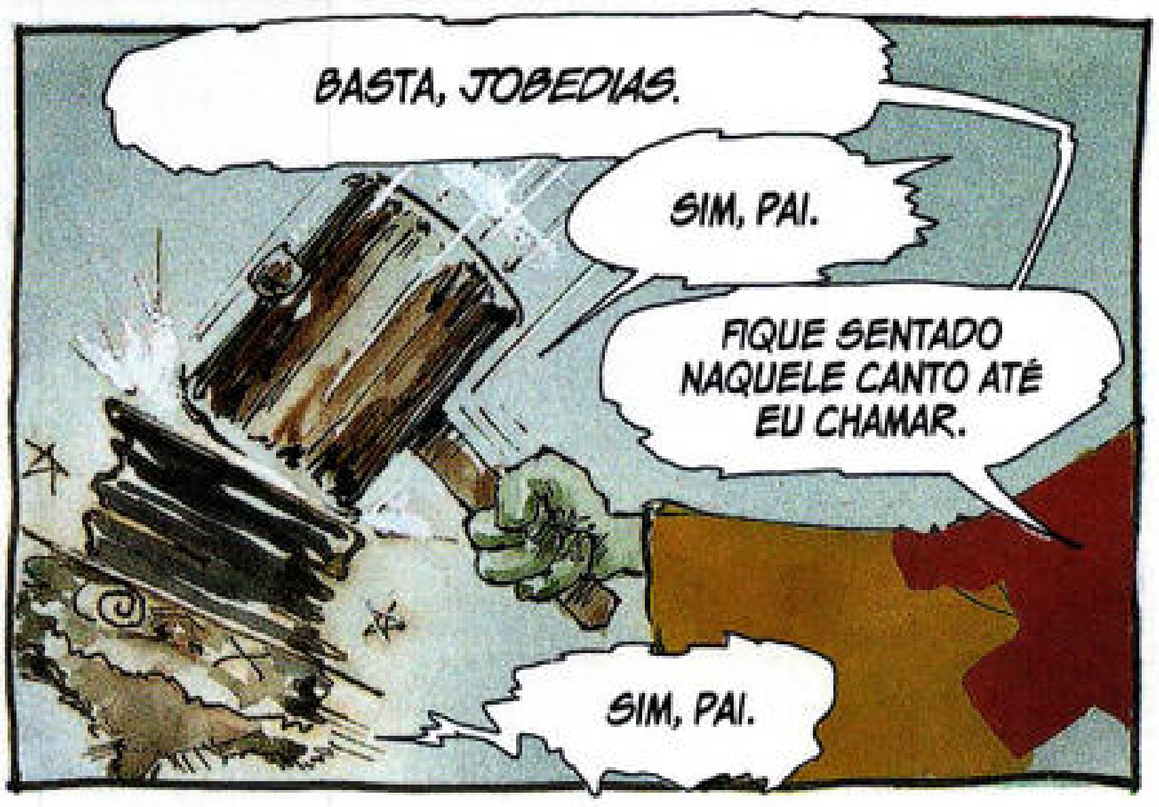
VAMOS ADIANTE, SIM?

Sua Eminência estava de boa aparência. Seu guarda-roupa fora atualizado. Seus anéis cintilavam como aglomerados celestes. Seu solidéu era novo.

Mas seu sorriso ainda era vazio; e seus olhos continuavam despidos de tudo, menos de maldade.







Vocês hão de lembrar que Untuosso havia adotado o título de "Sua Eminência Pia, o Rabino" e tomara ares de homem santo apenas por sua diversão; ele gostava que as pessoas se ajoelhassem na sua presença e o adulassem. Ele se deleitava com o beija-mão e com o medo servil que seus joguinhos provocavam. (Como se o fato de ele controlar a economia da Machóvia e manipular seus monarcas como MARIONETES não bastassem!)

Mas, caso se acreditasse nele (algo um tanto complicado. A Verdade e Pobedias podiam se conhecer, mas raramente andavam juntos), há pouco ele passara por uma CONVERSÃO religiosa (embora nunca tenha deixado claro QUAL religião havia alcançado o grandioso milagre).

Ele estava, ou assim declarava, dedicado a livrar o mundo da iniquidade e purificar todos os corações do pecado.

Quando questionado se nosso cativeiro tinha menos a ver com a salvação e mais a ver com VINGANÇA, ele deu risadinhas de colegial e beliscou meu nariz... tão forte que sangrou.

"Como você sugere uma coisa dessas?", ele inquiriu... e Jobedias veio de um salto, como um sapinho contente, para limpar o sangue nos dedos do pai com as abas de seu fraque.

"Perdoe-me a impertinência, Vossa Santidade", falei, lambendo sangue do meu lábio superior, "é que... o senhor não pode negar que tivemos nossas diferenças no passado".

"Na época eu era outro HOMEM."

"É claro", respondi, quase rindo na cara dele. "Mas o senhor há de admitir que, ao resgatar Ira, eu arruinei uma turnê de palestras MUITO lucrativa... sem falar nos planos de reavivar a guerra Machóvia-Goyimia. Quanto dinheiro o senhor perdeu por conta DISSO?"

"O dinheiro não me tem mais significado."

Minha risada irrompeu ali, não um risinho de colegial, mas uma ribombada cruel que pegou Sua Eminência de surpresa.

VOCÊ MUDOU.

NÃO!!

MAS NÃO *MUITO*.

CHAMEM UM MÉDICO... POR FAVOR.

ONDE ESTÁ A RAINHA DIBBICH?

EU *EXIJO* VER A RAINHA DIBBICH!

APOSENTOS DA RAINHA

A RAINHA RARAMENTE SAI DO QUARTO.

POBRE CRIATURA.

E COMO O REI AINDA ESTÁ... FORA...

POBRE, POBRE CRIATURA!

...A ADMINISTRAÇÃO DO REINO COUBE A *MIM*.

POBRE, POBRE, POBRE...

BASTA, JOBEDIAS!

DEIXÁ-LOS-EI A SÓS PARA CONTEMPLAR SUAS VIDAS PECAMINOSAS.

QUANDO VOLTAR, ESPERO QUE ESTEJAM PREPARADOS PARA RENUNCIAR A SUAS TRANSGRESSÕES E CONVERTEREM-SE.

...

O QUE ELE DISSE?

ACHO QUE ELE FALOU...

...VAI SE FODER.

Capítulo Sete:
Sol Assombrado... De novo

ORA, MOON... FOI JUSTO FALAR ASSIM?

VOCÊ QUE É A *FLOWER-CHILD*. O QUE ACONTECEU COM A LIBERDADE DE EXPRESSÃO?

CRIEI VOCÊ PARA TER AMOR NO CORAÇÃO POR--

NÃO POR ELE.

POR TODOS.

"APRENDA A AMAR DEUS AMANDO AQUELES QUE NÃO PODE AMAR."

SIM, MAS ESQUECI QUAL. OU FOI RAMAKRISHNA OU MEHER BABA OU...

MAIS UM DOS SEUS GURUS, MÃE?

EU NÃO ESTOU NEM AÍ, MÃE.

MAS VOCÊ *TEM* QUE ESTAR, MEU MILAGRINHO. VOCÊ--

ACHO QUE EU PAREI DE ACREDITAR EM MILAGRES.

NÃO *DIGA* ISSO, MOON! *NUNCA* DIGA ISSO!

VAI EMBORA, MÃE.

O quê?

VAI

EM

BO

RA.

OLÁ, QUERIDO SOBRINHO-NETO.

Ah, PELA--!!

OLÁ, *TIA* ETTIE. EM QUE POSSO AJUDAR?

NO QUE EU POSSO LHE AJUDAR, MEU ABILOLADINHO.

AFINAL DE CONTAS, VOCÊ VIU O QUE O UNIVERSO É...

Ah, VI? E O QUE É?

UM HOSPÍCIO, É CLARO.

É CLARO.

SABE, TIA, EU--

POSSO DIZER UMA COISA?

Ah, NÃO... VOCÊ TAMBÉM?

EU ESTAVA CONVERSANDO COM MEU SOBRINHO-NETO, SE ME DÁ LICEN--

EU SEI. MAS O QUE VOCÊ DIZIA NÃO É O QUE ELE TEM QUE OUVIR.

E ÓBVIO QUE VOCÊ SABE O QUE ELE TEM QUE OUVIR, NÉ?

O GAROTO GANHOU O MEU NOME, ORAS... E ACHO QUE TENHO ALGUMA NOÇÃO DO QUE ELE--

SERÁ QUE OS DOIS PODIAM...

ME DEIXAR EM PAZ?

Guri...

EU FALEI PRA ME DEIXAREM EM--

AH... IRA! DESCULPE... EU NÃO QUERIA...

NÃO TEM GALHO. COMO É QUE TÁ, GURI?

EU? SEI LÁ, TUDO BEM. APESAR DE TUDO.

É COM VOCÊ QUE EU ESTOU PREOCUPADO. TEMOS QUE TIRAR VOCÊ DAQUI ANTES--

CÊ NÃO ACHA QUE... ELE PODIA AJUDAR?

Capítulo Oito:
Sou Importunado... De Novo

E AÍ, PODE?

QUAL É... É SÓ DAR UM POP, POOF OU PING E VOCÊ NOS SALVA!

DEPOIS DE TUDO O QUE VOCÊ NOS FEZ PASSAR, NÃO MERECEMOS?

Tee-hee
Tee-hee-hee-hee
Tee-hee-hee-hee-hee-hee-hee-hee-hee
Ã-HÃ. VALEU PELA VISITA!
ME LEMBRE DE NÃO COMPRAR NADA PRO DIA DOS PAIS.
NÃO FICA BAIXO-ASTRAL, GURI. AFINAL DE CONTAS... PODIA SER PIOR...
COMO?
≈a-ham≈
Capítulo Nove:
Sangue e Mágoa... De Novo

ARREPENDERAM-SE DOS PECADOS?

BRATTT!

SEU AMIGO LORDE GAYLORD TEVE A MESMA INSOLÊNCIA QUANDO ME FORÇOU A ASSINAR O TRATADO DE PAZ.

O MODO COMO ELE MORREU... QUE PENA.

VOCÊ!

VOCÊ.

NÃO FOI ACIDENTE! VOCÊ QUE EXPLODIU NOSSA CASA!

VOCÊ MATOU O TIO!

TALVEZ. MAS TAMBÉM PODE SER... QUE NÃO.

SÓ MEU PAI TEM CERTEZA.

SEU CANALHA!

JÁ É A SEGUNDA VEZ QUE DISPARA OBSCENIDADES AO CENHO DE MEU PAI! ELE NÃO HÁ DE TOLERAR TAL ABUSO PELA TERCEIRA VEZ.

PEÇO DESCULPAS, VOSSA EMINÊNCIA PIA, PELA MINHA GROSSERIA PRÉVIA... E POR CHAMÁ-LO DE CANALHA. O SENHOR NÃO É UM CANALHA...

O SENHOR É UM **CRETINO** DESGRAÇADO E ASSASSINO!

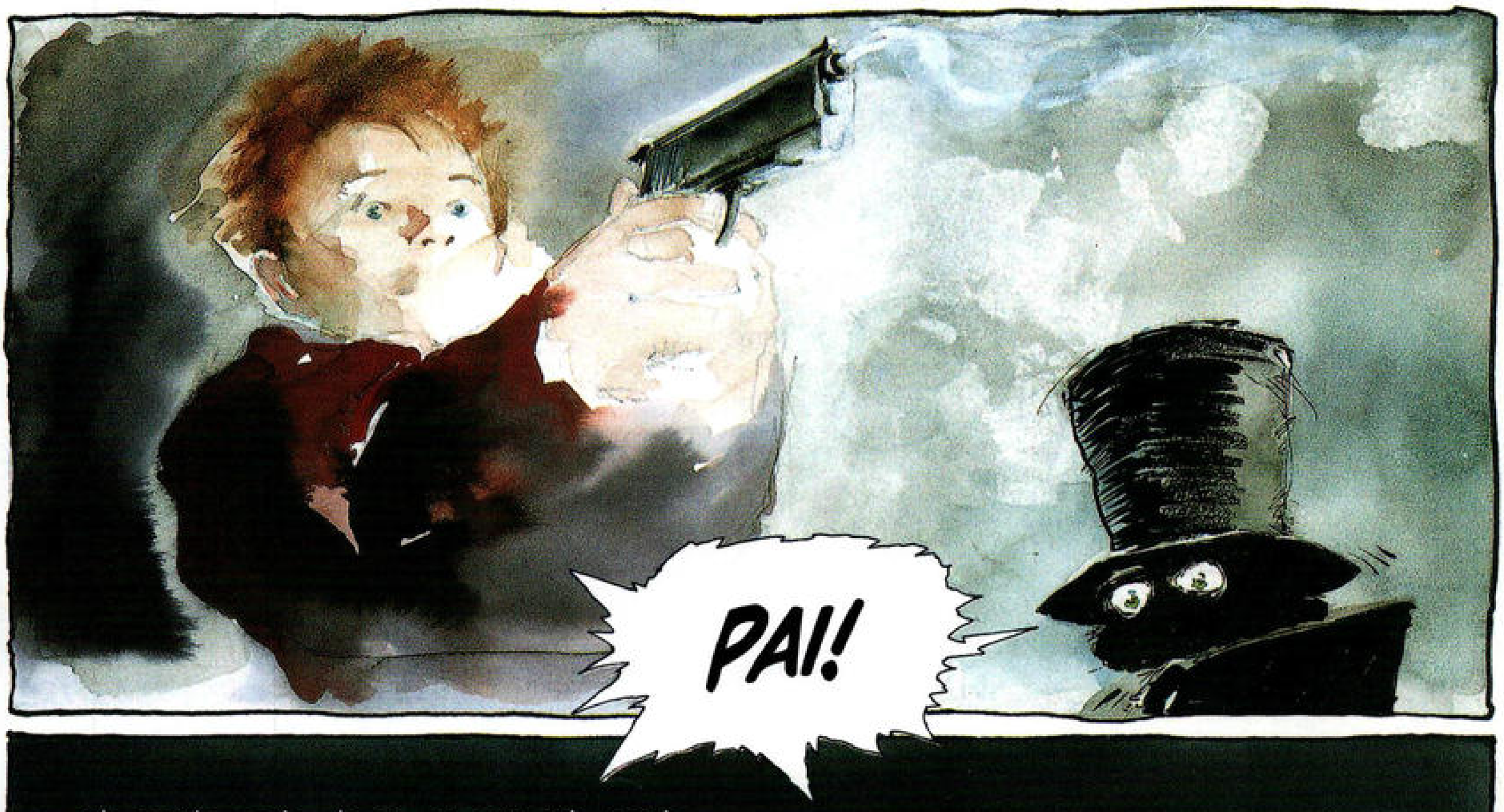
AGORA VOCÊ PEDIU!

BRRRAAK

IRA! NÃO!

DEIXE COMIGO.

CLICK



Ele, caído, nadando em sangue. Ele, caído, tão imóvel que o único som que conseguiu emitir foi um murmúrio encatarrado.

Jobedias trouxe a cabeça do pai ao peito; arrulhou palavras sem sentido; acariciou o cabelo de Sua Eminência; chorou descontrolado.

Chorei COM ele.

"Meu Deus", sussurrei; "Meu Deus... MEU DEUS! O QUE FOI QUE EU FIZ?"

Ira puxou minha manga; insistiu que eu o acompanhasse na fuga pela porta aberta. "Esta é a única chance que teremos!", ele berrou.

Não conseguia mexer as pernas.

"Eu o matei, Ira! Eu o MATEI!"
"Ele ainda tá vivo!"
"Não por muito tempo!"
"Não interessa! A gente tem que CAIR FORA daqui antes que--"

Os guardas vieram como um trovão... conduzidos pelo odioso titereiro MOBEDIAS untuosso, que parecia igualmente extasiado com a condição do pai quanto com nosso apuro...

...porém, PREOCUPADO com NADA.

"Nós o MATAMOS!", repeti. Ira acertou minhas costelas com o cotovelo; Mobedias sorriu. "A confissão!", ele ladrou. "Vocês OUVIRAM!"

NINGUÉM... *NINGUÉM*... VAI *TOCAR* NO GURI!

PRA TRÁS, TÃO ME OUVINDO? PODEM FICAR--

???!!!

ATRÁS DE MIM! DEPRESSA!

FLOBEDIAS??!

Eumateieleeumateieleeumateieleeumateieleeumateiele

Flobedias Untuosso... que me ajudara a resgatar Ira em Apoquentos; que viera em nosso auxílio mais uma vez... nos conduziu por uma complexa rede de túneis que corriam como entranhas pelo ventre do palácio.

Era evidente que este anjo era absolutamente distinto dos irmãos de cascos fendidos; mas eu ainda me perguntava (mesmo no meu estado enlouquecido e envergonhado) por que ela arriscaria tanto por nós... não uma, mas DUAS vezes!

Então, de repente...

...eu entendi.

POR AQUI! EU ACHO QUE PODEMOS--

NEM... OUSE!

V-VOSSA ALTEZA! O QUE FAZ FORA DA CAMA? EU *INSISTO* QUE--

PRENDAM ESTA COISA DESPREZÍVEL QUE CHAMAM DE HOMEM!

M-MAS, VOSSA ALTEZA... A SENHORA NÃO ESTÁ BEM! E--

JÁ ESTOU *RECUPERADA*, MOBEDIAS... E NÃO FOI GRAÇAS AOS SEUS MÉDICOS NEM SEUS INSUPORTÁVEIS COMPRIMIDOS E POÇÕES!

EU ESTOU DIZENDO: É A HISTERIA! ELA SOFRE DE--

CALADO!

LEVEM-NO DAQUI! DEPOIS PEGUEM O IRMÃO E O DESGRAÇADO DO *PAI*!

MOONSHADOW...?

EU O MATEI.

O que se sucedeu foi que Pobedias Untuosso NÃO morreu... mas aquela bala guiada pelo ódio deixou uma marca permanente no seu corpo E na sua alma.

Aliás, o "pio penico"... como REI MACHA adorava chamá-lo... acabou passando exatamente pela conversão religiosa que ele FINGIRA ter (sem convencer ninguém)...

...tornando-se... assim ouvi... uma alma das mais doces e abnegadas que há.

Quanto aos irmãos Untuosso, RAINHA DIBBICH quis que fossem executados... mas eu a convenci a poupar suas vidas.

"Aprenda a amar Deus amando aqueles que não pode amar", falei, em defesa deles.

Disse aquelas palavras com toda compreensão e convicção de um PAPAGAIO... mas, de algum modo indefinível...

...elas me deram um arremedo de consolação.

A RAINHA IMPLOROU QUE EU PERMANECESSE NO PALÁCIO COMO SEU CONSELHEIRO... E, É CLARO, QUE RETOMASSE A FUNÇÃO DE BABÁ DA CORTE.

"MACHA VOLTARÁ EM BREVE DO LAR UNTUOSSO", DISSE ELA, COMO INCENTIVO EXTRA. "SUA PRESENÇA CERTAMENTE AJUDARÁ NA REABILITAÇÃO DELE."

RECUSEI: NÃO ERA MAIS O GAROTO QUE TOCAVA FLAUTA PARA AQUELAS PEQUENAS SOMBRAS... QUE DIVIDIA VINHO E LINGUIÇA VELHA COM SUA MAJESTADE.

AQUELE GAROTO HAVIA MORRIDO; E QUEM SOBRARA EM SEUS PÉS...

...NÃO TINHA LUGAR NO PALÁCIO.

Hmmmm?

SE O REI, A RAINHA, PRÍNCIPES, PRINCESAS E TODOS OS SÚDITOS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE?

SIM.

POIS ASSIM EU QUERO CRER.

AH... MAS ESTOU ME ADIANTANDO COM EPÍLOGOS QUANDO MEU CONTO AINDA NÃO SE ENCERROU.

Pouco depois de anunciar minha intenção de partir, Dibbich fez de mim o centro de uma festa suntuosa (e carinhosa).

RIGAROLLO e esposa vieram, assim como sua ninhada ruidosa e feliz.

SAPOLHO chegou com sua tão apregoada senhora... mulher de semblante austero que parecia deliciar-se em apoquentar o traseiro do marido com um guarda-chuva roído por traças.

Eu os recebi com carinho; o carinho teve retorno... e eles perceberam a mudança em MIM.

Eu ainda os amava... E, por recomendação minha, a Rainha nomeou meus camaradas "heróis de guerra" seus Conselheiros Reais. A Sra. Rigarollo logo assumiu o Berçário, enquanto Sra. Sapolho começou a apoquentar os criados.

Nesse meio-tempo, Ira piorou. O surto de força que o acometera no calabouço sumiu com a mesma velocidade.

Flobedias cuidava de todas as suas necessidades; ele não resistiu a ela.

E as festividades prosseguiram, para regozijo de todos (menos o MEU).

A esperança: ela irrompeu como o caixão de Queequeg no turbilhão; e, mesmo quando eu me amaldiçoei (criatura do hábito!) por estimar artigo tão abusado e tão inútil...

...A ELA EU ME AGARREI.

Outro Ishmael, assisti aos tubarões passando, perscrutei ao longe em busca de um sinal de vela, e segui à deriva, sem saber, rumo ao **fim**...

...da minha jornada do despertar.

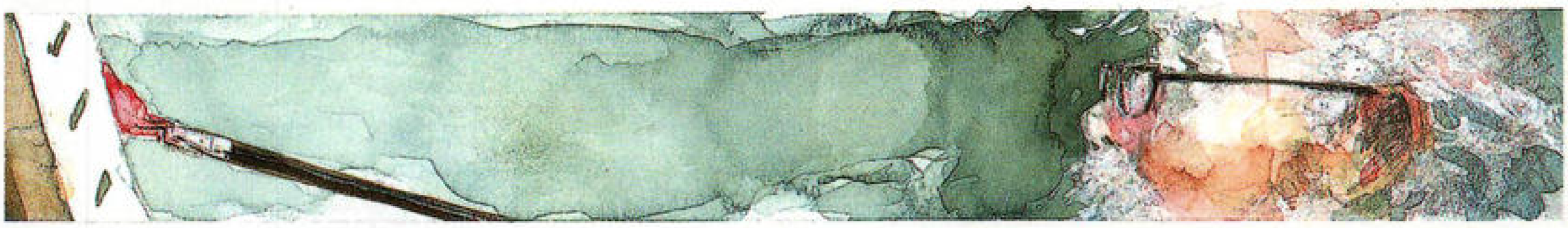
Livro Doze

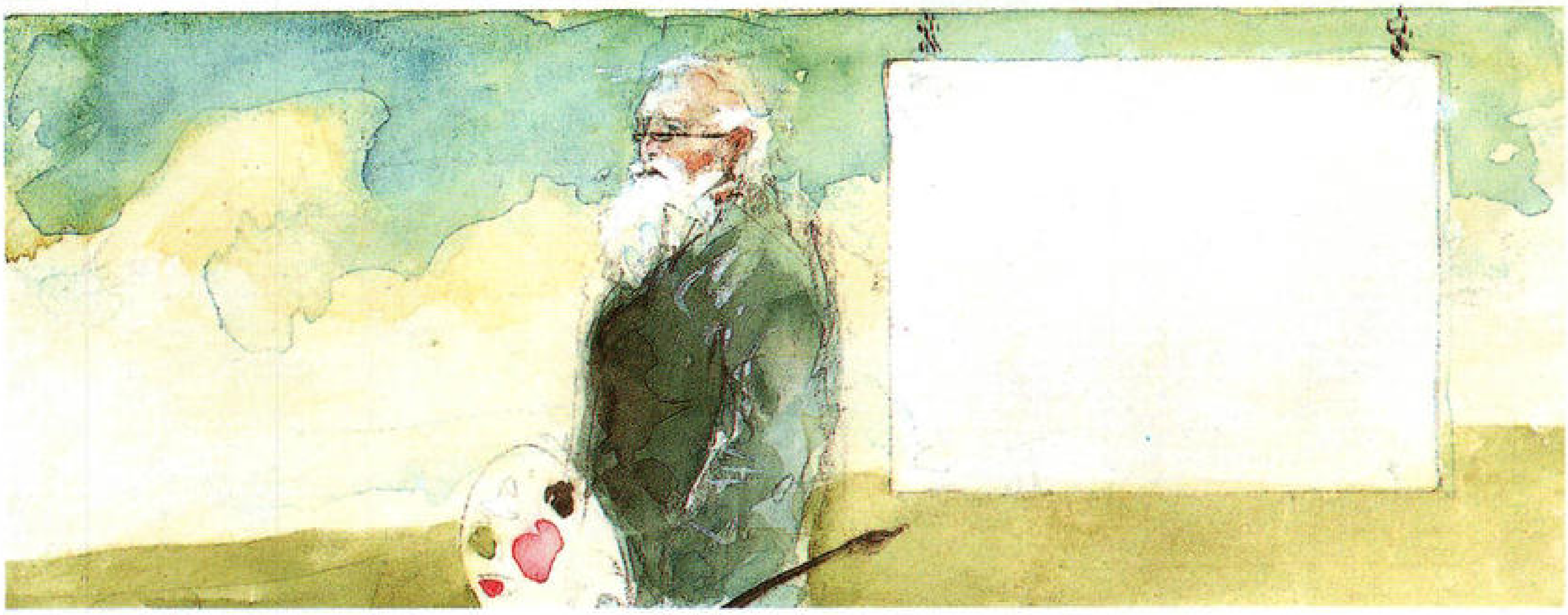
MOONSHADOW 12
FEBRUARY 1987
$1.75 | $2.00 CANADA

MOONSHADOW™

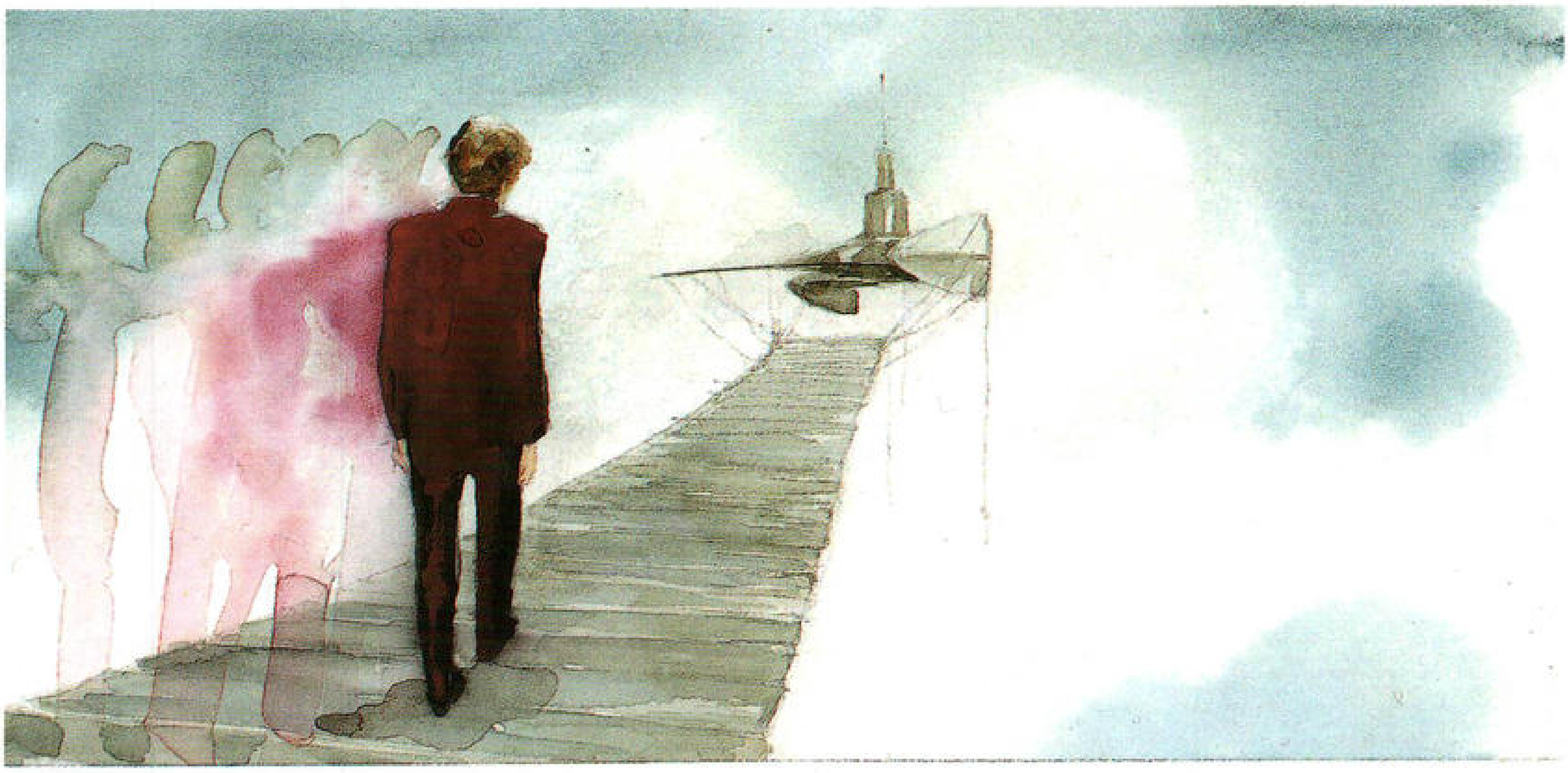
J. M. DeMatteis & Jon J Muth

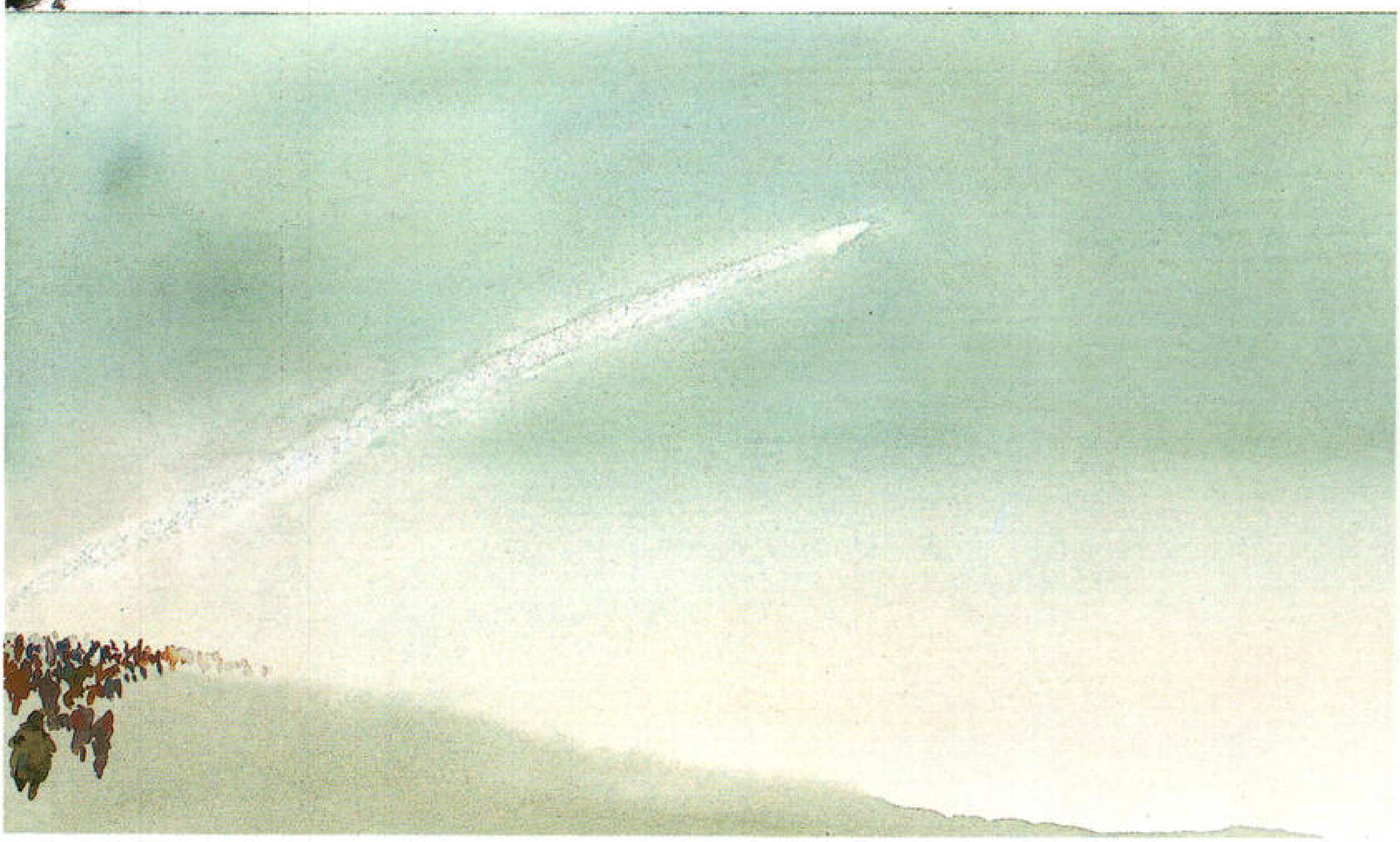
A fairy tale for grown-ups





MOONSHADOW
LIVRO DOZE
Feliz Quando Ouvia
Capitulo Um:
O Ilógico e
o Ridículo
Era uma vez...





...minha despedida de MIMDAMIMDA.

IRA e FLOBEDIAS UNTUOSSO foram comigo a bordo de "A Decrépita" (REBOCADA do estacionamento da "F.I.L.É.s"... por ordem de POBEDIAS Untuosso... enquanto Ira e eu definhávamos no calabouço real; Sua Eminência foi muito PRESTATIVA, mesmo sem querer!).

Nosso destino? Um pequeno mundo de grotas chamado HUMP-T, na orla de um sistema solar das grotas chamado DUMMP.

Por que íamos para lá?

Por causa da carta:

Meu querido sobrinho:

ESTOU VIVO! A explosão que destruiu nossa casa e tirou a vida de meu amado Dimhoffer não me destruiu. Fui arremessado pela rajada, fiquei abalado, mas saí ileso, em claro sinal de intervenção divina! Um milagre, sobrinho! UM MILAGRE!

Tomando minha sobrevivência como sinal do Céu (o que certamente foi!), eu me escafedi da cidade sem que notassem e segui, segui, segui -- até chegar ao espaço. Senti a mão de Deus sobre mim, garoto! Eu sabia que a verdade me chamava!

E encontrei a verdade, sobrinho! Eu encontrei Shri Quá-Quá-Queë! Eu vi o mais sábio dos sábios com meus olhos indignos de ver! Eu o ouvi com meus ouvidos indignos de ouvir!

Venha para Hmup-T, sobrinho! Venha depressa, querido Moonshadow!

Eu lhe desenhei um mapa (devo dizer que ficou muito bom) no verso deste bilhete... venha voando, garoto – VOANDO!

Um beijo...

Tio

O QUE HOUVE, *MOONSHADOW*? VOCÊ ESTÁ TÃO TRISTE...

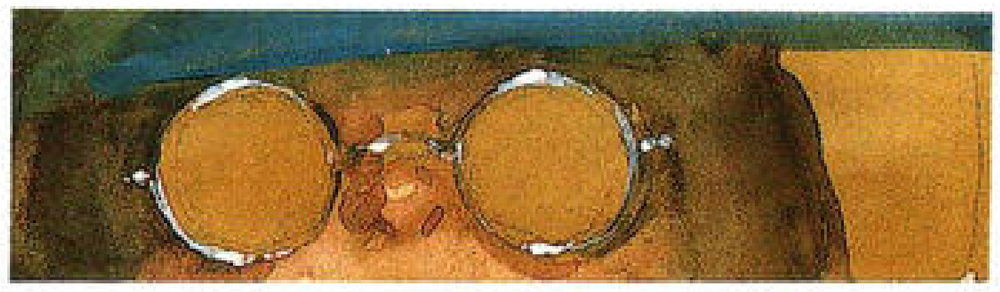
ESTOU?

DEVIA ESTAR CONTENTE. VOCÊ ACHOU QUE SEU TIO ESTAVA MORTO... E AGORA DESCOBRIU QUE ESTÁ VIVO--

TALVEZ.

POR QUE DUVIDA?

NÃO SEI. PARECE QUE HOJE EM DIA EU DUVIDO DE TUDO.



NÃO É O MESMO ESFORÇO QUE ACREDITAR?

FLOBEDIAS.

Mmmm?

POR QUE VOCÊ...? QUER DIZER... COMO É QUE...

"Como é que um UNTUOSSO como eu consegue demonstrar MÍNIMA dignidade?"
"Eu não quis..."
"Sim, quis, mas não me ofendi com a pergunta."

POIS EU QUERIA LHE DIZER QUE FUI ADOTADA... EU *SONHAVA* QUE ERA ADOTADA, PRINCIPALMENTE DEPOIS QUE *MAMÃE* MORREU...

MAMÃE ERA MARAVILHOSA, E PAPAI A *AMAVA*... AO MODO DELE. SEI QUE VOCÊ DEVE ACHAR DIFÍCIL DE CRER.

NÃO.

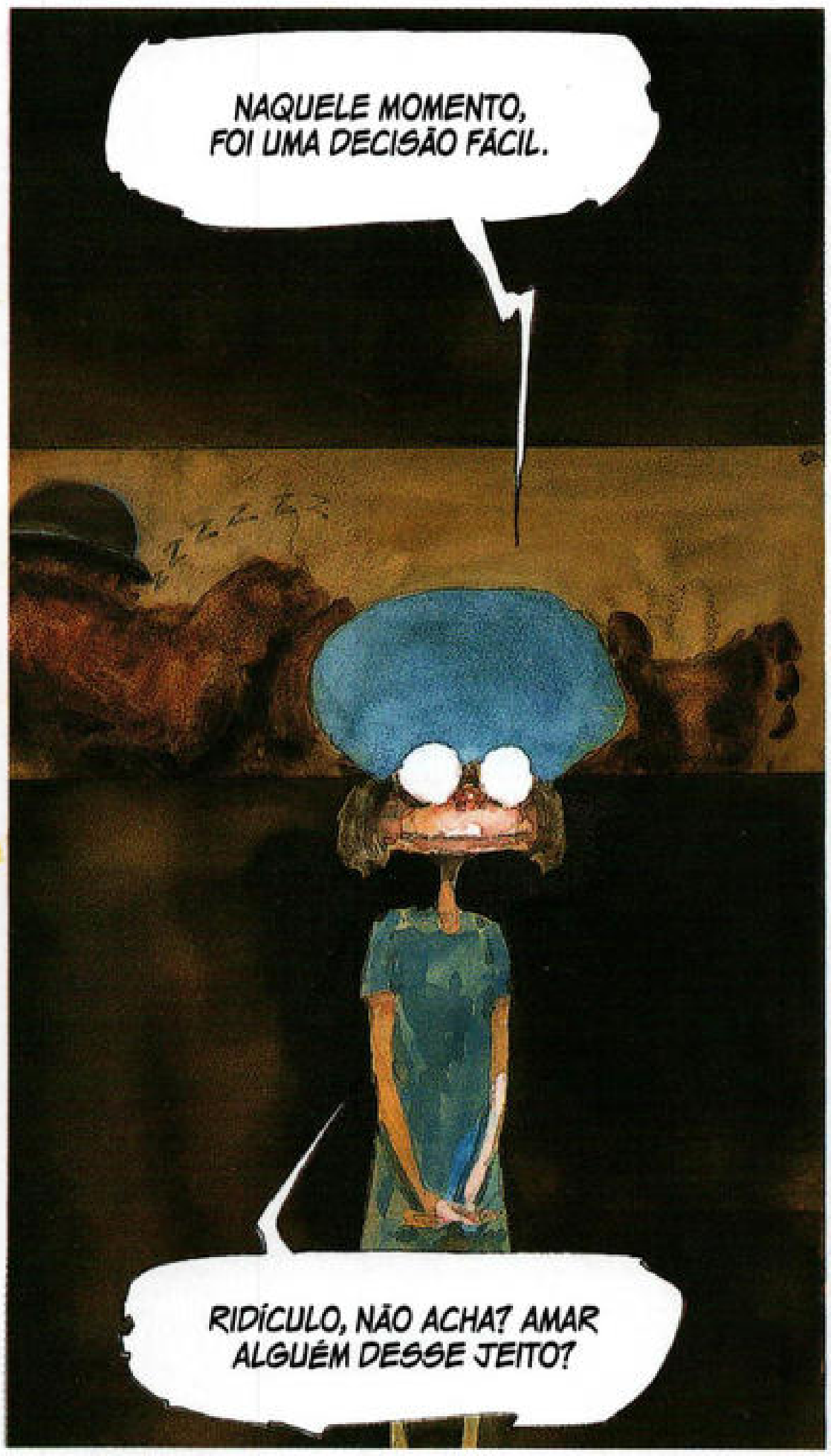
"Não que eu fosse tão diferente de meu pai e dos meus irmãos... afinal de contas, obedeci às ordens deles, fiz o que me foi dito."

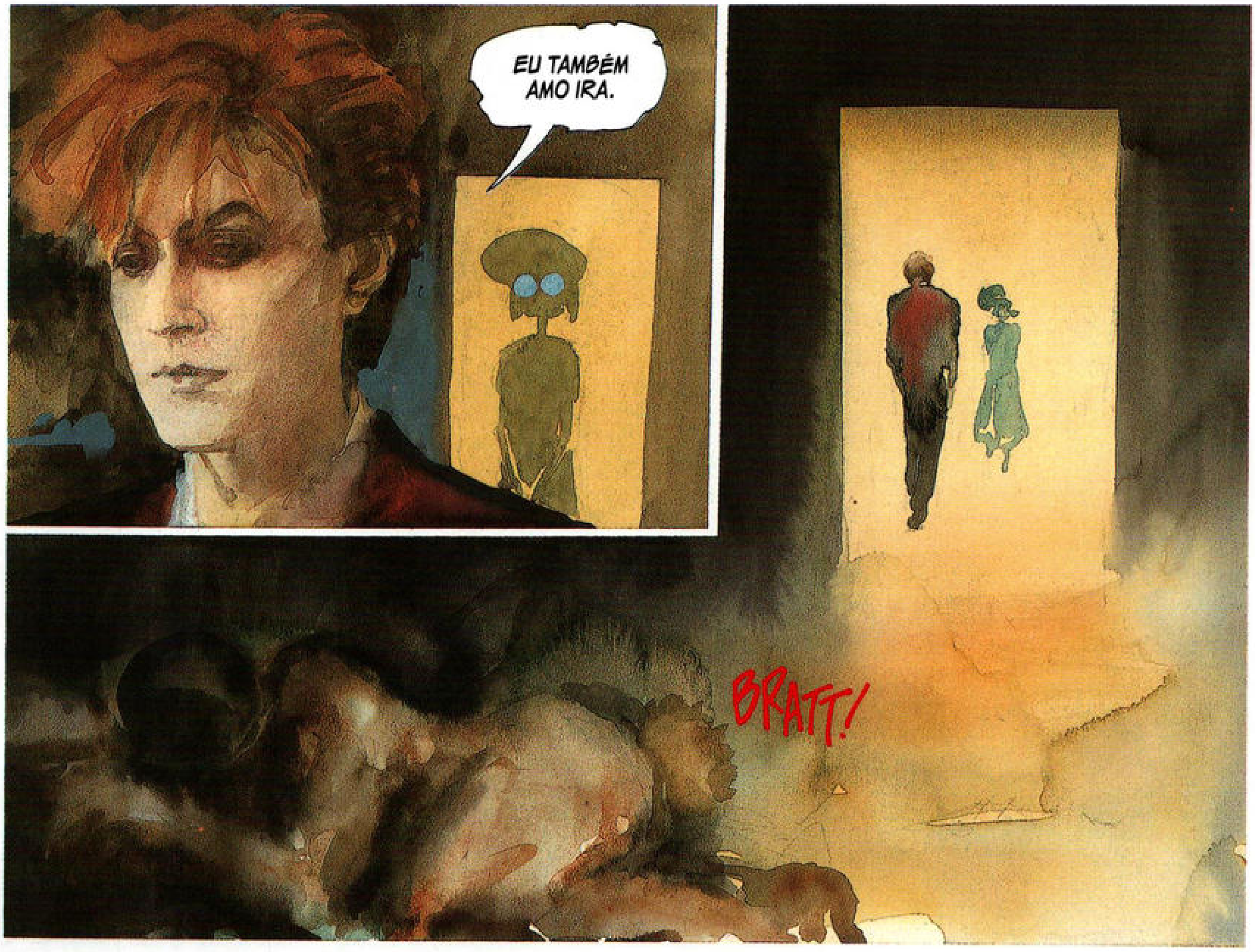
"Ainda assim..."

"Ainda assim, nunca fui IGUAL a eles. Não podia deixar de questionar o que nós fazíamos... o que Papai nos FEZ fazer."

"Mas só posso culpar Papai até certo ponto. Chegou o momento em que NÓS viramos responsáveis pelo que fazíamos. Tínhamos opção..."

"Você OPTOU por nos AJUDAR."





Capítulo Dois: Cego

Seguindo as orientações no mapa de Lorde Gaylord, fomos para as montanhas, onde nos deparamos com um grupo de peregrinos a caminho, disseram eles, do acampamento de SHRI QUÁ-QUÁ-QUÉÉÉ.

O Tio não estava entre eles.

Juntei-me à marcha (Ira e Flobedias vinham perto); analisei os rostos ao meu redor:

todos estampados com a tristeza...
...e uma esperança tranquila, nervosa.

COM LICENÇA... QUE DESASTRADA EU.

TUDO BEM. EU--

Você é cega.

QUASE.

AH. ME D--

NÃO PRECISA TER PENA. ELE VAI ME CURAR.

"Quem?", questionei.
"O Mestre", ela respondeu
(e só aí notei que os lábios dela ficavam imóveis; que eram seus PENSAMENTOS que chegavam a mim, suaves e claros).
"QUÁ-QUÉÉÉ.
Ele vai curar nós dois."

DOIS?

MEU IRMÃO. ELE NASCEU DEFORMADO. A MESMA DOENÇA QUE ME CEGOU... QUE...

SIM... QUE BOM... FICO...

SEM PENA. SHRI QUÁ-QUÁ VAI MUDAR TUDO.

"Você já o viu? Quer dizer, já--"
"Não."
"Então o que a faz pensar que é ele? Afinal, dizem que Quá-Quééé MORREU há mais de..."
"É ele."
"...dois SÉCULOS."
"É ELE."

VOCÊ NÃO ACREDITA, NÃO É?

EU O PERDOO.

ME PERDOA?

NÃO TEM PELO QUE ME PERDOAR.

Capítulo Três: Más Noticias

MOON... TEMOS QUE PARAR. IRA PRECISA DESCANSAR.

TEM UMA CAVERNA ALI NA FRENTE.

COMO ELE ESTÁ, FLOBEDIAS?

NADA BEM.

ELE VAI...?

SIM.

QUAL É O PROBLEMA AÍ, VOCÊS DOIS?

DÁ PRA FALAR A PALAVRA, PORRA?

"MORRER."

VAMOS LÁ, TODO MUNDO JUNTO: "O... IRA... VAI... MORRER."

NÃO, NÃO VAI! VOCÊ VAI FICAR BEM! VOCÊ--

MAS A INGENUIDADE NÃO LARGA ESSE COURO, HEIN, GURI?

OLHA, EU JÁ NÃO TAVA NA MELHOR ANTES DOS CARAS DE MERDA DOS *DES-MESU* ME BOTAREM NO ZOOLÓGICO...

PODE SER, MAS ELES LHE DERAM SAÚDE, NÃO DERAM? E-ELES... FIZERAM DE TODOS NÓS *IMORTAIS!*

TIPO, A TUA *MÃE* CABEÇA DE VENTO? IMORTAL?

QUAL É, GURI?! CÊ SABE QUE ASSIM QUE A GENTE PICOU A MULA DAQUELE LUGAR, ACABOU O *FEITIÇO*. A GENTE VOLTOU A SER COMIDA DE VERME!

EI... CONSIDERANDO TUDO QUE A GENTE *PASSOU* NESSES ANOS, NÃO SEI COMO É QUE EU NÃO CAÍ MORTO ANTES!

ENTÃO, É TUDO CULPA MINHA.

QUÊ?

SE NÃO FOSSE EU, VOCÊ AINDA ESTARIA A SALVO NO ZOOLÓGICO! ESTARIA--

BATENDO BRONHA EM LATA DE BREJA E METENDO GERAL EM *MACACOGUENTO MRAC'NONEANO.*

OH, IRA... UM DIA VOCÊ VAI ME PERDOAR? EU FIQUEI--.

DEIXA O DRAMA PROS PALCOS, GURI!

EU É QUE TÔ INDO BATER AS TAMANCAS... SE ALGUÉM AQUI VAI VIRAR CANASTRÃO, SEREI EU!

DESCU--

PARA, PORRA!

EI... LÁ VÃO MAIS DOIDOS PELO QUÁ-QUÉÉÉ...

MAIS...?

É O MESMO GRUPO!

NÃO PODE SER!

ESTOU DIZENDO! É!

QUEM É QUE DÁ BOLA PRA ESSA PORRA?

Naquela noite, desperto por um pesadelo vago (mais apavorante devido a seu AMORFISMO), tive uma visão que me convenceu de que, apesar de todos os PROTESTOS, meu cínico amigo dava mais "bola" do que ousava admitir.

Passei os olhos do Ira embevecido ao globo risonho que pairava (despercebido) atrás dele; ponderei quanto a fala, ação...

...então, eu me virei, fechei os olhos, fechei a mente... e dormi.

Pela manhã, eles passaram por nós mais uma vez.

Capítulo Quatro:
Mais Más Notícias

"O que você está fazendo?", exigi saber.
O peregrino me olhou e fez um bico.
"O que você está FAZENDO?", repeti.
Ele calmamente enfiou o dedo no nariz.
"Você não percebe", falei eu,
"que está andando em CÍRCULOS?"

"Damos voltas e voltas em busca dele."
"Ele?"
"O Mais Sábio dos Sábios, é claro. Shri Quá-Quá-Quééé..."
"Voltas e voltas? Mas até quando...?"
"Eu faço parte dos peregrinos há... deixe-me ver...
já tem catorze anos."
"Catorze anos?!"
"Ou já deu quinze?!"
"CATORZE ANOS?!?"

EU ACHO QUE NÃO.

TEM OUTROS QUE ESTÃO NESSA HÁ *MAIS* TEMPO. OLHA, A SRA. DEFECASANGUE TEM--

POR QUÊ?

DESCULPE...?

POR QUÊ?

PORQUE UM DIA...

"...nós vamos ENCONTRÁ-LO", disse o peregrino, que então curvou-se, acenou de um jeito abobado...

...e se mandou para reencontrar os outros viajantes.

Capítulo Cinco: Deparo-me com a Morte Mais Uma Vez

É TUDO UMA *PIADA*.

APOSTO QUE O TIO NEM *ESCREVEU* A CARTA. DEVE TER SIDO UMA DAQUELAS *ESFERAS* MALDITAS.

FOI, NÃO FOI? FORAM VOCÊS.

QUAL É, SUAS FILHAS DA MÃE?! SEUS SORRISOS FALSOS! *APAREÇAM!*

PODEM VIR! POP! POOF! PING! CANALHAS!

EU QUERO *CUSPIR* NA CARA DE VOCÊS, MALDITAS!

EU QUERO--

MOON! MOON, *PARE!*

VOCÊ... VOCÊ PARECE... PARECE ELE.

PAREÇO QUEM?

IRA!!

TEM ALGUÉM ME PROCURANDO?

IRA, POR ONDE VOCÊ ANDAVA?

VOCÊ NÃO DEVIA TER SAÍDO, SEU--

EU TÔ LEGAL.

COMPREI UMAS FRUTAS.

FRUTAS? ONDE VOCÊ COMPROU *FRUTAS*? ESTAMOS NAS *MONTANHAS*. NÃO TEM--

ELE ME DEU.

"ELE" QUEM?

SEI LÁ. UM BABACA AÍ. FIGURINHA *ESTRANHA*, TE GARANTO. MAS SÓ SORRISO, SABE?

ELE VEM ATÉ MIM, ME DÁ ESSE CESTO CHEIO DE FRUTA E DIZ: "TOME. É PARA VOCÊS TRÊS. *DIVIDAM*".

ESQUISITO, NÉ?

MAS QUEM *ERA*, IRA? VOCÊ FALOU QUE ELE *SORRIA*. O QUE TINHA DE--

MAS...

DEVE SER UM DESSES *PEREGRINOS* SEM NOÇÃO.

ESQUEÇA. VAMOS LEVAR O IRA DE VOLTA AO--

IRA...

Ah, merda... Não tô enxergando nada...

ESTAMOS AQUI.

Não vão *embora!*

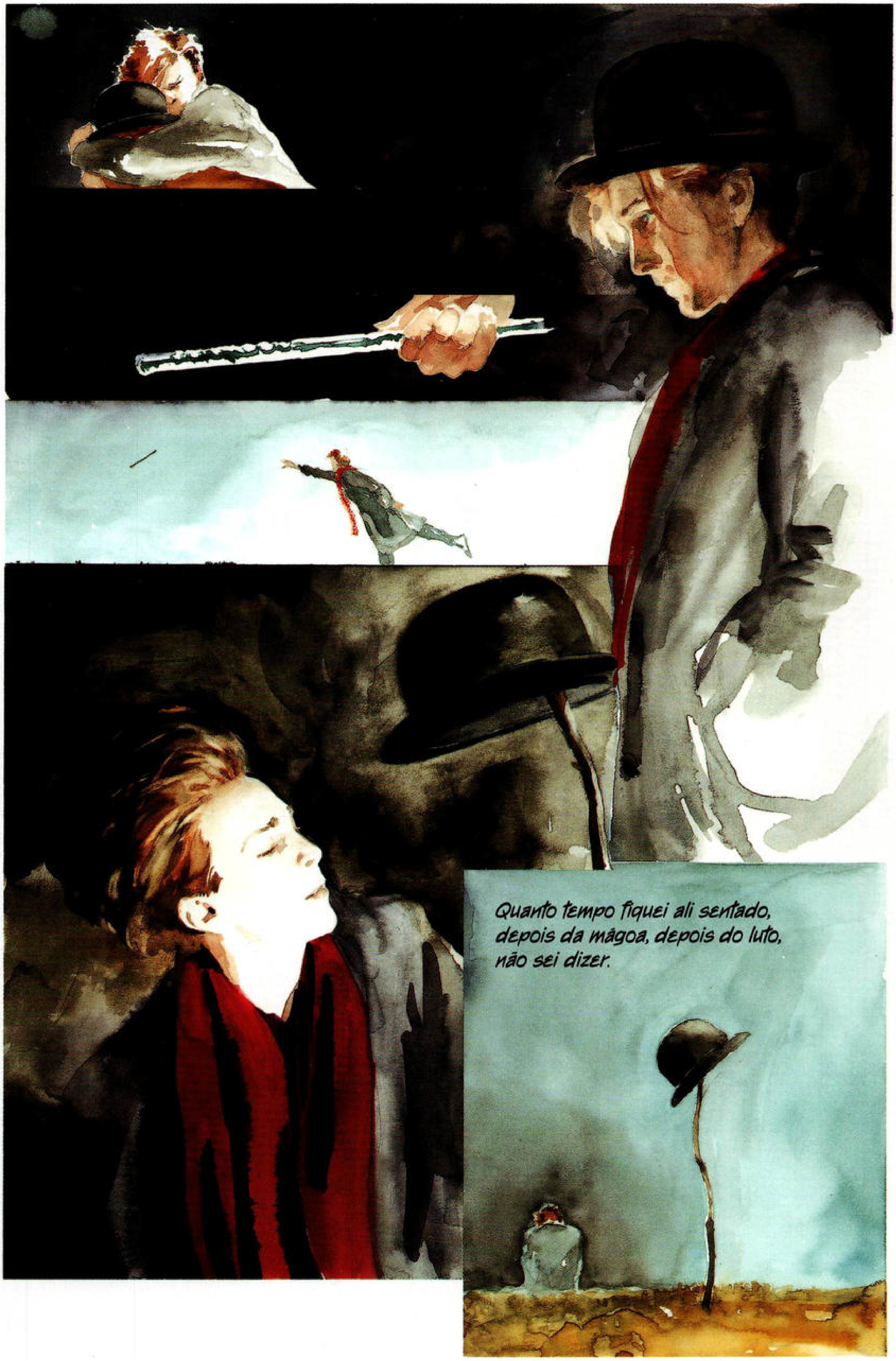
NUNCA.

O que... vocês *ouviram?*

O QUÊ?

...EU...

Filhadaputa...


Quanto tempo fiquei ali sentado,
depois da mágoa, depois do luto,
não sei dizer.

Em algum momento, olhei para baixo e vi... e me surpreendi... que tinha uma MAÇÃ nas mãos. Automaticamente mordi: um gosto amargo, e que me AGRADOU.

Com o acesso repentino de emoção (nem bom nem ruim, apenas repentino), corri à caverna à procura de...

Flobedias...?

...mas ela tinha ido embora.

Carissimo Moon,

Vou unir-me à peregrinação.
Sei que parece uma tolice. Ridícula e ilógica. Mas o coração É ridículo e ilógico, como nós dois sabemos.

E o mais engraçado de tudo é que: Eu sei que um dia vou conhecer Shri Quá-Quá-Quáá.
E, quando acontecer...

Pedirei uma bênção para você.

Com amor,

Flobedias.

NÃO FIQUE TRISTE, MEU MILAGRINHO. VOCÊ NÃO FOI ABANDONADO.

VOCÊ NÃO ESTÁ SÓ.

Mãe...?

AQUI EU ME SINTO UM TANTO PERDIDO; POIS, VEJAM BEM, ME APROXIMO DO *FINAL* DA MINHA HISTÓRIA, E É UM FINAL QUE PRECISA SER CLASSIFICADO... NA FALTA DE PALAVRA MELHOR...

...COMO *MÍSTICO*.

MEU PROBLEMA É O SEGUINTE: QUALQUER QUE SEJA A EXPERIÊNCIA TRANSCENDENTAL, QUANDO É TRADUZIDA EM PALAVRAS... SINCERAMENTE, *NÃO* SE TRADUZ. VOCÊ FICA COM UM DESFILE DE CLICHÊS E POUCO MAIS.

MAS PARA ESTE TOSCO EXERCÍCIO AUTOBIOGRÁFICO TER ALGUM SENTIDO, EU *PRECISO* ME ESFORÇAR...

...E, AINDA ASSIM, SEI QUE, AO FAZÊ-LO, VOU *INCITAR* UMA PARCELA DO MEU PÚBLICO.

"QUE COISA ENIGMÁTICA!", CERTAMENTE VÃO EXCLAMAR. "QUE NADA COM NADA!" OU PIOR: VÃO ME ACUSAR DE *PRETENSÃO*, CRIME DOS MAIS DESPREZÍVEIS.

AINDA ASSIM, É A MINHA HISTÓRIA... E DEVO CONTÁ-LA DO MEU MODO; POSSO APENAS PLEITEAR ENTRE OS QUE FICARÃO DECEPCIONADOS, OU PERPLEXOS, QUEM SABE ATÉ *EM FÚRIA* COM O QUE SE SEGUE...

...PARA QUE TENHAM PACIÊNCIA COM UM VELHO TOLO...

...E QUE O PERDOEM POR TENTAR... *LOUCAMENTE!*... TRANSMITIR UM ***SEGREDO***...

...QUE CADA UM DE VOCÊS...

...JÁ SABE.

Minha mãe me conduziu caverna adentro. Caminhamos juntos, dois fantasmas cansados, cruzando a sombra escura e a bruma branca.

"Aonde, Mãe?", questionei. "Aonde você vai me LEVAR?"

A LUGAR NENHUM, MOON.

DAQUI EM DIANTE...

"...você vai sozinho."

Pisquei e ela se foi; pisquei de novo e me vi numa corda bamba, cruzando uma paisagem vulcânica: a Terra arrotava, as cinzas enchiam meus pulmões. Eu me equilibrava precariamente e seguia em frente...

...rumo a um destino tão vago e incerto quanto os que eu deixara para trás.

Eu não tinha noção de propósito, de encontrar esperança ou abrigo.

Apenas me equilibrava pelo bem do equilíbrio, como vinha me equilibrando há anos.

E quando não pude mais me equilibrar...

...caí!

Como Alice na toca do coelho, como Adão em Desgraça... **EU CAÍ.**

Olhei para minha esquerda e vi Frodo, curvado na brisa, ronronando contente, sem preocupação alguma. "Frodo!", exclamei; "Como ele chegou aqui? Frodo... Por onde você ANDAVA?"

O gato miou indiferente e sacudiu a cabeça felpuda, como se eu tivesse feito a pergunta mais idiota de todos os tempos, e seguimos desabando...

...até cairmos no Mistério.

"Onde estou agora?", me perguntei, também me perguntando se era tudo real ou uma fantasia provocada pelo luto. Mas minhas perguntas cessaram...

...quando vi a flauta...

...e as névoas dançando.

Pensei em Shri Quá-Quá-Quééé e no seu lendário MUNDO das Névoas, onde se encontrava a Verdade; onde se davam as respostas.

"Aquele lugar é aqui?", perguntei em voz alta. "É aqui que termina minha busca?"

AS NÉVOAS RESPONDERAM, não com palavras, mas com emoções. Não com pensamentos, mas com sons, cheiros, imagens.

Minha VIDA dançou diante de mim no vapor: elegante, desairosa, sagrada, maldita. Minha vida... e algo mais.

POP!

Algo que sempre ficou nas bordas da consciência, nos limites da minha visão.

POOF!

Nos olhos assombrados da minha mãe, no sorriso enlouquecedor do meu pai.

Algo que eu nunca tivera ESPERANÇA de entender...

PING!

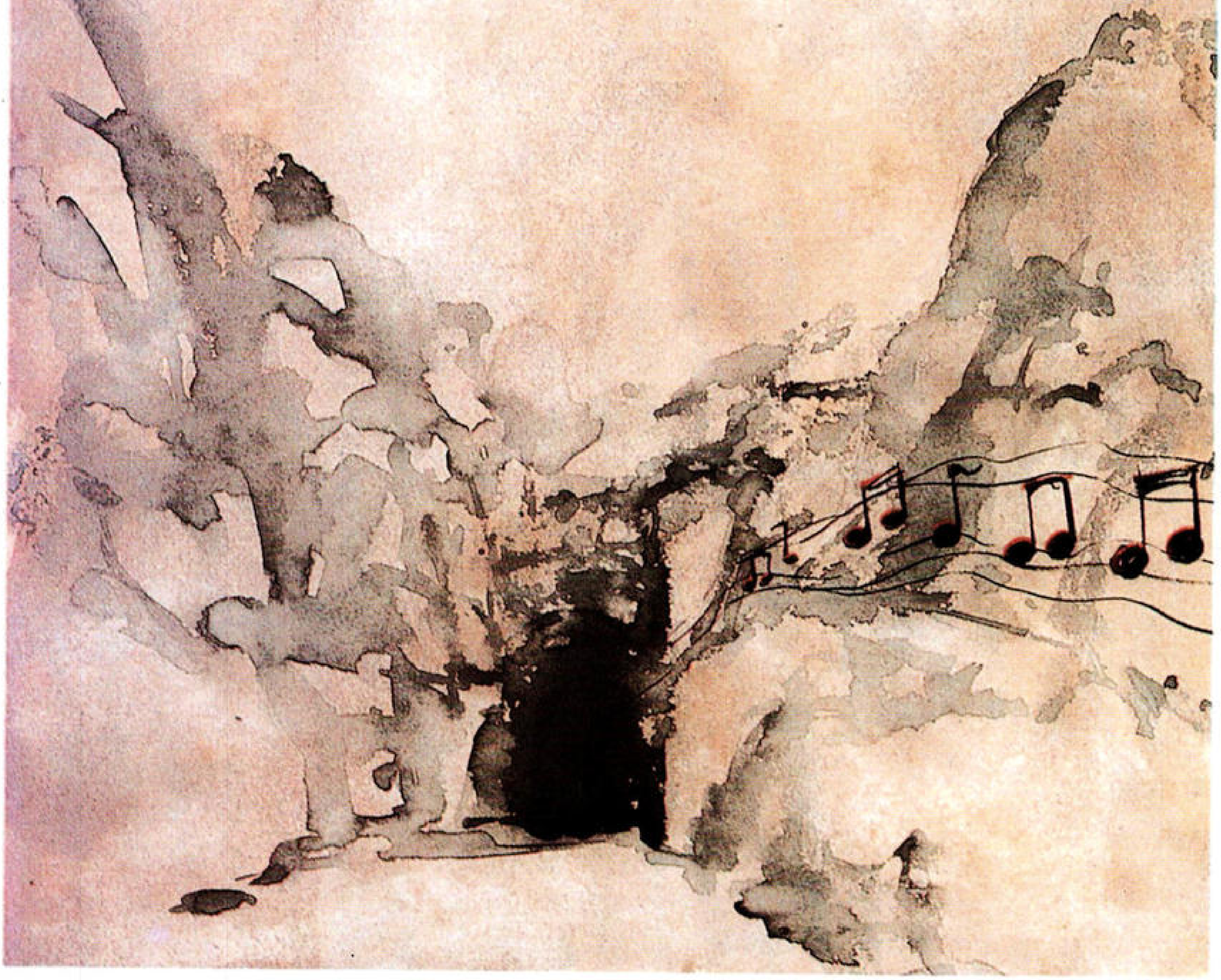
...mas ainda
assim entendi.

"Flauteando por vales ferinos,
Canções de alegria eu tocava,
Quando numa nuvem vi um menino,
Que me disse com uma risada,"

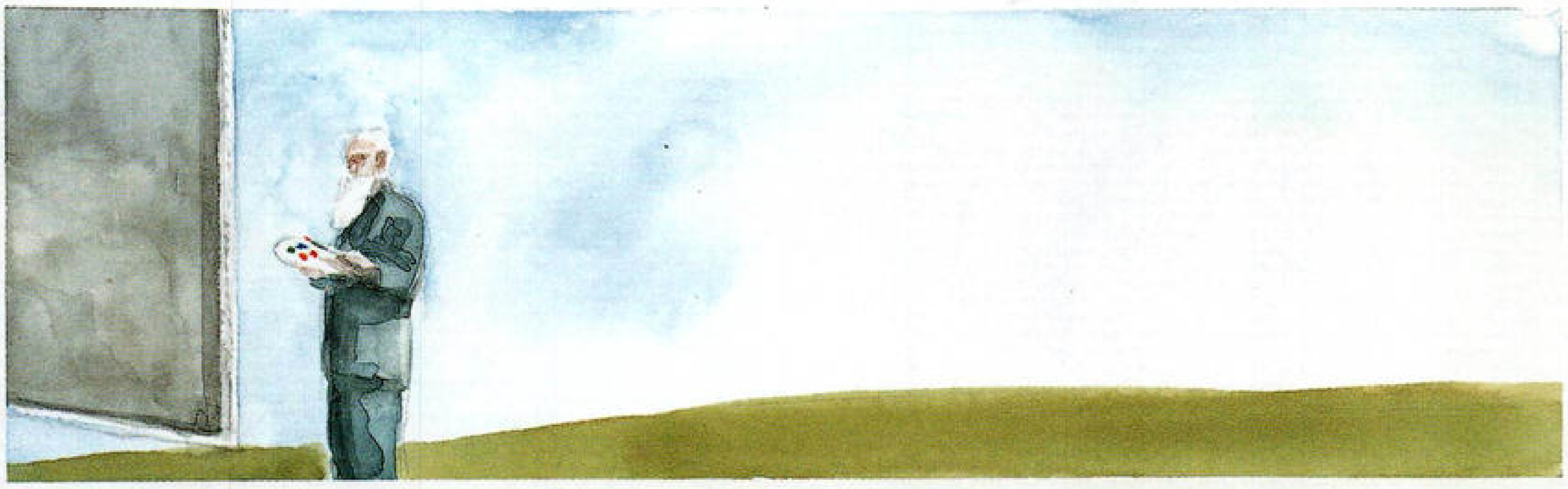
"'Toque uma música sobre uma ovelha!'
A qual toquei com enorme gosto.
'Flautista, repita-a perto da minha orelha',
Eu toquei e lágrimas cobriram seu rosto."

"'Deixa essa flauta, que toca de coração,
E cante hinos de pura alegria.'
Então, tornei à mesma canção,
E ele chorava, enquanto me ouvia."

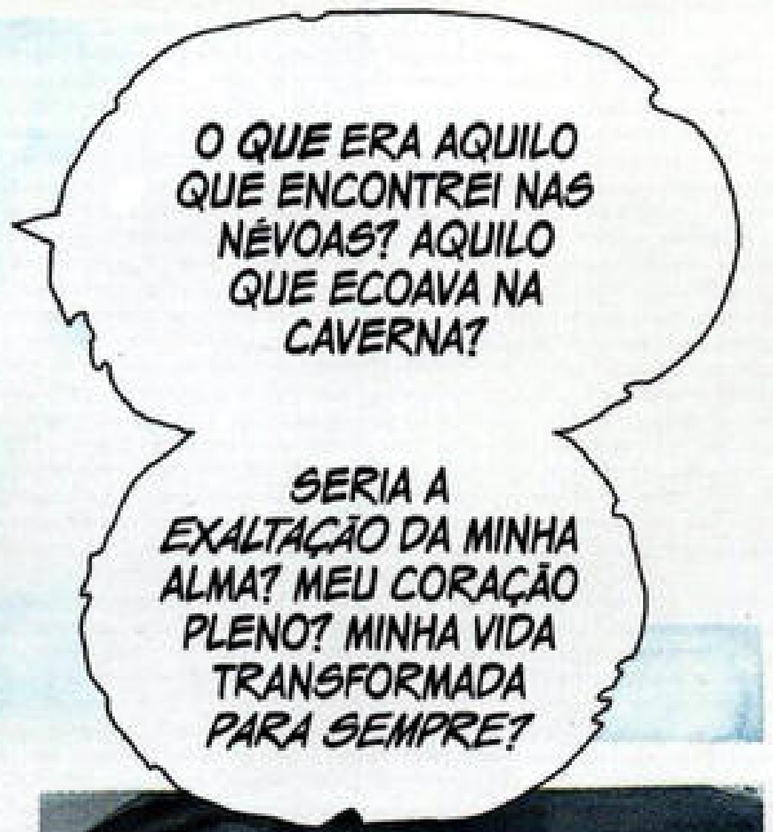
"'Sente-se e a escreva, flautista,
Num livro que todos possam ler.'
Então, ele desapareceu da minha vista,
E um bambu oco fui colher."



"E criei uma pena rústica,
E manchei com tinta a água,
E registrei minha alegre música..."
"...para o rejubilo de toda a criançada."
Minha vida dançou e eu dancei junto: saí das cavernas, adentrei a luz...
...e deixei a infância para trás.



Hmmm...?
O QUE VOCÊS PERGUNTARAM...?
Ah.


O QUE ERA AQUILO QUE ENCONTREI NAS NÉVOAS? AQUILO QUE ECOAVA NA CAVERNA?
SERIA A EXALTAÇÃO DA MINHA ALMA? MEU CORAÇÃO PLENO? MINHA VIDA TRANSFORMADA PARA SEMPRE?

FAZ TANTO TEMPO QUE, SINCERAMENTE...

...NÃO ME LEMBRO.

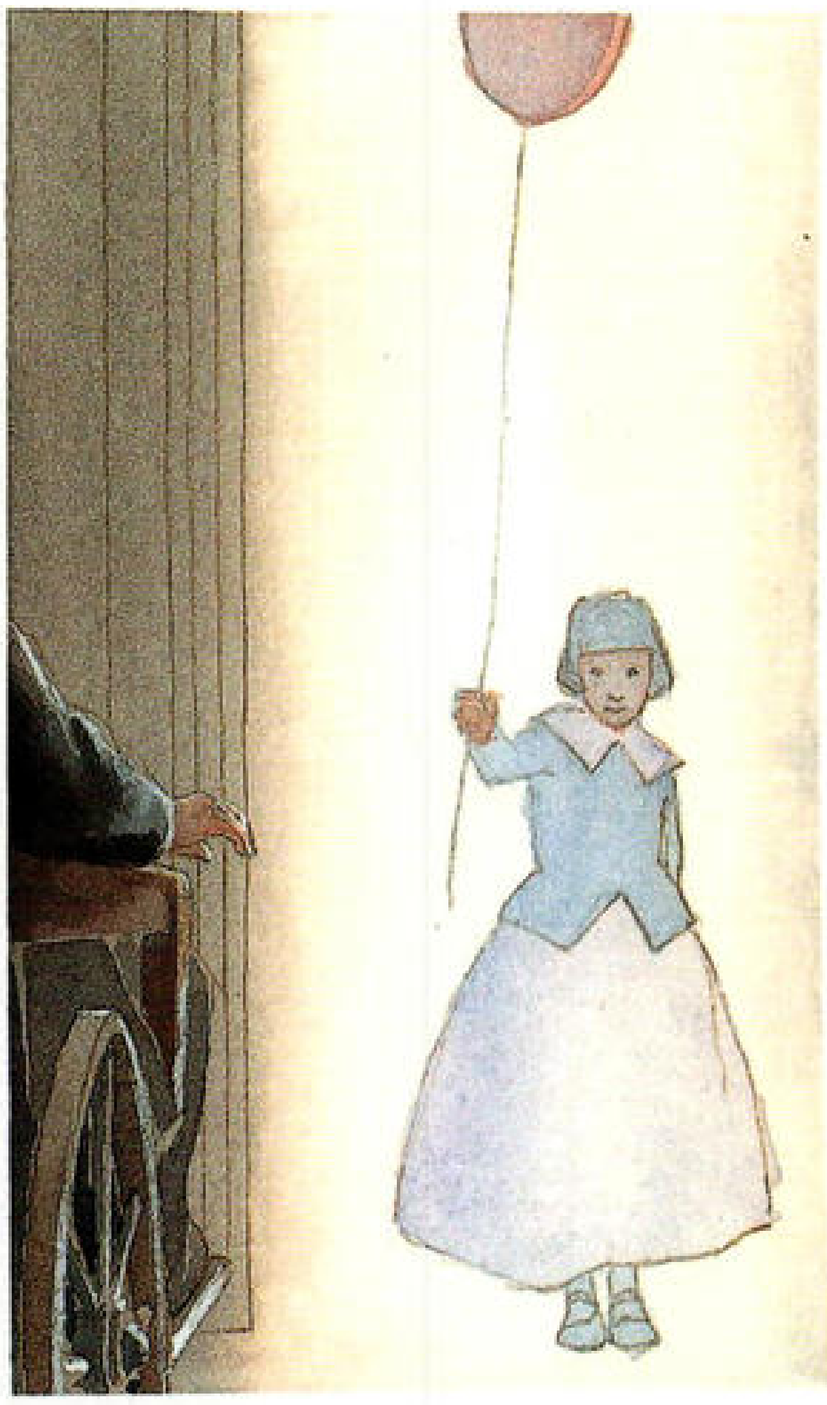
E assim concluo minha Canção da Inocência: a história, não da minha vida, mas do meu despertar. Caros leitores, caros AMIGOS, eu lhes digo...

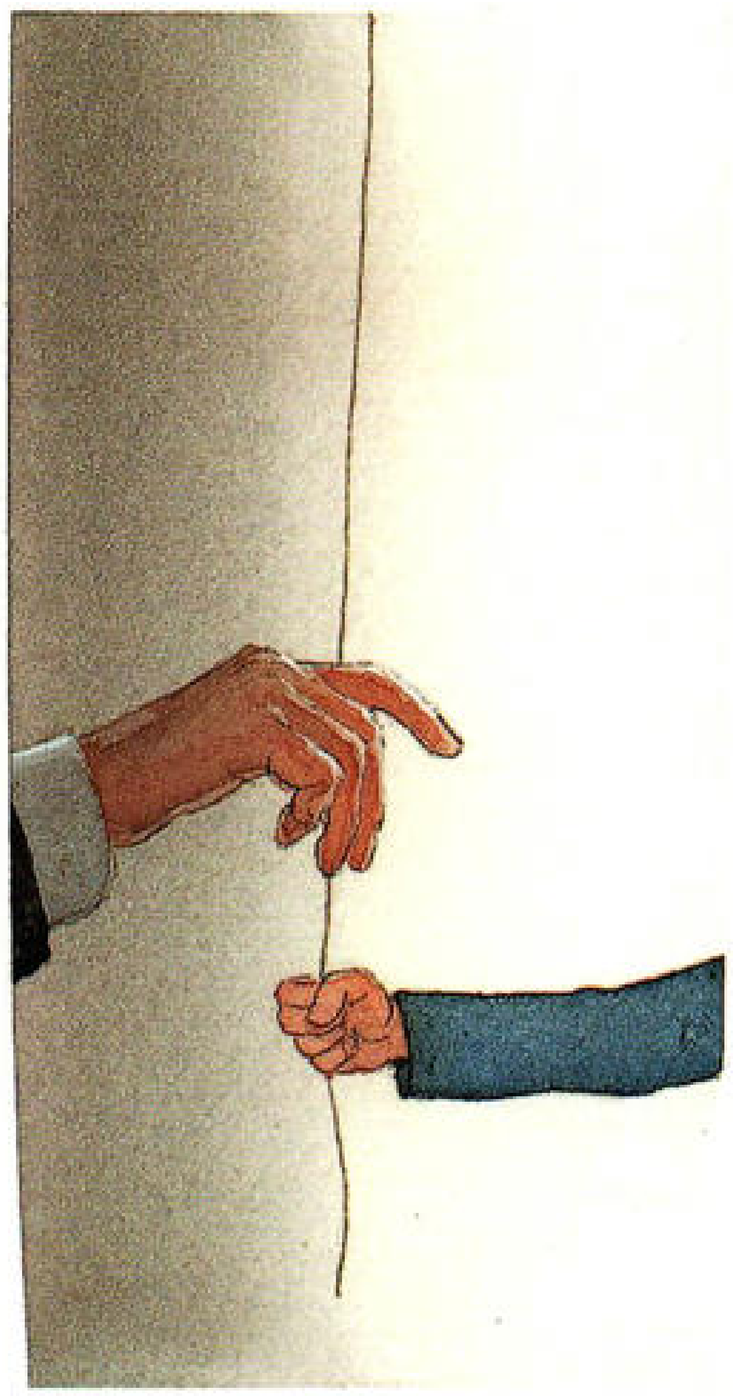
...ADEUS.

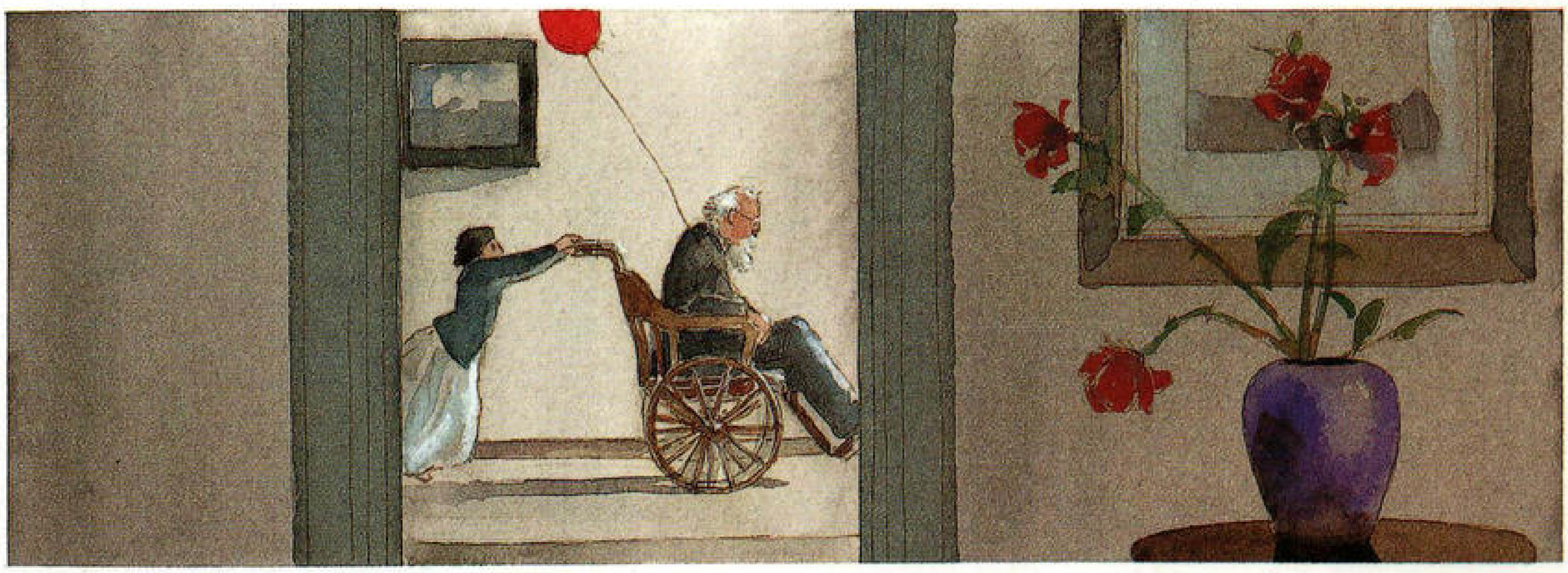
Fim.

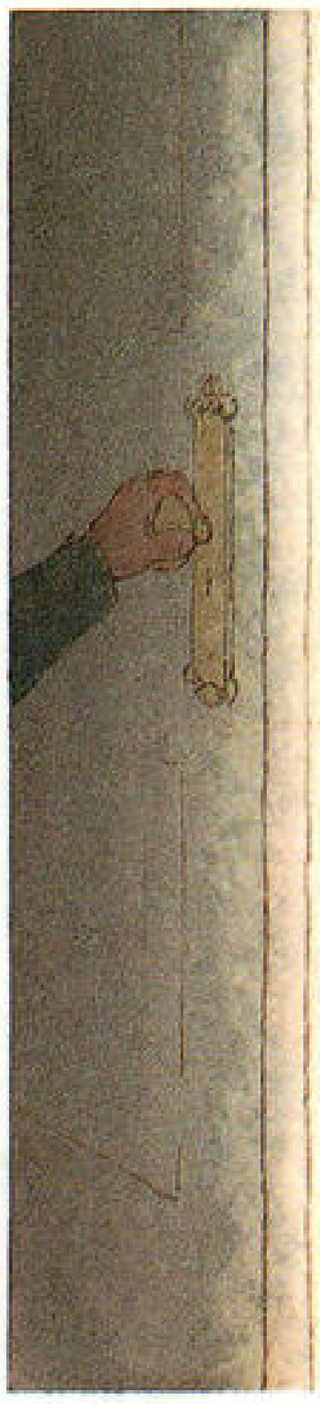
Epílogo:
Adeus, Moonshadow

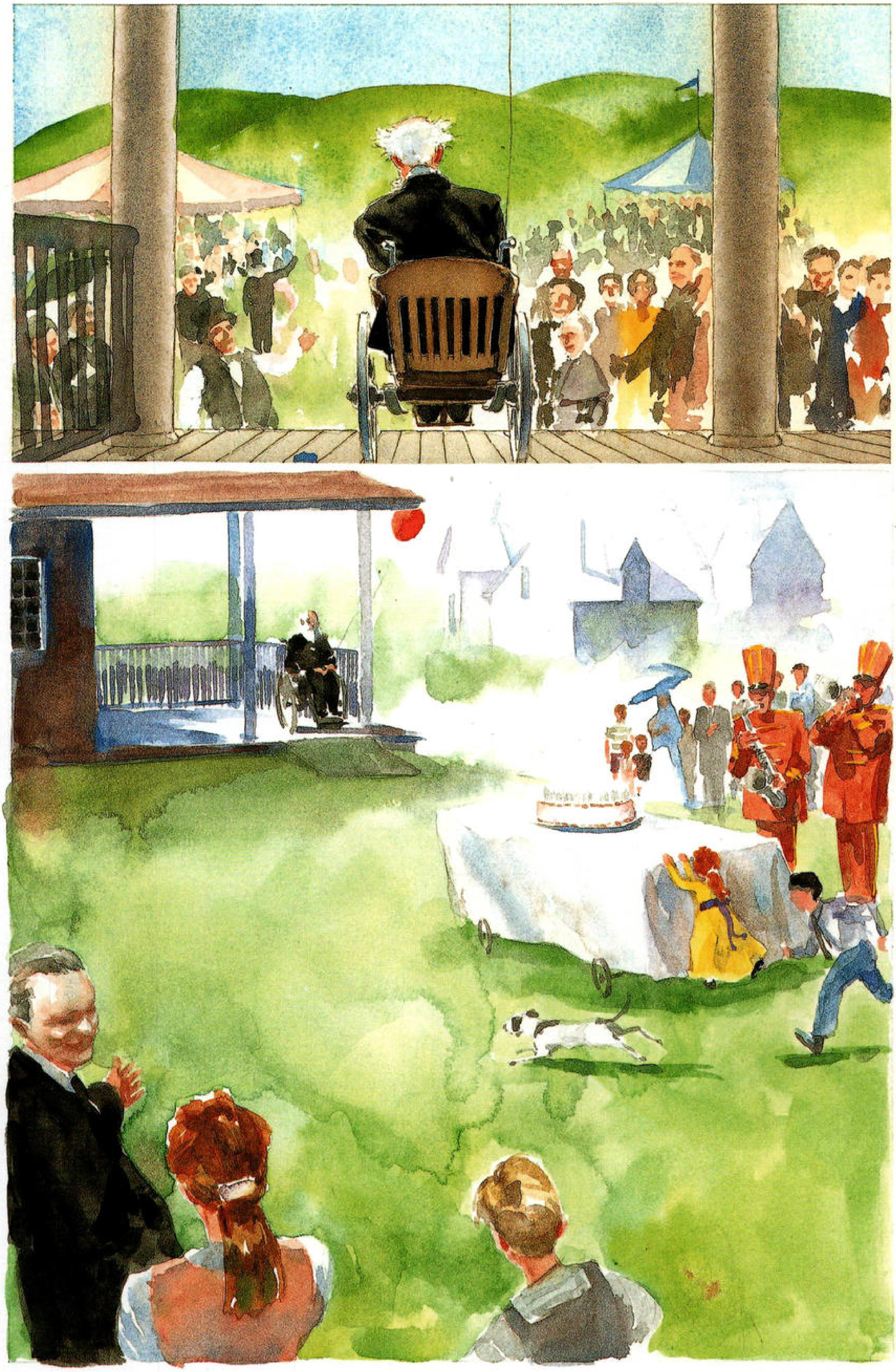
DÉCRÉPITUDE

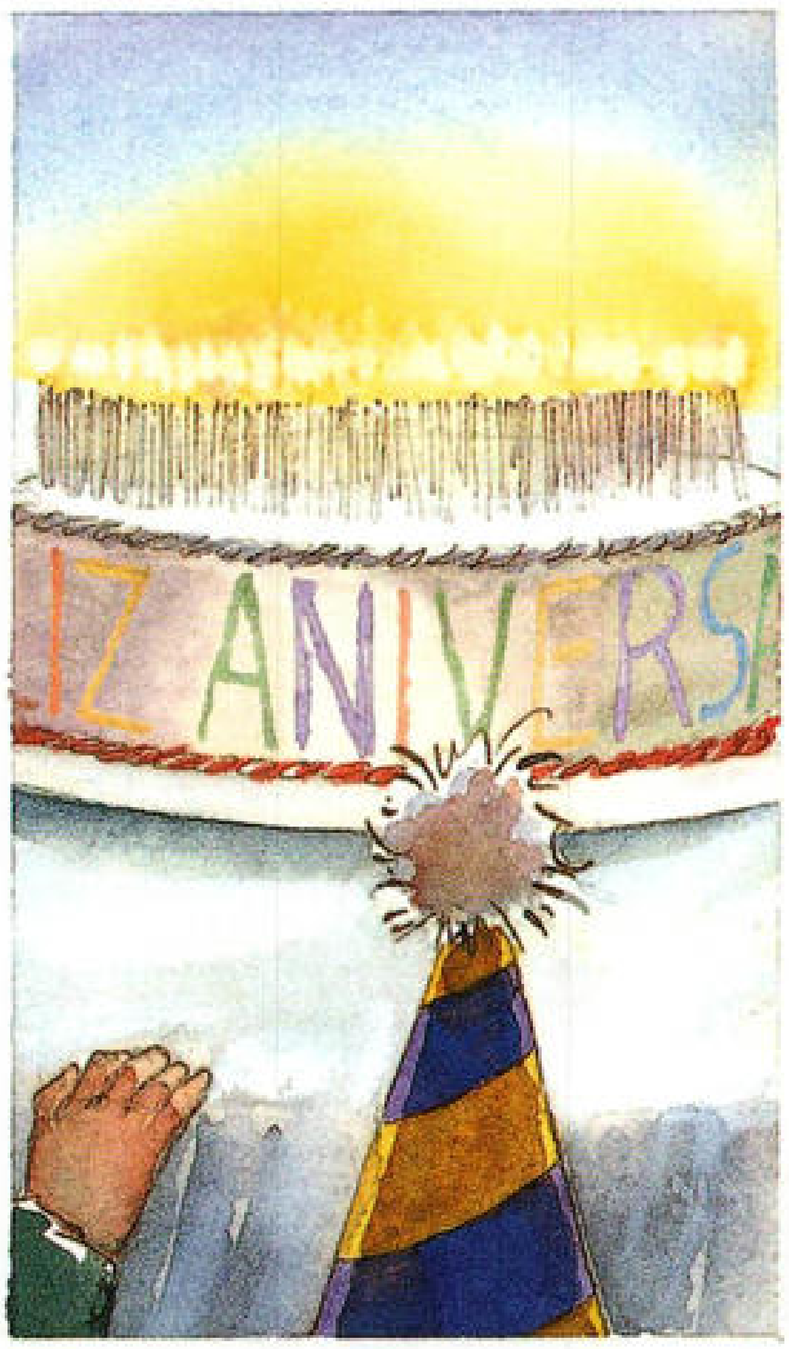


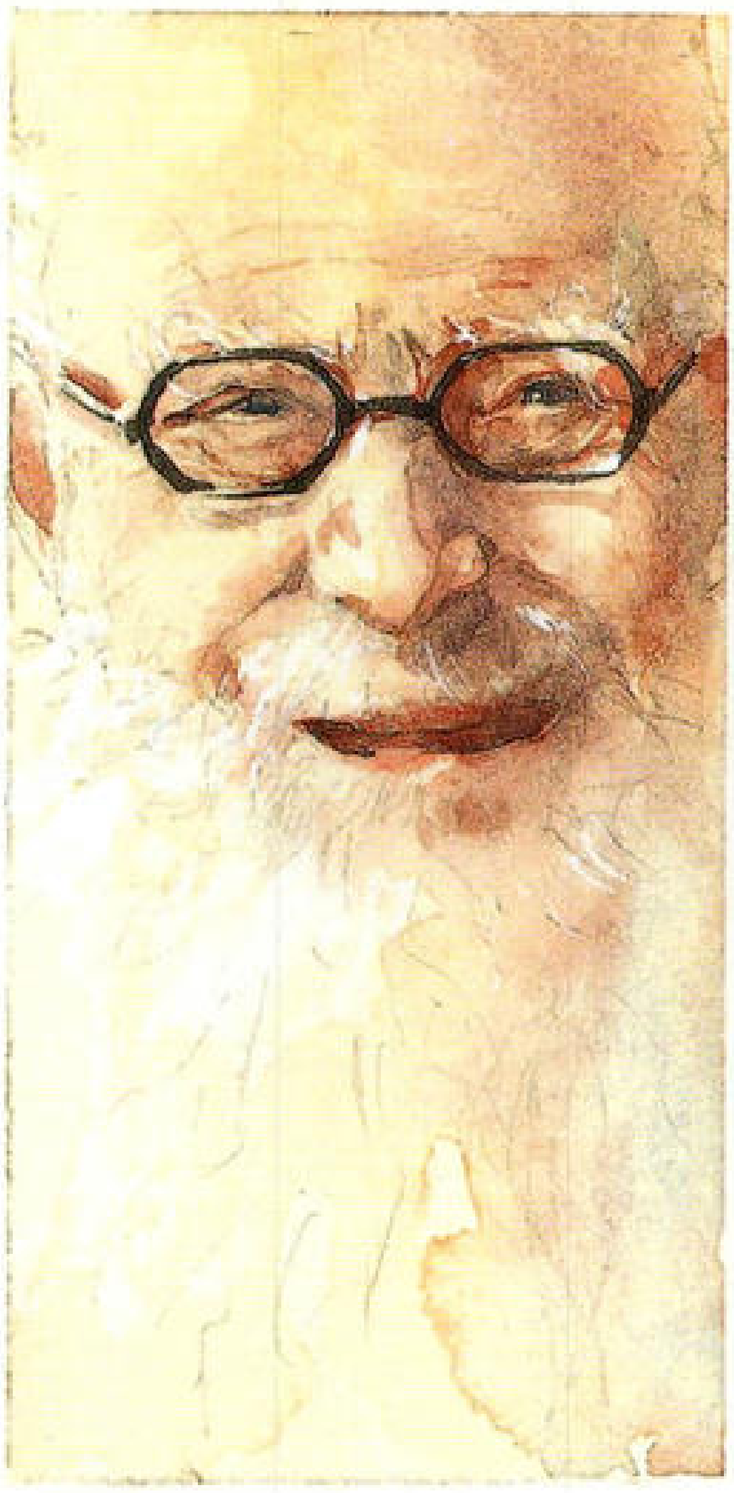












Quando ele era moço
(mas velho o bastante
para saber das coisas)...

✦✦✦ **Um** andarilho voltou à cidade em que já havia vivido: uma cidade feita de Memória, Inocência e de uma Alegria que poucas vezes entrevira em seus longos anos de caminhada.

Voltar seria uma tolice, disto ele não tinha dúvida. O que se viria a ganhar com uma visita dessas? Desilusão? Tristeza? Decepção, com certeza. Sua plena expectativa era fitar um local tão mudado que não teria ligação alguma com o que ele conhecera. E, quando ele estava sobre a colina, olhando as casinhas e os gramados e as crianças correndo, esbaforidas (soltando pipas, jogando bola, pulando cercas), rumo a destinos tão reais quanto imaginários, ele notou as mudanças; para sua enorme surpresa, contudo, nenhuma era grande a ponto de alterar o aspecto da cidade, e a maioria era tão mínima que ele quase acreditou que tempo nenhum havia passado desde sua partida.

Mas o tempo *havia* passado: a casa em que ele vivera não estava mais lá; quantas de suas antigas relações, perguntou-se ele, também não existiam mais? Viraram jantar de vermes, como viraremos todos? De repente, ele lembrou os muitos mares que navegara entre o Antes e o Agora: as terras estrangeiras por onde vagara, as imagens estranhas que contemplara. A desgraça, o êxtase, o infinito desassossego e a infinita tranquilidade.

Dada a situação, um observador teria considerado o andarilho muito similar à cidade logo abaixo: diferente, mas não a ponto de mudar seu aspecto. Embora tivesse pouco mais de trinta anos, com um toque de grisalho nos cabelos e uma leve insinuação de linhas ao redor dos olhos, ele continuava esbelto e juvenil; pueril no jeito, se não no espírito.

Ali, parado, com um pé no Passado, seu coração parecia sopesado pela melancolia – e, ao mesmo tempo, esvaziado de tudo que não a doce nostalgia. Ele fizera tanta coisa nos seus anos de jornada; mas o que, ele ponderou, havia realizado que não poderia ter realizado aqui? O que teria aprendido que não se aprenderia neste local tão amado e conhecido?

Ele voltou os olhos para o sol, uma esfera gorda e reluzente turvada por poucas e delgadas nuvens, e Algo se agitou em sua memória; Algo esquecido, mas inexplicavelmente conservado. Ele entrou fundo em si na busca daquele Algo – peneirando ecos de pensamentos e sombras de emoções – enquanto erguia a mão para tocar o sol.

Ambos estavam fora do seu alcance.

Então, recolhendo as malas jogadas à sua volta, recolhendo o gato bem alimentado que miava e rolava e dançava a seus pés, o andarilho desceu a colina e adentrou a cidade.

A notícia do estranho logo se espalhou; da casa caindo aos pedaços que ele comprara e que passara a reformar com diligência febril; da oficina que ele abriu, no ponto onde uma dúzia de lojas já havia tentado, mas nunca alcançaram êxito *(Consertos,* dizia a placa; *Favor Entrar);* de seu modo solitário e seus olhos desinquietantes.

De início, houve resistência à sua presença (uma cidade tão pequena tinha o dever de resistir ao novo – fosse lei, ideia, máquina ou homem), mas o estranho mesclou-se a ela com competência. Trouxessem-lhe um relógio descucocado, uma caixinha de música silente, um soldado de brinquedo ferido, uma luminária acometida de trevas – e ele não só consertava, mas *restaurava:* o que era usado e quebrado ficava perfeito, impossivelmente novo; e por uma taxa tão modesta que os mais chatos e briguentos nem ousavam discutir.

Ele era estranho: um ponto em que todos concordavam (mais que estranho, diziam alguns: irremediavelmente excêntrico); mas era uma característica que parecia apropriada a um homem com o poder de curar o que era inanimado; que se sentia mais à vontade com as coisas do que com as pessoas.

E logo ele foi aceito como um deles.

Consertos

Findo o dia de trabalho, o consertador retirava-se a portas fechadas; mas em raras noites – quando o céu estava desanuviado, quando a lua cheia brilhava como se estivesse para parir – ele ia à varanda, esticava-se sobre a velha cadeira de balanço com o gato no ombro, a flauta desdourada nos lábios, e tocava.

As músicas que ele flauteava eram peculiares (o que mais se esperar de *homem* tão peculiar?), mas por trás das melodias desarticuladas e dos ritmos curiosos havia Algo por que todos os ouvintes (e ele tinha muitos – embora nenhum fosse ousado a ponto de escutá-lo à sua plena vista) eram atraídos: Algo assustador e sedutor; essencialmente incognoscível – mas, conhecido.

Feita sua apresentação, o consertador ficava um tempo sentado, fitando o globo de prata no céu, aguardando que a lua tomasse uma atitude: risse, chorasse, elogiasse, enfurecesse-se. (O que, de acordo com sua plateia oculta, nunca aconteceu.)

Então, com a flauta enfiada na cintura e o gato seguro nas costas, ele ia para a cama.

Seu sono era sempre irrequieto; tomado
de sonhos tão absurdos quanto horríveis.

A moça passava pela oficina toda tarde. Dava passos nervosos, demorados, resmungando consigo, hesitantes como um passarinho para chegar à porta; mas lhe faltava coragem, e, inevitavelmente, ela dava meia-volta, condenando-se por ser covarde e tola. Ainda assim, regressava todos os dias, na esperança de que – se ele fechasse antes ou saísse para esticar braços e pernas – ele a veria; que os olhos deles se encontrariam – e que ele se lembraria.

(Pode-se perguntar por que ela não aparecia no fim do expediente, nem telefonava para a casa dele, nem deixava uma mensagem pedindo para ele ligar. Não há respostas a perguntas como estas; podemos tirar nossa conclusão ou abster-nos de inquérito.)

As semanas passavam assim, e ela se viu cada vez mais nervosa e perturbada; alternando entre exultante e chateada. Sua tia idosa, temendo que a sobrinha sofresse de uma doença exótica e contagiosa, chamou um médico que, por sua vez, garantiu à senhora que não havia nada de errado fora um leve acometimento de insônia.

E a moça debateu-se para se conter; e continuou a passar na frente da oficina.

EGNOT GNITNI
SNOC

Uma noite, com o corpo tão intumescido de pensar nele que lhe doía ficar na cama, ela foi à sacada de seu quarto. Era outono, mas ela dispensou o roupão, ansiosa para sentir a brisa passar as mãos geladas sobre si. Ali, parada, uma ideia nova e assustadora tomou conta dela: de repente, teve certeza de que o homem na oficina não era, não *teria* como ser, o homem que ela pensava ser. A ideia era tão dolorosa, tão ridícula, que ela se viu gargalhando.

De baixo, veio uma risada profunda, que ecoou a dela. Então, alguém a chamou pelo nome, e a palavra subiu como um balão dos jardins sob a sacada: "Bettina?"

Eufórica, apavorada, controlando as lágrimas, ela respondeu: "Moonshadow?"

Mas, quando olhou para baixo, ninguém estava lá.

Ele já acalentara sonhos de um Amor Perfeito, de uma Companheira Perfeita, de uma Vida Perfeita – mas, nos seus anos de andarilho, Moonshadow aprendera que a Perfeição era uma coisa, na melhor das hipóteses, escorregadiça. Ele estivera com muitas mulheres, amara uma boa parcela, cobiçara tantas mais; mas era sempre questão de tempo – dias, semanas, por vezes, anos – até que o rosto adorado de repente ganhasse rugas ou crueldade; que os cabelos dourados se afinassem como palha. Que a voz doce virasse estridente. Que um corpo que antes cumpria suas paixões ficasse frio e pálido como um cadáver.

Ele não era imbecil. Sabia que suas amantes viam as mesmas falhas flagrantes nele e que ficavam tão aliviadas quanto – ou provavelmente mais – quando o caso se encerrava. A solidão e o isolamento – duas coisas que já o haviam levado ao desespero suicida – agora eram aceitos com satisfação sinistra. Melhor, ele pensava – despachando-se a mais uma aventura nos confins do mundo, ou além –, ser um celibatário frustrado do que sofrer as agonias do amor mais uma desgraçada vez.

Mas, então, ele era capturado por olhos flamejantes ou por um seio maduro, por uma risada sedutora ou um intelecto atraente – e o amor agarrava seu coração e o apertava tão forte que a lógica escorria pelas suas orelhas e o caos da inconsequência inundava suas veias.

Inevitavelmente, passados dias, semanas, vez por outra, anos de juras eternas e paixões não reprimidas, ele se via sozinho de novo. Desgraçado de novo.

E estranhamente contente na sua desgraça.

Por que, perguntava-se ele, Bettina estava tão diferente? Ele vira-a pela última vez quando eram pouco mais que crianças; ele, um garoto desajeitado a caminho da virilidade, ansioso para captar os segredos da Criação; ela, uma ovelhinha pálida, parcelas iguais de melancolia muda e riso luminoso.

Eles passavam horas lendo juntos ou em jogos de imaginação, escalando morros, cruzando florestas; conversando, a seu modo inocente, sobre vidas e perdas, magia e mistério. Como irmão e irmã, como melhores amigos, eles se davam as mãos e trocavam beijos de boa-noite: abraçavam, choravam, riam, dançavam. Tudo com naturalidade e desinibição tão plenas que nenhum dos dois considerava ser qualquer outra coisa.

Ainda assim, todos aqueles anos depois, ele viu-se seguindo-a de distância discreta, quilômetros por vez; parado, na calada da noite, no vento e na neve, sob sua sacada, com grande conforto em saber que ela dormia acima dele – e ainda sentindo-se, perante o mundo, um pervertido, um *voyeur*, um depravado.

Mas não era de sexo que ele estava atrás (embora uma vez, quando ela veio nua à sacada, ele tenha tido tonturas; suas mãos tremeram e seu peito ardeu tanto que ele achou que teria um ataque cardíaco), mas de algo bem mais esquivo e duradouro:

A Perfeição.

Ele via-se obcecado por ela enquanto trabalhava na oficina; imaginava-a do seu lado dividindo suas esperanças, seus sonhos; seus temores, suas raivas, suas alegrias. E, sim, também suas paixões.

Mas, quando ele a via caminhando para lá e para cá, em frente à sua porta, ele dava as costas: envergonhado, constrangido. Ele tinha certeza de que ela estava lá porque lia sua mente, olhava sua alma, via suas fantasias. Ele sabia por que ela o caçava, o que ela queria dizer: "Pare de pensar em mim! Pare de encher sua cabeça sonhando comigo!"

Então, enquanto o gato arranhava as garras no vidro, miando para ela, Moonshadow ficava sentado como uma estátua, olhando para a bagunça de sua mesa; Bettina, nesse meio-tempo, pairando sobre seu ombro como um fantasma da vingança.

Ele sabia que não ousava erguer o olhar.

Porque aí seus sonhos poderiam virar realidade.

Um dia, para o espanto total dele, a tia de Bettina adentrou a oficina pingando chuva e bile, agitando seu guarda-chuva, berrando como um peixeiro: histérica, ininteligível. A pobre mulher, pensou ele, finalmente havia enlouquecido. Ela sempre fora excêntrica – embora inofensiva e, a seu modo, charmosa. Mas agora parecia que havia se tornado violenta, atacando-o com o guarda-chuva, dando-lhe pancadas com sua bolsa. Chutando-o, repetidamente, com os sapatos desafortunadamente pontiagudos.

Quando, para alívio dele, ela finalmente desabou no chão e formou um amontoado lacrimoso, ele a levantou pelos braços e percebeu – repentinamente e com tanta emoção que até *ele* quase começou a chorar – quanta falta sentira da idosa desregulada. Ela acalmou-se tanto quanto possível e contou-lhe a respeito de Bettina.

Ela estava doente, chorou Tia Marigold. Morrendo! E tudo por causa dele! "Bettina não aceita comida", dizia a idosa, "ela só vive de você! Bebe dos seus olhos, faz o desjejum com seu sorriso, almoça seus humores!"

"Faz uma semana que ela não dorme! Passa a noite na cama, desperta, sonhando com você!"

"Ela está pálida, está fraca... perdeu toda a esperança! Toda a vivacidade!"

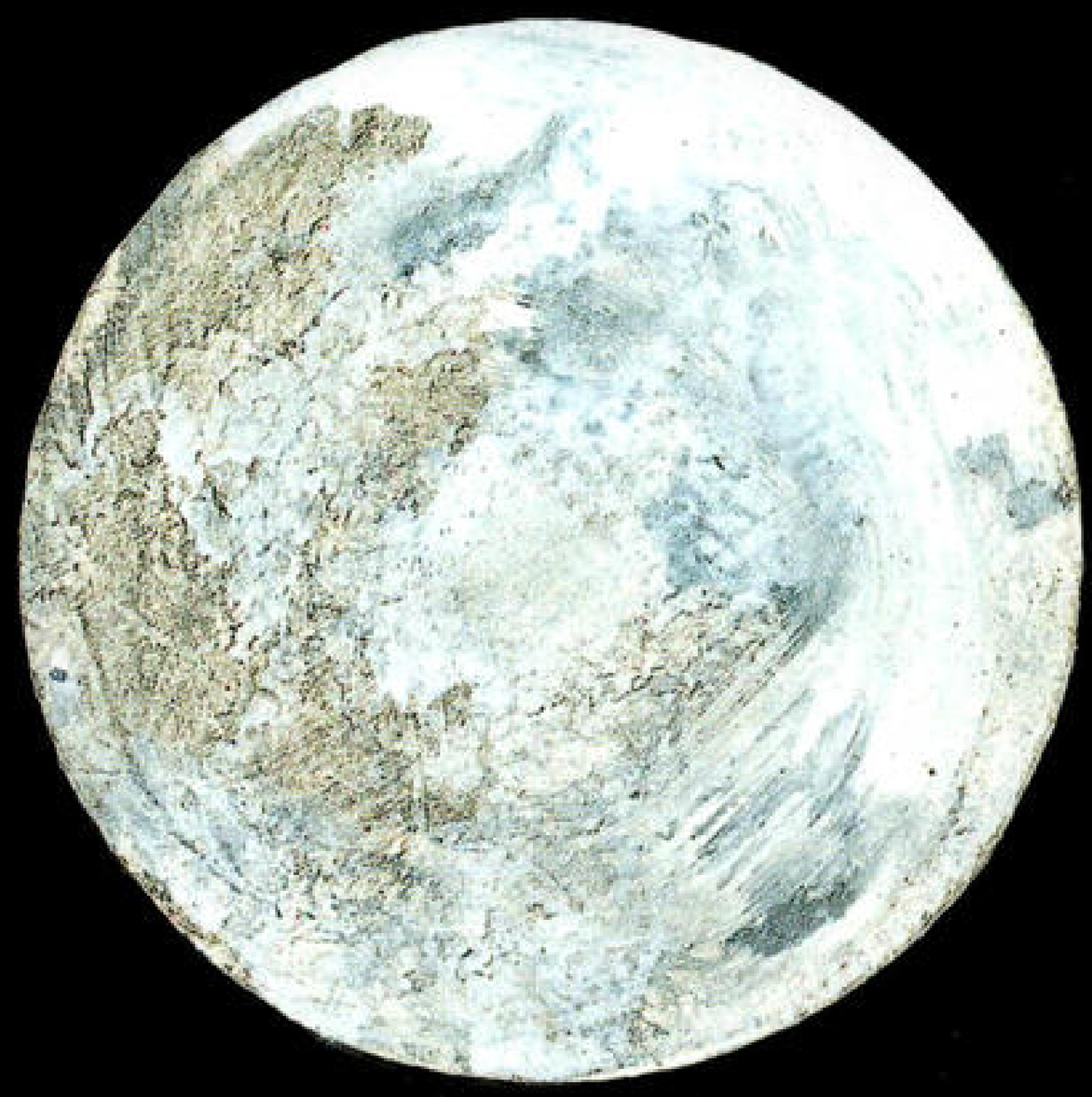
"Você vai matá-la, seu imbecil!", Tia Marigold explodiu, enfim, voltando a atacar, espancar, chutar e guarda-chuvar. "Você vai matar minha Bettina!"

Ele tomou o guarda-chuva de Marigold e correu da oficina, cruzou as ruas de paralelepípedos, subiu escadas tortas e chegou ao quarto de Bettina, desabando aos pés da moça, implorando a ela que vivesse, que o amasse, que fosse sua eterna noiva. "Até o fim dos tempos", ele suspirou, "e além dos tempos! Vida após vida após vida!"

Bettina sorriu, a cor preencheu seu rosto, o orgulho brilhou em seus olhos e ela disse uma palavra: "Sim". Ela disse e repetiu várias vezes: uma canção de louvor. Um mantra. Uma prece.

"Sim."

Casaram-se à meia-noite, sob uma lua gorda e contente.



O tempo passou,
o amor realçou...

Os filhos vieram: três meninas e um menino. Mia foi a primeira, roliça e saudável. Charles foi o segundo, frágil e magro. Depois veio Charlotte, a temperamental; e, por fim, Katherine – a enfeitiçadora. Todos foram paparicados e afagados, fraldados e desfraldados, disciplinados e adorados.

Bettina entregou-se a ser mãe com tanto carinho e dignidade quanto entregou-se ao matrimônio: "Não há nada mais gratificante em toda Criação", ela disse uma vez ao marido, "que um bebê no seu seio".

Moonshadow também encontrou alegria e conforto em seus amados que nunca achou que seria possível. Ele ficava parado sobre as camas enquanto eles dormiam, analisando suas mãozinhas, as bocas que se contraíam, dançava ao som de seus suspiros cantados. Invejava os seios de Bettina intumescidos de leite – e queria alimentar seus filhos tal como sua esposa. (Chegou a tentar uma vez, levando Charles ao mamilo. O garoto mordeu, Moonshadow berrou e Mia riu tão forte que fez xixi.)

A chegada dos filhos transformou os corações dos pais de outras maneiras: o amor que tinham um pelo outro ficou mais sereno, menos melodramático do que já fora – e bem mais formidável no silêncio.

"A sensação que eu tenho", Bettina sussurrou, em um raro momento de placidez, "é que você vive debaixo da minha pele. Que você vibra em cada célula do meu corpo".

"Às vezes", Moonshadow respondeu, "eu te amo tanto que não sei onde você termina e eu começo".

Houve raras vezes – quando a lua estava especialmente gorda e brilhante, o céu noturno infinito e transparente – em que ele se sentia longe dela e longe até de si: observador distante da própria vida, mais solitário do que se pode definir.

Era quando ele ansiava por alguma coisa – uma ânsia tão profunda, tão dolorosa, que ele costumava chorar – e essa ânsia deixava-o furioso. Ele tinha tudo – amor, família, prosperidade. Então, por que se jogar na grama do jardim como um ébrio e bater no peito enquanto fitava a lua? (O gato também fitava, miando de anseio insuportável.)

A lua sorria de volta: às vezes suave, às vezes zombeteira, às vezes brincalhona, às vezes cruel. Moonshadow sabia que ela tinha respostas.

Mas quais eram, pensava ele, as perguntas?

Todo domingo, Moonshadow reunia os filhos e virava diretor de uma peça teatral montada para Bettina. "Toda semana", ele disse a eles, "Mamãe cozinha, faxina, alimenta e cuida de todos nós. Hoje nós vamos cuidar *dela*, ao nosso modo".

Ele escrevia nas horas de folga da oficina (geralmente testando cenas com fregueses espantados, fazendo performances solo sobre o balcão). Às vezes, esses entretenimentos baseavam-se em contos de fadas; o mais comum era que os pequenos atores encenassem contos extravagantemente originais, "baseados", insistia seu pai, "em fatos da minha mui extraordinária vida!" As crianças nunca duvidaram que as aventuras e fantasias fossem verdade – à exceção de Charlotte. "Tudo mentira", ela bufava – antes de entregar-se a seu papel com entusiasmo e melodrama para garantir que sua performance, acima de todas, tornasse o espetáculo ainda mais memorável.

A notícia destes teatros de fim de semana acabou espalhando-se – e a plateia da sala de estar agigantou-se a quase duas dúzias de parentes, amigos e vizinhos (Tia Marigold, em especial, deleitava-se com cada apresentação). Mas Bettina só tinha olhos para os atores. Bettina – que ria e chorava, que batia os pés e aplaudia; que, ao fim de cada apresentação, levantava-se da cadeira e dava gritos de louvor, pedindo bis e mais bis.

As crianças atendiam contentes: davam as mãos e curvavam-se com toda solenidade, enquanto o diretor assistia das coxias, as bochechas rubras, os olhos brilhando.

Exorbitando de orgulho.

"Isto", Moonshadow dizia (as crianças na cama, a plateia desfeita, a estimada esposa embalada nos braços), "é o sonho mais bonito que eu já sonhei".

Porque era.

Tia Marigold faleceu numa manhã de domingo, uma hora antes da peça. Bateu à porta três vezes com o guarda-chuva, entrou no vestíbulo e desabou em frente às crianças como se fosse uma pedra. Mia riu, achando que fosse uma brincadeira; Charlotte considerou a visão do cadáver da tia tão sinistra quanto fascinante, enquanto Katherine ajoelhou-se de imediato ao lado de Marigold e orou pela salvação de sua alma. O pobre Charles só escondeu o rosto na saia da mãe – e chorou sem parar por horas a fio.

Bettina manteve-se a alma da tranquilidade, reunindo os filhos, chamando o médico, preparando o corpo da idosa para o sepultamento com as próprias e firmes mãos. Tia Marigold fora a primeira luz nas trevas de sua infância – mas Bettina se recusava a render-se ao que considerava o melodrama do luto. Foi só mais tarde – quando a casa estava em silêncio, quando todos dormiam, quando a lua e as estrelas se escondiam sob uma armada de nuvens negras – que ela ficou sozinha na varanda e derramou lágrimas silentes para a mulher que lhe fora tanto mãe quanto pai.

Moonshadow recusou-se a comparecer ao funeral. Ele não conseguiu se convencer a participar. Não que tivesse medo de contemplar a Morte; havia visto a face dela muitas vezes em seus anos de peregrinação. Mas achava que o falecimento de Marigold marcava o falecer de algo mais. Ele não sabia dizer o que (ou talvez não conseguisse admitir a si) e seu pavor foi ainda maior por ser impreciso.

Assim, enquanto Marigold era sepultada, o consertador ficou só em sua oficina: o estômago enroscado, a cabeça latejante, a garganta apertada, tentando loucamente perder-se no trabalho.

Mas, naquele dia, era como se tudo que ele tocava se desmontasse nas mãos.

De início foi uma chuva suave, mas que ganhou intensidade ao longo do dia.

Ao cair da noite, o céu foi iluminado por raios. O trovão ribombou, derrubando as xícaras das prateleiras e as crianças das camas.

Os ventos cresceram em fúria, uivantes, loucos, arrancando galhos das árvores, arrancando árvores do solo.

E assim foi durante três insuportáveis dias.

No quarto, os céus se abriram. O sol voltou por duas horas.

Então, vieram os tornados.

O homem levantou-se – ferido, sangrando, mas milagrosamente vivo. Ele levantou-se, inspecionou o mundo morto e chorou. Puxou os corpos dos destroços e chorou. Cavou buracos na terra, enterrou os corpos e chorou. Por três dias e três noites chorou o solitário sobrevivente. Depois, voltou os olhos inchados ao céu, ao sol poente, à lua que se erguia, e vociferou com palavras tão vis que ficou vermelho de vergonha.

Mas eram as palavras que ele queria dizer.

E ele deu as costas à cidade morta, ao céu diabólico, subiu as colinas e desceu do outro lado – rumo a um futuro pelo qual não sentia nenhum interesse, um mistério que não tinha vontade de desvendar. Ele caminhou durante três horas, depois desabou, depois dormiu.

Um miado queixoso, arrepiante e familiar, o despertou. Ele abriu os olhos e viu-se cara a cara com seu gato. De pelo maltrapilho e pata quebrada, o coitado viera atrás dele, mancando desde os destroços. Por um instante, ele pensou em esticar o braço e partir o pescoço do gato: tanto amor e lealdade não tinham lugar em um mundo cruel como este. Em vez disso, puxou o gato aos braços e aninhou-o. Olhos que haviam secado de choro encontraram mais lágrimas. Nomes que ele tivera medo de falar encontraram expressão temível nos lábios.

"Mia", ele soluçava. "Charles... Charlotte... Katherine..." Então seus soluços mesclaram-se em um som medonho, um uivo de dor vindo do meio da alma, que sacudiu as estrelas no céu. Passarinhos caíram das árvores, trespassados pelo horrendo lamento: "Bettiiiiiiina, Bettiiiiiiina, Bettiiiiiiina!" Ele berrou aquele nome até sua garganta ficar em carne viva, até suas cordas vocais sangrarem. Até seu coração ficar gelado. Até o passado ser tão insignificante quanto o futuro.

Então, Moonshadow pôs-se de pé, deixou seu gato sobre os ombros, e – sob o olhar impiedoso de uma lua evanescente e um sol nascente – seguiu seu rumo.

Ele tentou se matar. Repetidamente.

Uma vez, amarrou uma corda a uma árvore, ficou horas pendurado como uma marionete ao vento, até que a corda se rompeu e ele caiu no chão com o pescoço cheio de bolhas: insuportavelmente vivo.

Uma vez, pulou da beira de um precipício sobre rochas pontiagudas. Quebrou os dois braços e uma canela, rachou a cabeça, trincou uma costela. Ficou caído nas pedras do nascer do sol ao nascer da lua, sangrando, aguardando as aves que viriam limpar seus ossos, os vermes e as larvas que iam banquetear-se de sua carne. Os pássaros não apareceram, os vermes e as larvas mantiveram distância. Desgostoso, ele arrastou-se até ficar de pé e seguiu em frente.

Uma vez, nos degraus de uma igreja, ele pegou uma pistola, colocou contra a têmpora e puxou o gatilho. A arma travou. Quando ele jogou a pistola longe, ela disparou – e acertou uma velha viúva no pé. Ela pulou e gritou como um sapo sobre carvão em brasa. Ele não conseguiu controlar o riso: um som sufocado, patético.

Ele se convenceu de que estava fadado ao fracasso; que algum Poder, alguma Força, algum Deus Retardado, queria-o vivo só para diversão. Então, para alívio do gato, ele abandonou as ideias de suicídio e pensou em maneiras de abraçar a morte ainda vivo.

Passou a frequentar salões fúnebres, incontáveis horas na companhia de cadáveres, buscando o consolo em seus olhos cegos, invejando a palidez e a paz que tinham. Frequentou os bordéis mais vis, trepando até esfolar-se; queria se esvaziar da dor e da tristeza para se encher de doenças.

Ele deixou suas roupas em mesas de apostas, ele comeu lixo, ele cagou nas ruas. Ele foi detento de penitenciárias e manicômios. Ele foi ridicularizado e vilipendiado.

Mas ele continuava sendo Moonshadow – e isto, mais do que tudo, lhe era intolerável.

A Cidade era um lugar gelado e terrível, onde os pobres viviam na sordidez, morriam em desgraça. Onde os ricos copulavam e engordavam, rindo do sofrimento alheio. Em uma terra das sombras entre pobres e ricos ficavam os criminosos: ladrões e açougueiros que rapinavam por todos os lugares, sem preconceitos, que rapinavam entre si, sem pudor.

Mas havia um homem cuja vida transgredia todos esses mundos. Era fato incontestável que era rico (dizia-se que suas riquezas vinham dos jogos de azar; um rolar de dados fizera-o passar de miserável a rei): mas, em vez de morar na perfeição estéril atrás dos portões da prosperidade, ele habitava uma mansão dilapidada no meio dos cortiços. Não tinha amigos (embora mimasse seu gato tal como uma velha ridícula), mas sua casa estava sempre lotada. Prostitutas e banqueiros, políticos e homicidas: todos eram bem-vindos sob seu teto.

Ele era cruel, ele era violento, ele era apático e ultrajante, mas era capaz de uma compaixão extraordinária. Não havia mãe necessitada nem criança febril que viesse a ele pedindo ajuda e recebesse uma negativa. Sua casa estava inundada de mães e filhos: eram como insetos, como um enxame, como ratos. E eles veneravam seu benfeitor; idolatravam-no. Ele, por sua vez, os olhava com repulsa e medo.

"Faço o que faço", ele disse a uma mulher, cujas palavras de lacrimosa gratidão só encontraram uma carranca, "não porque eu quero, mas porque preciso. A sombra do homem, do tolo que eu já fui, exige que eu a ajude. Faço esforço para resistir a esta sombra, mas, para minha humilhação eterna..."

Houve um silêncio tão afiado que quase cortou o pescoço da mulher.

"...não consigo".

Uma noite, ele não conseguia dormir. Sonhos de um passado que ele julgava enterrado tiraram-no da cama. Sonhos não só com a esposa e filhos que perdera, mas com sua juventude desaparecida, com seus amigos desaparecidos, com sua amada mãe – morta há tantos anos. Sonhos também com um pai de quem ele não se lembrava, mas que ainda assim, assombrava suas noites.

Ele caminhou até a janela, voltou os olhos para a lua, uma esfera gorda e reluzente turvada por poucas e delgadas nuvens, e Algo se agitou em sua memória; Algo esquecido, mas inexplicavelmente conservado. Ele entrou fundo em si na busca daquele Algo – peneirando ecos de pensamentos e sombras de emoções – enquanto erguia a mão para tocar a lua.

A lua se mexeu.

Ela se mexeu! Caindo do céu, devorando as nuvens, cada vez mais luminosa e mais próxima, enchendo seus olhos com a gorda incandescência. Ela se mexeu! Consumindo estrelas, consumindo árvores, consumindo parede, vidro, o caixilho da janela: estourando no seu quarto.

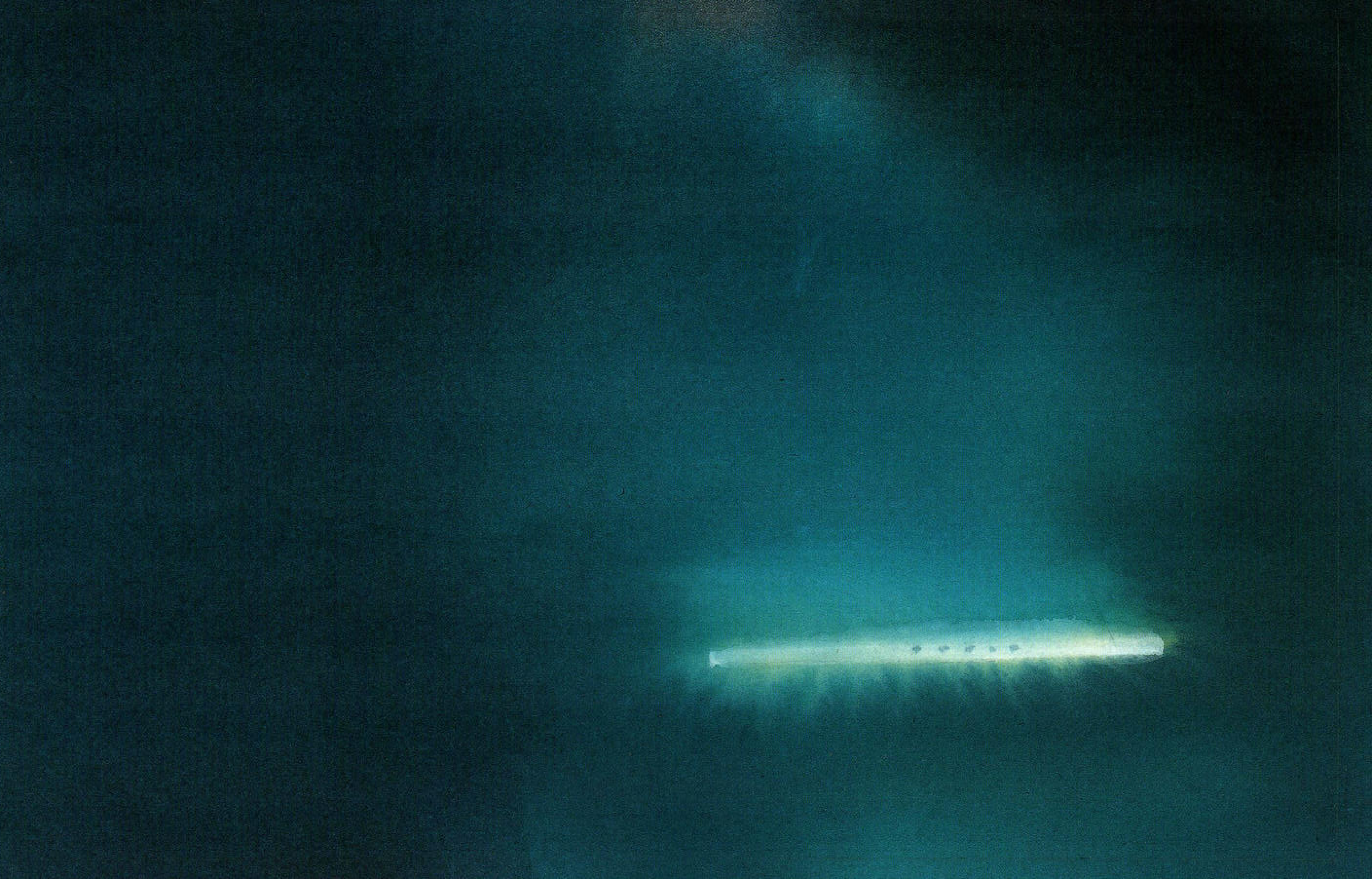
A lua pairou ali sobre ele, sua luz turvando tudo menos a si. Como era possível, ele se perguntou. Como essa lua estaria ali, nos seus aposentos? Como ela poderia sorrir para ele? Como que ela podia...

...*conversar* com ele?

Mas ela falava: não exatamente com palavras – mas num fluxo de informação, de intuição. Com um rio de luar e poeira estelar e asas de anjo que se derramavam sobre ele, que o deixavam de joelhos, debulhando-se em lágrimas, berrando, rindo como uma menininha. Então, a lua ficou em silêncio e ele também. E, naquele silêncio, ele soube de Uma Coisa. Ele soube no fundo da alma.

E a lua partiu de volta a seu trono nos céus. Deixando para trás um presente, uma bênção, no piso do quarto:

Uma flauta.



Ele correu pela casa, o gato a seus pés, batendo às portas, gritando como um insano: "Acordem, seus ladrões, seus pedintes, suas putas! Acordem, mães e bebês inocentes!" Ele bateu às portas, ele socou, ele chutou – até que todos na mansão estivessem acordados, reunidos na sala de jantar, compartilhando feições de confusão, contrariedade e medo.

Moonshadow estava diante deles, sorrindo como um imbecil, como um Deus Retardado expulso do Paraíso. Ele saltou sobre a grande mesa, abriu a boca para falar... e repensou. Em vez de falar, ele enfiou a mão em sua camisola, tirou a flauta e começou a tocar.

A música que ele flauteou era peculiar, mas, por trás da melodia desconjuntada e do ritmo curioso, havia Algo que atraiu sua plateia relutante: Algo assustador e sedutor; essencialmente incognoscível – mas conhecido.

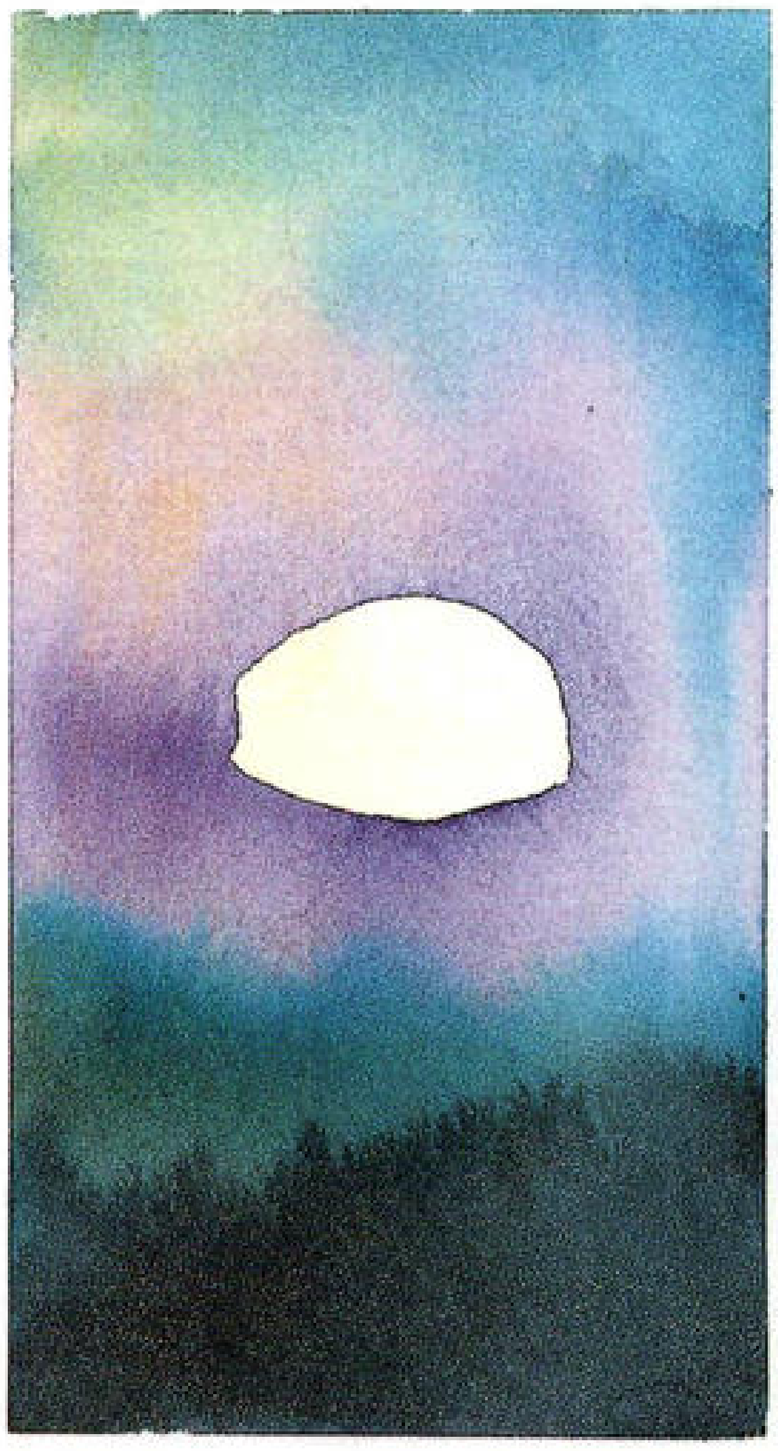
Então, tocando a flauta, ele os fez dançar até saírem da casa (e alma alguma questionou, alma alguma recusou-se a dançar com ele, alma alguma ficou para trás). Flauteando, ele os fez dançar até saírem da Cidade, a atravessar florestas, campos e colinas. Com a flauta, ele os fez dançar até o alto de uma colina, de onde se via uma cidade em ruínas. E eles perceberam, cada um deles, que este seria seu novo lar; que, juntos, eles reconstruiriam este lugar e encontrariam a satisfação, a alegria silenciosa, que nenhum deles já havia vivenciado.

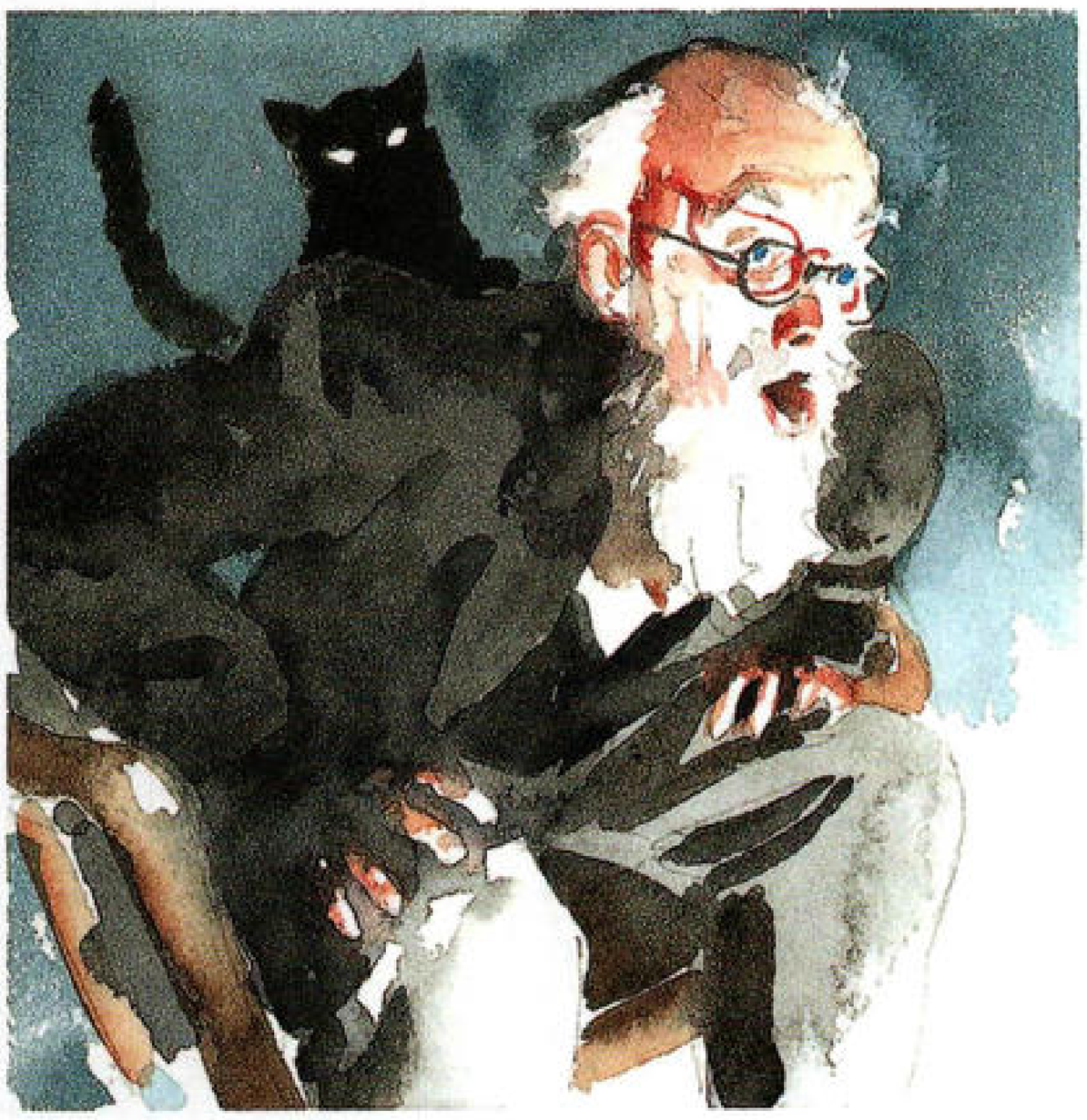
Eles também souberam que o flautista tinha que ser o primeiro a descer. Que ele, e só ele, devia dançar nessas ruínas até ganharem vida. Até o gato sabia e ficou entre a multidão enquanto, com a flauta nos lábios, rodopiando como um dervixe e chorando como uma criança...

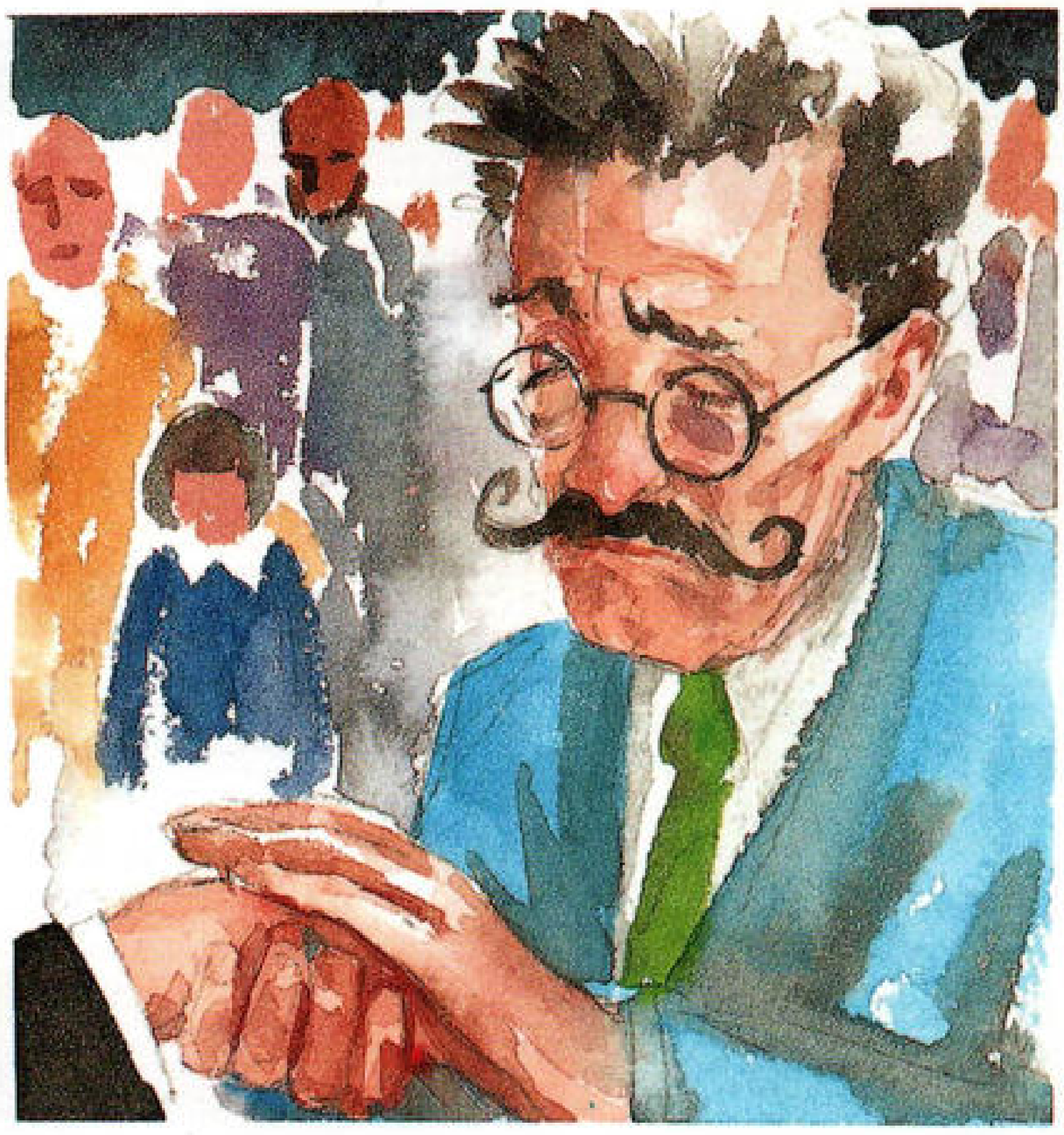
O flautista desceu.

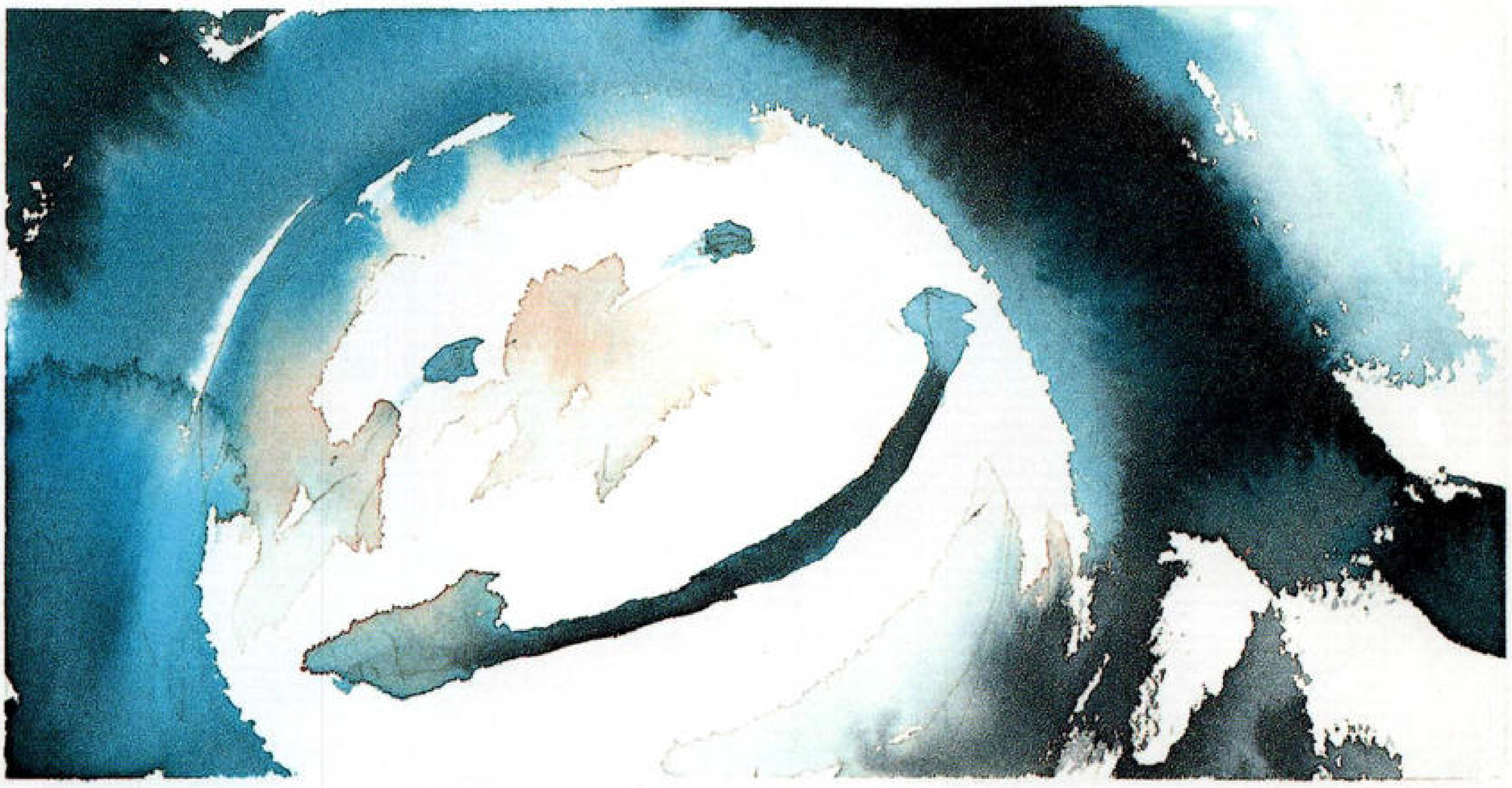
Quando Moonshadow era velho (mas moço o bastante para saber das coisas), ele voltou à cidade em que já havia vivido: uma cidade feita de Memória, Inocência e de uma Alegria que poucas vezes entrevira...

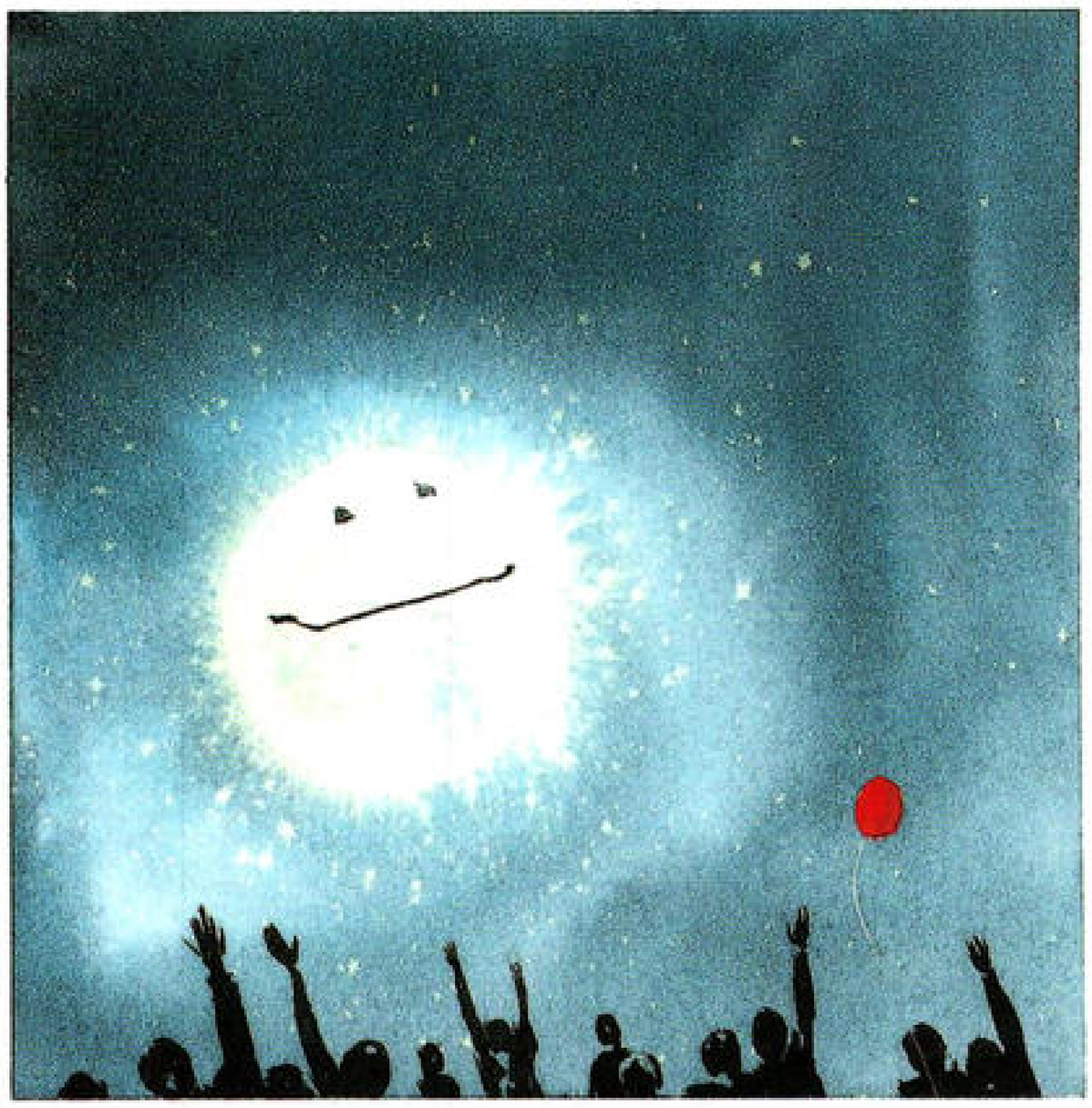
...em seus longos
anos de caminhada.

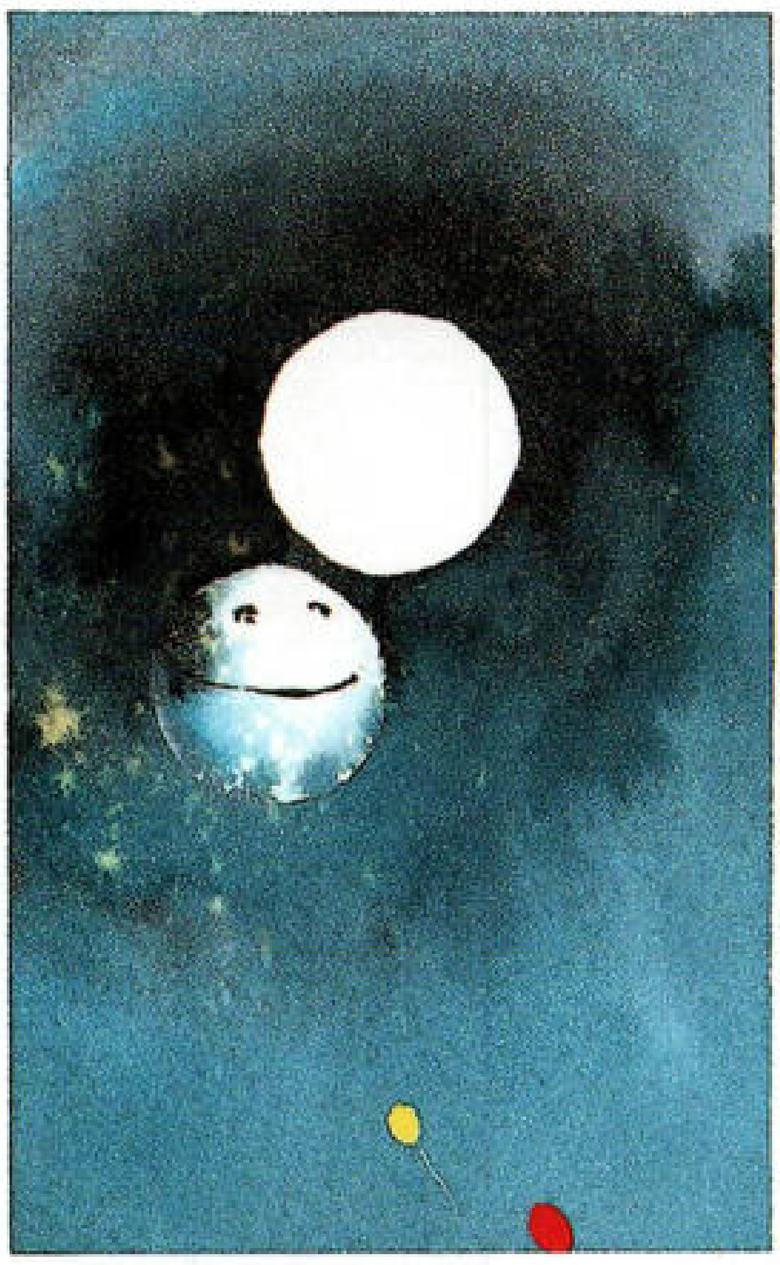


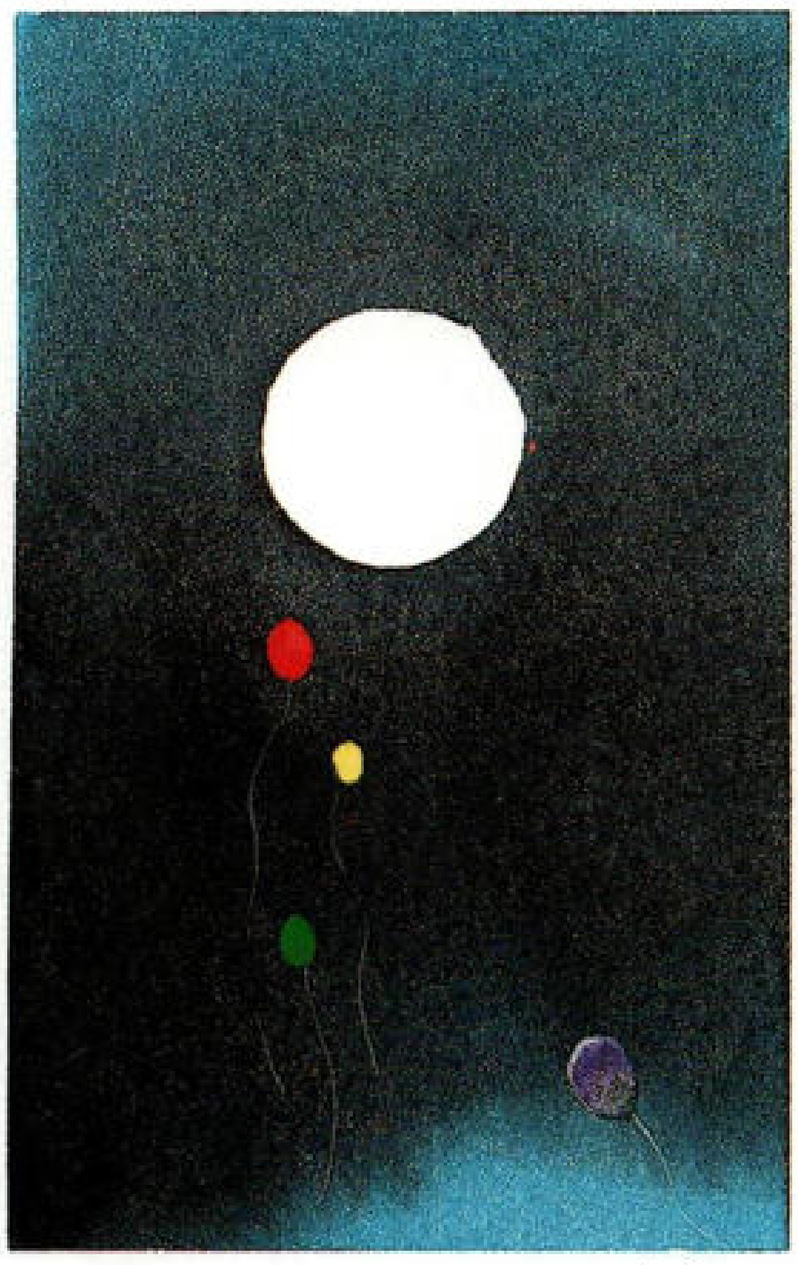










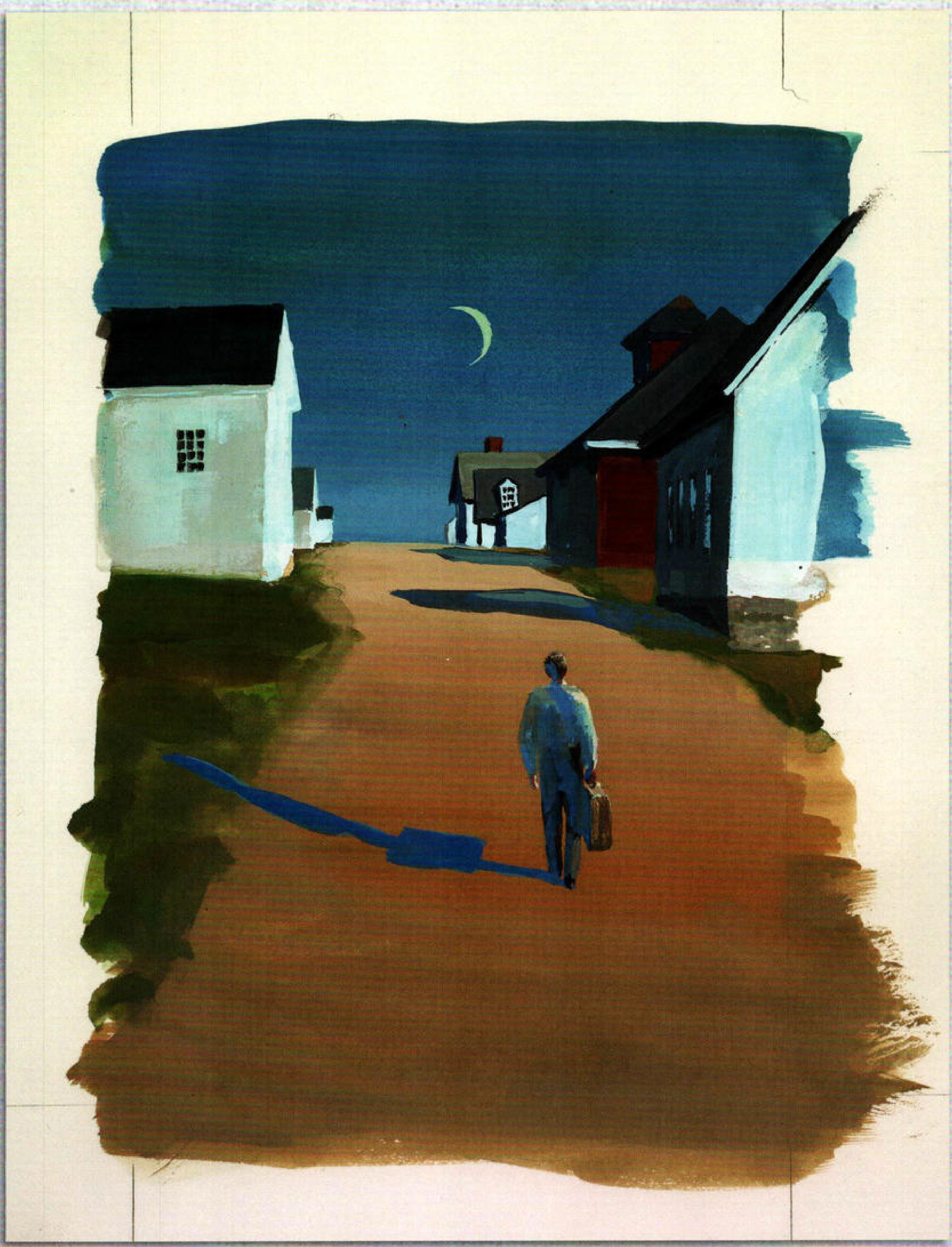


Adeus.

Miscelânea Moonshadow

Seção Bônus: Raridades

Com comentários de J.M. DeMatteis



STARDUST

PÁGINA UM

Quadro 1 — Plano geral de planeta similar à Terra.
Rec: "EM UM PLANETA ANÔNIMO, EM UM SISTEMA SOLAR ANÔNIMO, EXISTE UM ZOOLÓGICO. E NESTE ZOOLÓGICO SE ENCONTRAM SERES DE TODA A GALÁXIA."

Quadro 2 — Montagem com todo tipo imaginável de alienígena: alguns humanoides, alguns versões evoluídas de gatos, cobras, elefantes; outros sem relação com seres conhecidos. Alguns seres humanos dispersos pela cena também.
Rec: "SEQUESTRADOS HÁ SÉCULOS DE SUAS TERRAS NATAIS, ESTES SERES SÃO BEM TRATADOS PELOS DONOS. ENTRE OUTRAS COISAS, FOI-LHES CONCEDIDA A IMORTALIDADE."

Quadro 3 — Um símio ereto de smoking está coçando a barriga enquanto, a seu lado, numa mesa de piquenique precária, senta-se um homem-camundongo, de boca aberta, a cabeça aninhada nos braços, quase adormecido. No chão, ao lado da mesa, uma mulher humana apoia-se sobre o cotovelo enquanto enfia o dedo no nariz. O camundongo usa chapéu-coco e uma capa de chuva amarela. A mulher veste a típica roupa de princesa de conto de fadas.
Rec: "É CLARO QUE, COMO OUTROS SUPÕEM, A IMORTALIDADE PODE SER UM TÉDIO."

Quadro 4 — Cinco ovos azul-prata flutuam sobre um campo onde mais aliens vagam sem rumo.
Rec: E QUEM SÃO ESTES MISTERIOSOS TRATADORES? CONHEÇA OS SUD-MESE: UMA RAÇA DE OVOS VIVOS CUJAS VIDAS BASEIAM-SE NÃO NA RAZÃO NEM NA EMOÇÃO, MAS NA VENETICE CÓSMICA. FOI ASSIM QUE TEVE INÍCIO O ZOOLÓGICO: SEM MOTIVO ALGUM. POR PURA VENETA.

STARDUST

PAGE ONE

Panel 1 Long shot of Earth-like planet.
Caption: "ON A NAMELESS PLANET, IN A NAMELESS SOLAR SYSTEM, THERE IS A ZOO. AND IN THE ZOO ARE BEINGS FROM ACROSS THE GALAXY."

Panel 2 Montage shot of every concievable type of alien creature, some humanoid, some evolved from cats, snakes, elephants, some bearing no relation to sentient beings as we know them. A few humans are scattered through the scene, also.
Caption: "STOLEN FROM THEIR HOMEWORLDS CENTURIES AGO, THESE BEINGS HAVE BEEN WELL TAKEN CARE OF BY THEIR KEEPERS. AMONG OTHER THINGS, THEY'VE BEEN GRANTED IMMORTALITY."

Panel 3 An upright ape in a tuxedo stands scratching his stomach while, beside him, at a run-down picnic table, a mouse-man sits, mouth open, head cradled in his arms, half-asleep. On the ground beside the table, a human female reclines on one elbow, picking her nose. The mouse is wearing a bowler hat and a yellow raincoat. The human female is dressed like your standard fairy-tale princess.
Caption: "OF COURSE, AS HAS BEEN GUESSED BEFORE, IMMORTALITY CAN PROVE QUITE BORING."

Panel 4 Five silver-blue eggs float over a field where more aliens wander aimlessly.
Caption: AND WHO ARE THESE MYSTERIOUS KEEPERS? MEET THE GEL-DOSS: A RACE OF LIVING EGGS WHOSE LIVES ARE FOUNDED, NOT ON REASON OR EMOTION, BUT ON COSMIC WHIM. THAT'S HOW THE ZOO WAS STARTED: NO REASON. JUST A WHIM.

Em 1977, antes de eu vender meu primeiro roteiro de quadrinhos, comecei a trabalhar em uma história chamada *Stardust*. Apesar de truncadas e de tropeços bastante óbvios, ela tinha as sementes do que se tornaria, oito anos depois, *Moonshadow*.

De MATTEIS
STARDUST

PÁGINA DOIS

Quadro 1 — Vemos um Ovo Sud-Mese esbarrando em uma mulher terráquea comum (ela veste uma minissaia branca com bolinhas pretas, bem anos sessenta, botas brancas cano alto e uma blusa camponesa. Um botton da paz na mochila camuflada que ela arrasta no chão). Faíscas literais saltam entre os dois, faíscas elétricas, e a mulher grita.
Rec: "OS SUD-MESE TÊM POUCO INTERCÂMBIO COM SEUS ESPÉCIMES, MAS, 17 ANOS ATRÁS, UM DESTES OVINHOS PEGOU A CURVA ERRADA E ESBARROU EM UMA CATIVA TERRÁQUEA CHAMADA ETHEL."

Quadro 2 — Primeiro plano de Ethel, que acena amigavelmente para o leitor. Ethel está numa sala totalmente branca e vazia. Não há móveis. Não há nada: só um cartaz de Woodstock na parede e, fora isso, outro cartaz, bem padrão, que afirma: "A guerra faz mal às crianças e outros seres vivos".
Rec: "ETHEL TINHA 654 ANOS. GRAÇAS AO ELIXIR DA IMORTALIDADE, NINGUÉM LHE DARIA MAIS QUE 30."

Quadro 3 — Ethel, sentada em campo aberto, com um recém-nascido no colo.
Rec: "CURIOSAMENTE, O ACIDENTE DE ETHEL RESULTOU EM UMA GRAVIDEZ. NOVE MESES DEPOIS, EU NASCI."

Quadro 4 — Vemos Stardust, devidamente paramentado, singrando o espaço. Ele tem aproximadamente 17 anos e cabelos azul-prata compridos. Sua pele é macia e reluzente como a dos Sud-Mese, mas com um tom dourado. Ele tem um brilho cintilante, como se tivesse minúsculas bolhas de joias, dispersas pelo rosto. O figurino fica a cargo do artista, mas aqui vão algumas sugestões e algumas exigências. Sugestão: o traje todo devia ser borrifado com brilhos e deve passar a impressão de um punk com um tiquinho de inteligência e de integridade. Um punk do CBGB, esperto e malandro, mas com classe. EXIGÊNCIA: a fivela do seu cinto TEM que ter um GRANDE Ponto de Interrogação – *?* – porque este garoto é um indagador de primeira. EXIGÊNCIA: as calças (ou colante, ou o que for) seguem o padrão de jeans azul, com pequenos Pontos de Interrogação – ??????? – bordados sobre a parte de baixo da perna da calça. MAIS: S.D. é cercado por um campo de força visível enquanto voa.
Obrigado.
Stardust: MEU NOME É...
Logo: STARDUST!!

Créditos: UMA KONFUSÃO KÓSMICA DECIDIDAMENTE DISTINTA QUE CHEGA ATÉ VOCÊ PELAS MÃOS DE J.M. DE MATTEIS, CRIADOR E ROTEIRISTA ETC.

PAGE TWO

Panel 1 A Gel-Doss Egg is seen blundering into a plain-looking Earth woman (attired in mid-sixties polka-dot mini-skirt, white go-go boots and peasant blouse. There's a peace button on the army knapsack which she is dragging at her side). Literal sparks fly between them, electrical sparks, and the woman screams.
Caption: "THE GEL-DOSS HAVE LITTLE COMMERCE WITH THEIR SPECIMENS BUT, 17 YEARS AGO, ONE OF THOSE DISCONCERTING EGGIES TOOK A WRONG TURN AND BLUNDERED INTO A CAPTURED EARTH WOMAN NAMED ETHEL."

Panel 2 A close shot of Ethel, who is waving amiably at the reader, Ethel is standing in a sparse, white room. No furniture. No nothin': just a Woodstock poster on the wall and, beside that, another poster, the standard one, proclaiming: "War is harmful to children and other living things."
Caption: "ETHEL WAS 654 YEARS OLD. THANKS TO THE IMMORTALITY ELIXIR SHE DIDN'T LOOK A DAY OVER 30."

Panel 3 Ethel, sitting in a field, with a new-born infant on her lap.
Caption: "CURIOUSLY, ETHEL'S ACCIDENT RESULTED IN HER BECOMING PREGNANT. NINE MONTHS LATER, I WAS BORN."

Panel 4 We see Stardust, in full regalia, zipping through space. He is app. 17 years old, with long silver-blue hair. His skin is smooth and glistening like the Gel-Doss but of a golden tint, with sparkling glitter, like miniscule jewel-pimples, scattered across his face. His costume can be up to the artist but here are a few suggestions and a few demands. Suggestion: the whole costume should be sprinkled with glitter and should give the impression of an punk-rocker with a modicum of intelligence and integrity. A street wise CBGB punk with class. DEMAND: his belt buckle MUST display a HUGE QuestionMark -?- 'cause this kid is a seeker first class. DEMAND: pattern his pants (or tights, or whatever) after standard blue jeans, with small QuestionMarks -???????- embroidered across the bottom of the pantsleg. ALSO: S.D. is surrounded by a visible force field as he flies.
Thank you.
Stardust: MY NAME IS...
Logo: STARDUST!!

Credits: A DECIDEDLY DIFFERENT BRAND OF KOSMIC KONFUSION BROUGHT TO YOU BY J.M. DE MATTEIS, CREATOR AND WRITER, ETC..

De MATTEIS

STARDUST

PÁGINA TRÊS

Quadro 1 — Plano de montagem com a infância de Stardust. Vemos ele em várias idades, com vários trajes (roupas ridículas de várias eras, vários planetas, misturas absurdas): comendo, dormindo, batendo papo com mulheres-lagarta tricéfalas, o que for. Passar ideia de uma vida tediosa, sem emoção.
Rec: "PASSEI MEUS ANOS DE FORMAÇÃO BATENDO PERNA NO ZOOLÓGICO: CAMINHANDO, COMENDO, DORMINDO, CONVERSANDO SOBRE NADA. QUE EXISTÊNCIA INTERESSANTE, NÃO ACHA?"

Quadro 2 — Stardust (aparência de 12 anos) mexendo no nariz enquanto um Sud-Mese passa.
Rec: "QUANDO EU TINHA 12 ANOS, JÁ HAVIA CRIADO MINHA FILOSOFIA. MINHA FILOSOFIA ERA A SEGUINTE: A VIDA ERA NECAS. NADA DE MAIS, EU SEI, MAS ERA O QUE EU TINHA."

Quadro 3 — Stardust aos 17 anos dentro de uma biblioteca IMENSA (prateleiras e mais prateleiras de livros) lendo O Som e a Fúria, de Faulkner. Numa pilha ao seu lado estão As Sereias de Titã, de Vonnegut, Alguma Coisa Aconteceu, de Heller, Por Que Eu Odeio Andrômeda, de Vzzripp Klimmmitt, e o Cândido, de Voltaire.
Rec: "HAVIA UMA COISA BOA NO ZOOLÓGICO – EU TINHA ACESSO À BIBLIOTECA MAIS VOLUMOSA DO UNIVERSO. FOI ONDE DESCOBRI QUE HAVIA GRANDES PENSADORES QUE, EMBORA NÃO MORASSEM NO ZOOLÓGICO, HAVIAM CHEGADO ÀS MESMAS CONCLUSÕES QUE EU EM RELAÇÃO À VIDA."

Quadro 4 — Stardust, na biblioteca, confrontado por um dos Ovos.
Rec: "ENTÃO, NO MEU 17º ANIVERSÁRIO, ENQUANTO EU FOLHEAVA UMA ANTIGA PEÇA SOBRE DOIS ESQUISITÕES ESPERANDO UM CARA CHAMADO GODOT..."
Ovo: STARDUST, LEVANTE-SE! SEU PAI O CHAMA!
S.D.: MEU... QUÊ?
Rec (embaixo): "NEM PRECISO DIZER QUE FIQUEI CHOCADO."

PAGE THREE

Panel 1 Montage shot of Stardust's early life. We see him at various ages, in various costumes (: should be fairly ridiculous clothes from all eras, from all planets, absurdly mixed): eating, sleeping, chatting with a three-headed catipillar-woman, whatever. Should give the effect of a tedious, thrill-less, life.
Caption: "I SPENT MY FORMATIVE YEARS JUST KNOCKING AROUND THE ZOO: WALKING, EATING, SLEEPING,TALKING ABOUT NOTHING IN PARTICULAR. TERRIBLY INTERESTING EXISTENCE, RIGHT?"

Panel 2 Stardust (app. age: 12) thumbing his nose at a passing Gel-Doss.
Caption: "BY THE TIME I WAS 12, I HAD DEVELOPED MY OWN PHILOSOPHY. THIS WAS MY PHILOSOPHY: LIFE IS ZILCH. NOT MUCH, I KNOW, BUT IT WAS ALL I HAD."

Panel 3 The 17 year old Stardust sitting in a HUGE library (shelves upon shelves of books) reading Faulkner's The Sound and the Fury. Stacked up on a table next to him are Vonnegut's Siren's of Titan, Heller's Something Happened, Why I hate Andromeda by Vzzripp Klimmmitt, and Voltaire's Candide.
Caption: "THERE WAS ONE NICE THING ABOUT THE ZOO -- I HAD ACCESS TO THE MOST VOLUMINOUS LIBRARY IN THE UNIVERSE. THAT'S WHERE I FOUND OUT THAT THERE HAD BEEN MANY GREAT THINKERS WHO, ALTHOUGH, THEY DIDN'T LIVE IN MY ZOO, HAD COME TO THE SAME CONCLUSIONS ABOUT LIFE THAT I HAD."

Panel 4 Stardust, in the library, confonted by one of the Eggs.
Caption: "THEN, ON MY 17th BIRTHDAY, AS I SAT PAGING THROUGH AN ANCIENT PLAY ABOUT TWO WEIRDOS WAITING FOR THIS GUY NAMED GODOT..."
Egg: STARDUST, ARISE! YOUR FATHER CALLS!
S.D.: MY...WHAT?
Caption (bottom): "NEEDLESS TO SAY, I WAS STUNNED."

Leialoha? Gammill?

MOONSHADOW STARDUST?

Moonshadow... mãe hippie, ela foi raptada pelos ÍAMEN-SUED, levada para um zoológico intergaláctico, engravidou deles... ele é criado no Zoo. Solitário. ABSOLUTAMENTE idealista/romântico, à moda de Dom Quixote... passa o tempo todo na biblioteca, lendo-lendo-lendo. Aproximadamente 15 anos.

Klipper... sujeito à la Primo It, velho, chapéu-coco, cachimbo e ranzinza com tudo. Totalmente cínico, sarcástico, azedo com a vida. Não está nem aí se ficar ali pra sempre. A relação com o garoto é extremamente frágil (talvez aversão afetuosa).

Os Í.S. mandam eles embora na nave, A U.S.S. Decrépita. Moonshadow conhece a fria realidade, Klipper encontra a vida e, por fim, a esperança. Eles aprendem um com o outro, aprendem a amar um ao outro e, no fim, os insensíveis ÍAMEN-SUED revelam-se sensíveis... mas ainda seres Imprevisíveis, Misteriosos, Ambíguos.

Uma jornada do insignificante e do desespero ao sentido e à esperança.

Leiabacha?
Gummi!!?

MOONSHADOW STARDUST?

Moonshadow ... mother a hippie, kidnapped by ELAK-ONDOG, taken to intergalactic zoo, impregnated by them ... he's raised in The Zoo. A loner. A TOTAL idealist/Romantic, in the Don Quixote mold ... spends all his time in the library, reading - reading - reading. About 15 yrs. old Klipper ... old, Cousin It-like with a bowler hat, pipe, and a chip on his shoulder. Totally cynical, sarcastic, soured on life. Doesn't care if he sits there forever. Has only a very tenuous relationship with kid (perhaps affectionate hatred).

The E.O. kick 'em out in their ship, the U.S.S. Decrepit. Moonshadow meets cold reality, Klipper finds life and, ultimately, hope. They learn from one another, they learn to love one another and, ultimately, the uncaring ELAK-ONDOG are revealed as very purposeful, caring beings ... but Unknowable, Mysterious, Ambiguous.

The journey from meaninglessness and hopelessness to meaning and hope.

Em 1983, a velha ideia de *Stardust* evoluiu e virou uma coisa nova e mais profunda, assim como emergiu o tema principal da história – "Uma jornada do insignificante e do desespero ao sentido e à esperança".

MOONSHADOW (Stardust?): breve esboço

Era uma vez, em uma XXX galáxia não tão distante, uma raça de seres chamados ÍAMEN-SUED: seres estranhos e misteriosos que – pelo menos ao olho humano – pareciam sorrisos incorpóreos e flutuantes, tal como o gato da Alice, cercados por uma nuvem de luz. Poucas raças sabem da existência dos Í.S. e as que sabem não entendem nada. Isso porque os Íamen-Sued não demonstram motivação ou propósito no que fazem. Cada atitude deles parece ditada exclusivamente pela veneta.

Foi por veneta que se fundou o ZOOLÓGICO, onde seres de todas as galáxias são raptados a esmo e reunidos para passar o resto de seus dias prisioneiros dos Í.S. Prisioneiros que ficam bem à vontade: bem alimentados, saúde perfeita e vidas prolongadas pelos compostos químicos dos Í.S. – mas, ainda assim, presos.

Tipicamente, os Í.S. não estavam nem aí para os espécimes no zoológico. Assim que capturados, eles eram absolutamente ignorados. Os espécimes passavam a vida inteira – às vezes séculos – pensando qual lógica haveria por trás da loucura dos apreensores. Mas a única conclusão a que se chegava era a seguinte: NÃO HÁ CONCLUSÃO POSSÍVEL. (Aliás, um espécime – um filósofo alienígena chamado Ragstone Philit, autor do elogiado tomo SOMOS FORMIGAS INSIGNIFICANTES EM UM COSMO SEM PROPÓSITO, – entendeu as atitudes dos Íamen-Sued como prova de suas teorias de que somos formigas insignificantes em um… bom, você já entendeu.) Enfim…

Foi a este zoológico que chegou Sheila Bernbaum – que os colegas da Comuna "Pax", no interior de Nova York, conheciam como "Sunflower". Em fins de 1968, Sheila estava na varanda da Comuna, acariciando o cão-pastor Frodo e fazendo de tudo para encontrar as grandes verdades do Bhagavad Gita, quando uma luz desceu do céu, envolveu ela e Frodo e levou-os dali. Dali para o zoológico.

Uma vez lá, a Sheila chocada (que, de início, entendera sua captura como revelação divina) foi escolhida (de novo – por pura

SEGUE

MOONSHADOW (Stardust?): a brief outline

Once upon a time, in a ~~XXX~~ galaxy not so far away, there lived a race of beings call THE ERAC-ONDOG: Strange, mysterious beings that -- to the human, eye, at least -- looked like bodiless, floating, Cheshire Cat grins surrounded by a ~~XX~~ nimbus of light. Few races knew of the E.O.'s existence and those that did could not fathom them at all. For the Erac-Ondog seemed to have no motivations, no sense of purpose, behind anything they did. Their every action seemed dictated sheerly by whim.

Out of one whim was formed the ZOO where, from all across the galaxies, beings were randomly plucked up and a gathered together to live out their days as prisoners of the E.O.. Very comfortable prisoners -- well-fed, granted perfect health and extended lives by various E .O. chemicals — but prisoners none-the-less.

Typically, the E.O. appeared to care not one whit for their zoo specimens. Once captured, they were all-but ignored. The zoo specimens often spent their entire lives -- sometimes centuries on end — pondering the methods behind their captors' madness. But the only ~~XXXXXXX~~ conclusion that could be arrived at was this: NO CONCLUSION WAS POSSIBLE. (In fact, one ~~XXXXXXX~~ specimen -- an alien philosopher named Ragstone Philit (author of the much-praised volume WE ARE MEANING-LESS ANTS IN A PURPOSELESS COSMOS)-- took the actions of the Erac-Ondog as proof of his theories that we are meaningless ants in a...well, you get the idea.) Anyway...

Into this zoo came Sheila Bernbaum -- known to her fellows in the "Pax" Commune in upstate New York as "Sunflower." In late 1968, Sheila was on the Commune's front porch, petting her sheepdog, Frodo, and trying her best to absorb the Great Truths of The Bhagavad Gita, when a light swept down from the night sky, en-~~XXX~~veloped her and Frodo, and whisked them away. To the zoo, of course.

Once there, the nearly-shell-shocked Sheila (who, at first, had taken her capture to be a divine revelatoin of sorts) was chosen (again -- simply on a

MORE

Conforme a ideia inicial desabrochou, fui mais a fundo na história e a destrinchei. Algumas ideias chegaram à obra final, outras não.

veneta) para casar com um dos Íamen-Sued. O resultado desse casamento – que durou uma noite só – foi o nascimento, nove meses depois, de um bebê roliço que Sheila batizou de... Moonshadow.

Nem é preciso dizer que Sheila nunca mais viu seu "marido" (não que o teria reconhecido caso visse, já que todos Í.S. são exatamente iguais).

Quinze anos se passaram... e Moonshadow cresceu. Já que a maioria dos espécimes alien considera os terráqueos (sim, ele puxou a família materna) repugnantes, o garoto NÃO teve amigos fora sua mãe, Frodo (parece que os compostos químicos que ampliam a vida também funcionavam com cachorros), e um alien resmungão de um metro e trinta chamado CLIKKER. Clikker era um velho humano (se é que se pode chamar de humano. Na verdade, ele lembrava apenas um esfregão vivo de chapéu-coco), um cínico cujos anos no zoológico transformaram-no no ser mais zangado e desagradável em toda a Criação.

Porém, por algum motivo imperscrutável, Moonshadow adorava Clikker, vendo-o como uma espécie de figura paterna e peluda. Clikker fez o possível para dissuadir o garoto, mas sua recusa apenas ajudou a alimentar a afeição que Moonshadow sentia por ele. Desesperado, Clikker buscou ajuda de Sheila, implorando a ela para manter o garoto a distância do doce domo que Clikker chamava de lar. Sheila disse a Clikker para "relaxar e seguir o fluxo". Assim, o pequeno homem-esfregão fez o possível para tolerar Moonshadow – bebendo até desmaiar para amenizar a situação (ele começou a gostar de cerveja terráquea... graciosamente fornecida pelos Í.S.).

Porém, mesmo com estes amigos (ou, quem sabe, por causa deles), Moonshadow passava a maior parte da vida na enorme biblioteca que os Í.S. providenciaram a pedido de Sheila. (Este era o grande mistério no que dizia respeito aos Íamen-Sued: você nunca tinha como saber se a veneta deles ia cruzar com suas vontades. Sheila pediu dezenas de coisas – discos do Richie Havens, uma trouxinha de haxixe, um autógrafo de Bob Dylan (para ficar em poucos) – mas foi ao seu pedido de uma biblioteca particular que os Í.S. atenderam.) E que biblioteca! Dezenas de milhares de livros, da mais elevada literatura terráquea à mais baixa pornografia terráquea

SEGUE

whim) to marry one of the Erac-Ondog. The result of this marriage -- which only lasted one night -- was the birth, nine months later, of a bouncing XXXXX baby boy, whom Sheila named...Moonshadow.

Needless to say, Sheila never saw her "husband" again (not that she could have recognized him had she seen him, since all the E.O. looked exactly alike).

Fifteen years passed...and Moonshadow grew. Since most of the alien specimens found Earthers (yes, he resembled his mother's side of the family) repulsive, the boy had NO friends save for his mother, Frodo (the life-extension chemicals apparently worked on dogs, as well), and a four-foot, five-inch tall alien grouch named CLIKKER. Clikker was an old man (if you could call him a man. In truth, he resembled nothing so much as a living mop wearing a bowler hat), a true cynic whose years in the zoo had made him perhaps the most sarcastic, grump, and unpleasant being in all Creation.

But, for some unfathomable reason, Moonshadow adored Clikker, viewing him as some kind of furry father figure. Clikker did his best to dissuade the boy, XXXXXXXXXXXXXXX but his rejection only served TO further XXXX fuel Moonshadow's affections. In desperation, Clikker turned to Sheila for help, begging her to keep the boy away from the humble dome that XXX Clikker called home. Sheila told Clikker to "cool out and go with the flow." So, the little man-mop did his best to tolerate Moonshadow -- drinking himself into a stupor to help ameliorate matters (he'd developed quite a taste for Earth beers...graciously provided by the E.O.).

But, even with these friends (or, possibly, because of them), Moonshadow spent a majority of his time in the XXXXXX enormous library the E.O. had provided in response to one of Sheila's requests. (Here was the greatest mystery of all where the Erac-Ondog were concerned: You never knew when their whim would intersect your wishes. Sheila had asked for dozens of things -- Richie Havens records, a supply of hashish, Bob Dylan's autograph (to name just a few) -- but it was her request for a personal library that the E.O. responded to.) And what a library it was! Tens of thousands of books, from the highest Earth literature to the lowerst Earth pornography

MORE

MOONSHADOW/De Matteis/3

(a seção pornô era a que Clikker frequentava. Nada como uma latinha de cerveja e um exemplar de Peleja Lasciva num sábado à noite). Moonshadow passava dias a fio andando pelos corredores, escalando prateleiras, lendo até os olhos arderem. Seus gostos tendiam para as Aventuras, os Romances e os Grandes Ideais. Alimentado pela retórica sessentista e deslumbrada da mãe, sob o alento de tipos como Homero, Cervantes, Shelley, Keats, Bradbury e literalmente milhares de outros autores, Moonshadow havia tornado-se um Sonhador de Primeira Ordem. Para ele, a Vida era maravilhosa; sensacional; miraculosa; um festival. Ele estava cego ao horror e ao sofrimento inerentes à Condição Humana e, nas raras ocasiões em que reconhecia tais questões, as via pelas lentes cor-de-rosa de romântico incurável. Seu maior sonho era navegar pelo cosmo a bordo de uma nave robusta e confiável, para encontrar aventura, belas mulheres, estímulo, belas mulheres, desafios e – é claro – belas mulheres.

(Não que alguma vez ele já tivesse visto uma bela mulher, ou qualquer raça humanoide, que não em [PÁGINAS DE] livros. Porém, como um verdadeiro Dante em formação, ele já tinha uma imagem mental de sua Beatrice e tinha certeza de que a reconheceria assim que a encontrasse.)

Então, um dia, o pai desaparecido de Moonshadow surgiu na biblioteca e informou ao garoto que havia chegado sua hora de sair do zoológico, de buscar as aventuras que tanto desejava. Aquilo era inédito. NUNCA acontecera de ALGUÉM sair do zoológico. Moonshadow, diante da realidade de partir, reagiu com pânico absoluto. "S-sair? Por quê?!" "Porque", respondeu seu pai. "Por quê...?", perguntou Moonshadow. "Por que..."

E parou por aí. Moonshadow ficou com uma espaçonave nada perfeita (mais tarde batizada U.S.S. Decrépita) e uma tripulação ainda mais ordinária: sua mãe (cujos anos no zoológico haviam cobrado o preço da sua sanidade. Ela estava senil aos 34) e Clikker, que foi arrastado a bordo gritando e esperneando.

Junto ao sempre leal e sempre faminto Frodo, o trio foi lançado ao espaço, rumo a uma série de aventuras diferentes de tudo que já se viu nos quadrinhos.

TÁ, MAS SOBRE O QUE QUE É?

MOONSHADOW é um conto picaresco na tradição de Dom Quixote e A Vida de

SEGUE

(the porno wing being the one Clikker frequented. Nothing like a can of beer and a copy of Lust Rumble to make your Saturday night). Moonshadow would spend days on end, wandering the isles, climbing the stacks, reading until his eyes ached. His tastes ran toward tales of High Adventure, Romance, and Grand Ideals. Fed by his mother's late-XXXsixties, star-eyed rhetoric, fueled by the likes of XXXXX Homer, Cervantes, XXXXX Shelley, Keats, Bradbury, and, literally, thousands of other authors, Moonshadow had grown into a Dreamer of The First Order. To him, Life was wonderful; awesome; miraculous; a festival! He was blind to the horror and suffering inherent in the Human Condition and, on the rare occasions when he acknowledged such matters at all, he viewed them through the rose-tinted glasses of the incurable romantic. His greatest dream was to sail through the cosmos on board a good, strong ship, finding adventure, beautiful women, excitement, beautiful women, challenge, and -- of course -- beautiful women.

(Not that he'd ever seen a beautiful woman of his own (or any humanoid) race outside of a book. But, like a true Dante-in-trafning, he'd already drawn a mental picutre of his Beatrice and was certain he'd recognize her when they finally met.)

Then, one day, Moonshadow's long-lost father appeared in the library and informed the boy that his time had come to leave the zoo, to seek the adventure he so desired. This was unheard of. NOBODY had EVER left the zoo. Moonshdaow, faced with the reality of leaving, reacted with total panic. "L-Leave? Why?!" "Because," was his father's reply. "Because?" asked Moonshadow. "Because..."

And that was that. Moonshadow was given a less-than perfect starship (later dubbed The U.S.S. XXXXXXX Decrepit) and an even shoddier crew: His mother (whose XXXXXXX years in the zoo had taken he their toll on her sanity. She was senile at 34) and Clikker, who was dragged, kicking and screaming, on board.

Together with the ever-loyal, ever-hungry Frodo, the trio was rocketed off into space, toward a series of adventures unlike any ever seen in comics.

SO, WHAT IS THIS REALLY ABOUT?

MOONSHADOW is a picaresque tale in the tradition of Don Quixote and The Life of

MORE

MOONSHADOW/De Matteis/4

Lazarilho de Tormes. Partimos de um inocente de olhinhos brilhando, lançamos ele ao universo frio e cruel e o fazemos encarar a vida. Não a vida romântica e idealizada que Moonshadow tinha em mente... mas a Vida Pra Valer.

MOONSHADOW também é o estudo de uma amizade; o laço que se desenvolve entre o garoto e o velho Clikker. Conforme Moonshadow vem a aprender as asperezas da realidade, Clikker começa a redescobrir sua inocência e sua esperança perdidas. Ao longo de suas incríveis proezas, os dois vão ficar cada vez mais próximos, aprender um com o outro, aprender a se amar. Veremos que Moonshadow precisa da sua dose de realidade tanto quanto Clikker precisa de sua inocência perdida. É só a partir da experiência com estes opostos – como se vê no Grande Desconhecido e um no outro – que eles crescem como indivíduos. (Quanto a Sheila, ela vai morrer cedo... o primeiro confronto do garoto com a morte. Para felicidade dos cinófilos, Frodo sobrevive.)

Depois disto, a essência do livro será a jornada da Ilusão à Realidade. (E não interessa se a Ilusão é o otimismo ingênuo de Moonshadow – que vai, por fim, dar lugar a um otimismo baseado em algo mais substancioso do que um exemplar de Os Três Mosqueteiros – ou o cinismo neurótico de Clikker. MOONSHADOW tem a ver com despertar; cumprir a jornada que vai dos sonhos insignificantes e das esperanças ilusórias... à Esperança Real e ao nível de Realidade que transcende aquilo que aceitamos como realidade.

Parece pesado, hein?

Mas todo o tom do livro (como agora você há de dizer) será bem o oposto. Será inerente à série o SENSO DE HUMOR, uma espécie de CAPRICHO CÓSMICO. Filosofia com uma risadinha de canto. Kurt Vonnegut no espaço sideral. Para somar a esta sensação, teremos um narrador: nossa história será contada pelo próprio Moonshadow, muitos, muitos anos após os fatos da nossa série. E os olhos da idade só conseguem enxergar a juventude distante – mesmo quando ela foi mais melodramática – com um sorriso sagaz.

Ah, sim: pode apostar que, independentemente do que você ache que são os Íamen-Sued... não são.

FIM

Lazarillo. We are taking a wide-eyed innocent, kicking him out into the cold, cruel universe, and having him come face-to-face with Life. Not the romantic, idealized life Moonshadow has been living in his head...but The Real Thing.

MOONSHADOW is also the study of a friendship; the growing bond between the boy and old Clikker. As Moonshadow comes to learn the harsh facts of reality, Clikker begins to rediscover his lost innocnece and lost hope. Through all their incredible exploits, these two will grow closer and closer, learning from one another, learning to love one another. We'll see that Moonshadow needs his dose of reality as much as Clikker needs his lost innocence. Only through experience of these opposites -- as found in the Great Unknown and in each other -- do they grow as individuals. (As for Sheila, she'll be dying early on...the kid's first confrontation with death. Happily for the dog lovers of the world, Frodo will survive.)

Beyond that, the essence of this book will be about the journey from Illusion to Reality. (Whether the Illusion is Moonshadow's naive positivism -- which will, ultimately, be replaced by a positivism based on something more substantial than a copy of The Three Musketeers -- or Clikker's neurotic cynicism doesn't matter. MOONSHADOW is about waking up; about making the journey from meaningless dreams and illusory hopes...to a Real Hope and a level of Reality that transcends that which we take to be reality.

Sounds heavy, eh?

But the whole tone of the book (as you might be able to tell by now) will be just the opposite. Inherent in the series will be a SENSE OF HUMOR, a kind of COSMIC WHIMSY. Philosophy with a knowing chuckle. Kurt Vonnegut in outer space. Adding to this feeling will be the narration: Our tale will be told by Moonshadow himself, many, many years after the events or of our series. And the eyes of age can't help but look upon long-ago youth -- even at its most melodramatic -- without a knowing smile.

Oh, yeah: You can bet that whatever you think the Erac-Ondog are...they aren't.

END

A Lista dos Livros Preferidos de Moonshadow

(sem ordem em especial)

1. Os Três Mosqueteiros
2. Peter Pan
3. A trilogia Senhor dos Anéis
4. O Capitão Blood
4. On The Road: Pé na Estrada
6. O Vinho da Alegria
7. Bhagavad Gita
8. Um Estranho numa Terra Estranha
9. A Ilha do Tesouro
10. Alice no País das Maravilhas
11. Os livros de Oz
12. A Mitologia de Edith Hamilton
13. Poemas de Shelley
14. Poemas de Blake
15. Sidarta
16. A Odisseia
17. A Morte de Artur
18. A série de Conan
19. O Homem da Máscara de Ferro
20. Poemas de Keats
21. Poemas de Lord Byron
22. O Morro dos Ventos Uivantes
23. Dom Quixote
24. Os Grandes Heróis dos Quadrinhos
25. A Felicidade Rosewater

Os Livros Preferidos de Clikker

1. Esperando Godot
2. Ratos e Homens
3. Somos Todos Formigas em um Cosmo Sem Sentido
4. Discípulos de Satã
5. Peleja Lasciva

Os dois últimos são os mais lidos na coleção de pornografia de Clikker.

Por fim – eu diria que citações literárias e afins seriam importantes em uma série como esta... e descobri que, de certo modo, resumem vários aspectos da série.

"...quando estiver dormindo na sua cama sem graça, pode ser que você esteja voando comigo – contando besteiras para as estrelas."
Peter Pan a Wendy

A List of some of Moonshadow's Favorite Books

(in no particular order)

1. The Three Musketeers
2. Peter Pan
3. The Lord of the Rings trilogy
4. Captain Blood
5. On the Road
6. Dandelion Wine
7. The Bhagavad Gita
8. Starnger in a Strange Land
9. Treasure Island
10. Alice in Wonderland
11. The Oz Books
12. Edith Hamilton's Mythology
13. Shelley's poetry
14. Blake's poetry
15. Siddhartha
16. The Odyssey
17. Mort D'Arthur
18. The Conan series
19. The Man in the Iron Mask
20. Keats's poetry
21. Lord ~~Byron~~ Byron's poetry
22. Wuthering Heights
23. Don ~~Qui~~ Quixote
24. The ~~Gre~~ Great Comic Book Heroes
25. God Bless You, Mr. Rosewaetr

~~XXX~~ Clikker's Favortie Books
1. Waiting for Godot
2. Of MIce and Men
3. We Are All Ants in a Meaningless Cosmos
4. Satan's Disciples
5. Lust Rumbler

These last two are the most-read volumes in Clikker's pornography collection.

Finally -- I would think that literary quotes and such would be important in a series like this...and I found one that, in many ways, sums up many aspects of this series.

"...when you're sleeping in your silly bed, you might be flying about with me -- saying funny things to the stars."
Peter Pan to Wendy

Moonshadow: Outras Observações

Assim que Moonshadow e Companhia se lançam ao espaço, podemos começar a explorar os confins distantes do espaço sideral e do espaço espiritual. Como em toda boa picardia, nosso herói tem que passar por uma série de situações horríveis e horripilantes. Podemos tratar de amor, morte, guerra, política, religião – e, ao longo do caminho, vamos aprender mais sobre Moonshadow e Klikker.

Por Exemplo...

Morte: no início da série, a mãe de Moonshadow vai morrer. É o primeiro indicativo que o garoto tem de que o universo não é este lugar supimpa, romântico, que ele acredita ser. Vamos explorar sua reação a esta morte, assim como a de Klikker. (KLIKKER, pelo menos neste ponto da nossa história, é um fatalista resignado. A morte não o toca. Ele espera; ele está, aliás, obcecado pela morte. Ele fica aguardando que o desastre desabe na sua cabeça, que traga a morte consigo.) Moonshadow, porém, nunca vivenciou uma morte. E, na reação dele, que será uma mistura de reações, podemos tratar Homem e Morte de vários ângulos. Importante para o resto da série: quando morre, Sheila dá ao filho seu bem mais valioso: sua flauta. O garoto foi criado com a música dessa flauta; ela simboliza para ele tudo que a vida tem de alegre e misterioso. Embora ele a tire das mãos moribundas da mãe, Moonshadow recusa-se a levar a flauta aos lábios (a não ser para tocar uma canção lacrimosa durante o velório). Ele carrega a flauta consigo pelo resto da série. Mesmo quando chega às profundezas absolutas do desespero espiritual, ele inconscientemente se agarra à flauta. (Ah – mas e se ele não se agarrar? E se, em dado momento – quem sabe quando Klikker, enfim, morrer? – Moonshadow jogar a flauta fora de desgosto? Então poderemos utilizá-la com grande efeito no Grand Finale!)

Guerra: o que Moonshadow entende de guerra, assim como tudo mais que ele sabe da vida, vem dos livros. Ele imagina que todas as guerras são nobres, que quem batalha são homens de Ideais Majestosos; homens que lutam e morrem para preservar a liberdade e a dignidade humana. Assim, quando nossos dois heróis são inadvertidamente alistados em um exército alienígena e lançados no meio de um conflito intergaláctico particularmente sanguinário e sem sentido, Moonshadow terá uma brusca – e terrível – surpresa. Lembram-se das experiências de guerra do pobre Boris no Última Noite de Boris Grushenko, de Woody Allen? ("Se eles matarem mais russos, eles vencem! Se nós matarmos mais franceses – nós vencemos!") Então, vocês têm uma noção do que aguarda Moonshadow e Klikker.

Política: imaginem se assim puderem: devido a uma série de acidentes desafortunados, Klikker torna-se herói de guerra. Mais que isso – torna-se um herói do povo. Centenas de milhares de pessoas põem seu retrato na parede de casa. Ele é visto como a epítome do heroísmo e da glória na guerra. Por isso é natural que, assim que a guerra termina, certas facções políticas convençam (bom, na verdade, forcem) Klikker a concorrer a um cargo. E, a partir daí, Moonshadow, Klikker e nossos leitores verão os bastidores da hipocrisia daqueles que cobiçam o poder.

Amor (e, com ele, Luxúria): Moonshadow é virgem. Também é um cara com uma visão muito distinta (e romântica) d'A Mulher Que Ele Um Dia Conhecerá. Em certo momento, mais à frente na nossa saga, Klikker – o canalha excitado que é – leva nosso Jovem Inocente (que, nesta hora, já não é tão inocente. Ele já teve vários sonhos despedaçados – e está confuso e magoado) a um Planeta do Prazer que tem as melhores prostitutas do universo. Para Klikker, é o Paraíso. Para Moonshadow, é puro desgosto. Onde está sua Beatrice? Onde está sua mulher perfeita? Por um estranho acidente, ele acaba conhecendo-a (ou a mulher que ele acredita ser ela) no Planeta do Prazer e aí se segue um breve – mas ardente – romance que não se concretiza. Não que faça diferença para Moonshadow. Ele encontrou o Céu na Terra com esta mulher e para ele basta. Ao fim, sua idealização da dama é o que destrói sua relação

SEGUE

Moonshadow: Further Notes

Once Moonshadow and Company blast off into space, we can begin to really explore the farthest reaches of both outer and inner space. As in all good picaresque novels, our hero should be dragged through a multitude of horrible and horrifying situations. We can explore love, death, war, politics, relgion -- and, through it all, we'll be learning about Moonshadow and Klikker.

For Instance...

Death: Early on in the series, Moonshadow's mother is going to die. This is the first indication the kid has that the universe isn't the swell, romantic place he believes it to be. We're going to explore his reaction to that death, as well as Klikker's. (Klikker is, at least at this point in our tale, a resigned fatalist. Death doesn't touch him. He expects it; is, in fact, obsessed with it. He keeps waiting for disaster to come crashing in on him, bringing death along with it.) Now Moonshadow has never experienced death. And, in his reaction, which will be a multitude of reactions, we can explore both Man and Death from a variety of angles. Something important for later in the series: When she dies, Sheila gives her son her prized possession. Her flute. The boy was brought up on the music of this flute; it symbolizes all of life's joy and mystery to him. Although he takes it from his mother's trembling hands, Moonshadow refuses to put that flute to his lips (except, perhaps, to play a lachrymal tune at her burial). He carries it with him for the rest of the series. Even when he reaches the absolute depths of spiritual despair, he unconsciously clings to it. (Ah -- but what if he doesn't? What if, at one point (perhaps when Klikker finally dies?) Moonshadow tosses the flute away in disgust? Then we can use it to optimum effect in the Grand Finale!

War: What Moonshadow knows of war is, like everything else in his life, learned from books. He imagines that all wars are noble wars, fought by men of Grand Ideals; men who fight and die in order to preserve freedom and human dignity. So, when our two heroes are inadvertently inducted into an alien army and thrust into the middle of a particularly bloody and senseless intergalactic conflict, Moonshadow is in for some rude -- and awful -- surprises. Remember poor Boris's wartime experiences in Woody Allen's Love and Death? ("If they kill more Russians, they win! If we kill more Frenchmen -- we win!") Then you've got a glimmer of what Moonshadow and Klikker are in for.

Politics: Imagine this if you will: Due to an unfortunate series of accidents, Klikker becomes a war hero. More than that -- he becomes a folk hero. Hundreds of thousands of people have his picture hanging in their houses. He's viewed as the epitome of wartime heroism and glory. So, it's only natural that, once the war is over, certain political factions convince (well, force, actually) Klikker to run for high office. And, from there, Moonshadow, Klikker, and our readers can get an inside look at power-lusting hypocrisy in action.

Love (and along with it, Lust): Moonshadow is a virgin. He's also a guy with a very distinct (and romanticised) view of The Woman He Will Someday Meet. At one point, later in our saga, Klikker -- horny bastard that he is -- takes our Young Innocent (who, by this time, isn't so innocent any more. He's had one dream too many shattered -- and he's confused and hurting) to a Pleasure Planet where the universe's greatest whores are to be found. For Klikker, this is sheer heaven. But to Moonshadow, this is pure disgusto. Where's his Beatrice? His perfect woman. Through a strange accident, he ends up meeting her (or the woman he believes to be her) on the Pleasure Planet -- and there follows a brief -- but passionate -- romance that is never quite consumated. Not that it matters to Moonshadow. He's found heaven-on-Earth with this woman and that's enough for him. Ultimately, his idealization of the lady is what destroys the relationship

MORE

e o faz perder o último apoio que tinha. (E, já que estamos tratando das valsas de Moonshadow com o amor, também seguiremos o gingado de Klikker com a luxúria... e ele quase se mata na sua rota devassa pelo Planeta do Prazer.)

Religião: durante a campanha eleitoral de Klikker, nossos heróis vão deparar-se com certos representantes de Grandes Religiões-Business – através das quais veremos a hipocrisia em ação (na verdade, alguns destes caras vão aparecer durante a guerra. Dando bênçãos às tropas e contando os lucros. Ou seriam Profetas?). Mas, mais tarde, depois de suas experiências no Planeta do Prazer, nossos dois heróis chegarão ao nível mais baixo. É quando encontram uma figura à la Buda que parece ser Genuíno. Neste momento da nossa história, Moonshadow já é mais cínico do que Klikker (a quase-morte DE KLIKKER no Planeta do Prazer o fez chegar no limite. Ele começou a enxergar com outros olhos. Ele está pronto para passar para o Outro Lado). Moonshadow sente-se atraído à figura de Buda – uma parte dele está desesperada para acreditar no que ele diz (a mesma parte que se agarra a sua flauta) – mas, sem a prova interior, a experiência da Divindade... ele não tem como. Ele volta-se para o Buda, desprezando-o como charlatão. Mas Klikker percebe algo de especial... algo de inefável. Ele permanece lá entre os seguidores do Buda – e, assim, os dois amigos separam-se... Moonshadow cada vez mais amargurado, furioso e triste.

Eu sei que boa parte disso ainda é só esboço. Mas o cerne do que eu quero está aí. As histórias terão um sumo de ação, aventura e a obrigatória bravura – mas não vai haver ação só pela ação. Se não for absolutamente necessário à história, não faremos. Enfim...

...uma das partes da nossa história que está bem concreta é o Grand Finale. Que será mais ou menos assim...

Moonshadow – cuja situação mental fica em algum ponto entre o Inferno e Tijuana – fica sabendo que Klikker vai morrer. Ele corre para ficar ao lado do amigo e descobre que Klikker abandonou o Buda. Houve uma revolução na vida de Klikker, ele encontrou novas esperanças... quem sabe até a fé. Mas ele não tem provas de que existe Sentido. Que existe uma Verdade cognoscível que vai iluminar sua vida. Em uma cena que fará paralelo com a morte da mãe de Moonshadow, Klikker vai morrer tentando alcançar a Verdade, sua mão agarrando o nada. É isto que desfaz o último laço de sanidade em Moonshadow. Com raiva, ele pega a flauta que sua mãe lhe deu e joga longe. Dali, acompanhamos Moonshadow numa jornada pelo seu próprio inferno, sua própria loucura, durante a qual toda sua vida parece voltar para assombrá-lo. Talvez ele tenha tomado uma droga estranha e exótica que o faz dar um passo ao precipício. Enfim. Acabou para ele. Ele volta pelo caminho que seguiu desde que foi expulso do Zoológico dos Íamen-Sued, talvez exploda uma igreja aqui, uma estátua do Grande Herói do Povo, Klikker, ali. Causando devastação geral pelo cosmo. Por fim, Moonshadow volta ao que deveria ser o Mundo-Zoológico. Mas, com mil diabos, ele não existe mais! O que ele encontra é um planeta pequeno e lendário (as lendas vão brotar por todo lado em nossa série. É o mundo que nossos heróis vêm buscando, inconscientemente, desde o início) onde – diz a história – habita uma névoa consciente. Uma névoa viva que tem as respostas para todas as charadas da vida. Moonshadow não consegue entender como chegou lá – ele podia ter pegado a esquerda naquela última estrela quando deveria ter pegado a direita – e não está nem aí. É perfeito! Ele vai encontrar aquela névoa viva, se é que existe, e cuspir na cara dela!

Ele finalmente se depara com a caverna que a Névoa habita – e acha outra coisa caída no chão da caverna: sua flauta. É aqui, diante da névoa, que Moonshadow passa pelo que constitui uma experiência mística. Ele se encontra, encontra seus amigos, seus inimigos, a vida inteira, rodopiando nesta névoa. A vida inteira

SEGUE

and leaves our hero with his last leg pulled out from under him. (And, while we're exploring Moonshadow's dance with love, we'll also be following Klikker's boogie with lust...and he almost kills himself debauching his way across the face of the Pleasure Planet.)

Religion: During Klikker's run for office, our heroes will be encountering certain representatives of several Big Business Religions -- through whom we'll be getting a first-hand look at religious hypocrisy in action (actually, some of these guys will be showing up during the war. Blessing the troops and counting the profits. Or is that Prophets?). But, later, after their experiences on the Pleasure Planet, both our heroes have reached new lows. It's at this point that they encounter a Buddha-like figure who seems to be the Genuine Article. By this point in our tale, Moonshadow is more of the cynic than Klikker is (Klikker's near-death experience on the Pleasure Planet has pushed him over the edge. He's begun to see with new eyes. He's ready to break through to the Other Side). Moonshadow feels drawn to the Buddha figure -- a part of him desperately wants to believe what he says (the same part that clings to that flute) -- but without the inner proof, the experience of Godhead...he can't. He turns away from the Buddha, laughing him off as a charlatan. But Klikker senses something special... something ineffable. He remains among the Buddha's followers -- and thus, the two friends part...Moonshadow growing more and more bitter and angry and sad.

A good part of this is sketchy, I know. But the heart of it is there. The stories will be juiced with action, adventure, and the requisite derring-do -- but no action for action's sake. If it ain't absolutely necessary to the story, we ain't gonna do it. Anyway...

...one section of our tale that is fairly concrete is our Grand Finale. It goes something like this...

Moonshadow -- whose mental state lies somewhere between Hell and Tijuana -- gets word that Klikker is dying. He rushes back to his dear friend's side to. find that Klikker has left the Buddha. There has been a revolution in Klikker's life, he has found new hope...perhaps even faith. But he doesn't have proof that Meaning exists. That there is a knowable Truth that will illuminate his life. In a scene that will parallel the death of Moonshadow's mother, Klikker will die reaching out for that Truth, his hand grasping empty air. This snaps the final cord of sanity in Moonshadow. In anger he takes the flute his mother gave him and flings it angrily away. From there we follow Moonshadow on a journey through his own hell, his own madness, during which his entire life seems to come back and haunt him. Perhaps he takes some strange exotic drug that pushes him over the edge. Whatever. He's over. He travels back across the path he's followed since being bounced out of the Erac-Ondog's Zoo, perhaps blowing up a church here, a statue of The Great Hero of the People, Klikker, there. Generally wreaking havoc across the cosmos. Finally, he returns to what should be the Zoo-world. But, damn, it isn't there! What he does find is a small, legendary planet (the legends will come popping up throughout our series. Unconsciously, it is this world our heroes have been searching for all along) where -- the story goes -- a sentient mist dwells. A living mist that holds the answers to all life's riddles. Moonshadow can't figure out how he got there -- he could've taken a left turn at that last star when he should've taken a right -- and he doesn't care. This is perfect! He's gonna find that living mist, if it exists, and spit right into it!

He finally finds the cave where the Mist dwells -- and he finds something else lying on the floor of the cave: his flute. It's here, facing the mist, that Moonshadow has what amounts to a mystical experience. He finds himself, his friends, his enemies, all of life, wheeling around in those mists. All of life

MORE

MOONSHADOW/CONT./3

dançando, fazendo piruetas, formando um padrão, um Sentido, que até então ele nunca havia vislumbrado. Um Sentido que vai além das palavras, além…

Por fim, as imagens se aglutinam numa última imagem: a imagem do Íamen-Sued. A esfera de luz brilhante, com o sorriso enigmático do Gato de Alice no centro. Mas o sorriso não o confunde como antes. Agora ele simplesmente…

Entende.

CORTAMOS para um PLANO ABERTO da própria névoa, rodopiante e contente. Depois, de dentro da névoa, ouvimos uma música ao longe; vemos uma figura vaga imprecisa na nossa direção. Então, Moonshadow sai dançando da névoa, tocando uma música vivaz – mas ao mesmo tempo tocante e misteriosa. Com um sorriso nos lábios (um sorriso enigmático, mas familiar) e lágrimas escorrendo pelo rosto, Moonshadow dança até o amanhecer…

Flauteando.

E, com isto… o FIM…

dancing, pirouetting, forming a pattern, a Meaning, that he's never glimpsed before. A Meaning that goes beyond words, beyond....

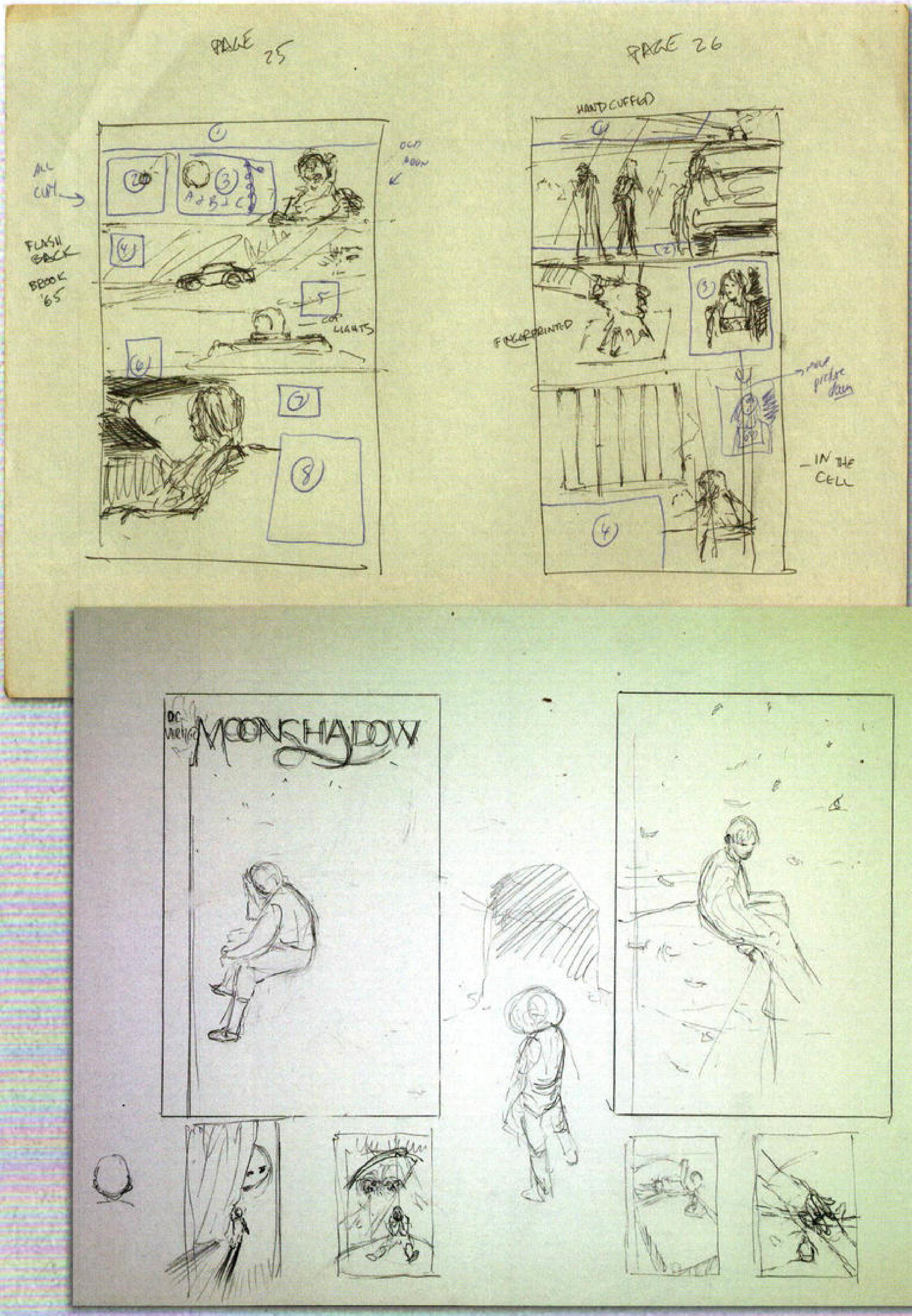
Ultimately, the images coalesce into one last image: the image of the Erac-Ondog. The bright ball of light, with the cryptic smile of the Cheshire Cat in its center. But the smile doesn't confuse him as it once did. Now he simply...

Understands.

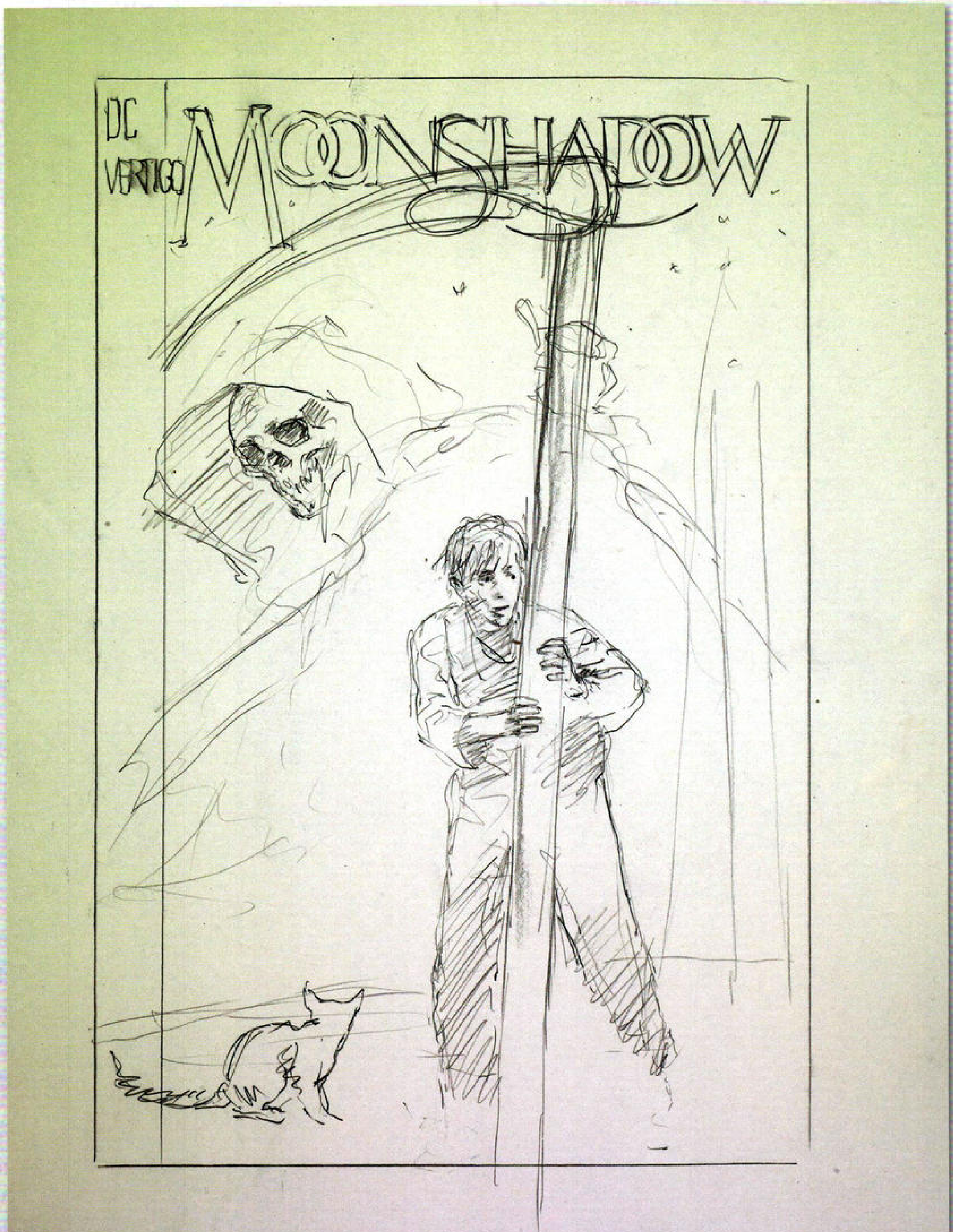
We CUT OUTSIDE to a LONG SHOT of the mist itself, swirling contentedly. Then, from within the mist, we hear a distant music; we see a vague figure coming toward us. Then Moonshadow comes dancing out of the mist, piping a sprightly -- yet somehow touching and mysterious -- tune. With a smile on his lips (a cryptically familiar smile) and tears streaming down his face, Moonshadow dances off into the dawn...

Piping.

And with that...we END...



Páginas internas de *Moonshadow* (de uma sequência descartada posteriormente) e esboços de capas por Jon J Muth.


DC
VERTIGO
MOONSHADOW

ATTN: SHELLY ROEBERG

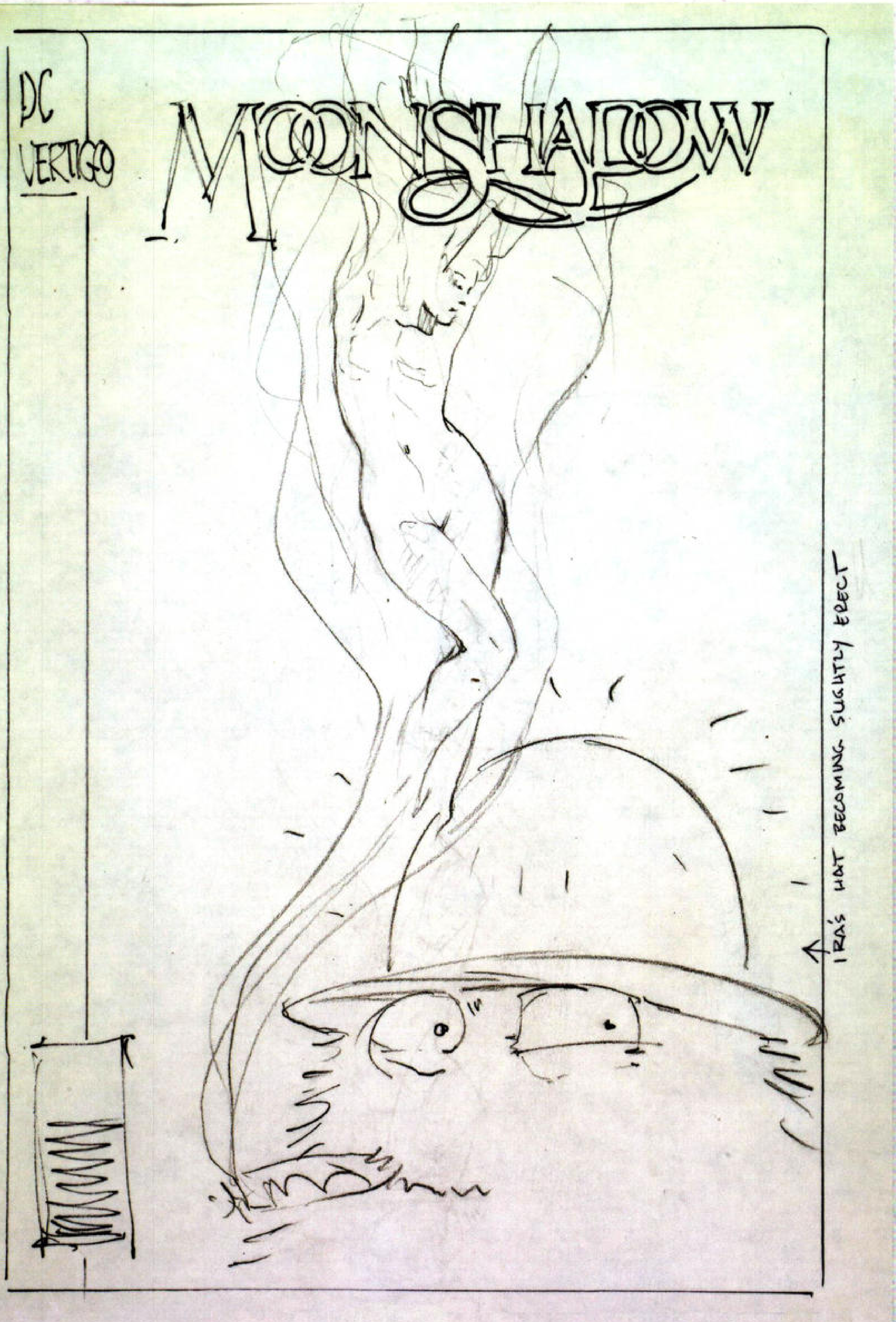
SHELLY, this was an alternate cover idea for MOONSHADOW #8. thought you might like to see it. talk with you soon. Jon

OBS: SHELLY ROEBERG

SHELLY, esta era a outra ideia para a capa de MOONSHADOW Nº 8.

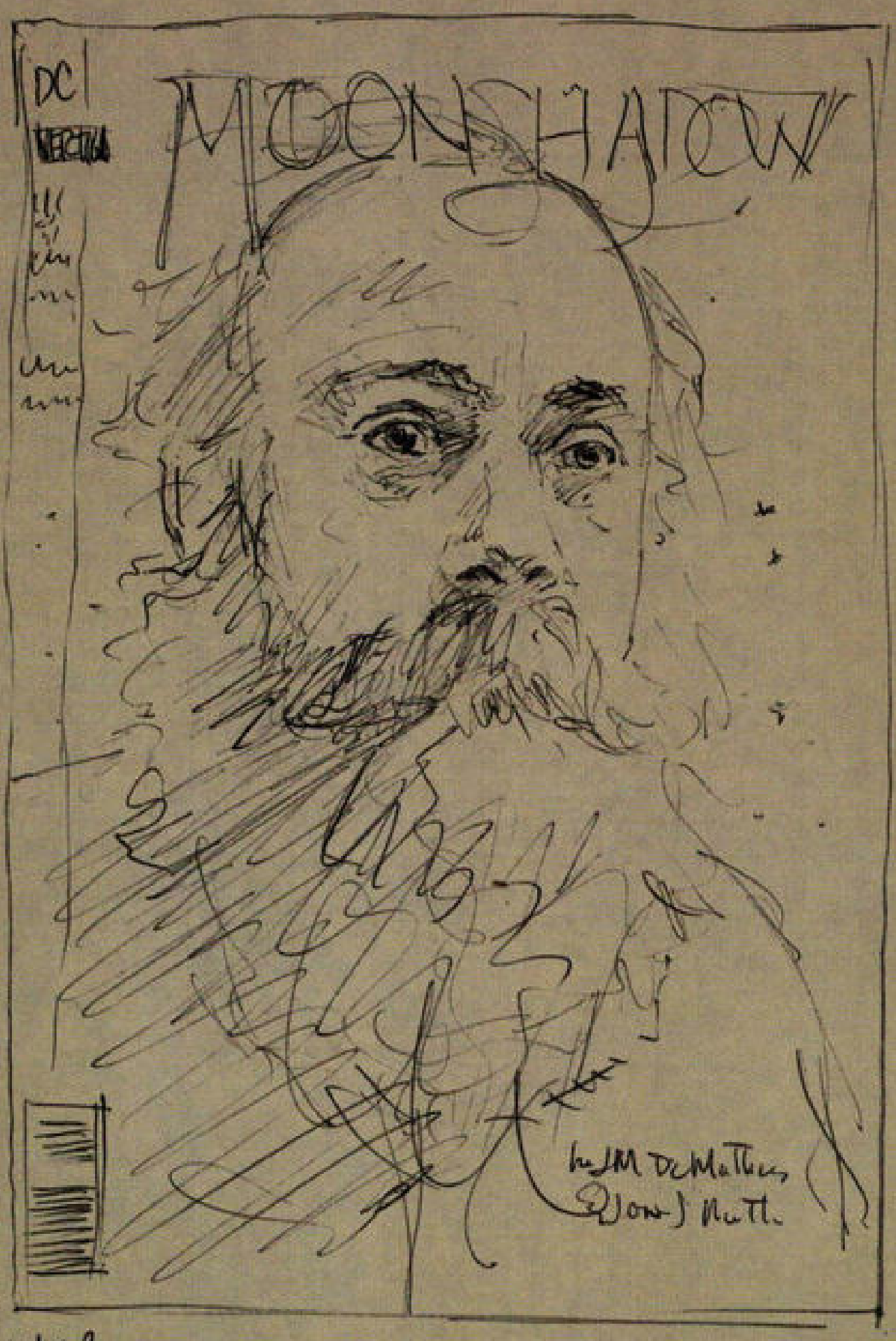
Achei que você gostaria de ver. Conversaremos em breve.

Jon



O chapéu de Ira fica levemente ereto.

to: SHELLY ROEBERG
MOONSHADOW SKETCH
COVER # 12
MUTH



HAPPY NEW YEAR

Shelly. Here is my cover sketch for Moon # 12. We haven't had a picture of 'old moon' on the front yet so I thought a portrait of sorts would be good. I'll have another "Character Sketch" for P. Veil next monday.

Welcome to 1995. Jm

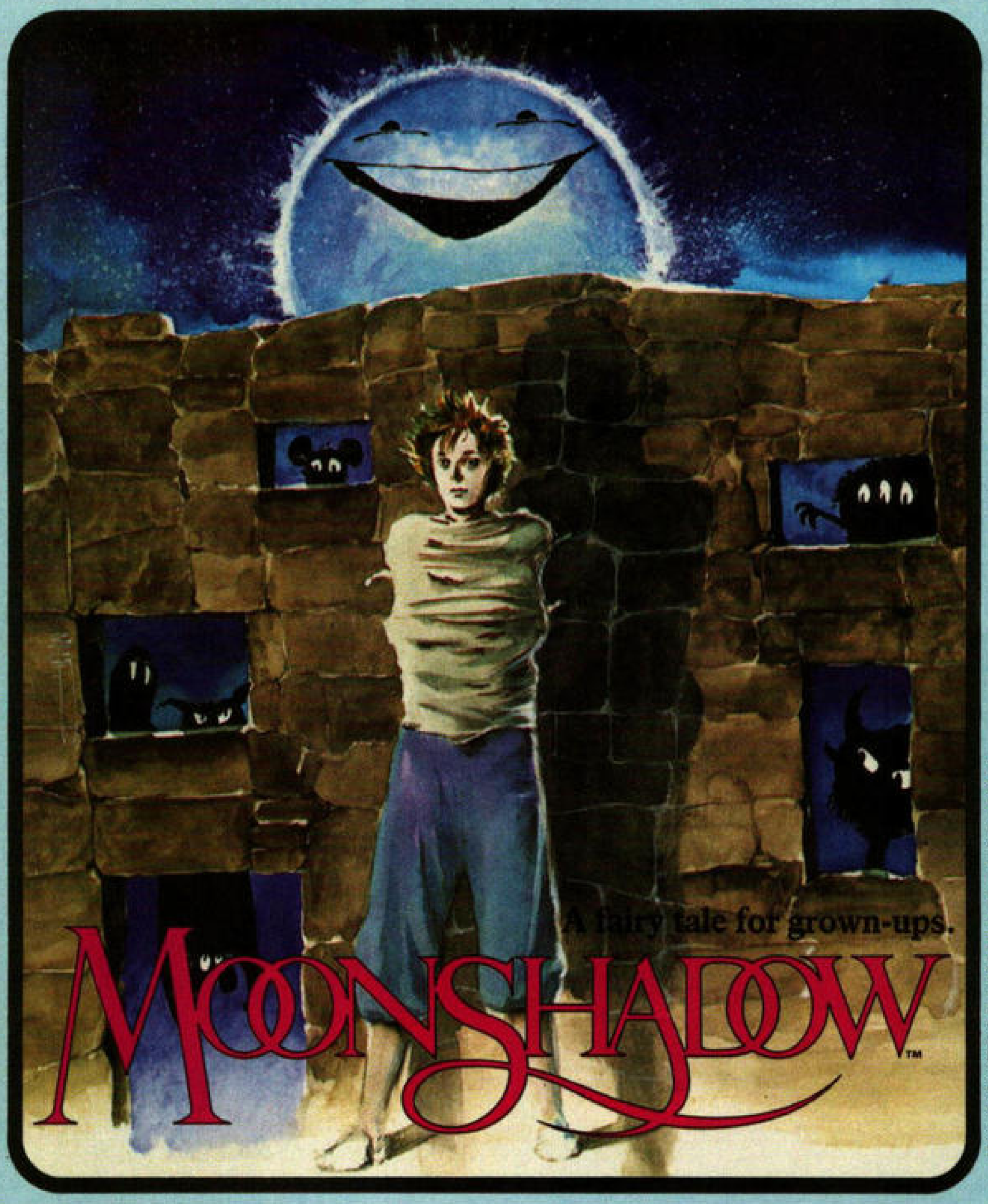
PARA: SHELLY ROEBERG
RAFE MOONSHADOW
CAPA Nº 12
MUTH

FELIZ ANO NOVO

Shelly. Este é meu esboço da capa de Moon nº 12. Até agora, não usamos uma imagem do "velho Moon" na capa, então pensei que uma espécie de retrato ficaria bem. Mando outro "Esboço de Personagem" de P. Veil na próxima segunda-feira.

Bem-vinda a 1995. J.M.

WHY ARE THESE PEOPLE SMILING?



Because they've been reading one of the most off-beat, sophisticated science-fantasy adventures ever!

Most people are crazy about it.

by J.M. DeMatteis & Jon J Muth

POR QUE ESSAS PESSOAS ESTÃO SORRINDO?

Um conto de fadas para adultos.

MOONSHADOW

Porque estão lendo uma das aventuras *sci-fi* mais desvairadas e sofisticadas que já se viu!

E que tem feito muita gente pirar.

por J.M. DeMatteis & Jon J Muth

MOONSHADOW nº 11/De Matteis

PÁGINA VINTE E UM

(1) Moon: Eu falei pra me deixarem em--

(2) Moon: Ah... Ira! Desculpe... Eu não queria...

(3) Ira: Não tem galho. Como é que tá, guri?

(LETRA MENOR)

(4) Moon: Eu? Sei lá, tudo bem. Apesar de tudo.

(5) Moon: É com você que eu estou preocupado. Temos que tirar você daqui antes--

(6) Ira: Cê não acha que... ele podia ajudar?

(7) Rec: Capítulo Oito:
Sou Importunado – De Novo

(8) Moon: E aí, pode?

(9) Moon: Qual é... é só dar um pop, poof ou ping e você nos salva!

(10) Moon: Depois de tudo que você nos fez passar, não merecemos?

MOONSHADOW #11/De Matteis

PAGE TWENTY-ONE

(1) Moon: I told you to leave me a --

(2) Moon: Oh...Ira! I'm sorry...I didn't mean --

(3) Ira: (LETTER SMALL) Don't worry about it. How're y'doin', kid?

(4) Moon: Me? Fine, I guess. All things considered.

(5) Moon: It's you I'm worried about. We've got to get you out of here before --

(6) Ira: You think maybe...he could help?

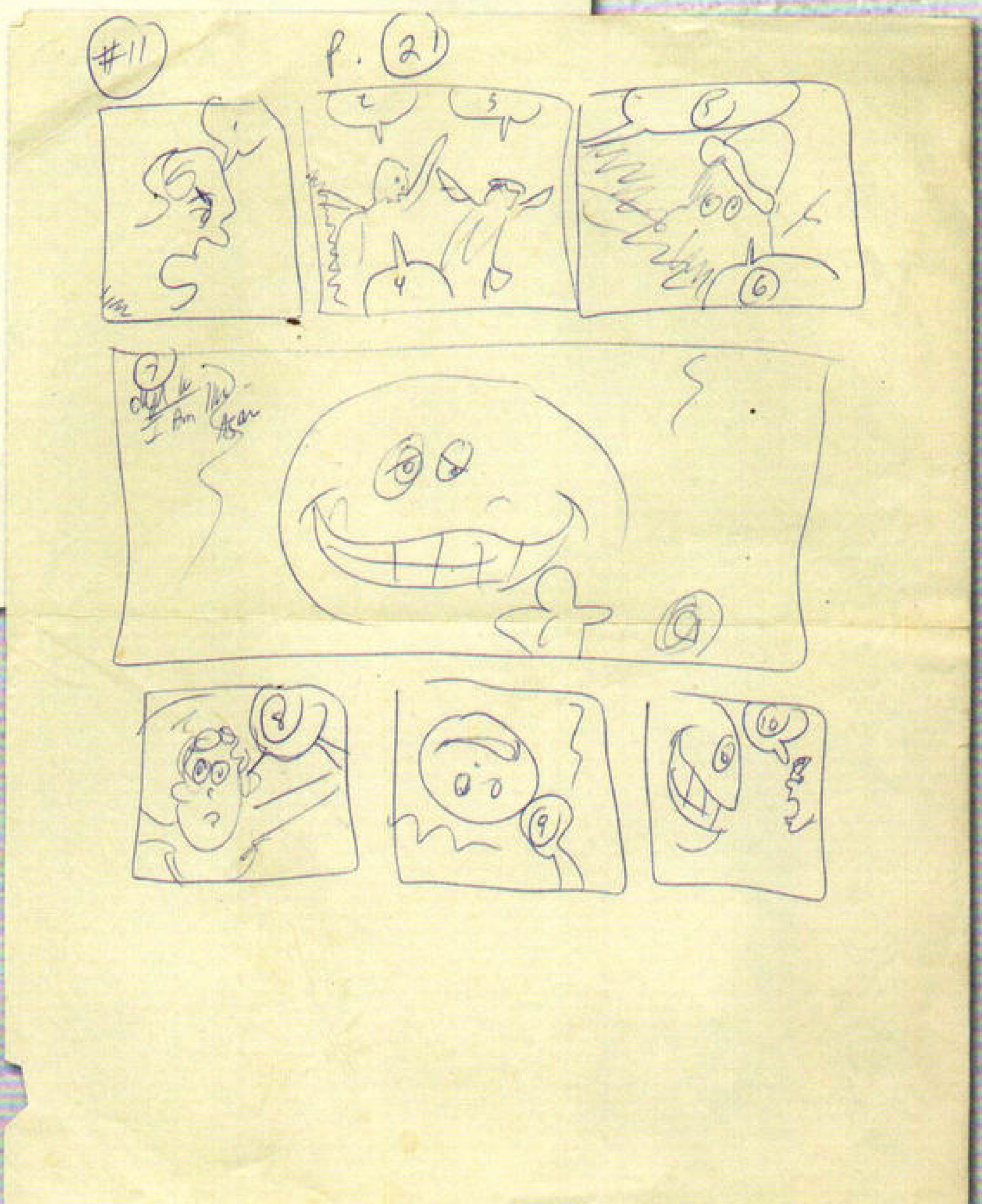
(7) Caption: Chapter Eight:

I Am Harassed -- Again

(8) Moon: Well -- can you?

(9) Moon: Come on -- just a pop, poof, or ping and you can save us!

(10) Moon: Don't you owe us that much after all you've put us through?



Minha página de roteiro de *Moonshadow* nº 11, página 21 e o esboço (se é que se pode chamar assim) que a acompanhava.

Once
upon
a time...
...again.
MOONSHADOW™
J M DeMATTEIS
JON J MUTH
COMING IN JULY
SUGGESTED FOR MATURE READERS

Graphic Novel Moonshadow / Proposta / De Matteis 1

Adeus, Moonshadow

Proposta de Graphic Novel para a *Vertigo*

Shelly & Karen:

Eu idealizo esta continuação de MOONSHADOW como algo bastante diferente no tom e timbre – mas similar em coração e alma – da série original. O que quero fazer é sair do reino dos contos de fadas e entrar a fundo no reino da alegoria. Um dos meus heróis na literatura é um sueco chamado Pär Lagerkvist, autor de *Barrabás, A Sibila, O Anão, Encontro com o Mar*... e vários outros. Lagerkvist era um mestre da escrita econômica e ficou cada vez mais simples conforme o avanço da sua carreira. Suas histórias, embora se passassem em períodos históricos, ficaram cada vez mais simbólicas. Cada palavra era um trovão... e vários sentidos ecoavam entre cada uma. As histórias têm uma simplicidade – livres das "explicações" da ficção científica e de parte da fantasia – e uma profundidade raramente vistas. É o tipo de coisa que eu gostaria de tentar em ADEUS, MOONSHADOW – conforme acompanhamos Moon de um período de quinze anos ou mais após o final da série original... até o dia de sua "morte". (E logo vocês vão entender por que morte está entre aspas.)

***

A história COMEÇA...

...com uma sequência muda... puro quadrinho visual... do VELHO MOON em seu pequeno mundo vitoriano – o que armamos no início de cada edição de MOONSHADOW. Há uma festa... madames e crianças de aparência vitoriana preparando os comes, as cadeiras e os guarda-sóis. Balões – como os Des-Mesu de hélio – por todo o canto. E o centro das atenções é o próprio Moonshadow – que está sentado, débil, descorado e magro (mas contente!), com um GAROTINHO no joelho. O garoto solta um balão... acompanhamo-lo subindo no ar... até virar um sol radiante. CÂMERA DESCE do sol até vermos Moonshadow... trinta anos... descendo uma colina, o gato a seus pés, a flauta na mão...

...e começa a história dentro da história.

(Breve Digressão: teremos várias sequências de quadrinhos sem texto na história, só um quadro depois do outro... a festa do Velho (bem velho) Moon. Mas o grosso da história – o conto da peregrinação do Jovem Moon – será feito em prosa: uma página de texto, seguida por uma página de ilustração. Fim da Breve Digressão.)

Moonshadow é uma figura mais sombria, mais lúgubre do que quando era garoto. (Ele vai descobrir como recobrar seu senso de humor ao longo da história.) Sua Grande Revelação no fim da série original é só uma memória: "Antes, ele conhecia uma Verdade, uma Grande Verdade... mas, desde então, ela fugira para virar Memória; estava *lá*; às vezes até o reconfortava... mas continuava além do seu alcance".

Ele adentra um vilarejo encantador no qual já morou (com LORDE GAYLORD, em

Farewell, Moonshadow

A Proposal for a *Vertigo* Graphic Novel

Shelly & Karen:

I envision this MOONSHADOW sequel as something quite different in tone and feel—yet similar in heart and soul—to the original series. What I want to do is leave the realm of fairy tales and move deeper into the realm of the allegorical tale. One of my literary heroes is a Swedish writer named Par Lagerkvist, author of *Barabbas, The Sybil, The Holy Land, Pilgrims as Sea*...and many others. Lagerkvist mastered an economical writing style; one that grew simpler and simpler as his work progressed. His stories, although set in historical times, grew more and more symbolic. Each word was a thunderstroke...and a variety of meanings echoed between them. The stories have a simplicity—free of the "explanations" of science-fiction and some fantasy—and a depth rarely seen. This is the kind of thing I'd like to attempt in FAREWELL, MOONSHADOW—as we follow Moon from a period fifteen or so years after the end of the original series...and through to the day of his "death." (And you'll learn soon enough why death is in quotes.)

***

The story OPENS...

...with a wordless sequence...pure visual comics...of OLD MOON in his little Victorian world—the one we set up in the beginning of each MOONSHADOW issue. There's a party in progress...as all the Victorian-looking ladies and children set out food and chairs and umbrellas. Balloons—like helium-filled G'l-Doses—are everywhere. And the center of attention is Old Moonshadow himself—who sits, frail, pale, and thing (but happy!), holding a little BOY on his knee. The boy lets a balloon go...we follow it up into the air...where it becomes a blazing sun. We PAN DOWN rom the sun to see Moonshadow...age thirty...walking down a hill, cat at his feet, flute in his hand...

...and the story within the story begins.

(A Brief Digression: There will be several wordless panel-to-panel comics sequences in the story...chronically Old Moon's party. But the main body of the tale—the story of Younger Moon's pilgrimage—will be done as a prose piece: a page of text, followed by a page of illustration. End of Brief Digression.)

Moonshadow is a darker, more somber sort than he was as a boy. (He'll learn to recapture his sense of humor in the course of the story.) His Big Revelation at the end of the original series is just a memory: "Once he knew a Truth, a Great Truth...but it had long since slipped into Memory; clearly *there*, even comforting at times...but far beyond his reach."

He enters a charming village he lived in once before (with LORD GAYLORD, in

Mais ou menos dez anos após a série original, Jon e eu nos reencontramos em *Adeus, Moonshadow*. Esta é a proposta original. A ideia mudou consideravelmente, assim que comecei a escrever o roteiro.

Moonshadow nº 8 e 9) – mas, mais uma vez, não damos *nome* ao Vilarejo nem a Gaylord. Não há necessidade.

Neste Vilarejo, Moon abre sua oficina. Ele aprendeu (com Gaylord) a usar as mãos... para fazer consertos... como arrumar coisas... e sempre se precisa de quem sabe fazer isso. Em questão de semanas, ele se estabelece. Está em casa.

Mas ele não se relaciona. Fica olhando para o céu – como se esperasse que algo fosse *aparecer*; algo que vai, quem sabe, ressuscitar a verdade morta em sua mente, seu coração. Mas essa coisa nunca aparece.

Moon mantém distância emocional do povo do Vilarejo. Ele é prestativo, é cortês; o tipo de homem que dá um passo a mais para ajudar o próximo... mas não deixa ninguém chegar perto.

Até que ele conhece uma mulher. Ela não era mulher quando eles se conheceram, anos antes; era apenas uma órfãzinha que se inspirava nele (BETTINA, da série original). Durante um longo e árduo inverno, a mulher entra na vida de Moon; aos poucos, ela derruba os muros e abre seu coração. Na Primavera, ele declara seu amor. No Verão, eles se casam.

Mas continua aquela necessidade de olhar para o céu; de enxergar... o quê?

Moon acomoda-se à vida "comum" de Homem. Casado, ele trabalha, cria uma família... faz verter amor e esperança sobre seus filhos. Ele os regala com histórias engraçadas de sua juventude (os princípios dos livros de memórias que virá a escrever; as memórias que constituem a série original). O mais fascinante para as crianças são as histórias dos "deuses balões" que saíam do céu e interviam, vez por outra, na vida de Moon. (É claro que ele está falando dos Des-Mesu; mas, mais uma vez, ele não chega a lhes dar nome.) E fica claro que ele *não lembra direito* o que eles eram. É aquela "voz" interna, tentando irromper... ecoando das profundezas de sua alma.

O que se segue é a história de Jó. Alguma coisa – uma tempestade, um tornado, um terremoto, uma guerra – interrompe as alegrias da vida de Moon. Toda sua família é dizimada.

E ele sobrevive.

Por quê? POR QUÊ? Dilapidado... desgraçado... ele olha para a lua, para aquela bola sorridente, e grita as duas palavras repetidamente. Sua única resposta é Algo há muito enterrado dentro de si. A necessidade de saber. A *voracidade* de saber.

E ele vai embora de novo, levando apenas seu gato e sua flauta.

Ele viaja pelo mundo... em busca de algo que não consegue nomear. E não encontra nada. Encontra só a humanidade oca, perdida em jogos que logo se perdem com a morte. Seu coração enregela. Ele fica cínico. Calejado. E as duas palavras seguem ecoando:

Moonshadow #s 8 & 9)—but, again, we never *name* the Village or Gaylord directly. There's no need to.

It's in this Village that Moon sets up shop. He's learned (from Gaylord) to use his hand...to fix...to tinker...and there's always a need for that skill. Within weeks, he's established himself there. He's home.

But he keeps his distance. He keeps watching the skies—as if expecting something to *appear* there; something that will, perhaps, resurrect that dead truth in his mind, his heart. But it never comes.

Moon keeps his emotional distance from the people of the Village. He's helpful, polite; the kind of man who'll go out of his way to help a neighbor in need...but he doesn't allow anyone to get close to him.

Until he meets the woman. She wasn't a woman when they first met, years before; she was just a little orphan girl who looked up to him (BETTINA, from the original series). In the course of a long, harsh winter, the woman moves into Moon's life; slowly breaking down his walls and opening his heart. By Spring, he declares his love. By Summer, they're married.

But there's still that need to look up into the sky; to see...what?

Moon settles into the "ordinary" life of Man. Married, he works, raises a family...showers love and hope upon his children. He regales them with funny tales from his youth (the beginnings of the memoirs he'll write later; the memoirs that make up our original series). Most fascinating to the kids are the tales of the balloon-like "gods" who came out of the sky and intervened, time and again, in Moon's life. He's talking about the G'l-Doses, of course; but, again, he never comes out and names them.); and it's clear that he *doesn't clearly remember* what they were. It's that "voice" inside, trying to break out...echoing up, from the deeps of his soul.

What comes next is the story of Job. Something—a violent storm, a tornado, an earthquake, a war—interrupts the common joys of Moon's life. His entire family is wiped out.

And he survives.

Why?. WHY? Broken...miserable...he looks up at the moon, a grinning ball, and screams that word again and again. His only answer is Something long buried rising up in him. A need to know. A *hunger* to Know.

And he sets off again, with just his cat and his flute.

He travels the world...looking for something he can't even name. And finding none of it. Finding only hollow humanity, lost in games that are soon lost in death. His heart becomes cold. He becomes cynical. Hard. And the word still echoes:

"Por quê?"

A Busca na história atinge o clímax quando Moon (por volta dos 45 anos) está literalmente ilhado – na ilha em que, quase morto, ele encontra…

O IDIOTA e seu SERVO. O Idiota é mais gordo do que se pode imaginar – um homem-elefante de orelhas de abano, beiços e pernas que parecem troncos – e olhos que parecem portais para a Verdade que Moon quer reencontrar. Ele acha que encontrou o Rei Mago dos reis magos – até que vê o rastro de baba que escorre da sua boca… ouve a torrente de absurdos que brota dos lábios d'O Idiota. E entende que O Idiota… não passa disso.

Então, ele se pergunta: por que O Servo está ali?

Um homem tão belo, impetuoso – tão inteligente, tão cheio de vida e esperança – que, por algum motivo inexplicável – jurou servir a cada capricho d'O Idiota.

Moon, que é tratado até recobrar a saúde, fica com eles (e não sabe dizer o porquê) e aprende, com O Servo, qual é a d'O Idiota. De suas jornadas pelo mundo para escavar uma terra estéril… para urinar sobre certa planta… para fazer contato e dançar com loucos (depois lhes dar um beijo e seguir seu rumo!). Nada disso faz sentido a Moon… não faz sentido nem ao Servo. "Então, por que você faz?", Moon pergunta. O Servo apenas sorri… um sorriso Idiota… um sorriso estranhamente *familiar*.

O Moon desgostoso decide partir sozinho mais uma vez. Mas acontece um acidente. O Servo cai no mar e se afoga. O Idiota chora como um bebê. E recusa-se a deixar que Moon vá embora.

Moon aos poucos se vê tomando o lugar d'O Servo. *Tornando-se* O Servo. Nós o acompanhamos em "missões" incompreensíveis mundo afora… sem sentido, assustadoras, loucas. Mas Moon segue do seu lado. *Por quê?*
A pergunta, de novo: *por quê?*

Ele não sabe.

Mas ele sabe do *seguinte:* O Idiota o ama. Amor total, incondicional, puro. O Idiota o ama da forma mais profunda que Moon já foi amado – até mesmo por esposa e filhos. (Não é o amor *romântico*, mas um amor vasto, quase impessoal; como se ele fosse amado pela lua, ou pelo sol ou por Deus em Pessoa.) Ao mesmo tempo, Moon percebe que, se desaparecesse amanhã, O Idiota encontraria outra pessoa para servi-lo; outra pessoa para amar tão incondicionalmente quanto. Sua cabeça não dá conta de entender aquilo…

…mas entende o amor. E ele aprende a amar também O Idiota. Ele começa a ver suas "missões" insanas como formas de *provar* seu amor ao Idiota. E, quanto mais Moon tenta se provar, mais O Idiota faz força e mais força e mais força até passar dos limites de Moon. E, justamente quando Moon acha que não aguenta mais, quando ele está prestes a gritar ou morrer ou simplesmente se levantar e ir embora…

…O Idiota olha para ele com aqueles olhos idiotas – e o amor transborda.

"Why?"

The Search section of the story climaxes when Moon (now about forty-five) is shipwrecked on an island—where, nearly dead, he encounters...

THE IDIOT and his SERVANT. The Idiot is fat beyond belief—an elephant of a man with drooping ears, fat lips, tree stumps for legs—and eyes that seem to be doorways to the Truth Moon's been trying to recapture. He thinks he's found the Wise Man of wise men—till he sees the trail of drool running from the corners of his mouth...hears the stream of nonsense that sprays from The Idiot's lips. And understands that The Idiot—is just that.

Then, why, he wonders, is The Servant there?

This handsome, fiery young man—so intelligent, so full of life and hope—who has, for some inexplicable reason—vowed to serve The Idiot's every whim.

Moon, nursed back to health, stays with them (he can't say why) and he learns, from The Servant, of The Idiot's ways. Of his quests across the world to dig up a barren patch of soil...to urinate on a certain plant...to contact and dance with madmen (then kiss them and be on his way!). None of it makes sense to Moon...it doesn't even make sense to The Servant. "The why do you do it?" Moon asks. The Servant just smiles...an Idiot smile...a strangely *familiar* smile.

A disgusted Moon finally decides to set out alone again. But there's an accident. The Servant falls into the sea and drowns. The Idiot bawls like a baby. And refuses to let Moon leave.

And, slowly, Moon finds himself taking The Servant's place. *Becoming* The Servant. We follow him on unfathomable "missions" across the world...nonsensical, frightening, mad. But Moon stays on. *Why?* Again that question: *Why?*

He doesn't know.

But he does know *this*: The Idiot loves him. Totally, unconditionally, purely. Loves him more deeply than he's ever been loved—even by his wife and children. (This isn't a *romantic* love, but a vast, almost impersonal love; as if he's being loved by the moon or the sun or God Himself.) Yet, at the same time, Moon realizes that, if he vanished tomorrow, The Idiot would find someone else to serve him; someone else to love just as unconditionally. His mind doesn't understand...

...but he understands the love. And he learns to love The Idiot in kind. He begins to see his insane "missions" as way to *prove* his love to The Idiot. And the more Moon tries to prove himself, the more The Idiot pushes and pushes and pushes past all Moon's limits. And, just when Moon thinks he can't take it any more, just when he's ready to scream or die or just up and leave...

...The Idiot looks at him with those eyes—and the love pours through.

Mas, com o tempo, O Idiota fica velho e enfermo. Com o tempo… ele morre.

Moon não sabe lidar. O Idiota tornou-se seu universo… sua razão de ser. Agora ele ficou sozinho. Ele ajoelha-se ao lado do corpo do Mestre, chorandochorandochorando – os olhos apertados. Quando ele os abre – O Idiota se foi!

Moon, delirando de pesar e falta de sono, olha para cima – e vê uma forma sumindo no céu. Parece um pequeno sol… com um sorriso de lua. Algo que lembra…!!

Mas ele não tem como ter certeza.

Porém, nas profundezas do coração, *outra* coisa ganha vida: aconchegante, real e jubilosa.

E ele ri e dá cambalhotas. Pela primeira vez em anos, ele toca a flauta.

E com seu gato pulando atrás de si, ele sai a dançar, entrando nas névoas da noite.

Quando voltamos a ver Moonshadow, ele está mais velho. Descendo ao Vale, em um pequeno e pacato Vilarejo (sim, o mesmo! Que ainda se recupera do Grande Desastre), tal como ele fez quando era jovem, no início da nossa história. Ele chega como o Flautista de Hamelin, despertando magia elétrica nos corações dos aldeões. (Poucos deles se lembram das Coisas Como Eram – ou do consertador e de sua família que viviam lá.) E, sob a batuta de Moon, o Vilarejo é reconstruído, reformado, reformatado…

…até se tornar o Paraíso Vitoriano que já conhecemos.

O próprio Moon passa seus dias dirigindo a reconstrução, ajudando a resolver problemas (tanto arquitetônicos quanto pessoais)… e suas noites trancado na cabana, transcrevendo livros, construindo uma biblioteca de memória. Ele é figura paterna, confidente, médico, psiquiatra, enfermeiro, mãe e babá. Ele é a esperança. Ele é…

…Moonshadow.

E ele encontrou, em uma vida de *altruísmo*, uma maneira de expressar a Verdade inexpressável que reconquistou na noite em que O Idiota morreu.

E terminamos tal como começamos – com aquela festa no jardim… com os balões… sendo que os últimos são soltos e saem singrando o céu.

Um a um, os aldeões fazem fila para beijar o Velho Moon, para abraçá-lo, chorar lágrimas gentis sobre seus ombros. Ele os conforta com um sorriso – muito parecido com o d'O Idiota.

Então, todos sentam-se diante dele.

Ele lhes manda um beijo.

But with time The Idiot grows old, infirm. With time—he dies.

Moon can't deal with it. The Idiot has become his universe...his reason for being. Now he's left all alone. He kneels by his Master's body, cryingcryingcrying—eyes closed tight. When he opens them—The Idiot's gone!

Moon, delirious from grief and lack of sleep, looks skyward—and sees a shape fading into the sky. Something like a small sun...with a moon's grin. Something like—!!

But he can't be sure.

But in the deeps of his heart, something *else* comes alive: Warm and real and joyous.

And he laughs and capers. For the first time in years he plays his flute.

And with his cat prancing behind him, he dances off, into the night mists.

When we next see Moon, he's even older. Descending into a Valley, into a small, sleepy Village (yes, the same one! And it's still recovering from The Great Disaster), much as he did when he was a young man at the beginning of our tale. He comes in like the Pied Piper, stirring up an electric magic in the hearts of these Villagers. (Few of them remember the way it was Before—or the tinker and his family who lived there.) And, under Moon's direction, the Village is reshaped, rebuilt, reformed...

...into that Victorian Paradise we know so well.

Moon himself spends his days directing the reconstruction, helping with problems (both architectural and personal)...and his nights locked away in his cabin, transcribing books, building a library from memory. He's father-figure, confessor, doctor, psychiatrist, nurse, mother and babysitter. He's hope. He's...

...Moonshadow.

And he's found, in a life of *personal service*, a way to express that inexpressible Truth he recaptured the night The Idiot died.

And we end as we began—with that law party...with the balloons...the last of which are cut free and sent sailing off into the sky.

One by one, the Villagers file up to Old Moon and kiss him, embrace him, cry gentle tears on his shoulders. He comforts them with his smile—so much like The Idiot's.

Then they all sit down before him.

He blows them a kiss.

E morre – com um sorriso tão amplo que rasga seu rosto ao meio.

Rasga mesmo!

O rasgo vai ficando maior, maior, cada vez maior, até que o Velho Moon, o *Moon morto*, lentamente... *transforma-se em um Des-Mesu.*

E sai a navegar pelo céu da noite.

Os aldeões levantam-se. E acenam. E exclamam:

"Adeus, Moonshadow! Adeus!"

E nós também...

FIM

J.M. De Matteis 7/94

And he dies—with a grin so broad it cold crack his face in two.

And it does!

Growing wider and wider and wider as Old Moon, *dead Moon*, slowly...*transforms into a G'l-Doses.*

And sail away, into the night sky.

The Villager rise. And wave. And call out:

"Farewell, Moonshadow! Farewell!"

And we...

END

J.M. De Matteis 7/94

Página Um

Faixa Um

Quadro Um

Arte:

Meia página. Plano aberto do que *parece* uma cidade norte-americana na virada do século – em um belíssimo dia de primavera. Vemos uma cidade do alto de uma colina, balões soltos na frente da nossa "câmera". Uma grande festa acontece lá embaixo… **multidão,** tendas, uma **fanfarra** tocando na concha acústica. Aquele lugar mágico que Rod Serling e Ray Bradbury idealizavam.

Faixa Dois

Quadros Dois/Três

Nossa "câmera" **desce à cidade… fecha** na festança, onde…

…uma **idosa** gorda e de bochechas vermelhas grita, alarmada, com **três garotos…** correndo atrás de um **cachorro sarnento…** quase a derrubam quando passam por ela. **Engravatados** pançudos… como se tivessem saído de um livro da era vitoriana… riem…

…enquanto belas **garotas** com sombrinhas estão de papo com **garotos** envergonhados. Uma **menininha** rodopia, num mundo só seu, dançando, como uma princesa de conto de fadas, ouvindo a música da banda.

Forewell, Moonshadow/De Mattels

Page One

Tier One:
Panel One
Art:

Half pager. A long shot of what *appears* to be a turn-of-the-century American town—on a perfectly clear, perfectly beautiful Spring day. We're looking **down** at the town from a hilltop , loose balloons wafting in front of our "camera-eye." There's a huge party in progress down below...**crowds**, tents, a **brass band** playing in the band shell. The kind of magical place that Rod Serling and Ray Bradbury idealized.

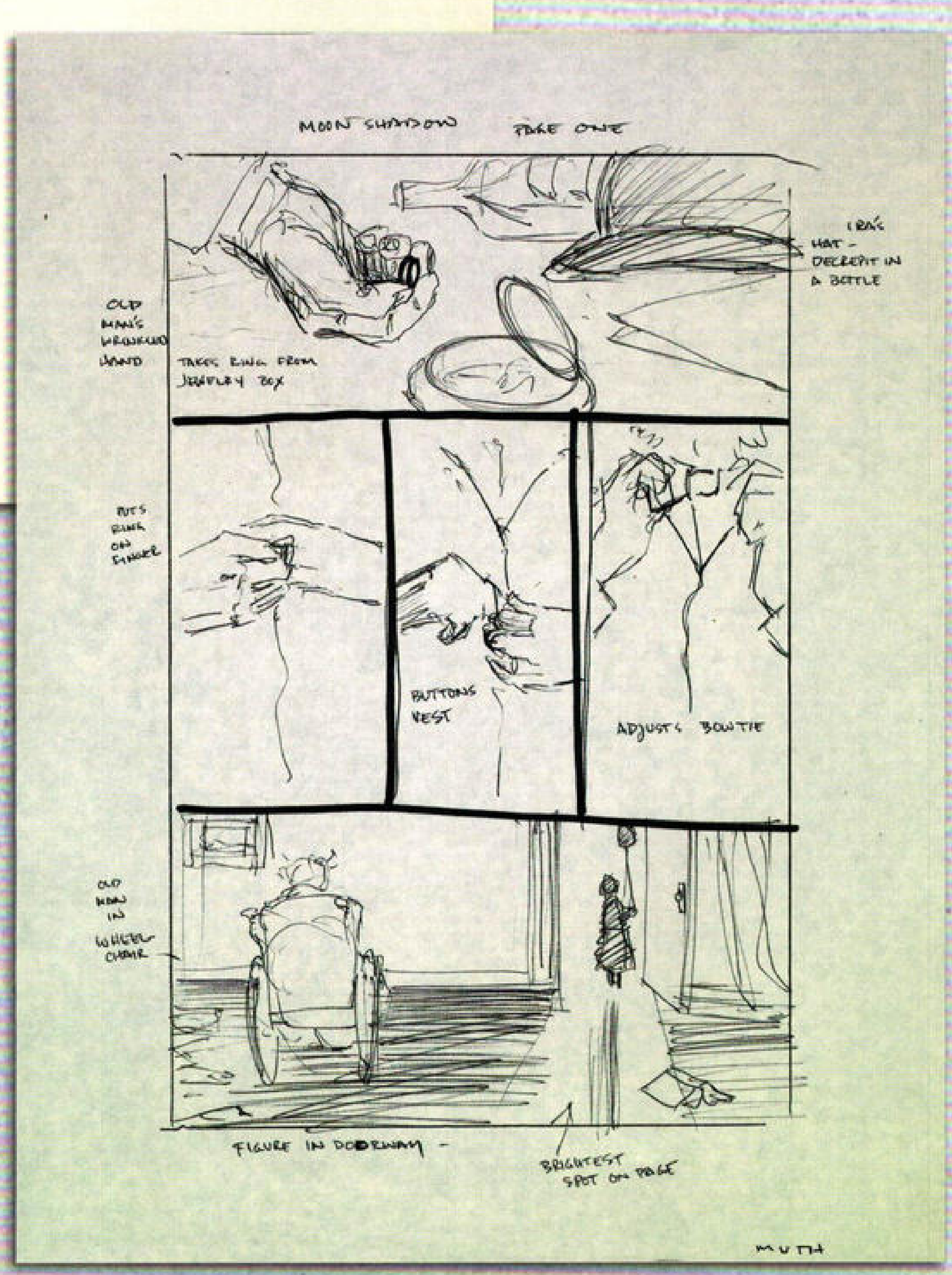
Tier Two:
Panels Two/Three:

Our "camera-eye" moves **down into the town**...**closer** on the revelry, where...

...a fat, red-cheeked **old woman** yelps in alarm as **three boys**...chasing a scruffy **dog**...rush past her almost knocking her down. Pot-bellied **men in suits**...like something out of a Victorian novel...laugh...

shy and awkward **young**

...while pretty **young women** with parasols chat with **men. A little girl** whirls, in a world of her own, dancing, like a fairybook princess, to the music of the band.



Meu roteiro e rafes de Jon para a sequência de abertura de *Adeus, Moonshadow*. Pode-se ver que Jon seguiu a essência do que eu comunicava, mas traçou uma trajetória visual diferente e superior.

Página Dois

Faixa Um

Quadro Um: Agora toda a atenção se volta ao palco – onde a banda parou de tocar... e um **garoto** corpulento, de terno um tanto apertado, toma a frente e faz sinal com as mãos para o público fazer silêncio.

Quadro Dois: **Público** visto **de cima, PDV** do palco, rostos de expectativa *galopante*. Seja lá o que vem por aí... é o Grande Acontecimento pelo qual eles esperaram o dia inteiro.

Quadro Três: O garoto está em **primeiro plano,** fazendo gestos às costas, onde vemos **dois meninos** com seus dez anos empurrando uma cadeira de rodas até a frente do palco. Balões no **primeiríssimo plano** do quadro *ofuscam* a silhueta na cadeira.

Faixa Dois

Quadro Quatro: **Fechar** na **silhueta** – o rosto ainda ofuscado pelos balões que sobem...

Quadro Cinco: ...e saem do quadro para revelar o rosto da silhueta: vemos que é o **Velho Moonshadow**. Mas *velho mesmo!* Que faça o Velho Moon que já conhecemos parecer tão vivaz quanto os meninos que levaram sua cadeira até ali.

Os olhos apáticos e sem foco, a cabeça caída... O Velho Moon está semimorto. Enrugado, cansado, acabado.

Quadro Seis: **Mesmo ângulo no público** do quadro dois. Mas agora eles parecem em pânico, tristes, reprimidos pelo que veem.

Page Two

Tier One:

Panel One: Now everyone's attention turns to the stage—where the band has stopped playing...and a stocky **young man** in a suit that's a little too tight takes center stage, waving his hands to quiet the crowd.

Panel Two: **Downshot** of the **crowd**, from the **POV** of the stage, looks of *extraordinary* expectation on their faces. Whatever's coming...it's the Event they've been waiting all day for.

Panel Three: The young man is in the **foreground**, gesturing behind him, where we see **two boys** of about ten, pushing a wheelchair toward the front of the stage. Balloons in the **direct foreground** of the panel *obscure* the figure in the chair.

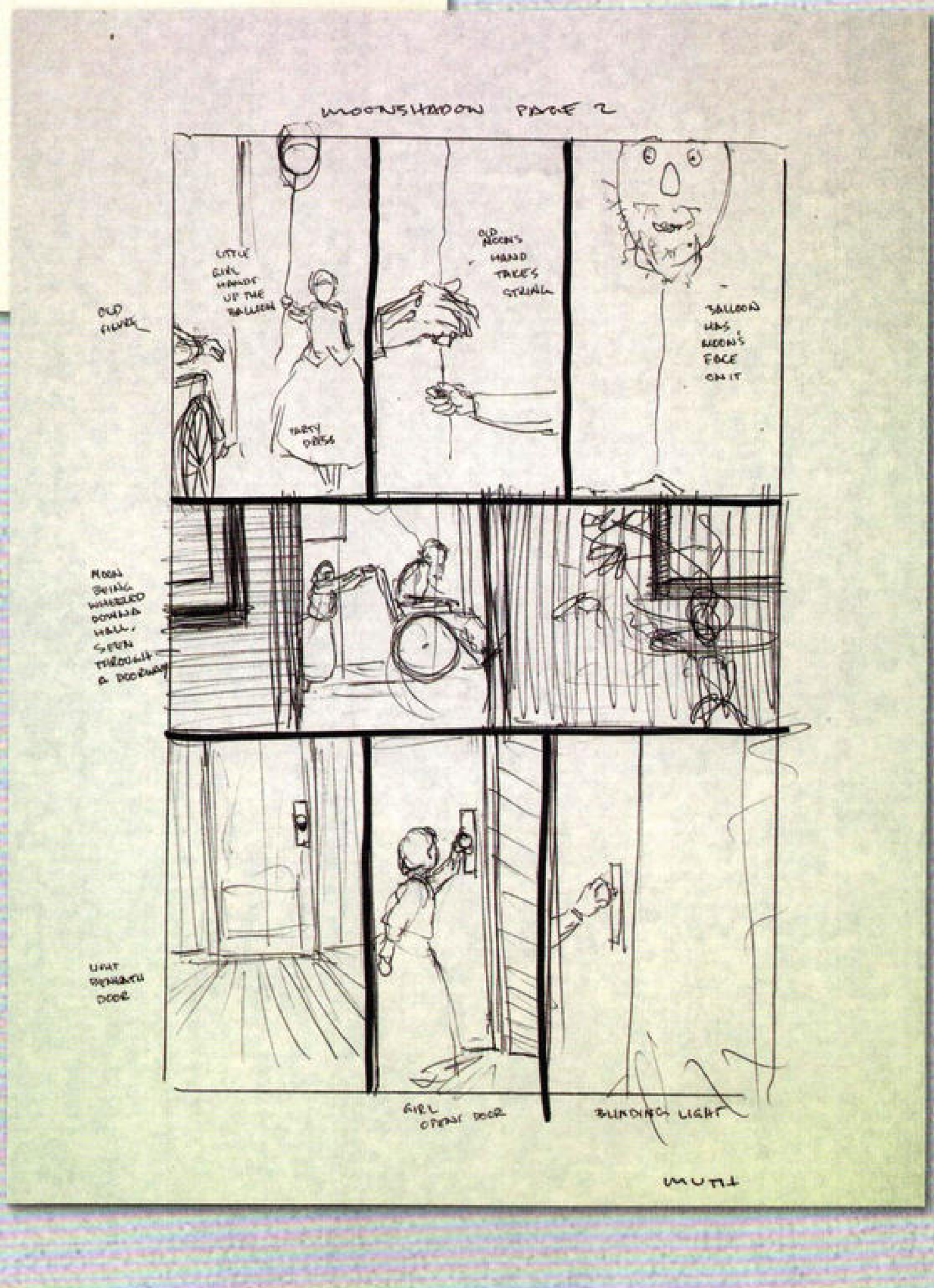
Tier Two:

Panel Four: **Close** on the **figure**—face still obscured by balloons that are drifting up...

Panel Five: ...and out of frame, revealing the figure's face: We see now that it's **Old Moonshadow**. But I mean *old!* He makes the Old Moon we're familiar with look as spry as the boys that pushed him out here.

Eyes glassy and unfocused, head downcast...Old Moon looks half dead. Wrinkled and weary and wasted.

Panel Six: **Same angle on the crowd**—as panel two. Only now they look panicked, saddened, crushed by what they see.



Página Três

Faixa Um

Quadro Um: **Mesmo ângulo** do quadro cinco, página anterior – só que agora o rosto do velho se ilumina, seus olhos cintilam de travessura… um sorriso do tamanho de meia lua toma seu rosto. É como se ele dissesse: *Brincadeirinha, pessoal.*

Quadro Dois: **Mesmo ângulo** do quadro seis na página anterior – mas agora o público ri e festeja.

Quadro Três: **Recuar** – de um **plano aberto** do palco… duas **lindas menininhas** com seus seis anos empurram uma mesa com um *imenso* bolo de aniversário sobre ela. Tantas velas que levaria anos só para contar, Velho Moon abre os braços de alegria.

Faixa Dois

Quadro Quatro: **Fechar no bolo.** Vemos uma inscrição bem no meio do glacê: *Feliz Aniversário, Moonshadow.*

Quadro Cinco: **Mesmo plano** – mas agora a *superfície* do bolo se mexe… como se houvesse algo dentro, tentando irromper.

Faixa Três

Quadro Seis: **Recuar** – quando, das tripas do bolo, o gato de Moon, **Frodo,** surge com um salto, coberto de bolo, recheio e cobertura…
…e salta no colo do dono.

Page Three

Tier One:
Panel One: **Same angle** as panel five, previous page—only now the old man's face brightens, his eyes sparkle with mischief...a grin the size of a half-moon spreads across his face. *Only kidding, folks*— he seems to be saying.

Panel Two: **Same angle** as panel six previous page—only now the crowd is laughing and cheering.

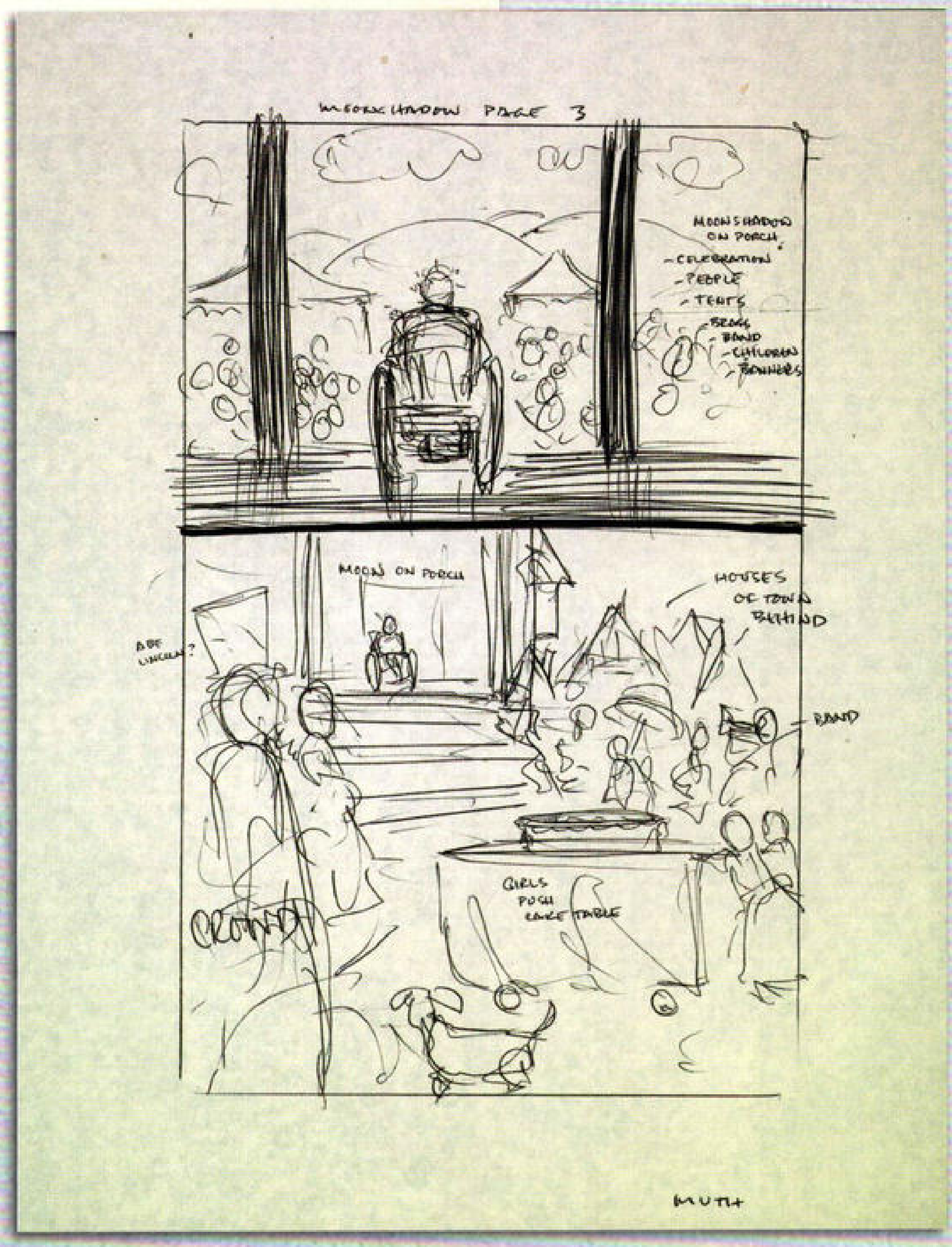
Panel Three: **Pull back**—for a **wider shot** of the stage... as **two adorable girls** of about six wheel out a table with a *huge* birthday cake on it. So many candles it would take years to count them. Old Moon spreads out his arms in delight.

Tier Two:
Panel Four: **Closer** on the cake. We can see an inscription—in frosting—in the middle: *Happy Birthday, Moonshadow.*

Panel Five: **Same shot**—but now the *surface* of the cake is disturbed...as if there's something inside it, trying to burst free.

Tier Three:
Panel Six: **Pull back**—as, from the guts of the cake, Moon's cat, **Frodo**, comes leaping out, covered in cake and creme and frosting...

...leaping straight for his Master's lap.



Adeus, Moonshadow/De Matteis

Página Cinco

Esta página tem três quadros que se mesclam com o texto... que começa na metade inferior da página. Daqui em diante – até aviso em contrário – vamos alternar uma página de texto, uma página de ilustração.

Faixa Um

Quadro Um: Agora o balão está bem na frente do sol... iluminado, *ele* é a fonte de onde emana todo calor e luz.

Quadro Dois: Agora o balão se foi... e vemos apenas o sol: gordo, iluminado, abundante de mistério.

Quadro Três: **Recuar** – para vermos um **homem,** de silhueta numa colina, o sol pairando no céu acima. Deve passar uma sensação de inacabado, esboçado... como se a memória do Velho Moon (o que de fato é) ganhasse foco lentamente.

Faixa Dois

Quadro Quatro: **Quadro maior. Outro ângulo:** para esclarecer nossa composição... enquanto o homem, de costas para a "câmera" olha para a pequena cidade que fica a distância. A cidade é indistinta, mal esboçada... mais uma memória que começa a ganhar foco.

Talvez possamos usar o sol, ardendo no céu, para ofuscar o homem, a colina, a cidade, com sua irradiância. Como se a luz estivesse batendo na nossa "câmera".

Rec. Inferior (LETRA DE MÁQUINA) Quando ele ainda era moço (mas velho o bastante para saber das coisas)...

Page Five

This page has three panels that bleed into the text...which begins on the lower half of the page. From there—until further notice—we'll get one page of text, followed by a page of illustration

Tier One:

Panel One: Now the balloon is squarely in front of the sun... looking lit *it* is the source from which all that light and heat emanates.

Panel Two: Now the balloon is gone...and we see only the sun: fat and bright; pregnant with mystery.

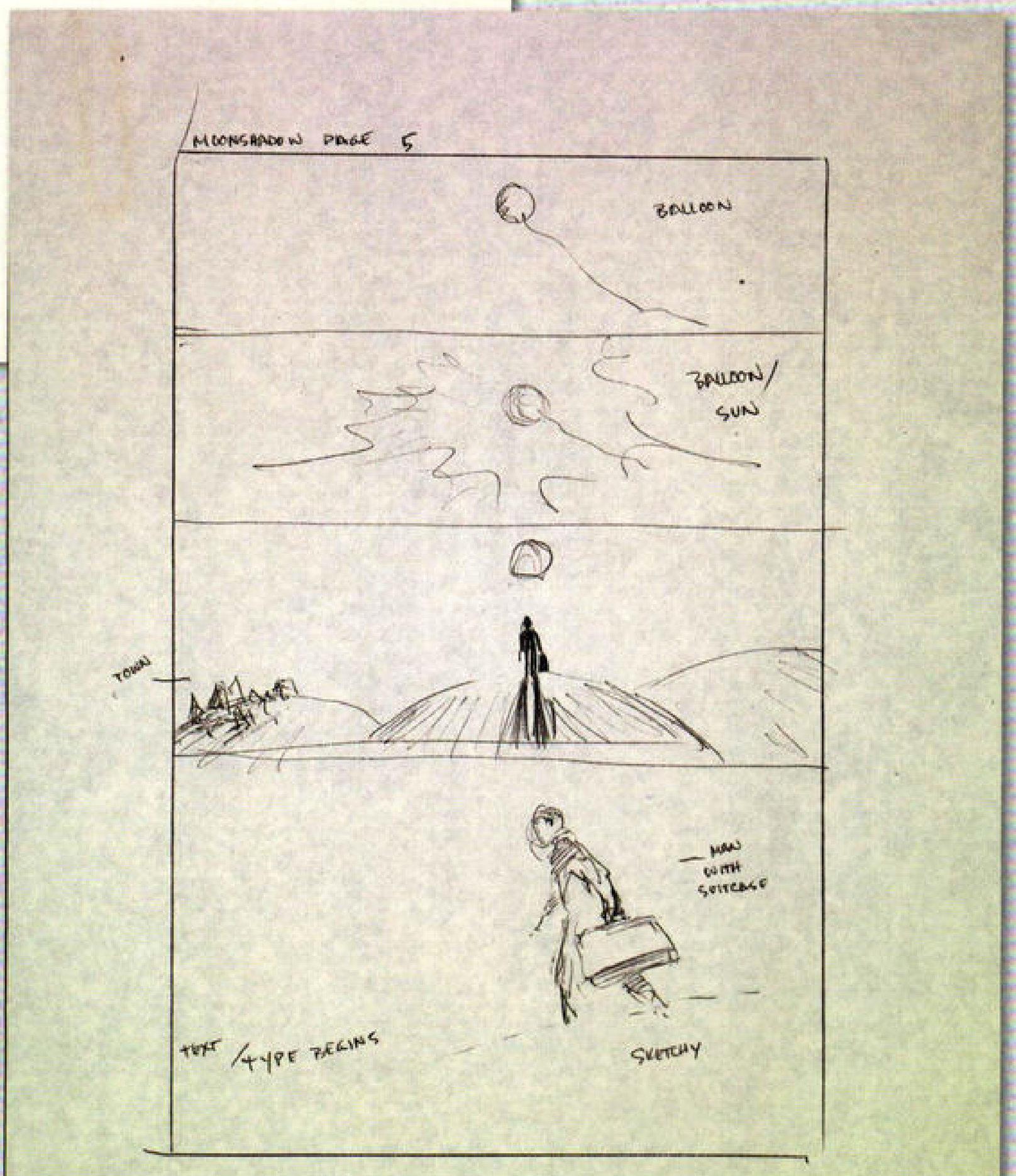
Panel Three: **Pull back**—to see a **man**, silhouetted on a hill, the sun hanging in the sky overhead. This should have an unfinished, sketch feeling...as if Old Moon's memory (which indeed this is) is slowly coming into focus.

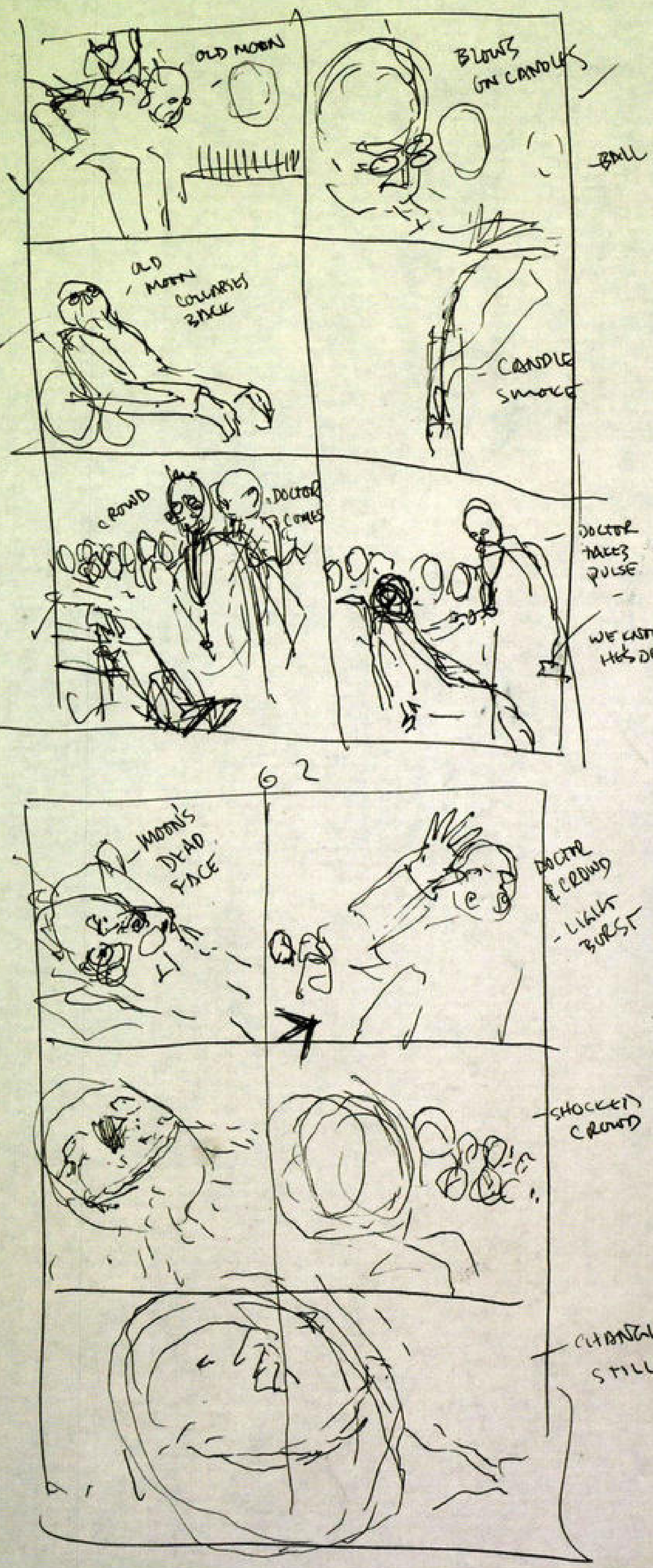
Tier Two:

Panel Four: **Large panel. Another angle**—clarifying our tableau...as the man, back to "camera," looks down at a small town that sits in the distance. The town is vague and sketchy at this point...another memory coming into focus.

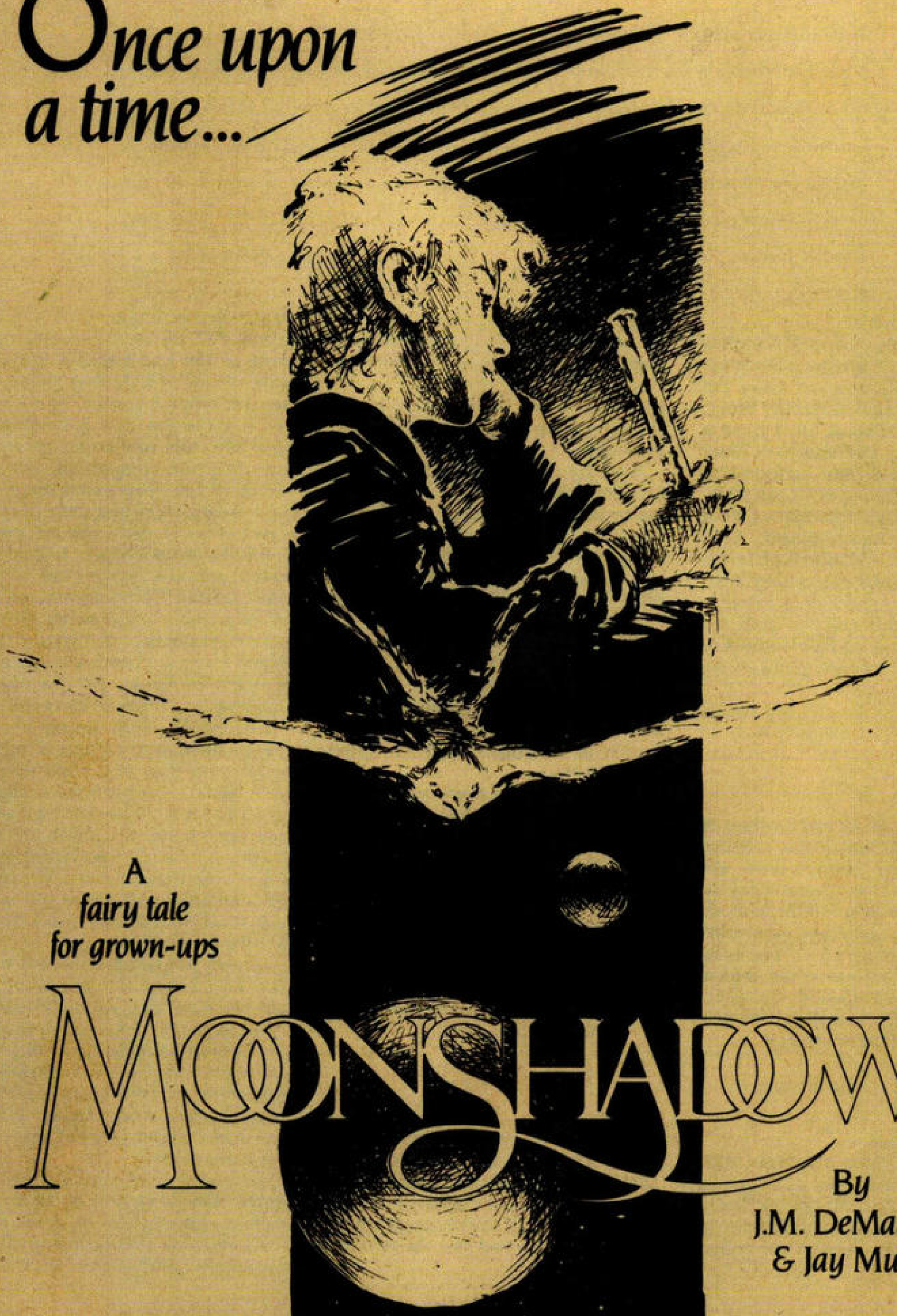
Perhaps we can use the sun, blazing there in the sky, to obscure the man, the hill, the town, with its brilliance. As if the light is refracting off our "camera-eye.

Bot. Cap: (TYPESET) When he was still a young man (but old enough to know better)...




OLD MOON
BLOWS ON CANDLES
BALL
OLD MOON COLLAPSES BACK
CANDLE SMOKE
CROWD
DOCTOR COMES
DOCTOR TAKES PULSE
WE CAUGHT HER DEAD
G 2
MOON'S DEAD FACE
DOCTOR & CROWD
- LIGHT BURST
SHOCKED CROWD
CHANGING STILL
G 3
G LOOSE
ADD CAT

Once upon a time...



A fairy tale for grown-ups

MOONSHADOW™

By J.M. DeMatteis & Jay Muth

A twelve issue limited series

Coming in January 1985

Sobre os autores

Nascido e criado no Brooklyn, Nova York, o ganhador do Prêmio Eisner **J.M. DeMatteis** foi músico profissional e jornalista musical antes de entrar no mercado de quadrinhos. Escreveu os principais ícones da DC e da Marvel Comics — incluindo memoráveis sagas do Homem-Aranha e da Liga da Justiça —, mas foi aclamado principalmente por suas *graphic novels* originais extremamente sofisticadas, como *Moonshadow, Seekers Into the Mystery, Blood: Uma História de Sangue, The Life and Times of Savior 28* e a autobiografia *Brooklyn Dreams*. Também escreveu roteiros para televisão e cinema, a série em quadrinhos *Abadazad*, que depois foi adaptada para o formato de livro infantil, e o romance *Imaginalis*. Não por acaso, *Moonshadow, Blood* e *Brooklyn Dreams* foram escolhidas para integrar o livro *500 Essential Graphic Novels: The Ultimate Guide*, que contempla mais de 350 autores e 400 artistas que, com suas narrativas gráficas, conquistaram o mundo. Atualmente trabalha nos roteiros das HQs *Scooby Apocalipse*, da DC Comics, *Impossible, Inc.*, da IDW, escreve episódios das séries animadas *Marvel's Spider-Man*, do canal Disney XD, e *Constantine: City of Demons*.

DeMatteis ministra o curso Imagination 101, um *workshop* de três dias que explora os aspectos práticos e a metafísica da escrita de histórias em quadrinhos e animações. Ele também é o fundador do Creation Point, um serviço de consultoria que oferece orientação detalhada para escritores profissionais e aspirantes.

O quadrinista e ilustrador **Jon J Muth**, pioneiro em oferecer aos leitores de quadrinhos uma experiência visual diferente da convencional, teve vários de seus trabalhos publicados em outros países além dos Estados Unidos, sua terra natal, mas, no Brasil, a primeira vez em que os leitores travaram contato com sua deslumbrante arte pintada foi na consagrada minissérie *Wolverine & Destrutor: Fusão*. A seguir, foi a vez de *Graphic Album 1 — Drácula*, em que ele próprio adapta o texto do famoso romance homônimo. Jon ilustrou a minissérie *Mistério Divino*, ao lado do cultuado roteirista Grant Morrison, e apareceu pontualmente em títulos publicados pelo selo Vertigo, incluindo o icônico *Sandman*. Ele também se especializou em ilustrações para livros infantis, como *As Três Perguntas*, baseado numa história de Liev Tolstói. Ao longo da carreira, Jon conquistou importantes prêmios, como o Indies Choice Book Awards, na categoria Livro de Ilustrações para Crianças, e a Medalha Caldecott.

"LINDO, ORIGINAL, IMPRESSIONANTE."

–Ray Bradbury

"Uma fábula gráfica excepcional, contada com uma abordagem literária e sofisticação visual, que introduziu novos padrões e inspirações ao gênero."

—Michael Moorcock

A EDIÇÃO DEFINITIVA DE UM CLÁSSICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS!

Um romântico e inseguro narrador nos conduz ao longo de seu amadurecimento interplanetário, enquanto um velho Moonshadow relata o próprio nascimento no espaço sideral, fruto de um estranho cruzamento entre raças, sua fuga de um zoológico nas profundezas do cosmo e suas dificuldades para sobreviver em um universo tomado pela guerra. Reconhecida como a primeira *graphic novel* inteiramente pintada, a poética, filosófica e inovadora *Moonshadow* recebe um tratamento de luxo, com uma nova introdução do escritor J.M. DeMatteis e uma nova seção de extras apresentando artes conceituais, notas preliminares da equipe criativa e páginas originais do roteiro. Com belíssimas ilustrações aquareladas de Jon J Muth, este definitivo e atemporal "conto de fadas para adultos" também inclui a história *Adeus, Moonshadow*, que oferece aos leitores um vislumbre da vida de Moon após suas tumultuadas desventuras espaciais adolescentes ao lado do patife Ira.

Digitalmente restaurado e incluindo todas as capas originais, este volume também traz ilustrações de Kent Williams e George Pratt. Aprecie este clássico de ficção científica e fantasia que o *New York Daily News* chamou de *"Uma peça poética culta e fantasmagórica"*, e DeMatteis define como "David Copperfield, de *Dickens, encontra* Sidarta *no espaço.*"

"Não apenas erudito, o objetivo de Moonshadow é ultrapassar todas as fronteiras das publicações comerciais e enveredar livremente pelo terreno da literatura. Um tour de force..."

—Science Fiction Age

"Cada página é deslumbrante... [Muth] abarca o bem-humorado e o majestoso com a mesma atenção... Muth, por meio de sua arte, faz parecer que qualquer coisa pode acontecer, nenhum assunto é tabu e nenhuma cena é inadequada."

—Laramie Martinez, Comic Bastards

"O trabalho [de DeMatteis] ressoa um equilíbrio perfeito entre a música das esferas e o Brooklyn. Ele fala com o melhor de nós sem esquecer o pior."

—Michael Zulli

YOUTUBE.COM/PIPOCAENANQUIM

9 788593 695506

DARK HORSE BOOKS